

MICHEL HOUELLEBECQ



PLATAFORMA

ALFAGUARA



MICHEL HOUELLEBECQ

Plataforma

TRADUÇÃO
Ari Roitman
Paulina Wacht

ALFAGUARA



*Quanto mais infame é sua vida, mais o homem se importa com ela; ela
se torna então um protesto, uma vingança de todos os instantes.*

Honoré de Balzac

Sumário

PRIMEIRA PARTE – Tailândia tropical

SEGUNDA PARTE – Vantagem competitiva

TERCEIRA PARTE – Pattaya Beach

PRIMEIRA PARTE

Tailândia tropical

1

Meu pai morreu há um ano. Não acredito na teoria de que a gente só se torna *realmente adulto* com a morte dos pais; acho que jamais nos tornamos *realmente adultos*.

Diante do caixão do velho me vieram pensamentos desagradáveis. Tinha aproveitado a vida, aquele sacana; provou do bom e do melhor. “Você teve filhos, seu imbecil”, disse para mim mesmo com toda a convicção. “Você enfiou sua pica grossa na boceta da minha mãe.” Enfim, eu estava um pouco tenso, sem dúvida; não é todo dia que há mortos na família. Não quis ver o cadáver. Estou com quarenta anos e já tive que ver mais de um cadáver; agora prefiro evitar. Foi por isso que nunca quis comprar um bicho de estimação.

Tampouco me casei. Tive várias oportunidades, mas abri mão de todas. Porém, gosto das mulheres. O celibato é uma espécie de aflição na minha vida. Incomoda principalmente nas férias, porque as pessoas desconfiam de homens na minha idade passando férias sozinhos: supõem neles um bocado de egoísmo e sem dúvida um pouco de vício; não posso dizer que estejam erradas.

Depois do enterro, voltei para a casa onde meu pai passou seus últimos anos. O corpo tinha sido descoberto uma semana antes. Um pouco de poeira já se acumulava junto aos móveis e nos cantos dos aposentos; na moldura de uma janela, vi uma teia de aranha. O tempo, a entropia e todas essas coisas tomavam posse suavemente do lugar. A geladeira estava vazia. Nos armários da cozinha havia basicamente quentinhas dos Vigilantes do Peso, caixas de proteína aromatizada e barras de cereal. Andei pelos aposentos do térreo comendo um biscoito amanteigado. Na sala do boiler, pedalei um pouco na bicicleta ergométrica. Meu pai, com mais de setenta anos, tinha uma condição física bem melhor que a minha. Fazia uma hora de ginástica intensa todos os dias e nadava duas vezes por semana. Aos sábados e domingos, jogava tênis e andava de bicicleta com pessoas da sua

idade; encontrei algumas delas no enterro. “Ele sempre puxava a fila!”, exclamou um ginecologista. “Ele era dez anos mais velho que nós, mas numa subida de dois quilômetros nos deixava mais de um minuto para trás.” Papai, papai, dizia eu, como você era vaidoso! No ângulo esquerdo do meu campo de visão tinha um banco de musculação e halteres. Imediatamente imaginei um cretino de short — com o rosto enrugado, mas fora isso muito parecido com o meu — inflando os peitorais com uma energia sem esperança. Papai, pensei, papai, você construiu seu castelo em cima da areia. Eu continuava pedalando, mas comecei a ficar ofegante e com uma leve dor nas coxas; e nem havia passado do nível um. Lembrando-me da cerimônia fúnebre, tive consciência de ter produzido uma excelente impressão geral. Sempre estou muito bem barbeado, meu torso é estreito; como me apareceu um começo de calvície por volta dos trinta anos, decidi cortar o cabelo bem curtinho. Geralmente uso ternos cinza, gravatas discretas, e nunca tenho um ar muito alegre. Com cabelo rente, óculos finos e meu rosto mal-encarado, abaixando ligeiramente a cabeça para ouvir um mix de cantos fúnebres cristãos, eu me sentia muito à vontade ali — bem mais à vontade que num casamento, por exemplo. Os enterros, decididamente, são a minha praia. Parei de pedalar, tossi de leve. A noite caía nos prados à minha volta. Ao lado da estrutura de cimento onde o boiler estava fixado via-se uma mancha amarronzada, que não haviam limpado direito. Foi ali que encontraram meu pai, com o crânio rachado, vestindo um short e uma camiseta “*I love New York*”. A morte acontecera três dias antes, segundo o legista. Com extremo rigor, era possível dizer que tinha sido um acidente, ele podia ter escorregado numa poça de óleo ou coisa parecida. Mas convém acrescentar que o piso do lugar estava perfeitamente seco e o crânio havia se rachado em vários lugares, deixando um pouco de cérebro espalhado pelo chão; tudo levava a crer que se tratava de um assassinato. O capitão Chaumont, da delegacia de Cherbourg, viria falar comigo naquela noite.

De volta à sala, liguei a televisão, uma Sony 16/9 com tela de trinta e três polegadas, som *surround* e DVD integrado. Na TFI estava passando um episódio de *Xena: a princesa guerreira*, uma das minhas séries favoritas; duas mulheres bem musculosas usando corpetes metálicos e minissaias de couro se enfrentavam com suas espadas. “Seu reinado já durou demais, Tagrathâ!”, exclamava a loura. “Eu sou Xena, a guerreira das Planícies do Oeste!” Bateram na porta; eu diminuí o volume.

Lá fora, a noite tinha caído. O vento sacudia levemente as folhagens que pingavam de chuva. Uma garota de uns vinte e cinco anos, de tipo norte-africano,

estava na entrada.

— Eu me chamo Aïcha — disse ela. — Eu fazia a limpeza do sr. Renault duas vezes por semana. Vim buscar minhas coisas.

— Está bem... — respondi — está bem...

Fiz um gesto que queria ser acolhedor, um gesto qualquer. Ela entrou, deu uma olhada rápida na tela da televisão: as duas guerreiras lutavam agora corpo a corpo, quase ao lado de um vulcão; imagino que o espetáculo tenha seu lado excitante, para certas lésbicas.

— Não quero incomodar — disse Aïcha —, são só cinco minutos.

— Não está me incomodando — respondi —, nada me incomoda, para dizer a verdade. — Ela balançou a cabeça como se tivesse compreendido, seus olhos se detiveram por um instante no meu rosto; na certa devia estar avaliando minha semelhança física com meu pai, talvez inferindo um grau de semelhança moral. Após alguns segundos de exame, virou-se e subiu a escada que levava até os quartos. — Fique à vontade — completei, com uma voz abafada —, não há pressa nenhuma...

Ela não respondeu nem interrompeu a subida; provavelmente nem mesmo tenha escutado. Voltei a me sentar no sofá, esgotado por aquele encontro. Deveria ter me proposto a guardar seu casaco; é o que se oferece às pessoas, normalmente: guardar os casacos. Nesse momento tomei consciência de que estava terrivelmente frio na sala — um frio úmido e penetrante, um frio de caverna. Eu não sabia acender o boiler nem tinha vontade de tentar, agora que meu pai estava morto e eu já deveria ter ido embora de uma vez. Passei para o canal FR3 bem a tempo de acompanhar a última rodada de *Perguntas para um Campeão*. Na hora em que Nadège, de Val-Fourré, dizia para Julien Lepers que iria pôr seu título em jogo pela terceira vez, Aïcha tornou a aparecer na escada, com uma pequena sacola de viagem às costas. Desliguei a televisão e caminhei rapidamente em sua direção.

— Sempre tive muita admiração por Julien Lepers — comentei. — Mesmo quando ele não conhece especificamente a cidade ou o povoado de origem do candidato, sempre acaba dizendo alguma coisa sobre o município, a minirregião; tem informações ao menos aproximadas sobre o clima, as belezas naturais. E, o mais importante, conhece a vida: para ele os candidatos são seres humanos, percebe suas dificuldades e suas alegrias. Nada do que compõe a realidade humana deles lhe é estranho ou hostil. Seja quem for o candidato, consegue fazê-lo falar do seu trabalho, de sua família, de suas paixões — enfim, de tudo o que para ele constitui uma vida. Muitas vezes os candidatos participam de uma banda de música, de um

coral, colaboram na organização de uma festa local ou se dedicam a alguma causa humanitária. Seus filhos muitas vezes estão presentes. De modo geral, o programa transmite a impressão de que as pessoas são felizes, e a gente também se sente mais feliz, e melhor. Não acha?

Ela me olhou sem sorrir; seu cabelo estava amarrado num coque, seu rosto, pouco maquiado, suas roupas eram bastante sóbrias — uma garota séria. Hesitou alguns segundos antes de dizer numa voz baixa, que a timidez enrouquecia um pouco:

— Eu gostava do seu pai.

Não encontrei nada para responder; aquilo me parecia esquisito, mas afinal possível. O velho devia ter histórias para contar: tinha viajado pela Colômbia, pelo Quênia e sei lá mais onde; teve oportunidade de observar rinocerontes com binóculos. Toda vez que nos víamos, ele se limitava a ironizar minha situação de funcionário público, a segurança que ela proporcionava. “Você arranhou uma bela mordomia...”, repetia sem ocultar seu desprezo; coisa sempre um pouco difícil nas famílias.

— Estudei enfermagem — prosseguiu Aïcha —, mas quando saí da casa dos meus pais fui obrigada a trabalhar de faxineira.

Eu espremia os miolos para descobrir uma resposta apropriada: será que deveria lhe perguntar sobre o valor dos aluguéis em Cherbourg? Finalmente optei por um “Ah...”, com o qual tentei transmitir certa compreensão da vida. Aquilo lhe pareceu suficiente e ela avançou em direção à porta. Grudei o rosto no vidro para observar seu Volkswagen Polo manobrando no caminho enlameado. No canal FR3 havia um filme que devia se passar no século XIX, com Tchéky Karyo no papel de um trabalhador rural. Entre uma aula de piano e outra, a filha do proprietário — interpretado por Jean-Pierre Marielle — concedia certas intimidades ao sedutor camponês. Os amassos ocorriam num estábulo; peguei no sono bem na hora em que Tchéky Karyo arrancava com energia a calcinha de organdi da moça. A última coisa de que tive consciência foi o corte para um bando de porcos.

Fui acordado pela dor e pelo frio; devo ter adormecido numa posição ruim, porque minha cervical estava paralisada. Tossi violentamente, tentando me erguer. Meu hálito enchia de vapor a atmosfera glacial do quarto. Estranhamente, na televisão estava passando *A Pesca*, um programa do TF1; devo ter acordado, ou pelo menos atingido um nível de consciência suficiente para mexer no controle; não me lembrava de nada. O programa da noite era dedicado aos silurídeos, peixes

gigantescos desprovidos de escamas e atualmente muito comuns nos rios franceses, por causa do aquecimento global; eles apreciam particularmente as cercanias das centrais nucleares. A reportagem se propunha a esclarecer certos mitos: os silurídeos adultos, de fato, atingiam o comprimento de três a quatro metros; no rio Drôme podiam-se encontrar alguns que ultrapassavam os cinco metros; isso nada tinha de incrível. Por outro lado, era completamente impossível vê-los adotar um comportamento carnívoro ou atacar banhistas. A desconfiança popular que envolve os silurídeos parecia de certa maneira contagiar os que se dedicavam à sua pesca; a pequena confraria de pescadores de silurídeos era malvista na família maior dos pescadores. Eles se melindravam com isso, e queriam aproveitar o programa para mudar aquela imagem negativa. Certamente não podiam se valer de razões gastronômicas: a carne dos silurídeos era rigorosamente incomível. Mas é uma pesca muito bonita, ao mesmo tempo inteligente e esportiva, que tinha certa semelhança com a do linguado e merecia conquistar mais adeptos. Dei alguns passos pela sala sem conseguir me aquecer; não suportava a ideia de deitar na cama do meu pai. Afinal subi para buscar travesseiros e cobertas e me instalei precariamente no sofá. Dormi logo depois dos créditos de *Silurídeo Desmistificado*. A noite estava opaca, o silêncio também.

2

Tudo chega ao seu fim, inclusive a noite. Fui arrancado de uma letargia sáuria pela voz, clara e sonora, do capitão Chaumont. Ele pediu desculpas, porque não tivera tempo de passar na véspera. Eu lhe ofereci um café. Enquanto a água esquentava, instalou seu laptop na mesa da cozinha e ligou a impressora. Assim, poderia me fazer ler e assinar o depoimento antes de partir; soltei um murmúrio de aprovação. A polícia, assoberbada pelas tarefas administrativas, não tinha tempo suficiente para sua verdadeira tarefa, a investigação; foi o que deduzi de diferentes reportagens na televisão. Ele aprovou, dessa vez com entusiasmo. Aquele interrogatório partia de boas bases, numa atmosfera de confiança recíproca. O Windows entrou na tela com um barulhinho feliz.

A morte do meu pai ocorreu no fim da tarde ou na noite de 14 de novembro. Nesse dia eu estava trabalhando; também trabalhei no dia 15. Claro, eu poderia ter pegado meu carro e matado meu pai, indo e voltando na mesma noite. O que eu estava fazendo na noite de 14 de novembro? Que eu me lembrasse, nada; nada de notável. Não conservava, em todo caso, nenhuma recordação, embora tivesse sido menos de uma semana antes. Eu não tinha parceira sexual regular, nem mesmo alguma amiga íntima; nessas condições, como lembrar? Os dias passam, e pronto. Lancei um olhar aflito ao capitão Chaumont; gostaria de ajudá-lo, ou pelo menos orientar a direção de sua investigação. “Vou consultar minha agenda”, disse eu. Não esperava nada fazendo isso, mas, curiosamente, havia um número de celular no dia 14, embaixo de um nome: “Coralie”. Que Coralie? Era qualquer coisa, aquela agenda.

— Meus miolos estão uma bosta — disse eu, com um sorriso desiludido. — Mas, sei lá, talvez estivesse numa vernissage.

— Uma vernissage? — Ele aguardava pacientemente, com os dedos alguns centímetros acima do teclado.

— Sim, eu trabalho no Ministério da Cultura. Preparo dossiês para financiamento de exposições, às vezes de espetáculos.

— Espetáculos?

— Espetáculos... dança contemporânea... — Eu me sentia radicalmente desesperado, tomado pela vergonha.

— Quer dizer, trabalha no setor de apoio à cultura.

— É, é isso... Pode-se dizer assim.

Ele me olhava com uma simpatia tingida de seriedade. Tinha noção da existência de atividades culturais, uma consciência vaga porém real. Em sua profissão devia encontrar todo tipo de gente; nenhum meio social lhe podia ser completamente estranho. A polícia é um humanismo.

O resto da conversa se desenrolou mais ou menos normalmente; eu já assistira a filmes desse tipo na televisão, estava preparado para aquele tipo de diálogo. Sabia se meu pai tinha inimigos? Não, mas amigos também não, para dizer a verdade. De qualquer maneira, meu pai não era suficientemente importante para ter inimigos. Quem poderia se beneficiar com a sua morte? Bem, eu. Quando tinha sido a minha última visita? Provavelmente no mês de agosto. Lá na repartição nunca há muita coisa para fazer em agosto. Meus colegas são obrigados a viajar por causa dos filhos; eu fico em Paris, jogo solitário no computador e viajo durante algum fim de semana prolongado por volta do dia 15; este é o panorama das minhas visitas ao meu pai. Eu tinha um bom relacionamento com ele? Sim e não. Ou melhor, não, mas ia vê-lo uma ou duas vezes por ano, o que já é alguma coisa.

Ele balançou a cabeça. Achei que meu depoimento chegava ao fim e senti que gostaria de dizer algo mais. Estava tomado por uma simpatia irracional, anormal, pelo capitão Chaumont. Ele estava preparando a impressora.

— Meu pai era muito esportivo! — larguei-lhe de supetão. Ele ergueu um olhar interrogativo na minha direção. — Sei lá... — prossegui, abrindo os braços com desespero —, só queria dizer que ele era muito esportivo.

Com um gesto de desgosto, o capitão deu início à impressão.

Após assinar meu depoimento, levei-o até a porta. Disse a ele que tinha consciência de ter sido uma testemunha decepcionante. “Todas as testemunhas são decepcionantes...”, respondeu. Fiquei meditando um pouco sobre esse aforismo. À nossa frente se estendia o tédio ilimitado dos campos. O capitão Chaumont entrou no seu Peugeot 305; iria me manter informado sobre os avanços da investigação. Na

administração pública, há uma licença de três dias por morte de ascendente direto. Eu poderia perfeitamente dar umas voltas antes de regressar, comprar uns camemberts locais; mas peguei de imediato a estrada para Paris.

Passei meu último dia de licença em diversas agências de viagens. Gostava dos folhetos de férias, sua abstração, seu modo de reduzir os lugares do mundo a uma sequência limitada de felicidades possíveis e de tarifas; apreciava particularmente o sistema de estrelas para indicar a intensidade da felicidade que se podia esperar. Eu não era feliz, mas apreciava a felicidade e continuava a pretendê-la. Segundo o modelo de Marshall, o comprador é um indivíduo que procura maximizar a sua satisfação em relação ao preço; o modelo de Veblen, ao contrário, analisa a influência do grupo no processo de compra (avaliando se o indivíduo deseja se identificar com ele ou, ao contrário, afastar-se). O modelo de Copeland demonstra que o processo de compra é diferente segundo a categoria de produto/serviço (compra habitual, compra refletida, compra especializada); já o modelo Baudrillard-Becker considera que consumir é também produzir signos. No fundo, eu me sentia mais próximo do modelo de Marshall.

De volta ao trabalho, anunciei a Marie-Jeanne que precisava de férias. Marie-Jeanne é minha colega, nós preparamos juntos os dossiês das exposições sobre cultura contemporânea que montamos. É uma mulher de trinta e cinco anos, cabelos louros e lisos, olhos de um azul muito claro; nada sei sobre sua vida pessoal. Hierarquicamente, ela ocupa uma posição ligeiramente superior à minha, mas este é um aspecto que faz questão de ignorar, prefere valorizar no serviço o trabalho em equipe. Toda vez que recebemos a visita de uma personalidade realmente importante — um delegado do departamento de artes plásticas ou um funcionário do gabinete do ministro —, ela insiste nessa ideia de equipe. “Este é o homem mais importante do serviço!”, proclama ao entrar na minha sala. “Faz mágica com os orçamentos e a contabilidade... Sem ele eu estaria completamente perdida.” Depois ri, as visitas importantes riem, ou ao menos sorriem com ar de felicidade. Eu sorrio também, na medida das minhas possibilidades. Tento me imaginar como um malabarista dos números, mas na realidade só preciso usar as operações aritméticas mais simples. Embora Marie-Jeanne não faça especificamente coisa nenhuma, o trabalho dela é na verdade bem mais complexo: precisa se manter informada sobre movimentos, grupos e tendências. Tendo assumido uma responsabilidade cultural, pode ser acusada em qualquer momento de imobilismo ou mesmo de obscurantismo; é um perigo do qual tem que se proteger e, ao mesmo tempo, proteger a instituição. Também se mantém em contato permanente com os artistas,

donos de galerias, diretores de revistas desconhecidas para mim; esses telefonemas a deixam feliz, pois sua paixão pela arte contemporânea é real. Eu, por meu lado, não sou hostil a esta: não me considero um defensor do ofício, nem da volta à pintura tradicional; mantenho a atitude de reserva apropriada para um encarregado da contabilidade. As questões estéticas e políticas não são meu assunto preferido; não cabe a mim inventar ou adotar novas atitudes, novas relações com o mundo; desisti de fazer isso ao mesmo tempo que minhas costas se encurvavam e meu rosto evoluía para a tristeza. Assisti a muitas exposições, vernissages, performances memoráveis. Minha conclusão, a partir daí, é firme: a arte não pode mudar a vida. Em todo caso, não a minha.

Eu tinha comunicado o meu luto a Marie-Jeanne; ela me recebeu com simpatia e até me deu um tapinha nas costas. Meu pedido de férias lhe pareceu muito natural. “Michel, você precisa reencontrar o equilíbrio”, opinou, “voltar a ser você mesmo.” Tentei imaginar o movimento proposto e concluí que sem dúvida ela tinha razão. “Cecília vai fazer as projeções de orçamento em seu lugar”, continuou, “vou falar com ela.” De que estava falando exatamente, e quem era aquela Cecília? Olhando ao meu redor, vi um anteprojeto de pôster e lembrei. Cecília era uma gorda russa que comia chocolate Cadbury sem parar e que havia entrado no serviço fazia dois meses: um contrato temporário, ou quem sabe um estágio; em suma, alguém bastante insignificante. Realmente, antes da morte do meu pai eu estava trabalhando no orçamento da exposição Mãos ao Alto, Moleques!, que iria ser inaugurada em janeiro em Bourg-la-Reine. Eram fotos de violência policial tiradas nos Yvelines com teleobjetiva; mas não se tratava de um trabalho documental, era quase um processo de teatralização do espaço, salpicado de alusões a diversas séries policiais que retratam o Los Angeles Police Department. O artista havia preferido um enfoque engraçado em vez daquele, mais esperado, de denúncia social. Em resumo, um projeto interessante e não muito caro nem complexo; até mesmo uma imbecil como Cecília era capaz de terminar a previsão de orçamento.

Normalmente eu dava uma passada num *peep-show* depois de sair do escritório. Custava cinquenta francos, às vezes setenta, quando a ejaculação demorava. Ver xoxotas em movimento me fazia a cabeça. As tendências contraditórias do vídeo de arte contemporânea, o equilíbrio entre conservação do patrimônio e o estímulo à

criação viva... tudo isso desaparecia rapidinho diante da fácil magia das xoxotas em movimento. Eu esvaziava meus testículos com prazer. Enquanto isso, Cecília se entupia de tortas de chocolate numa confeitaria perto do ministério; nossas motivações eram mais ou menos as mesmas.

De quando em quando, eu pegava uma sala particular de quinhentos francos; mas só quando meu pau estava caído feito um pequeno apêndice exigente, inútil e fedendo a queijo; era então que eu precisava que uma garota o segurasse, extasiando-se, mesmo falsamente, com seu vigor, com a riqueza do seu sêmen. De qualquer maneira, sempre voltava para casa antes das sete e meia. Começava com *Perguntas para um Campeão*, cuja gravação programava antes no vídeo; depois emendava com o noticiário nacional. A crise da vaca louca não me interessava, eu me alimentava basicamente de purê de batata Mousline com queijo. Depois a noitada continuava. Não me sentia infeliz, tinha cento e vinte e oito canais. Às duas da madrugada, sempre acabava nas comédias musicais turcas.

Assim se passaram alguns dias, relativamente aprazíveis, até que recebi um novo telefonema do capitão Chaumont. As coisas tinham avançado bastante, eles tinham achado o suposto assassino — aliás, era mais do que uma suposição, o homem de fato confessara. Estavam organizando uma reconstituição para dali dois dias, será que eu gostaria de assistir? Ah, sim, respondi, gostaria sim.

Marie-Jeanne me deu parabéns por aquela decisão corajosa. Falou do luto, do enigma da filiação; usava palavras socialmente aceitáveis, extraídas de um catálogo limitado, mas isso não tinha importância; eu percebia que ela sentia afeto por mim, e isso era surpreendente e era bom. As mulheres sentem afeto, afinal de contas, pensei, entrando no trem para Cherbourg; até no trabalho elas têm tendência a estabelecer relações afetivas, não podem viver num universo desprovido de qualquer intercâmbio emocional, numa atmosfera onde não consigam desabrochar. Sofrem com essa fraqueza, as páginas “psi” de *Marie Claire* lembram isso com insistência. Seria melhor que estabelecessem uma separação clara entre o lado profissional e o afetivo, mas elas têm dificuldade para fazê-lo, e as páginas de “depoimentos” da *Marie Claire* mostram isso com uma insistência equivalente. Na altura de Rouen, voltei a pensar na questão do assassinato. A grande descoberta do capitão Chaumont foi que Aïcha havia mantido “relações íntimas” com meu pai. Com que frequência, e até que ponto? Ele não sabia mais nada sobre o assunto, e a coisa acabou sendo inútil para a continuidade da investigação. Um dos irmãos de Aïcha tinha confessado rapidamente que viera “pedir explicações” ao velho, que a discussão tinha se azedado e que o deixou com jeito de morto no piso de concreto da sala do

boiler.

A reconstituição seria, a princípio, presidida pelo juiz de instrução, um homenzinho seco e austero vestido com uma calça de flanela e um pulôver escuro, o rosto crispado por um ricto permanente de irritação; mas o capitão Chaumont logo se impôs como o verdadeiro mestre de cerimônias. Vivo e alegre, ele recebia os participantes, dizia alguma palavra de boas-vindas a cada um e o conduzia ao seu lugar: parecia muito feliz. Era seu primeiro caso de assassinato, e o havia resolvido em menos de uma semana; naquela história sórdida e banal, era o único herói verdadeiro. Embutida numa cadeira, visivelmente acabrunhada e com a cabeça circundada por uma faixa preta, Aïcha mal ergueu os olhos à minha chegada; desviava ostensivamente a vista do ponto em que seu irmão se encontrava. Este, cercado por dois policiais, olhava para o chão com um ar obstinado. Tinha o aspecto de um cãozinho vira-lata; eu não sentia a menor simpatia por ele. Quando ergueu a vista e encontrou a minha, certamente me identificou. Ele conhecia o meu papel, deviam ter-lhe avisado: segundo os seus conceitos brutais, eu tinha o direito de vingança, era o responsável pelo sangue do meu pai. Consciente da relação que se estabelecia entre nós, encarei-o sem desviar os olhos; deixava-me invadir lentamente pelo ódio, respirava com mais facilidade, era um sentimento agradável e forte. Se tivesse uma arma, eu o teria alvejado sem vacilar. Matar aquele bostinha não era apenas um gesto indiferente, era uma medida benéfica, positiva. Um policial desenhrou as marcas no solo, com giz, e a reconstituição começou. Para o acusado, as coisas eram muito simples: ao longo da discussão, ele tinha ficado nervoso e repellido meu pai com violência; este caiu para trás e seu crânio se espatifou contra o chão; apavorado, o homem fugiu na hora.

Naturalmente, ele estava mentindo, e o capitão Chaumont não teve dificuldade para demonstrar isso. O exame do crânio da vítima mostrava claramente os sinais de ferocidade: havia contusões múltiplas, provavelmente devidas a uma série de chutes. O rosto do meu pai também fora esfregado no chão, praticamente até fazer o olho sair da órbita. “Sei lá...”, disse o acusado, “fiquei com raiva.” Observando seus braços agitados, seu rosto fino e maldoso, não parecia difícil acreditar: tinha agido sem premeditação, provavelmente excitado pelo impacto do crânio no chão e a imagem do primeiro sangue. Seu plano de defesa era claro e crível, ele se sairia muito bem num tribunal: pagaria alguns anos com direito a sursis, não mais do que isso. O capitão Chaumont, satisfeito com o desenrolar dos acontecimentos, preparava-se para concluir. Eu me levantei e andei até uma janela. A noite caía: algumas ovelhas estavam terminando sua jornada. Elas também eram estúpidas,

talvez mais do que o irmão de Aïcha; mas em seus genes nenhuma reação violenta estava programada. Na última noite de suas vidas, elas iriam balir de pavor, seu ritmo cardíaco aceleraria, as patas se agitariam com desespero; depois viria o tiro de pistola e suas vidas escapariam, seus corpos iriam se transformar em comida. Despedimo-nos com apertos de mão; o capitão Chaumont me agradeceu por ter ido.

No dia seguinte voltei a ver Aïcha; por conselho do corretor de imóveis, decidi fazer uma faxina completa na casa antes das primeiras visitas. Entreguei-lhe as chaves e depois ela me acompanhou de volta à estação de Cherbourg. O inverno tomava conta da paisagem, massas de bruma se acumulavam acima das sebes. Entre nós a coisa não era fácil. Ela havia conhecido os órgãos sexuais do meu pai, o que criava uma intimidade um pouco fora de lugar. Tudo aquilo era totalmente surpreendente: ela parecia uma garota séria, e meu pai não tinha nada de sedutor. Mesmo assim, devia possuir alguns elementos, certas características atraentes que eu não soube ver; na verdade, eu sentia dificuldade até para me lembrar dos traços do seu rosto. Os homens vivem uns ao lado dos outros como bois; mal conseguem, vez por outra, compartilhar uma garrafa de bebida.

O Volks de Aïcha parou na praça da estação; eu sabia que devia dizer alguma coisa antes da despedida.

— Bem... — disse eu.

Após alguns segundos, ela falou com voz surda:

— Vou sair da região. Tenho um amigo que pode me conseguir uma vaga de faxineira em Paris, quero continuar meus estudos lá. De qualquer jeito, minha família me considera uma puta.

Soltei um murmúrio de compreensão.

— Em Paris tem mais gente... — arrisquei afinal, dolorosamente; eu tinha refletido muito e aquilo era tudo o que conseguia dizer sobre Paris. A extrema pobreza dessa réplica não pareceu desencorajá-la.

— Não espero nada da minha família — continuou, com uma ira renovada. — Não são apenas pobres, são também idiotas. Meu pai fez sua peregrinação a Meca há dois anos e desde então nada mais lhe interessa. Com meus irmãos é pior ainda: eles se divertem com a própria imbecilidade e vivem enchendo a cara, apesar de se considerarem os depositários da verdadeira fé. Sentem-se no direito de me tratar como prostituta, porque prefiro trabalhar a me casar com um babaca igual a eles.

— É verdade, os muçulmanos em geral não são grande coisa — disse eu, encabulado. Peguei minha sacola de viagem e abri a porta. — Acho que você vai

conseguir — resmunguei depois, sem muita convicção.

Nesse instante tive uma espécie de visão dos fluxos migratórios como vasos sanguíneos atravessando a Europa; os muçulmanos apareciam como coágulos que se reabsorviam lentamente. Aïcha me olhava, com uma expressão de dúvida. O frio invadia o carro. Intellectualmente, eu conseguia sentir certa atração pela vagina das muçulmanas. De maneira um pouco forçada, sorri. Ela sorriu também, com mais franqueza. Apertei sua mão sem me apressar, senti o calor dos seus dedos, continuei até sentir o sangue pulsando suavemente no interior do punho. A alguns metros do carro, virei-me para acenar. Pelo menos ocorrera um encontro, pelo menos alguma coisa, afinal, havia acontecido.

Quando me instalei no vagão Corail, pensei que devia ter dado dinheiro a ela. Mas foi melhor assim, meu gesto poderia ser mal interpretado. Esquisito, foi nessa hora que me dei conta, pela primeira vez, de que ia me tornar um homem rico; quer dizer, relativamente rico. Já transferira o dinheiro das contas do meu pai. Quanto ao resto, deixei a venda do carro por conta de um mecânico, a da casa nas mãos do corretor; tudo se ajeitava da maneira mais simples. O valor desses bens era fixado pela lei do mercado. Havia, é claro, margem de negociação: dez por cento para um lado ou para o outro, não mais do que isso. A taxa de impostos tampouco era um mistério: bastava consultar os folhetos, muito bem-feitos, mandados pela Receita.

Certamente meu pai tinha considerado, em diversas ocasiões, a possibilidade de me deserdar; afinal deve ter desistido, pensando que seriam complicações demais, burocracia demais para um resultado incerto (pois não é fácil deserdar os próprios filhos, a lei prevê possibilidades bastante limitadas: os moleques não só estragam a sua vida, mas depois se fartam com aquilo que você acumulou à custa dos maiores esforços). Ele deve ter pensado que aquilo não tinha a menor importância — afinal, que merda lhe importava o que iria acontecer após a sua morte? É como deve ter raciocinado, suponho. Mas o fato é que o velho idiota estava morto e eu ia vender a casa em que havia passado seus últimos anos; ia vender também o Toyota Land Cruiser que ele usava para trazer caixas de Évian do supermercado Casino Géant de Cherbourg. Eu, que moro perto do Jardin des Plantes, o que iria fazer com um Toyota Land Cruiser? Poderia trazer raviólis de ricota do mercado Mouffetard, e ponto final. Nos casos de herança em linha direta, as taxas de direitos de sucessão não são muito altas — por mais que os laços de afeto tampouco tenham sido muito fortes. Deduzidos os impostos, eu podia juntar uns três milhões de francos. Isso representava mais ou menos quinze vezes o meu salário anual. Representava também o que um operário não qualificado sonharia em ganhar, na Europa ocidental, ao

longo de uma vida de trabalho; não era nada mau. Eu bem que podia começar a me virar na vida; podia tentar.

Na certa receberia uma carta do banco dentro de algumas semanas. O trem se aproximava de Bayeux, eu já podia imaginar o desenrolar da conversa. O gerente da agência teria constatado um expressivo saldo positivo na minha conta e gostaria de conversar comigo — quem não precisa, num momento ou outro da vida, de um *parceiro de investimentos*? Um pouco desconfiado, eu daria preferência a opções seguras, e ele receberia essa reação — tão frequente — com um leve sorriso. A maioria dos investidores novatos, ele sabia muito bem, privilegia a segurança em relação ao rendimento; eles sempre se divertiam com isso, nas conversas entre colegas. Eu não devia me enganar com as palavras: em matéria de gestão de patrimônio, certas pessoas de idade se comportam como perfeitos novatos. Mas ele tentaria atrair a minha atenção para uma proposta ligeiramente diferente — dando-me, é claro, tempo para pensar. Por que não investir, digamos, dois terços do meu capital numa aplicação sem surpresas, mas de baixo rendimento? E por que não dedicar o último terço a um investimento um pouco mais arriscado, porém com possibilidades reais de valorização? Certamente, após alguns dias de reflexão eu iria me render aos seus argumentos. Ele se sentiria confortado com a minha adesão, prepararia os documentos com um brilho de entusiasmo nos olhos — e o nosso aperto de mãos, na hora da despedida, seria abertamente caloroso.

Eu vivia num país marcado por um socialismo mitigado, onde a posse de bens materiais é garantida por uma legislação estrita e o sistema bancário, amparado por poderosas garantias estatais. A não ser que me aventurasse para além dos limites da legalidade, não corria o perigo de malversação nem de falência fraudulenta. Em suma, não tinha mais com que me preocupar. Aliás, nunca tivera realmente preocupações: após estudos sérios, embora nada deslumbrantes, me encaminhei rapidamente para o setor público. Isso foi em meados dos anos 80, no começo da modernização do socialismo, época em que o ilustre Jack Lang espalhava fausto e glória pelas instituições culturais do Estado; meu salário como funcionário contratado era muito correto. E depois envelheci, assistindo sem preocupação às sucessivas mudanças políticas. Eu era cortês, correto, apreciado por superiores e colegas; mas, com um temperamento pouco caloroso, não conseguia fazer amigos verdadeiros. A noite caía rapidamente na região de Lisieux. Por que no trabalho nunca havia sentido uma paixão comparável à de Marie-Jeanne? Por que nunca havia sentido, de maneira mais ampla, uma verdadeira paixão na vida?

Algumas semanas transcorreram sem me trazer respostas. Depois, na manhã de

23 de dezembro, tomei um táxi para Roissy.

3

E agora estava ali, sozinho como um idiota, a poucos metros do balcão da Novas Fronteiras. Era um sábado de manhã, durante o período das festas; Roissy estava abarrotado como sempre. Assim que os habitantes da Europa ocidental conseguem alguns dias de liberdade, precipitam-se para a outra ponta do mundo, atravessam de avião a metade do planeta e se comportam literalmente como foragidos da prisão. Eu não os condeno, estou me preparando para agir da mesma maneira.

Meus sonhos são medíocres. Como todos os habitantes da Europa ocidental, quero *viajar*. Há dificuldades, a barreira das línguas, a desorganização dos transportes coletivos, os riscos de roubo ou trapaça: para dizer as coisas de maneira crua, o que desejo no fundo é praticar o turismo. Cada um tem os sonhos que pode, e meu sonho é encadear ao infinito os “Circuitos da paixão”, as “Temporadas coloridas” e os “Prazeres à la carte” — para citar os títulos dos três catálogos da Novas Fronteiras.

Decidi na mesma hora fazer uma excursão, mas duvidei entre “Rum e salsa” (ref. CUB CO 033, 16 dias/14 noites, 11 250 francos em quarto duplo, suplemento p/ quarto individual: 1350 francos) e “Tropic Thai” (ref. THA CA 006, 15 dias/13 noites, 9950 francos em quarto duplo, suplemento p/ quarto individual: 1175 francos). Na verdade me sentia mais atraído pela Tailândia, mas a vantagem de Cuba é que é um dos últimos países comunistas, provavelmente não por muito tempo — tem um lado de regime em vias de extinção, uma espécie de exotismo político. Afinal escolhi a Tailândia. Devo reconhecer que o texto de apresentação do folheto era hábil, próprio para seduzir as almas medianas:

Um circuito organizado com um quê de aventura, que levará você dos bambus do rio Kwai até a ilha de Koh Samui, para terminar em Koh Phi Phi, ao longo do Phuket, após uma magnífica travessia do istmo de Kra. Uma viagem cool nos Trópicos.

Às oito e meia em ponto, Jacques Maillot fecha a porta de sua casa no Boulevard Blanqui, no XIII^e *arrondissement*, sobe em sua motoneta e começa uma travessia da capital de leste a oeste. Direção: a sede da Novas Fronteiras, no Boulevard de Grenelle. Dia sim, dia não, ele para em três ou quatro de suas agências: “Trago os últimos catálogos, pego a correspondência e sinto o clima”, explica esse empresário agitado, sempre fantasiado com uma incrível gravata multicolorida. Fazendo assim, fustiga os vendedores com uma chicotada: “Nos dias seguintes, essas agências multiplicam seu faturamento”, explica com um sorriso. Visivelmente cativada, a jornalista de *Capital* se surpreende a seguir: quem poderia prever, em 1967, que a pequena firma fundada por um punhado de estudantes contestadores ganharia tanto impulso? Com certeza não os milhares de manifestantes que desfilaram em maio de 1968 diante da primeira agência da Novas Fronteiras, na Place Denfert-Rochereau, em Paris. “Estávamos no lugar certo, de frente para as câmeras de televisão”, lembra Jacques Maillot, ex-escoteiro e católico de esquerda vindo da União Nacional de Estudantes. Foi o primeiro golpe de publicidade da empresa, cujo nome era inspirado nos discursos de John Kennedy sobre as “novas fronteiras” da América.

Liberal apaixonado, Jacques Maillot havia lutado com sucesso contra o monopólio da Air France e pela democratização dos transportes aéreos. A odisséia da sua empresa, que se transformou em pouco mais de trinta anos na principal agência de viagens francesa, fascinava as revistas econômicas. Como a FNAC e o Club Med, a Novas Fronteiras — nascida com a civilização do ócio — podia simbolizar uma nova face do capitalismo moderno. No ano 2000, pela primeira vez, a indústria turística tornara-se, em volume de negócios, a principal atividade econômica mundial. Mesmo só exigindo um estado físico médio, “Tropic Thai” se incluía no grupo dos “circuitos de aventura”: diversas categorias de hospedagem (simples, standard, luxo) e um número de participantes limitado a vinte, para assegurar a coesão do grupo. Vi duas negras muito bonitas se aproximando com mochilas e me surpreendi torcendo para que tivessem escolhido a mesma excursão; depois baixei os olhos e fui pegar meus documentos de viagem. O voo durava pouco mais de onze horas.

Pegar um avião, atualmente, seja qual for a companhia, seja qual for o destino, equivale a ser tratado como merda durante todo o voo. Encolhido num espaço insuficiente e até mesmo ridículo, onde seria impossível se levantar sem incomodar o conjunto dos vizinhos de fileira, você é logo recebido com uma série de proibições

anunciadas por comissárias de bordo ostentando um sorriso falso. Uma vez a bordo, o primeiro gesto delas é pegar suas coisas e enfiá-las nos compartimentos de bagagem — aos quais você não terá mais acesso, sob nenhum pretexto, até a aterrissagem. Durante toda a viagem elas se esmeram para multiplicar seus vexames, tornando impossível qualquer deslocamento e, de modo geral, qualquer ação, exceto as incluídas num catálogo restrito: degustação de refrigerantes, vídeos americanos, compra de produtos duty-free. A sensação constante de perigo, alimentada por imagens mentais de desastres aéreos, e a imobilidade forçada num espaço limitado provocam um estresse tão violento que às vezes acontecem mortes de passageiros por ataques cardíacos nos voos mais longos. Esse estresse é levado ao seu nível mais alto pela tripulação, que proíbe os passageiros de combatê-lo com os métodos usuais. Privado de cigarros e de leitura, você também é, com cada vez mais frequência, privado de álcool. Graças a Deus, os sacanas ainda não revistam os corpos; passageiro experiente, levei um pequeno estojo de sobrevivência: alguns adesivos de nicotina de vinte e um gramas, uma cartela de soníferos, um frasco de uísque Southern Comfort. Mergulhei num sono pastoso enquanto sobrevoava a antiga Alemanha Oriental.

Fui acordado por um peso em meu ombro e um hálito morno. Empurrei meu vizinho da esquerda, sem muita cerimônia: ele emitiu um grunhido suave, mas não abriu os olhos. Era um grandalhão de uns trinta anos, com um cabelo castanho-claro cortado em cuia; não tinha um aspecto muito antipático, nem muito esperto. Era até bastante enternecedor, enrolado no cobertor azul-pálido fornecido pela companhia, com suas mãos grossas de trabalhador manual apoiadas nos joelhos. Apanhei o livro de bolso que havia caído a seus pés: um best-seller anglo-saxão bem ordinário de certo Frederick Forsyth. Eu já tinha lido uma obra desse imbecil, repleta de homenagens a Margaret Thatcher e de evocações extravagantes da URSS como império do mal. Perguntei-me como ele teria se arranjado depois da queda do muro de Berlim. Folheeí sua nova obra: aparentemente, o papel de bandidos era reservado dessa vez aos “vermelho-marrons” e outros nacionalistas sérvios — aquele, sim, era um homem que se mantinha sempre a par da atualidade. Quanto ao seu herói favorito, o chato do Jason Monk, tinha voltado a trabalhar para a CIA, naquela ocasião aliada à máfia chechena. Muito bem!, pensei enquanto botava o livro nos joelhos do vizinho, que bela moralidade têm esses autores de best-sellers anglo-saxões! A página estava marcada com uma folha dobrada em três, na qual reconheci a propaganda da Novas Fronteiras: tinha acabado de conhecer meu primeiro companheiro de viagem. Um bom sujeito, com certeza, certamente menos

egocêntrico e neurótico do que eu. Dei uma olhada na tela do vídeo que mostrava o percurso do voo: provavelmente tínhamos passado pela Chechênia, se é que a sobrevoamos; a temperatura externa era de cinquenta e três graus Celsius negativos, a altitude de dez mil cento e quarenta e três metros, a hora local era meia-noite e vinte e sete minutos. Um mapa veio substituir essas indicações: entrávamos no espaço aéreo do Afeganistão. Pela janelinha só se distinguia um negrume total. De qualquer maneira, os talibãs deviam estar deitados, de molho na própria sujeira. “Boa noite, talibãs, boa noite... Tenham bons sonhos”, murmurei antes de engolir o segundo comprimido.

O avião aterrisou às cinco da manhã no aeroporto de Don Muang. Acordei com dificuldade. Meu vizinho da esquerda já se levantara e afiava os cascos na fila para sair do aparelho. Perdi-o rapidamente de vista no corredor que levava ao saguão de chegada. Eu sentia as pernas bambas, a boca pastosa, minhas orelhas invadidas por um zumbido violento.

Uma vez ultrapassadas as portas automáticas, o calor me envolveu como uma sauna. Fazia no mínimo trinta e cinco graus Celsius. O calor de Bangkok tem isso de particular, de certa maneira ele é oleoso, provavelmente por causa da poluição; após uma longa permanência ao ar livre, a gente se surpreende o tempo todo por não estar coberto por uma fina película de resíduos industriais. Levei uns trinta segundos para adaptar minha respiração. Tentava não me distanciar da guia tailandesa, da qual não tinha observado grande coisa, a não ser que parecia reservada e bem-educada — mas muitas tailandesas podem produzir o mesmo efeito. A mochila martelava nas minhas costas, era uma Lowe Pro Himalaia Trekking, o modelo mais caro que pude achar na Velho Campista, com garantia para a vida toda. Era um objeto impressionante, cinza-aço, com mosquetões, velcros especiais — patente da firma — e fechaduras que podiam funcionar a temperaturas de sessenta e cinco graus Celsius negativos. O conteúdo, infelizmente, era muito limitado: alguns shorts e camisetas, um calção de banho, sapatos especiais para caminhar em cima de corais (cento e vinte e cinco francos na Velho Campista), um estojo com os medicamentos considerados indispensáveis no *Guide du Routard*, um walkman JVC HRD-9600 MS com baterias e fitas extras e dois best-sellers americanos que comprei meio por acaso no aeroporto.

O ônibus da Novas Fronteiras estava estacionado uma centena de metros à frente. No interior do poderoso veículo — um Mercedes M-800 de sessenta e quatro lugares —, o ar estava ligado ao máximo, parecia um congelador. Instalei-me perto

de uma janela à esquerda, no meio do veículo; distingui confusamente uma dezena de outros passageiros, entre os quais meu vizinho de avião. Ninguém veio se sentar ao meu lado. Estava claro que eu fracassara na minha primeira oportunidade de me integrar ao grupo; além do mais, estava a ponto de pegar um baita resfriado.

O dia ainda não estava claro, mas na estrada de seis pistas que leva ao centro de Bangkok o trânsito já era denso. Passávamos alternadamente por prédios de aço e de vidro, e de quando em quando alguma construção de concreto maciço lembrava a arquitetura soviética. Sedes de bancos, grandes hotéis, empresas de eletrônica — geralmente japonesas. Após o entroncamento de Chatuchak, a estrada desembocou nas vias radiais que cercam o coração da cidade. Entre os prédios iluminados dos hotéis começavam-se a distinguir grupos de casas, pequenas, cobertas de telhas, no meio de terrenos baldios. Iluminadas por luzes de néon, umas carrocinhas ofereciam sopa e arroz; podiam-se ver as marmitas de ferro esmaltado fumegando. O ônibus diminuiu um pouco a velocidade para pegar a saída da New Petchaburi Road. Por um instante percebemos um entroncamento de contornos fantasmagóricos, cujas espirais de asfalto pareciam suspensas no meio dos céus, iluminadas por baterias de holofotes de aeroporto; depois, após uma longa curva, o ônibus voltou à via expressa.

O Bangkok Palace Hotel pertencia a uma rede ligada aos hotéis Mercure, com a qual compartilhava os mesmos princípios em relação ao plano de restauração e à qualidade da hospedagem; foi o que fiquei sabendo num folheto que peguei na recepção enquanto esperava que a situação se acalmasse. Era pouco depois das seis da manhã — meia-noite em Paris, pensei sem motivo algum —, mas o movimento já era grande, o salão do café da manhã tinha acabado de abrir as portas. Sentei num banco; eu me sentia aturdido, meus ouvidos continuavam a zumbir violentamente e estava com dor de barriga. Pela atitude de espera, consegui reconhecer alguns membros do meu grupo. Havia duas moças, ou melhor, ninfetas de uns vinte e cinco anos — bem-apanhadas, aliás —, que deslizavam um olhar desdenhoso pelo mundo. Um casal de aposentados, ao contrário — ele podia ser qualificado de alegre, ela, um pouco mais comedida —, observava maravilhado a decoração do hotel, composta de espelhos, ornamentos dourados e lustres. Nas primeiras horas da vida de um grupo, normalmente só se observa uma *sociabilidade factícia*, caracterizada pelo emprego de lugares-comuns e um baixíssimo comprometimento emocional. Segundo Edmunds e White,* a constituição de subgrupos só pode ser

estabelecida a partir da primeira excursão, às vezes da primeira refeição em comum.

Fiquei sobressaltado e quase perdi os sentidos; para me refazer acendi um cigarro: aqueles soníferos eram fortes à beça, abalavam a minha saúde; mas os anteriores não me faziam dormir: não havia solução óbvia. Os aposentados rodavam lentamente sobre si mesmos, tive a impressão de que o homem se pavoneava um pouco; à espera de alguma pessoa específica com quem trocar um sorriso, eles circulavam um sorriso potencial pelo mundo exterior. Deviam ter sido pequenos comerciantes numa vida anterior, era a única hipótese. Pouco a pouco, ao ouvirem seus nomes, os membros do grupo se aproximavam da guia, recebiam suas chaves e subiam para os quartos — dispersavam-se, em suma. Podíamos, como lembrou a guia com sua voz afinada, tomar o café da manhã a partir de agora; também podíamos descansar nos quartos; à nossa escolha. De qualquer maneira, o encontro para a visita aos *klongs* foi marcado para as catorze horas, na recepção.

A vidraça do meu quarto dava direto para uma via expressa. Eram seis e meia. O tráfego estava intenso, mas o vidro duplo só deixava passar um ruído suave. As luzes da noite estavam apagadas, o sol ainda não fazia o aço e o vidro reverberarem; naquela hora do dia a cidade estava cinzenta. Pedi um café expresso duplo no quarto, que engoli com um Efferalgan, um Doliprane e uma dupla dose de Oscilloccinum; depois deitei e tentei fechar os olhos.

Umas formas oscilavam lentamente num espaço delimitado, emitindo um zumbido grave; tratava-se talvez de máquinas de construção ou de insetos gigantes. Ao fundo, um homem armado com uma pequena cimitarra avaliava seu gume com prudência; estava de turbante e calça bufante brancos. De repente, a atmosfera ficou vermelha e pegajosa, quase líquida; pelas gotículas de condensação que se formavam diante dos meus olhos, tomei consciência de que um vidro me separava da cena. O homem estava agora no chão, imobilizado por uma força invisível. As máquinas de construção se agruparam ao redor dele. Havia várias escavadeiras e um tratorzinho. As escavadeiras levantaram seus braços articulados e desceram as pás mecânicas sobre o homem, retalhando instantaneamente seu corpo em sete ou oito partes; a cabeça, no entanto, ainda parecia animada por uma vitalidade demoníaca: um sorriso maligno continuava a franzir seu rosto barbudo. O trator avançou depois em direção ao homem, cuja cabeça explodiu feito um ovo; um jato de cérebro e de ossos moídos se projetou no vidro, a alguns centímetros do meu rosto.

* "Sightseeing Tours: A Sociological Approach". *Annals of Tourism Research*, v. 23, pp. 213-27, 1998.

5

O turismo, enfim, como busca de sentido, com as sociabilidades lúdicas que estimula e as imagens que gera, é um dispositivo de apreensão gradual, codificado e não traumatizante do exterior e da alteridade.

Rachid Amirou

Acordei por volta de meio-dia, com a refrigeração soltando um zumbido grave; minha cabeça estava um pouco melhor. Atravessado na cama *king size*, tomei consciência do desenrolar da excursão e de seus riscos. O grupo até então informe iria se metamorfosear numa comunidade viva; a partir daquela tarde, eu precisava me posicionar e escolher uma bermuda para o passeio nos *klongs*. Escolhi um modelo solto, não muito comprido, de jeans, que combinei com uma camiseta do Radiohead; depois enfiei alguns objetos numa mochila. No espelho do banheiro, observei-me com desgosto: meu rosto crispado de burocrata destoava tragicamente do resto; eu parecia, no conjunto, exatamente o que era: um funcionário quarentão tentando se disfarçar de jovem durante as férias; era de tirar o ânimo. Andei até a janela, abri bem as cortinas. Do vigésimo sétimo andar, o espetáculo era extraordinário. A massa imponente do hotel Mariott se erguia à esquerda como uma falésia de giz, estriada de traços negros horizontais desenhados pelas fileiras de janelas mal disfarçadas no fundo das varandas. A luz do sol em seu zênite sublinhava com violência os planos e as arestas. Bem à minha frente, os reflexos se multiplicavam ao infinito numa estrutura complexa de pirâmides e cones de vidro azulado. No horizonte, os gigantescos cubos de concreto do Grand Plaza President se superpunham como andares de uma pirâmide com degraus. À direita, subindo pela superfície tremulante e verde do Lumpini Park, via-se uma espécie de cidadela ocre, as torres angulares do Dusit Thani. O céu era de um azul absoluto. Bebi lentamente uma cerveja Singha Gold meditando sobre a noção do irremediável.

Lá embaixo, a guia fazia uma espécie de chamada para distribuir os *breakfast coupons*. Soube assim que as duas ninfetas se chamavam Babette e Léa. Babette tinha um cabelo cacheado e louro, quer dizer, não crespo naturalmente, mas sim, sem dúvida, com um *permanente*; tinha também uns belos peitos, a safada, bem visíveis por baixo da túnica translúcida — aparentemente, uma estampa étnica *Trois Suisses*. A calça, do mesmo tecido, também era transparente; podia-se distinguir claramente a renda branca da calcinha. Léa, bem morena, era mais longilínea; compensava isso com uma linda curvatura das nádegas, bem marcada por sua bermuda preta de ciclista e por um tórax agressivo, com pontas que se retesavam sob um bustiê amarelo-vivo. Um minúsculo diamante enfeitava seu umbigo estreito. Fitei as duas vadias com atenção, para esquecê-las para sempre.

A distribuição de cupons continuava. A guia, Sôn, chamava todos os participantes pelos nomes de batismo; isso me deixava louco. Éramos *adultos*, cacete. Tive um momento de esperança quando ela designou os velhos como “senhor e senhora Lobligeois”; mas acrescentou logo, com um sorriso encantador: “Josette e René”. Aquilo era pouco provável, e no entanto era verdade. “Meu nome é René”, confirmou o aposentado sem se dirigir a ninguém em particular. “Que azar”, resmunguei. Sua esposa o encarou com um olhar de cansaço, do tipo “cala a boca, René, não aborrece os outros”. Percebi de repente quem ele me lembrava: o personagem Monsieur Plus na propaganda de Bahlsten. Aliás, talvez fosse ele mesmo. Perguntei diretamente à mulher: será que, no passado, eles não tinham sido atores e interpretado algum personagem secundário? De modo algum, informou, os dois tiveram uma loja de frios. Ah, claro!, isso também fazia sentido. Aquele boa-praça era então um ex-salsicheiro (em Clamart, acrescentou a mulher); ele outrora exibia suas piruetas e suas piadas num estabelecimento modesto, dedicado à alimentação dos humildes.

Depois apareceram outros dois casais, mais indefiníveis, que pareciam ligados por uma fraternidade obscura. Será que já vinham juntos? Haviam se conhecido num café da manhã? Tudo era possível, naquele estágio da viagem. O primeiro par era também o mais desagradável. O homem se parecia um pouco com Antoine Waechter quando jovem, se isto for imaginável; só que com cabelo mais castanho e barba bem aparada; pensando bem, não se parecia tanto assim com Antoine Waechter, talvez lembrasse mais o Robin Hood, embora tivesse algo de suíço, ou melhor, da região do Jura. Enfim, não se parecia mesmo com nada, embora tivesse realmente cara de babaca. Sem falar da mulher, vestida de macacão, muito séria e pelo visto boa produtora de leite. Seria incrível que esses seres já não tenham se

reproduzido, pensei; na certa deixaram o filho com seus pais em Lons-le-Saunier. O segundo casal, de mais idade, não dava uma sensação de serenidade tão profunda. Magro, bigodudo e nervoso, o homem se apresentou a mim como naturista; diante da minha ignorância, explicou que curava com plantas ou com outros meios naturais, quando possível. Sua mulher, seca e miúda, trabalhava como assistente social na ressocialização de não sei que delinquentes primários alsacianos; os dois davam a impressão de não transar há uns trinta anos. O homem parecia disposto a me convencer das virtudes dos remédios naturais, mas, um pouco aturdido por aquele primeiro contato, resolvi me sentar num banco próximo. De onde estava, vislumbrava os três últimos participantes, meio encobertos pelo casal da loja de frios. Um tipo meio cafajeste de uns cinquenta anos, chamado Robert, com uma expressão estranhamente dura; uma mulher de idade parecida, cujo cabelo preto e cacheado enquadrava um rosto ao mesmo tempo mau, astuto e apático, cujo nome era Josiane; por fim, uma mulher mais jovem, quase indefinida, de não mais de vinte e sete anos, que seguia Josiane com uma atitude de submissão canina e se chamava Valérie. Bem, mais tarde terei oportunidade de voltar a isso; mais de uma oportunidade, pensei sombriamente enquanto caminhava para o ônibus. Reparei que Sôn consultava sempre uma lista de passageiros. Seu rosto estava tenso, as palavras se formavam involuntariamente em seus lábios; podia-se ler neles apreensão, quase perturbação. Contando com ela, o grupo se compunha de treze pessoas. E os tailandeses às vezes são muito supersticiosos, mais ainda que os chineses: nos andares dos edifícios, na numeração das ruas, é frequente que se passe do doze ao catorze só para evitar o número treze. Eu me instalei no lado esquerdo, mais ou menos no meio do ônibus. As pessoas ocupam seus lugares bem rápido nesse tipo de deslocamento grupal: para ficar sossegados, todos tratam de demarcar logo o próprio espaço e se manter nele; talvez colocando alguns objetos pessoais. Ocupá-lo ativamente, de certa maneira.

Para minha surpresa, vi que Valérie se sentou ao meu lado, embora o ônibus tivesse três quartos de seus assentos vazios. Duas fileiras atrás, Babette e Léa trocaram algumas palavras sarcásticas. Elas precisavam se acalmar, aquelas safadas. Concentrei discretamente minha atenção na mulher jovem: cabelo preto e comprido, um rosto, sei lá, um rosto que se podia qualificar de *modesto*; nem bonita nem feia, para ser exato. Após uma breve mas intensa reflexão, perguntei com dificuldade:

— Você não está com calor?

— Não, no ônibus dá para aguentar — respondeu rápido, sem sorrir, aliviada por

eu ter começado a conversa. Minha frase fora, no entanto, especialmente estúpida: na realidade, o ônibus estava gelado. — Já estive na Tailândia? — emendou ela com senso de oportunidade.

— Já, uma vez. — Ficou imóvel, em atitude de espera, pronta para ouvir um relato interessante. Deveria contar a ela minha estada anterior? Talvez não assim, de cara. — Foi muito bom — disse por fim, empregando uma voz cálida para compensar a banalidade da frase.

Ela balançou a cabeça com satisfação. Então percebi que aquela jovem não era submissa a Josiane: era simplesmente submissa *em geral*, talvez já pronta para encontrar um novo amo; quem sabe estivesse saturada de Josiane — que, sentada duas fileiras à nossa frente, folheava com furor seu *Guide du Routard*, lançando olhares maldosos em nossa direção. Romance, romance.

Logo após o Payab Feery Pier, o barco virou à direita no Klong Samsen e penetramos num mundo diferente. A vida tinha mudado muito pouco aqui desde o século anterior. Casas de teca sobre pilotis sucediam-se ao longo do canal; a roupa branca secava nas varandas. Algumas mulheres apareciam nas janelas para nos ver passar, outras paravam de lavar roupa. Crianças nadavam e se agitavam no meio dos pilotis, fazendo-nos gestos largos com as mãos. A vegetação estava presente em toda parte; nossa embarcação abria seu caminho em meio a maciços de nenúfares e de lótus; uma vida intensa e fervilhante brotava de qualquer lugar. Cada espaço livre de terra, ar ou água parecia se cobrir inteiramente de borboletas, lagartixas, carpas. Sôn disse que estávamos em plena estação seca; mesmo assim, a atmosfera era total e irremediavelmente úmida.

Valérie, sentada ao meu lado, parecia envolta numa grande paz. Fazia pequenos acenos para os velhos que fumavam cachimbo nas varandas, as crianças na água e as mulheres lavando roupa. Os ecologistas do Jura também tinham um ar tranquilo, e até mesmo os naturistas pareciam praticamente calmos. À nossa volta só havia ruídos suaves e muitos sorrisos. Valérie virou-se em minha direção. Quase tive vontade de segurar sua mão; mas, sem nenhuma razão precisa, desisti. O barco não se movia mais: permanecemos na eternidade breve de uma tarde feliz; até Babette e Léa estavam caladas. As duas planavam um pouco, para usar a expressão que Léa empregou mais tarde no cais.

Enquanto visitávamos o Templo da Aurora, anotei mentalmente: comprar Viagra numa farmácia que estiver aberta. No caminho de volta, soube que Valérie era bretã

e que seus pais tinham sido donos de uma chácara em Trégorrois; sobre mim, não sabia bem o que dizer. Ela parecia inteligente, mas eu não estava com a menor vontade de ter uma conversa inteligente. Gostava da sua voz doce, do seu zelo católico e minúsculo, do movimento de seus lábios quando falava; ela devia ter uma boca bem quente, pronta para engolir o esperma de um verdadeiro amigo.

— Foi ótima a tarde — comentei por fim, com desespero. Eu havia me afastado demais das pessoas, vivera muito isolado, não tinha a menor ideia de como me comportar.

— Ah, sim, foi ótima — respondeu; ela não parecia muito exigente, era realmente uma garota e tanto. No entanto, assim que o ônibus chegou ao hotel, corri para o bar.

Três coquetéis mais tarde comecei a lamentar minha atitude. Fui dar uma volta na recepção. Eram sete da noite, ainda não havia ninguém do grupo por lá. Pagando quatrocentos bahts, quem desejasse poderia ir a um jantar-show com “danças tradicionais tailandesas”; o programa estava marcado para as oito. Valérie estaria lá com certeza. Eu já tinha ideia de como eram essas danças tradicionais tailandesas, porque três anos antes fizera uma excursão “Tailândia clássica, da Rosa do Norte até a Cidade dos Anjos”, da agência Kuoni. Não foi ruim, mas um pouco cara e de um nível cultural espantoso: todos os participantes do grupo tinham pelo menos curso universitário. As trinta e duas posições de Buda na estatuária Ratanakosin, os estilos thai-birmano, thai-khmer ou thai-thai, nada lhes escapava. Voltei esgotado e me sentindo permanentemente ridículo sem um *Guide Bleu*. Agora começava a sentir uma forte vontade de transar. Dei umas voltas pelo salão, num estado crescente de indecisão, até que vi uma placa “Health Club” que conduzia ao andar de baixo.

A entrada era iluminada por néons vermelhos e uma grinalda de lâmpadas multicoloridas. Num painel luminoso de fundo branco, três sereias de biquíni com uns seios um pouco exagerados ofereciam taças de champanhe ao visitante em potencial; uma torre Eiffel muito estilizada se desenhava ao longe; enfim, não era o mesmo conceito dos *espacos-forma* dos hotéis Mercure. Entrei e pedi um uísque no bar. Uma dúzia de garotas, atrás do vidro, virou a cabeça em minha direção; algumas com um sorriso provocante, outras não. Eu era o único cliente. Apesar do reduzido tamanho do estabelecimento, as meninas usavam crachás com números. Minha escolha recaiu rapidamente na número sete: primeiro porque era bonita, depois porque não parecia prestar grande atenção ao programa de TV nem estar

mergulhada numa conversa apaixonante com a garota ao lado. De fato, assim que seu nome foi chamado ela se levantou com uma satisfação visível. Eu lhe ofereci uma coca no bar, depois passamos para o quarto. Chamava-se Oôn, quer dizer, foi o que entendi, e vinha do norte do país — um pequeno povoado perto de Chiang Mai. Tinha dezenove anos.

Após tomarmos banho juntos, eu me deitei no colchão coberto com um plástico; soube na mesma hora que não lamentaria minha escolha. Oôn se movimentava muito bem, muito suavemente; usava o sabão necessário. Num dado momento, acariciou minha bunda com os seios; isso era uma iniciativa pessoal, nem todas as garotas o faziam. Sua xoxota bem ensaboada se esfregava nas minhas panturrilhas como uma escovinha dura. Fiquei de pau duro quase imediatamente, para minha surpresa; quando ela me virou e começou a acariciar meu sexo com os pés, pensei que não ia conseguir me controlar. Com grande esforço, tensionando bruscamente os adutores das coxas, consegui.

Quando ela me montou, ainda me imaginei aguentando mais tempo; porém tive que desistir rapidamente. Era bem jovem, mas sabia usar a xoxota. Começou bem suave, com pequenas contrações na glândula; depois desceu alguns centímetros, apertando mais forte. “Ah, não, Oôn, não!...”, gritei. Ela morreu de rir, contente com o seu poder, e depois continuou a descer, contraindo as paredes da vagina com pressões fortes e lentas; ao mesmo tempo, olhava nos meus olhos com evidente diversão. Gozei bem antes que ela atingisse a raiz do meu sexo. Depois conversamos um pouco, abraçados na cama; ela não parecia estar com muita pressa para voltar à cena. Não tinha muitos clientes, disse-me; aquele era um hotel destinado aos grupos em fase terminal, pessoas sem história, já cansadas de tudo. Havia muitos franceses, mas eles não pareciam apreciar muito o *body massage*. Os que apareciam por lá eram simpáticos, mas vinham mais alemães e australianos. Alguns japoneses também, mas ela não gostava deles, eram esquisitos, sempre queriam bater ou amarrar; ou então ficavam por ali, masturbando-se de olho nos sapatos dela; aquilo não tinha o menor interesse.

E o que pensava de mim? Nada mal, mas ela esperava que eu aguentasse um pouco mais. “*Much need*”, disse ela, sacudindo suavemente meu sexo, de novo entre seus dedos. De resto, eu lhe parecia um homem gentil. “*You look quiet*”, disse. Aí se enganava um pouco, mas enfim, é verdade, ela me acalmou bastante. Dei-lhe três mil bahts, o que, pelo que lembrava, era um bom preço. Por sua reação vi que sim, de fato era um ótimo preço. “*Krôp khun khât!*”, disse com um grande sorriso, juntando as mãos na altura da testa. Depois me acompanhou até a saída segurando a

minha mão; diante da porta, trocamos vários beijos nas bochechas.

Subindo a escada dei de cara com Josiane, que aparentemente estava em dúvida se descia ou não. Para a noite tinha vestido uma túnica preta com debruns dourados, mas isso não a deixava nem um pouquinho mais simpática. Seu rosto largo e inteligente me fitava sem pestanejar. Reparei que tinha lavado o cabelo. Não era feia, poderia até ser bonita se quisesse; eu já tinha gostado de libanesas do seu tipo. Mas a expressão dela era claramente maldosa. Podia imaginá-la emitindo qualquer opinião política; não distinguia nela piedade alguma. Tampouco tinha nada a lhe dizer. Abaixei a cabeça. Talvez um pouco incomodada, ela tomou a palavra:

— Há alguma coisa interessante lá embaixo?

Aquela mulher me deixava tão nervoso que quase respondi: “Um bar de putas”, mas finalmente menti, era mais simples:

— Não, não, não sei, uma espécie de salão de beleza...

— Você não foi ao jantar-show — observou a safada.

— Você também não — repliquei à altura.

Dessa vez demorou a responder, bancando a tímida.

— Ah não, não gosto desse tipo de coisas — continuou com uma ondulação quase racineana no braço. — É um pouco turístico demais...

O que queria dizer com aquilo? Tudo é turístico. Tive que me controlar mais uma vez para não lhe soltar um murro na cara. Em pé no meio da escada, ela impedia a minha passagem; eu precisava ter paciência. Fogoso epistológrafo eventual, São Jerônimo também soube, quando as circunstâncias exigiram, manifestar as virtudes da *paciência cristã*; por isso é considerado um grande santo e um doutor da Igreja.

O tal show de “danças tradicionais tailandesas” era, segundo ela, muito bom para Josette e René, que qualificava à boca pequena de *magarefes*; percebi com desgosto que procurava em mim um aliado. É verdade que a excursão iria seguir para o interior, nós seríamos divididos em duas mesas nas refeições; era hora de cada um escolher o seu campo. “Bem...”, disse eu depois de um longo silêncio. Nesse momento, surgindo como que por milagre, Robert estava acima de nós. Queria passar pela escada. Eu me afastei rapidamente, pulando vários degraus. Logo antes de me enfiar no restaurante, virei-me: Josiane, imóvel, fitava Robert, que se dirigia com passos bruscos para a casa de massagem.

Babette e Léa estavam perto das travessas de legumes. Balancei a cabeça como sinal de reconhecimento mínimo antes de me servir de campânulas de água. Elas também deviam considerar *bregas* as danças tradicionais tailandesas. Voltando à

minha mesa, percebi que as duas putinhas estavam sentadas a poucos metros de mim. Léa usava uma camiseta do Rage Against the Machine e uma bermuda jeans bem colada, Babette, um troço desestruturado que alternava gomos de seda em diversas cores com partes transparentes. Elas tagarelavam com animação, aparentemente evocando diferentes hotéis nova-iorquinos. Casar com uma dessas fêmeas, pensei, deve ser o terror *radical*. Será que ainda podia trocar de mesa? Não, ia parecer um pouco grosseiro. Fui me sentar numa cadeira do outro lado para pelo menos ficar de costas para elas; acabei meu jantar e voltei para o quarto.

Uma barata apareceu quando me preparava para entrar na banheira. Era o momento perfeito para uma barata aparecer na minha vida, não podia ter escolhido melhor. Corria com rapidez sobre a cerâmica, aquela coisinha; procurei com a vista um chinelo, mas no fundo sabia que tinha pouca chance de esmagá-la. Para que lutar? E o que podia Oôn fazer, apesar da sua vagina maravilhosamente elástica? Estávamos condenados para sempre. As baratas copulam sem graça e sem alegria aparente, mas copulam muito e suas mutações genéticas são rápidas; nada podemos fazer contra as baratas.

Antes de me despir, prestei homenagem mais uma vez a Oôn e a todas as prostitutas tailandesas. Não era uma tarefa fácil a daquelas garotas; não devia ser muito frequente topar com um bom rapaz, dotado de um físico aceitável e que só pedia honestamente para gozarem juntos. Sem falar dos japoneses — eu ficava arrepiado com essa ideia e empunhava o meu *Guide du Routard*. Babette e Léa, pensei, não seriam capazes de ser prostitutas tailandesas; não eram dignas disso. Valérie, talvez; havia qualquer coisa naquela garota, um pouco mãe de família e ao mesmo tempo um pouco safada, as duas coisas, aliás, em potencial — até esse momento não passava de uma garota legal, amistosa e séria. Inteligente, também. Decididamente, eu gostava bastante de Valérie. Masturbei-me suavemente para começar minha leitura com serenidade; escorreram algumas gotas.

O *Guide du Routard*, cujo objetivo central era planificar uma viagem pela Tailândia, na prática manifestava as maiores reservas e desde o prefácio se sentia na obrigação de denunciar o turismo sexual, essa *escravidão odiosa*. Em poucas palavras, o guia era *rabugento* e seu único objetivo era estragar toda e qualquer alegria dos turistas, que eles odiavam. Aliás, não amavam nada além de si mesmos, a julgar pelas frasezinhas sarcásticas salpicadas no volume, do tipo: “Ah, minha querida, se você tivesse conhecido isto aqui no tempo dos hippies!”. O mais constrangedor era

sem dúvida aquele tom incisivo, calmo e severo, trêmulo de indignação contida: “Não é por falso puritanismo, mas não gostamos de Pattaya. É excessivo, forte demais”. Um pouco adiante exageravam a respeito dos “ocidentais barrigudos” que se pavoneavam com as tailandesinhas, o que lhes parecia “francamente vomitivo”. Eram uns imbecis humanistas protestantes, eles e toda a “turma bacana que nos ajudou neste livro”, cujas caras nojentas estavam graciosamente estampadas na quarta capa. Joguei com violência o livro no chão, errando por pouco a TV Sony, e peguei com resignação *A firma*, de John Grisham. Era um best-seller americano, um dos melhores; um dos mais vendidos, entenda-se. O herói era um jovem advogado de grande futuro, brilhante e ótimo rapaz, que trabalhava noventa horas por semana; não apenas aquela merda estava pré-roteirizada até a obscenidade, mas via-se que o autor já tinha pensado no elenco, porque era um papel claramente escrito para Tom Cruise. A mulher do herói também não se saía mal, apesar de só trabalhar oitenta horas por semana; mas nisso, ao contrário, Nicole Kidman não se encaixava. Não era papel para uma mulher de cabelo encaracolado; combinava mais com uma boa escova. Graças a Deus os dois pombinhos não tinham filhos, o que evitava algumas cenas estarrecedoras. Era uma história de suspense, mas um suspense moderado: do segundo capítulo em diante ficava claro que os diretores da firma eram uns cafajestes, e nem pensar num herói morrendo ao final; e muito menos a mulher dele, claro. Enquanto isso, porém, para mostrar que não estava brincando, o romancista iria sacrificar personagens secundários; restava saber quais, o que justificava uma leitura. Talvez o pai do herói: seus negócios iam mal, ele não se adaptava à administração em ritmo intenso; eu tinha a impressão de estar assistindo ao seu último Dia de Ação de Graças.

6

Valérie passou seus primeiros anos de vida em Tréméven, uma vila a poucos quilômetros ao norte de Guingamp. Nos anos 1970, começo dos 1980, o governo e as comunidades locais quiseram criar na Bretanha um vigoroso polo de produção de carne suína, capaz de rivalizar com a Inglaterra e a Dinamarca. Estimulados a desenvolver unidades de produção intensiva, os jovens criadores — entre os quais o pai de Valérie — se endividaram fortemente com o Crédit Agricole. Em 1984, as cotações da carne de porco começaram a cair; Valérie tinha onze anos. Era uma garota esperta, bastante solitária, boa aluna, e estava para entrar no sexto ano do colégio de Guingamp. Seu irmão mais velho, também bom aluno, acabava de completar o curso secundário e se inscrevera no curso preparatório de Agronomia do liceu de Rennes.

Valérie se lembrava do Réveillon de 1984; seu pai tinha passado o dia com o contador da Federação Agrícola. Durante a ceia de Natal, ficou a maior parte do tempo em silêncio. Na sobremesa, após duas taças de champanhe, falou com o filho. “Não posso te aconselhar a continuar com a chácara”, disse. “Faz vinte anos que eu acordo antes do amanhecer e termino o dia às oito ou nove da noite; sua mãe e eu quase não tiramos férias. Poderia vender a propriedade agora, com todas as máquinas e os estábulos, e investir o dinheiro em imóveis para turismo: poderia passar o resto da vida me bronzeando ao sol.”

Nos anos seguintes, o preço do porco continuou a cair. Ocorreram manifestações de produtores, marcadas por uma violência desesperada; toneladas de estrume foram derramadas na esplanada dos Invalides, vários porcos foram degolados em frente ao Palais-Bourbon. No final de 1986, o governo decretou medidas urgentes de apoio ao setor e anunciou um plano de estímulo à atividade que favorecia os produtores. Em abril de 1987 o pai de Valérie vendeu sua propriedade por um pouco mais de quatro milhões de francos. Com o dinheiro comprou um apartamento em Saint-

Quay-Portrieux para morar e três conjugados em Torremolinos; sobrou um milhão de francos, que ele investiu em fundos de ações; chegou até a adquirir — era um sonho de infância — um pequeno veleiro. Assinou o documento de venda com tristeza e um pouco de desgosto. O novo proprietário era um rapaz de vinte e três anos, solteiro, nascido em Lannion, que acabara de terminar seus estudos de agronomia; ainda acreditava nos planos de estímulo. Ele próprio tinha quarenta e oito anos, e sua mulher, quarenta e sete; haviam dedicado os melhores anos da vida a uma tarefa sem esperança. Moravam num país onde o investimento produtivo não trazia nenhuma vantagem real em relação ao investimento especulativo; agora ele sabia disso. Desde o primeiro ano, o aluguel dos conjugados lhe proporcionou uma renda maior que a de seus anos de trabalho. Acostumou-se a fazer palavras cruzadas e a sair pela baía no veleiro, às vezes numa excursão de pesca. Sua mulher se acostumou com mais facilidade à nova maneira de viver e o ajudou muito. Tinha voltado a sentir vontade de ler, de ir ao cinema, de sair.

Na época da venda Valérie tinha catorze anos, estava começando a se maquiar; controlava no espelho do banheiro o crescimento regular dos seus seios. Na véspera da mudança, ficou um bom tempo passeando entre as construções da chácara. No estábulo principal ainda havia uma dezena de porcos, que se aproximaram grunhindo suavemente. Naquela mesma noite eles seriam levados pelo atacadista e abatidos nos dias seguintes.

O verão que se seguiu foi um período estranho. Comparando com Tréméven, Saint-Quay-Portrieux era quase uma cidade pequena. Ela não podia mais sair de casa e deitar na grama, com os pensamentos flutuando entre as nuvens ou avançando à deriva com as águas do rio. Entre os veranistas havia muitos rapazes, que se viravam quando ela passava; mas nunca conseguia sentir-se realmente à vontade. No final de agosto conheceu Bérénice, uma garota do colégio que ia cursar com ela o segundo ano do liceu de Saint-Brieuc. Bérénice era um ano mais velha, já se maquiava, usava saias de grife, tinha um rosto bonito e anguloso e um cabelo muito comprido, de um extraordinário louro veneziano. As duas costumavam ir juntas à praia de Sainte-Marguerite e antes de sair trocavam de roupa no quarto de Valérie. Uma tarde, depois de tirar o sutiã, Valérie surpreendeu o olhar de Bérénice em seus seios. Sabia que tinha peitos esplêndidos, redondos, altos, tão volumosos e firmes que pareciam artificiais. Bérénice estendeu a mão, roçou na curvatura e no mamilo. Valérie abriu a boca, fechou os olhos no momento em que os lábios de Bérénice se aproximavam dos seus — e se abandonou totalmente ao beijo. Seu sexo já estava úmido quando Bérénice deslizou a mão para dentro da calcinha. Livrou-se

da roupa com impaciência, caiu na cama e abriu as pernas. Bérénice se ajoelhou à sua frente e pousou a boca na xoxota. Seu ventre foi percorrido por contrações ardentes, Valérie sentia seu espírito deslizar pelos espaços infinitos do céu; nunca imaginara a existência de um prazer semelhante.

Repetiram todos os dias, até o começo das aulas. Primeiro no começo da tarde, antes de ir à praia; depois se deitavam juntas sob o sol. Quando sentia o desejo subindo pouco a pouco por sua pele, tirava a parte de cima do biquíni para oferecer seus seios ao olhar de Bérénice. Voltavam ao quarto quase correndo, para se amarem outra vez.

Desde a primeira semana de aulas Bérénice se distanciou de Valérie, evitando voltar da escola com ela; pouco depois, começou a sair com um garoto. Valérie aceitou a separação sem sentir uma verdadeira tristeza; era a saída mais normal. Tinha se acostumado a masturbar-se todas as manhãs, quando acordava. Sempre chegava ao orgasmo em poucos minutos; era um processo maravilhoso, fácil, que ocorria dentro dela e inundava seu dia de alegria. Em relação aos garotos, fazia algumas restrições: depois de comprar alguns números de *Hot Video* na banca da estação, tinha ideia da sua anatomia, de seus órgãos, de suas diferentes práticas sexuais; mas sentia uma ligeira repugnância ao ver seus pelos, seus músculos; a pele deles parecia áspera e sem doçura. A superfície parda e enrugada do saco, o aspecto violentamente anatômico da glândula exposta, vermelha e brilhante... tudo aquilo não tinha nada de particularmente atraente. Mesmo assim, acabou indo para a cama com um rapaz mais velho, um louro alto, depois de uma noite em uma boate de Paimpol; não sentiu grande coisa. Repetiu várias vezes com outros, durante aqueles anos de colégio; era fácil seduzir os garotos, bastava botar uma saia curta, cruzar as pernas, usar um vestido decotado e transparente para valorizar os seios; nenhuma dessas experiências foi realmente conclusiva. Intelectualmente, conseguia entender a sensação ao mesmo tempo triunfante e doce que algumas garotas tinham ao sentirem uma pica mergulhando nas profundezas de sua boceta; mas, pessoalmente, ela não passava por nada parecido. A camisinha, é verdade, não ajudava muito; o barulhinho flácido e repetitivo do látex lhe recordava constantemente a realidade, impedindo que seu espírito deslizesse para o infinito sem forma das sensações voluptuosas. Quando terminou o secundário, tinha parado quase totalmente.

Dez anos depois, ainda não recomeçara de verdade, pensou com tristeza ao acordar em seu quarto no Bangkok Palace. O dia ainda não estava claro. Acendeu a

luz, observou seu corpo no espelho. Os seios ainda estavam firmes, não haviam mudado desde os dezessete anos. Sua bunda também ainda era bem arredondada, sem nenhum vestígio de gordura; indiscutivelmente, tinha um corpo muito bonito. Mesmo assim, vestiu uma camiseta bem larga e uma bermuda sem forma antes de descer para o café. Ao fechar a porta, olhou-se pela última vez no espelho: seu rosto era comum, apenas agradável; nem o cabelo preto e liso, que caía em desordem pelas costas, nem seus olhos muito marrons lhe davam realmente algum atrativo a mais. Poderia tirar mais proveito dessas coisas, brincar com a maquiagem, pentear-se de outro jeito, consultar uma esteticista. A maior parte das mulheres da sua idade dedicava pelo menos algumas horas por semana a isso; ela não acreditava que no seu caso mudaria grande coisa. O que lhe faltava, no fundo, era desejo de seduzir.

Sáimos do hotel às sete, com o trânsito já intenso. Valérie me fez um aceno com a cabeça e se instalou na mesma fileira que eu, do outro lado do corredor. Ninguém falava no ônibus. A megalópole cinzenta ia acordando lentamente; motonetas ocupadas por casais, às vezes com uma criança nos braços da mãe, se deslocavam entre os ônibus abarrotados. Uma bruma suave ainda pairava em certas ruelas próximas ao rio. Em breve o sol iria perfurar as nuvens matinais e começaria a fazer calor. Na altura de Nonthaburi, o tecido urbano se esgarçou; vimos os primeiros arrozais. Búfalos imóveis na lama acompanhavam nosso ônibus com o olhar, exatamente como fariam as vacas. Ouvi umas trepidações dos pés dos ecologistas do Jura batendo no chão; sem dúvida eles gostariam muito de tirar duas ou três fotos de búfalos.

A primeira parada foi em Kanchanaburi, cidade cujo caráter animado e alegre todos os guias de viagem concordam em exaltar. Segundo o *Michelin*, é um “maravilhoso ponto de partida para uma visita a toda a região circundante”; o *Routard*, por sua vez, a classifica como um “bom lugar para servir de base”. A próxima atividade do programa seria percorrer vários quilômetros na Ferrovia da Morte, que serpenteava ao longo do rio Kwai. Eu nunca entendi direito essa história do rio Kwai, por isso tentava escutar as explicações da nossa guia. Felizmente René — munido de seu *Michelin* — as acompanhava passo a passo, sempre pronto a retificar este ou aquele ponto. Resumindo, os japoneses, após sua entrada na guerra em 1941, decidiram construir uma estrada de ferro para ligar Cingapura à Birmânia — com o objetivo a longo prazo de invadir a Índia. Essa estrada de ferro iria atravessar a Malásia e a Tailândia. E o que faziam mesmo os tailandeses durante a

Segunda Guerra? Bem, para dizer a verdade não faziam grandes coisas. Eram “neutros”, explicou-me Sôn pudicamente. Na realidade, completou René, assinaram um acordo militar com os japoneses, mas sem declarar guerra aos aliados. Era o caminho da sabedoria. Assim, mostraram mais uma vez o famoso *espírito de sutileza* que lhes permitiu, espremidos durante mais de dois séculos entre as potências coloniais francesa e inglesa, não ceder a nenhuma delas e continuar sendo o único país do Sudeste Asiático a nunca ter sido colonizado.

Fosse como fosse, os trabalhos começaram em 1942, no setor do rio Kwai, mobilizando sessenta mil prisioneiros de guerra ingleses, australianos, neozelandeses e americanos, assim como uma quantidade “incontável” de asiáticos sob trabalho forçado. Em outubro de 1943 a ferrovia estava pronta, mas dezesseis mil prisioneiros tinham morrido — por causa da falta de alimentos, do clima ruim e da maldade natural dos japoneses. Pouco depois, um bombardeio aliado destruía a ponte sobre o rio Kwai, elemento essencial da infraestrutura, inutilizando a estrada de ferro. Em poucas palavras, muita bucha de canhão para um resultado quase nulo. Desde então a situação não melhorou — e continua sendo impossível ter uma conexão ferroviária adequada entre Cingapura e Nova Délhi.

Foi num estado de leve aflição que visitei o JEATH Museum, construído para rememorar os horríveis sofrimentos dos prisioneiros de guerra aliados. Certo, dizia eu, tudo isso é muito lamentável; mas, pensando bem, aconteceu coisa bem pior durante a Segunda Guerra. Não podia deixar de supor que se os prisioneiros fossem poloneses ou russos se falaria bem menos sobre o assunto.

Um pouco mais tarde tivemos que aturar uma visita ao cemitério dos prisioneiros aliados — aqueles que fizeram, de certa maneira, o último sacrifício. Lá havia um monte de cruzeiras brancas, bem alinhadas, todas exatamente idênticas. Aquele lugar emanava um tédio profundo e me fez pensar em Omaha Beach, que tampouco tinha me emocionado muito e, para dizer a verdade, me pareceu mais uma instalação de arte contemporânea. “Aqui”, pensei com um sentimento de tristeza que sabia ser insuficiente, “aqui um bando de imbecis morreu pela democracia.” O cemitério do rio Kwai era muito menor, podia-se até tentar contar os túmulos; mas desisti rapidamente. “Não pode haver dezesseis mil”, concluí em voz alta. “Exatamente!”, informou René, sempre armado com seu guia *Michelin*. “O número de mortos é mais ou menos dezesseis mil, mas neste cemitério só há quinhentos e oitenta e dois túmulos. São considerados (leu acompanhando as linhas com o dedo)

os *quinhentos e oitenta e dois mártires da democracia.*”

Quando eu conquistei minha terceira medalha de esqui, aos dez anos, entrei numa confeitaria para me fartar de crepe à Grand Marnier. Foi uma festinha solitária, eu não tinha amigos com quem compartilhar aquela felicidade. Como fazia todos os anos na mesma época, estava passando uma temporada com o meu pai em Chamonix. Ele era guia de alta montanha, um alpinista tarimbado. Tinha amigos parecidos com ele, homens corajosos e viris; eu não me sentia bem entre eles. Nunca me senti bem no meio de homens. Aos onze anos uma menina me mostrou a xoxota pela primeira vez; fiquei instantaneamente maravilhado: adorei aquele pequeno órgão rachado, estranho. Ela não tinha muitos pelos, era uma garota da minha idade chamada Martine. Ficou um tempão com as coxas abertas, mantendo a calcinha bem afastada para que eu pudesse ver; mas quando quis botar a mão ela se assustou e fugiu. Tudo isso ainda me parecia recente, eu não tinha a sensação de ter mudado muito. Meu entusiasmo pelas bocetas não havia diminuído; via nisso um dos meus últimos traços totalmente humanos, reconhecíveis — quanto ao resto, não sabia muito bem.

Pouco depois de voltarmos ao ônibus, Sôn tomou a palavra. Agora estávamos indo para o alojamento dessa noite, que seria, era preciso sublinhar, de qualidade excepcional. Nada de televisão, nada de vídeo. Nada de eletricidade: velas. Nada de banheiro: água do rio. Nada de colchões: esteiras. Volta total à natureza. Essa volta à natureza, eu anotava mentalmente, se manifestava em primeiro lugar sob o aspecto de uma série de privações; os ecologistas do Jura — que, como fiquei sabendo a contragosto durante o percurso de trem, se chamavam Éric e Sylvie — babavam de impaciência. “Esta noite, cozinha francesa”, concluiu Sôn sem qualquer relação aparente. “Agora nós comer *thai*. Pequeno restaurante também, beira-rio.”

O lugar era encantador. Várias árvores davam sombra às mesas. Logo na entrada havia uma fonte ensolarada, cheia de tartarugas e rãs. Fiquei um bom tempo observando as rãs, mais uma vez surpreso com a extraordinária proliferação da vida nesses climas. Peixes esbranquiçados nadavam naquelas águas. Mais acima viam-se nenúfares e pulgas d’água. Insetos pousavam continuamente sobre os nenúfares. As tartarugas observavam tudo aquilo com a placidez própria da espécie.

Sôn veio me avisar que a refeição estava servida. Caminhei até o salão perto do rio. Havia preparado duas mesas de seis; todos os lugares estavam ocupados. Olhei em volta levemente assustado, mas René veio em meu socorro.

— Não tem problema, venha para a nossa mesa! — disse com generosidade. — Basta botar mais um prato na cabeceira.

Então me instalei na mesa que aparentemente era a dos *casais constituídos*: os ecologistas, os terapeutas naturistas — que, como soube então, se chamavam Albert e Suzanne — e os dois ex-salsicheiros. Esse arranjo, tive a imediata convicção, não correspondia a qualquer afinidade verdadeira, mas à situação de urgência que deve ter surgido quando os lugares foram distribuídos; os casais tinham se agrupado instintivamente, como em toda situação de urgência; aquele almoço era, em poucas palavras, um *round de observação*.

A conversa abordou primeiro o assunto *massagens*, que parecia interessar os naturistas. Na noite anterior, Albert e Suzanne, deixando as danças tradicionais de lado, haviam desfrutado de uma excelente massagem nas costas. René deu um sorrisinho licencioso; a expressão de Albert lhe mostrou de imediato que sua atitude estava completamente fora de lugar. A massagem tradicional tailandesa, empolgou-se ele, não tinha nada a ver com sabe-se lá que práticas; era manifestação de uma civilização centenária, e mesmo milenária, e coincidia perfeitamente, aliás, com a sabedoria chinesa sobre os pontos de acupuntura. Eles próprios a empregavam, em seu consultório de Montbéliard, sem naturalmente atingir a destreza dos praticantes locais; tinham recebido na véspera uma bela aula, concluiu. Éric e Sylvie os ouviam, fascinados. René pigarreou, embaraçado, de fato o casal de Montbéliard não evocava nenhuma imagem lúbrica. Quem poderia acreditar na ideia de que a França era o país da *chalaça* e da *libertinagem*? A França era um país sinistro, inteiramente sinistro e administrativo.

— Eu também fiz massagem nas costas, mas a garota terminou nos colhões — declarei sem muita convicção. Como estava mastigando umas castanhas de caju, ninguém ouviu, exceto Sylvie, que me encarou horrorizada. Bebi um gole de cerveja e sustentei seu olhar sem me sentir incomodado: será que aquela mulher conseguiria ao menos tratar *corretamente* uma pica? Era bastante duvidoso. Enquanto isso, eu esperava o meu café.

— É verdade que as mocinhas são bonitas — comentou Josiane, pegando uma fatia de papaia e aumentando assim o mal-estar geral.

O café estava demorando. O que fazer no final de uma refeição se você não tem sequer o direito de fumar um cigarro? Eu assistia tranquilamente ao aumento do tédio mútuo. Concluímos a conversa, com dificuldade, tecendo algumas considerações sobre o clima.

Voltei a ver meu pai pregado na cama, derrubado por uma súbita depressão —

coisa apavorante num homem tão ativo; seus amigos alpinistas o rodeavam, incomodados, impotentes diante desse mal. Ele praticava tanto esporte, veio me explicar um dia, para se embrutecer, para se impedir de pensar. E conseguiu: eu tinha certeza de que passou pela vida sem sequer cogitar numa interrogação verdadeira sobre a condição humana.

No ônibus, Sôn tomou a palavra. A região da fronteira que íamos visitar era povoada em parte por refugiados birmaneses, de origem karen; isso não significava nenhum tipo de dificuldade. Karens bons, opinou Sôn, corajosos, crianças trabalham bem na escola, sem problemas. Nada a ver com certas tribos do norte, que não iríamos *encontrar* em nosso périplo; segundo ela, não perdíamos grande coisa, particularmente no caso dos akkhas, dos quais parecia ter raiva. Apesar dos esforços do governo, os akkhas se mostravam incapazes de renunciar ao cultivo da papoula, sua atividade tradicional. Eram vagamente animistas e devoravam cães. Akkhas maus, insistia Sôn com energia: fora cultivo da papoula e colheita de frutas, não sabem fazer nada; crianças não trabalham na escola. Dinheiro muito gasto por eles, resultado nenhum. Completamente nulos, concluiu ela com um belo espírito de síntese.

Chegando ao hotel, observei com curiosidade aqueles famosos karens, que se movimentavam na beira do rio. Vistos de perto, quero dizer, sem metralhadoras, não pareciam tão maus; sua particularidade mais evidente é que pareciam adorar seus elefantes. Davam a impressão de que tomar banho no rio e escovar as costas dos elefantes eram sua maior alegria. É verdade que não eram *rebeldes karens*, e sim *karens comuns* — precisamente os que tinham fugido da zona de combate e eram quase indiferentes à causa da independência karen.

No quarto, um folheto me deu algumas informações sobre a história do resort, que se identificava com uma belíssima aventura humana: a de Bertrand Le Moal, *explorador de vanguarda* que, apaixonado pelo lugar, tinha “descansado sua mochila” ali a partir do final dos anos 1960. Com obstinação, e também com a ajuda de seus amigos karens, pouco a pouco construiu aquele “paraíso ecológico” que hoje atende a uma clientela internacional.

O lugar, de fato, era esplêndido. Pequenos chalés de teca esculpida com

delicadeza, ligados por um caminho florido, se projetavam acima do rio — cujo movimento se podia sentir sob os pés. O hotel estava situado ao fundo de um vale muito estreito, com encostas cobertas por uma densa vegetação. Bem no momento em que saí para o terraço, fez-se um silêncio profundo. Levei alguns segundos para entender a razão: todos os pássaros tinham parado de cantar ao mesmo tempo. Era a hora em que a floresta se prepara para a noite. Que grandes predadores poderia haver naqueles matos? Na certa poucos, dois ou três leopardos; mas não deviam faltar cobras e aranhas. A luz desaparecia rapidamente. Um macaco solitário pulava entre as árvores e soltou um breve grito. Parecia ansioso e com pressa de se reunir ao seu grupo.

Voltei para o quarto, acendi as velas. O mobiliário era restrito: uma mesa de teca, camas de madeira rústica, sacos de dormir e esteiras. Passei quinze minutos friccionando metodicamente o corpo com repelente Cinq sur Cinq. Os rios são uma beleza, mas, sabe como é, atraem todos os mosquitos do mundo. Também havia por ali um pedaço de citronela que podia ser derretido; a precaução não me pareceu inútil.

Quando fui jantar, já estava completamente escuro; grinaldas de lâmpadas multicoloridas se estendiam entre as casas. Então há eletricidade neste lugar, pensei; simplesmente não consideraram necessário levá-la até os quartos. Parei um instante e me inclinei na balaustrada para observar o rio; a lua estava alta e se espelhava nas águas. Distinguia-se confusamente, em frente, a massa escura da selva; de vez em quando ouvia-se o grito rouco de algum pássaro noturno.

Os grupos humanos compostos de pelo menos três pessoas têm uma tendência aparentemente espontânea a se dividir em dois subgrupos hostis. O jantar fora servido em um pontão colocado no meio do rio; dessa vez, prepararam para nós duas mesas de oito. Os ecologistas e os terapeutas naturistas já estavam instalados numa delas; os ex-salsicheiros, por enquanto sozinhos na outra. O que teria provocado a separação? Talvez a discussão do meio-dia sobre as massagens, que não haviam transcorrido muito bem. Por outro lado, Suzanne, vestida sobriamente com uma túnica e uma calça de linho brancas — feitas especialmente para sublinhar a aspereza de suas formas —, quase rolou de rir naquela manhã quando viu o vestido florido de Josette. A separação, fosse como fosse, havia começado. Um pouco covardemente, diminuí o passo para me deixar ultrapassar por Lionel, meu vizinho de avião — e agora de cabana. Sua escolha foi muito rápida, feita de maneira pouco

consciente; não tive sequer a impressão de ter sido uma escolha por afinidades, e sim de uma espécie de *solidariedade de classe*, ou talvez (pois ele trabalhava na companhia de gás, e portanto era funcionário público, enquanto os outros eram ex-pequenos comerciantes) de uma *solidariedade de nível educacional*. René nos recebeu com evidente alívio. Nossa escolha, naquele estágio da ocupação, nada tinha de crucial: se tivéssemos nos juntado aos outros, confirmaríamos com vigor o isolamento dos ex-salsicheiros; mas ali, afinal de contas, estávamos simplesmente reequilibrando as mesas.

Babette e Léa chegaram pouco depois e se sentaram, sem a menor vacilação, na mesa vizinha.

Um bom tempo mais tarde — já haviam servido o primeiro prato —, Valérie apareceu na extremidade do pontão; quando chegou, olhou indecisa em torno de si. Na outra mesa havia dois lugares, ao lado de Babette e Léa. Ela ainda hesitou um pouco, teve um breve sobressalto e veio se sentar à minha esquerda.

Josiane demorou mais do que de costume para se preparar; não deve ter sido fácil maquiar-se à luz de velas. Seu vestido de veludo preto era bem bonito, um pouco decotado mas sem excesso. Ela também fez uma pausa, e depois veio se sentar defronte a Valérie.

Robert chegou por último, com um andar vacilante — devia ter bebido antes do jantar, eu o tinha visto pouco antes com uma garrafa de uísque Mekong. Caiu pesadamente no banco à esquerda de Valérie. Um grito breve, mas atroz, ergueu-se da floresta próxima; provavelmente um mamífero pequeno acabava de viver seus últimos instantes.

Sôn passou entre as mesas para verificar se tudo corria bem, se estávamos instalados da melhor maneira. Ela própria jantava sozinha com o motorista — divisão pouco democrática, que desde o almoço tivera a reprovação de Josiane. Acho que no fundo ela não se importava, embora não tivesse nada contra nós; estava se esforçando muito, mas os longos diálogos em francês pareciam lhe pesar um pouco.

Na mesa vizinha, fluía alegremente a conversa sobre a beleza do lugar, a alegria de estar em plena natureza, longe da civilização, os valores essenciais etc.

— Puxa, é o máximo — afirmou Léa. — Estamos realmente no meio da selva... É incrível.

Quanto a nós, tivemos mais dificuldade para encontrar um terreno comum. À minha frente, Lionel comia placidamente, sem tentar fazer o menor esforço. Eu,

nervoso, dava olhadas insistentes para os lados. A certa altura vi um gordo barbudo saindo da cozinha para chamar a atenção dos garçons com violência; só podia ser o famoso Bertrand Le Moal. Para mim, até aquele momento seu mérito mais evidente era ter ensinado a receita de batata gratinada aos karens. Era uma delícia; e o porco assado estava perfeitamente cozido, ao mesmo tempo crocante e macio. “Só falta um pouco de vinho”, disse René com melancolia. Josiane crispou os lábios com desprezo. Não era preciso perguntar o que ela achava dos turistas franceses que não podiam viajar sem o seu tinto. Meio sem jeito, Valérie tomou a defesa de René. Com a cozinha *thai*, disse, não se sente necessidade de vinho; mas ali bem que poderia se justificar. Ela própria, de qualquer maneira, só bebia água.

— Quando viajamos ao estrangeiro — insistiu Josiane —, é para comer a cozinha *local* e seguir os costumes locais!... Senão, é melhor ficar em casa.

— Concorde! — gritou Robert. Ela parou de falar, cortada em seu entusiasmo, e o fitou com ódio.

— Seja como for, está um pouco apimentado — confessou timidamente Josette. — Mas você não parece se incomodar — disse para mim, sem dúvida querendo desanuviar o ambiente.

— Não, não, eu adoro. Quanto mais apimentado, mais gosto. Em Paris frequento bastante os restaurantes chineses — respondi apressadamente.

A conversa foi desviada assim para a comida chinesa, que havia proliferado em Paris nos últimos tempos. Valérie gostava muito, no almoço: não era cara, bem melhor que os fast-food e provavelmente muito mais saudável. Josiane não tinha nada a dizer sobre o assunto, havia um refeitório em seu trabalho; quanto a Robert, devia considerar aquele assunto indigno dele. Em suma, as coisas transcorreram mais ou menos com calma até a sobremesa.

Tudo aconteceu em torno de um arroz gosmento. Estava levemente dourado, aromatizado com canela — uma receita original, parece. Josiane decidiu agarrar o touro à unha e falar abertamente sobre a questão do *turismo sexual*. Para ela, era absolutamente nojento, não havia outra palavra. Era escandaloso que o governo tailandês tolerasse aquele tipo de coisa, a comunidade internacional deveria se mobilizar. Robert ouvia com um sorriso enviesado que não me sugeria nada de bom.

— Escandaloso mas não surpreendente — prosseguiu ela. — É bom saber que grande parte desses estabelecimentos (*bordéis*, não podem ser chamados de outra

maneira) na verdade é propriedade dos *generais*; quer dizer, uma garantia de proteção.

— Eu sou general — interrompeu Robert. Josiane ficou embaraçada, com o maxilar inferior lamentavelmente caído. — Não, é brincadeira — desmentiu ele com um ligeiro esgar no rosto. — Nem sequer servi o exército.

Isso não a fez sorrir nem um pouco. Ainda precisou de um tempo para se recompor, mas voltou com uma energia multiplicada:

— É absolutamente vergonhoso que esses gordos fedorentos possam vir se aproveitar impunemente da miséria das garotas. Fique sabendo que todas elas são das províncias do norte e do nordeste, as regiões mais pobres do país.

— Nem todas — objetou ele —, muitas são de Bangkok.

— Isso é escravidão sexual! — berrou Josiane, que não tinha ouvido. — Não há outra palavra!...

Bocejei de leve. Ela me lançou um olhar sombrio, mas continuou, usando todo o grupo como testemunha.

— Vocês não acham escandaloso que qualquer balofo mal-educado possa vir aqui transar com as meninas em troca de um pedaço de pão?

— Não é por um pedaço de pão — protestei modestamente. — Eu paguei três mil bahts, é mais ou menos o preço francês. — Valérie virou-se e pousou em mim um olhar surpreso.

— Você pagou um pouco caro — observou Robert. — Mas, enfim, se a garota valia a pena...

Josiane tremia com todo o corpo; comecei a me preocupar um pouquinho com ela.

— Muito bem — guinchou com uma voz mais que aguda. — A ideia de que um animal desses possa pagar para enfiar o peru numa garota me dá ânsias de vômito.

— Pois ninguém a obriga a vir comigo, minha senhora — respondeu calmamente Robert.

Ela se levantou tremendo, com o prato de arroz na mão. Na mesa ao lado, todas as conversas haviam silenciado. Achei que ia jogar o prato na cara de Robert, e creio que só se conteve por um tantinho de medo. Ele a olhava muito sério, com os músculos tensos sob a camiseta. Não parecia ser do tipo que engole sapos, eu podia imaginá-lo perfeitamente dando-lhe um murro. Josiane soltou o prato na mesa com violência, e este se quebrou em três pedaços; depois se virou e desapareceu na noite, caminhando rapidamente em direção às cabanas.

— Tsss... — fez ele com desaprovação.

Valérie estava apertada entre ele e mim; com elegância Robert se levantou, contornou a mesa e foi sentar-se no lugar de Josiane, caso ela também quisesse sair da mesa. Mas ela não se mexeu. Nesse momento, o garçom chegou com o café. Depois de beber dois goles, Valérie se virou de novo para mim.

— Então é verdade, você pagou por uma garota? — perguntou suavemente. Seu tom era curioso, mas desprovido de qualquer censura aberta.

— Essas garotas não são tão pobres — prosseguiu Robert —, elas podem comprar motonetas e vestidos. Algumas operam os seios. E não é barato operar os seios. Também ajudam os pais, é verdade — concluiu pensativo.

Na mesa ao lado, após trocarem algumas frases em voz baixa, todos se levantaram rapidamente — sem dúvida por solidariedade. Só ficamos nós, de certa maneira como donos do território. A lua agora iluminava em cheio a superfície do pontão, que brilhava com suavidade.

— São boas mesmo essas massagistas? — perguntou René, sonhador.

— Ah, meu amigo! — exclamou Robert, com uma emoção propositalmente afetada, mas, a meu ver, no fundo sincera —, são maravilhas! Puras maravilhas! E você ainda não conhece Pattaya: é um lugar na costa leste — continuou com entusiasmo — totalmente dedicado à luxúria e ao estupro. Primeiro foram os americanos que apareceram, na época da guerra do Vietnã; depois muitos ingleses e alemães; agora se veem poloneses e russos. Lá todo mundo é atendido, há de tudo, para todos os gostos: homossexuais, heterossexuais, travestis... Aquilo é Sodoma e Gomorra reunidas; até melhor, porque também há lésbicas.

— Ah, ah... — O ex-salsicheiro parecia pensativo. Sua mulher bocejou com calma, pediu desculpas e olhou para o marido; estava visivelmente com muita vontade de ir dormir.

— Na Tailândia — concluiu Robert — todo mundo pode ter o que deseja, e todo mundo pode ter alguma coisa *boa*. Você vai ouvir falar das brasileiras ou das meninas de Cuba. Eu viajei muito, meu amigo, viajei para o meu prazer, e posso dizer sem vacilar: para mim, as tailandesas são as melhores amantes do mundo.

Valérie, sentada diante dele, ouvia com seriedade. Foi embora pouco depois, com um pequeno sorriso, seguida por Josette e René. Lionel, que não abrira a boca durante a noite inteira, levantou-se também; eu o imitei. Não estava muito interessado em continuar a conversa com Robert. Deixei-o sozinho na noite, estátua aparente da lucidez, pedindo um segundo conhaque. Parecia ter um pensamento

complexo e matizado; a menos, talvez, que ele *relativizasse*, o que sempre dá a ilusão de complexidade e de matizes. Em frente à cabana, dei boa-noite a Lionel. A atmosfera estava saturada com o rumor dos insetos; eu tinha quase certeza de que não conseguiria fechar os olhos.

Empurrei a porta e acendi uma vela, mais ou menos resignado a continuar lendo *A firma*. Os mosquitos se aproximavam, alguns carbonizavam as asas na chama, seus cadáveres se colavam na cera derretida. Nenhum pousava em mim, embora eu estivesse recheado até a derme de um sangue nutritivo e delicioso; eles recuavam mecanicamente, incapazes de ultrapassar a barreira olfativa do dimetilperóxido carbônico. Havia que dar parabéns aos laboratórios Roche-Nicolas, criadores do Cinq sur Cinq Tropic. Soprei a vela, voltei a acendê-la, assistindo ao balé cada vez mais denso das sórdidas maquininhas voadoras. Do outro lado do tabique, Lionel roncava com suavidade na noite. Levantei, pus outro pedaço de citronela para derreter e depois fui mijar. Um buraco redondo no assoalho do banheiro dava diretamente para o rio. Ouviam-se marulhos, som de nadadeiras; eu tentava não pensar no que podia haver lá embaixo. No momento em que voltei para a cama, Lionel soltou uma longa série de peidos. “Você tem razão, meu chapa!”, aprovei com entusiasmo. “Como dizia Martinho Lutero, não há nada melhor que peidar no saco de dormir!” Minha voz ressoava estranhamente na noite, acima do barulho da água e do zumbido persistente dos insetos. Ouvir o mundo real já era em si um sofrimento. “No reino dos céus não existe cotonete!”, berrei de novo na noite. “Aquele que tem orelhas para ouvir, que ouça!” Lionel se virou na cama e resmungou baixinho, sem acordar. Eu não tinha muitas alternativas: precisava tomar mais um sonífero.

8

Tangidos pela correnteza, tufo de plantas desciam o rio. O canto dos pássaros recomeçava, erguendo-se da selva ligeiramente brumosa. Bem na direção sul, onde o vale desemboca, os estranhos contornos das montanhas birmanesas se desenhavam ao longe. Eu já tinha visto aquelas formas arredondadas e azuláceas, cortadas por falhas bruscas. Talvez nas paisagens dos primitivos italianos, durante uma visita a algum museu nos meus anos de colégio. O grupo ainda não havia acordado; naquele momento a temperatura ainda estava suave. Eu tinha dormido muito mal.

Após a crise da véspera, certa benevolência flutuava em torno das mesas do café da manhã. Josette e René tinham ótimo aspecto; os ecologistas do Jura, pelo contrário, estavam num estado lamentável, percebi isso assim que os dois chegaram aos tropeções. Os proletários da geração anterior, que desfrutavam sem complexos do conforto moderno quando este se apresenta, em caso de desconforto declarado se mostram muito mais resistentes que seus filhos, os mesmos que acabaram adotando posições “ecologistas”. Éric e Sylvie não tinham pregado o olho a noite inteira; ela, ainda por cima, estava literalmente coberta de bolhas vermelhas.

— Pois é, os mosquitos não me deixaram em paz — confirmou com amargura.

— Tenho uma pomada boa para isso, se você quiser; é muito eficiente. Posso ir buscá-la.

— Muita gentileza sua, mas primeiro vamos tomar um café.

O café era horrível, muito fraco, quase insuportável; neste aspecto, pelo menos, seguíamos as normas americanas. Aquele jovem casal parecia muito babaca, quase me dava pena ver o seu “paraíso ecológico” se quebrando diante dos seus olhos. Eu senti que hoje tudo ia me dar pena. Olhei de novo para o sul.

— Acho a Birmânia muito bonita — disse eu a meia-voz, quase para mim

mesmo.

Sylvie confirmou muito séria: realmente era muito bonita, tinha ouvido dizer a mesma coisa; fosse como fosse, ela não *se permitia* ir à Birmânia. Não queria ser cúmplice, ajudando com suas divisas a manter uma ditadura como aquela. É, pensei, as divisas.

— Os direitos humanos são muito importantes! — exclamou quase com desespero.

Quando as pessoas falam de “direitos humanos”, sempre tenho a impressão de que estão falando em sentido metafórico; mas não era o caso, acho que não, pelo menos naquela ocasião.

— Pessoalmente, parei de ir à Espanha *depois* da morte de Franco — comentou Robert, sentando-se à nossa mesa.

Eu não tinha percebido a sua chegada. Parecia estar em plena forma, com todas as suas capacidades nocivas plenamente reconstituídas. Contou que tinha ido para a cama bêbado de cair e por isso havia dormido muito bem. Por pouco não se esborrachara no rio diversas vezes enquanto tentava chegar à cabana; mas afinal isso não aconteceu. “Insha’Allah”, concluiu com uma voz sonora.

Depois dessa caricatura de café, Sylvie foi comigo até o meu quarto. No caminho encontramos Josiane. Estava sombria, de cara fechada, e não olhou para nós; ela também parecia distante do caminho do perdão. Era professora de letras *no civil*, como René dizia brincando, o que não me surpreendeu em absoluto. Foram sacanas exatamente como ela que me fizeram abandonar meus estudos de literatura, muitos anos antes.

Dei o tubo de pomada a Sylvie.

— Devolvo logo — disse ela.

— Pode ficar, provavelmente não vamos ter mais mosquitos; acho que eles detestam o mar.

Ela agradeceu, caminhou até a porta, hesitou e girou sobre si mesma.

— Você não pode aprovar realmente a exploração sexual de crianças! — exclamou com angústia. Eu esperava alguma coisa desse tipo; balancei a cabeça e respondi com cansaço:

— Não há tanta prostituição infantil assim na Tailândia. Não mais do que na Europa, pelo que sei.

Ela balançou a cabeça, não muito convencida, e saiu. De fato, eu tinha

informações precisas, tiradas de um curioso livro chamado *The White Book* — que comprara na viagem anterior —, publicado sem os nomes do autor e do editor, aparentemente por uma associação chamada “Inquisição 2000”. Sob o disfarce de denúncia do turismo sexual, o livro dava todos os endereços, país por país — cada capítulo informativo era precedido de um breve e veemente parágrafo pedindo respeito ao plano divino e o restabelecimento da pena de morte para os delinquentes sexuais. Quanto à pedofilia, o *White Book* era claro: desaconselhava explicitamente a Tailândia, que não tinha mais qualquer interesse, se é que alguma vez tivera. Era preferível ir às Filipinas ou, melhor ainda, ao Camboja — a viagem podia ser perigosa, mas valia a pena.

O apogeu do reinado khmer ocorreu no século XII, época da construção de Angkor Vât. Depois disso a coisa começou a degrading; desde então o principal inimigo da Tailândia são os birmaneses. Em 1351, o rei Ramathibodi I funda a cidade de Ayutthaya. Em 1402, seu filho Ramathibodi II invade o decadente império de Angkor. Os trinta e seis soberanos sucessivos de Ayutthaya marcaram seus reinados pela construção de templos budistas e palácios. Durante os séculos XVI e XVII, segundo a descrição de viajantes franceses e portugueses, a cidade foi a mais magnífica da Ásia. As guerras contra os birmaneses continuaram, e Ayutthaya caiu em 1767, após um cerco de quinze meses. Os birmaneses saquearam a cidade, fundiram o ouro das estátuas e deixaram atrás de si apenas ruínas.

Agora o lugar era bem apazível, uma brisa suave soprava a poeira entre os templos. Do rei Ramathibodi não restou grande coisa, a não ser algumas linhas no guia *Michelin*. A imagem de Buda, em compensação, ainda estava muito presente e havia conservado todo o seu sentido. Os birmaneses tinham deportado artesãos tailandeses para construir templos idênticos algumas centenas de quilômetros adiante. A vontade de poder existe e se manifesta sob a forma de *história*; ela é radicalmente improdutiva em si mesma. O sorriso de Buda continuava a flutuar acima das ruínas. Eram três da tarde. Segundo o *Michelin*, seriam necessários três dias para a visita completa, um para a visita rápida. Nós dispúnhamos de três horas; era o momento de empunhar as câmeras de vídeo. Imaginei Chateaubriand no Coliseu, com uma Panasonic na mão e um cigarro na boca; provavelmente Benson, mais do que Gauloises Légères. Diante de uma religião tão radical, certamente suas posições seriam um tanto diferentes; ele sentiria menos admiração por Napoleão. Não tenho dúvida de que seria capaz de escrever um excelente *O gênio do budismo*.

Josette e René se entenderam um pouco durante essa visita; tive a impressão de que davam voltas por ali com rapidez. O mesmo acontecia com Babette e Léa. Os ecologistas do Jura, ao contrário, pareciam estar à vontade, assim como os terapeutas naturistas; fizeram uma impressionante exposição de material fotográfico. Valérie andava com ar sonhador ao longo das alamedas, sobre as placas de cimento, entre as plantas. Isso que é a cultura, pensei, é um pouco chato, mas é bom; cada um se depara com o seu próprio nada. Dito isso, como teriam feito os escultores do período de Ayutthaya? Como conseguiram dar às estátuas de Buda uma expressão de compreensão tão luminosa?

Após a queda de Ayutthaya, o reino *thai* entrou num período de grande calma. A capital se estabeleceu em Bangkok e ali começou a dinastia dos Râma. Durante dois séculos (e, na verdade, até os nossos dias), o reino não enfrentou nenhuma guerra externa de maior importância, tampouco guerra civil ou religiosa; além disso, conseguiu escapar de todas as formas de colonização. Também não enfrentou fome ou grandes epidemias. Em tais circunstâncias, quando a terra é fértil e produz colheitas abundantes, quando as doenças devastam menos, quando uma religião pacífica estende sua lei sobre as consciências, os seres humanos crescem, se reproduzem e vivem felizes em geral. Agora já era diferente, a Tailândia havia entrado no *mundo livre*, quer dizer, na economia de mercado; passara há cinco anos por uma crise econômica fulgurante, que reduziu a moeda à metade do seu valor e levou as empresas mais prósperas à beira da ruína. Foi o primeiro drama de verdade que atingiu o país nos últimos dois séculos.

Um atrás do outro, num silêncio impressionante, entramos no ônibus. Partimos ao pôr do sol. Íamos pegar o trem noturno de Bangkok com destino a Surat Thani.

9

Surat Thani — oitocentos e dezesseis mil habitantes — se caracteriza, segundo todos os guias, por ser absolutamente desinteressante. Constitui, e isto é tudo o que se pode dizer, um ponto de passagem obrigatório para a balsa de Koh Samui. Mas as pessoas continuam vivendo, e o guia *Michelin* nos informa que a cidade é, há muitos anos, um importante centro industrial metalúrgico e que mais recentemente adquiriu certa relevância no campo das construções metálicas.

Ora, o que seria de nós sem construções metálicas? O ferro é extraído em regiões recônditas e transportado em cargueiros. Por outro lado, são produzidas máquinas-ferramentas, em geral sob o controle de firmas japonesas. A síntese se dá em cidades como Surat Thani: daí surgem ônibus, vagões ferroviários, ferryboats; tudo isso sob licença da NEC, General Motors ou Fujimori. O resultado serve em parte para transportar os turistas ocidentais, ou então as turistas ocidentais, como Babette e Léa.

Eu podia lhes dirigir a palavra, participava da mesma excursão; não podia pretender ser um amante em potencial delas, o que limitava de cara as conversas possíveis; mas eu tinha comprado o mesmo *tiquete de viagem* e também podia, em certa medida, estabelecer contato com elas. Babette e Léa, como fiquei sabendo, trabalhavam na mesma *agência de comunicação*; essencialmente, *organizavam eventos*. Eventos? É. Com agentes institucionais ou empresas que desejassem ampliar sua atividade de mecenato. Havia com certeza grana na jogada, arrisquei. Sim e não. Agora as empresas estavam mais interessadas em “*direitos humanos*”, os investimentos andavam mais devagar. Enfim, dava no mesmo. Averigui o salário delas: era bom. Podia ser melhor, mas era bom. Mais ou menos vinte e cinco vezes o de um operário nas indústrias metalúrgicas de Surat Thani. A economia é um mistério.

Após a chegada ao hotel, o grupo se dispersou, imagino; eu não tive a menor vontade de almoçar com os outros; estava um pouco cansado dos outros. Puxei a cortina e me deitei. Curiosamente, adormeci na hora e sonhei com uma moça dançando no metrô. Não tinha os traços de Aïcha, pelo menos acho que não. Ela se segurava no pilar central, como fazem as garotas em *go-go bars*. Seus seios estavam cobertos por uma minúscula faixa de algodão, que ia levantando aos poucos. Com um sorriso, libertou-os totalmente: eram grandes, redondos e pardos — magníficos. Depois lambeu os dedos e acariciou os mamilos. Então pôs uma das mãos na minha calça, abriu a braguilha, pegou meu sexo e começou a acariciá-lo. As pessoas passavam em torno de nós, desciam nas estações. A moça ficou de quatro no chão e levantou a minissaia: não estava usando nada por baixo. Sua vulva era acolhedora, rodeada de pelos muito escuros, parecia um presente; comecei a penetrá-la. O vagão estava bastante cheio, mas ninguém prestava atenção em nós. Tudo aquilo não podia acontecer em hipótese alguma. Era um sonho de fome, o sonho ridículo de um homem já idoso.

Acordei por volta das cinco da manhã e constatei que os lençóis estavam manchados de esperma. Uma *poluição noturna...* era enternecedor. Também constatei, para minha surpresa, que meu pau ainda estava duro; devia ser o clima. Uma barata, deitada de costas, jazia no meio da mesinha de cabeceira; distinguia-se claramente o detalhe de suas patas. Ela não tinha mais com que se preocupar, como diria meu pai. Ele, por sua vez, morrera no final de 2000; e fez bem. Sua existência ficava assim totalmente incluída no século XX, do qual ele era um elemento horivelmente significativo. Eu mesmo sobrevivia, num ponto médio. Era um quarentão, quer dizer, estava *começando a ser quarentão*, pois tinha exatamente quarenta anos; estava mais ou menos no meio do caminho. A morte do meu pai me dava uma certa liberdade; eu ainda não dissera minha última palavra.

Situado na costa leste de Koh Samui, o hotel lembrava perfeitamente a imagem de *paraíso tropical* que aparece nos folhetos das agências. As colinas em volta estavam cobertas de uma espessa mata. Os prédios baixos, cercados de folhagens, se escalonavam em degraus até uma imensa piscina oval, com uma hidromassagem em cada ponta. Podia-se nadar até o bar, situado numa ilha no centro da piscina. Alguns metros mais abaixo havia uma praia de areia branca e o mar. Dei uma

olhada discreta no ambiente; reconheci ao longe Lionel, que se sacudia entre as ondas como um golfinho aleijado. Depois voltei, chegando ao bar por uma passarela estreita que se estendia sobre a piscina. Com uma descontração estudada, examinei a lista dos coquetéis; a happy hour estava começando.

Tinha acabado de pedir um Singapore Sling quando Babette apareceu. “Pois é”, disse eu, “pois é...” Ela estava usando um biquíni bastante grande, com a parte de baixo colante e um sutiã tomara que caia, numa harmonia de azul-claro e azul-escuro. O tecido parecia ser especialmente fino; era uma roupa de banho que devia ter todo o seu valor quando molhada. “Você não vai nadar?”, perguntou. “Hum...”, disse eu. Léa também apareceu, mais classicamente sexy, num maiô sintético vermelho-vivo cheio de fechos eclair pretos se abrindo sobre a pele (um deles, que atravessava o seio esquerdo, deixava aparecer um mamilo) e muito cavado embaixo. Ela me fez um aceno com a cabeça antes de se juntar com Babette na beira da água; quando se virou, notei que tinha uma bunda perfeita. No começo elas estavam desconfiadas de mim, mas, depois que puxei conversa na balsa, concluíram que eu era um ser humano inofensivo e relativamente divertido. Tinham razão: era mais ou menos isso.

Mergulharam as duas ao mesmo tempo. Girei a cabeça para controlar a situação. Na mesa vizinha, havia um sócio de Robert Hue. Depois de molhado, o biquíni de Babette era de fato espetacular: eu podia distinguir perfeitamente seus mamilos e a fenda da bunda; via-se até o leve volume dos pelos púbicos, embora estivessem cortados bastante rente. Enquanto isso, as pessoas trabalhavam, produziam coisas úteis — ou, às vezes, inúteis. Produziam. E o que eu havia produzido, em meus quarenta anos de existência? Para dizer a verdade, quase nada. Tinha organizado informações, facilitado a consulta e a transmissão dessas informações; uma vez ou outra, também, fiz transferências de dinheiro (numa escala modesta: me limitava a pagar faturas, em geral pouco elevadas). Em poucas palavras, tinha trabalhado no *setor terciário*. Não há qualquer necessidade de gente como eu. Mas minha inutilidade era menos ostentosa que a de Babette e Léa; como um parasita modesto, eu não tinha *me matado de trabalhar* nem sentia a menor necessidade de fingir que sim.

Quando escureceu, voltei para o hall do hotel, onde encontrei Lionel; estava queimadíssimo e feliz com o seu dia. Havia nadado muito; ele nunca tinha se atrevido sequer a sonhar com um lugar como aquele.

— Precisei economizar um bocado para fazer esta viagem — disse —, mas não lamento nem um pouquinho.

Sentou-se na beira de uma poltrona, pensando em sua vida cotidiana. Trabalhava na companhia de gás, num subúrbio do sudeste parisiense, e morava em Juvisy. Muitas vezes tinha que entrar em casas de pessoas muito pobres, velhinhos cujas instalações não seguiam as normas. Era obrigado a lhes cortar o gás se não pudessem pagar as modificações necessárias.

— Tem gente que mora em certas condições que nem dá para imaginar. — E continuou, balançando a cabeça. — Às vezes vemos coisas engraçadas... — Ele próprio ia bem. Seu bairro não era nenhum paraíso, era realmente perigoso. — Há lugares que é melhor evitar — continuou. Mas, de modo geral, ia bem. — Estamos de férias — concluiu antes de seguir para o restaurante.

Peguei alguns folhetos e fui ler no quarto. Eu nunca tinha vontade de jantar com os outros. É na relação com o outro que você toma consciência de si, e é isso que torna insuportável a relação com o outro.

Soube por Léa que Koh Samui não era somente um paraíso tropical, era também um lugar tipo hype. Toda noite de lua cheia havia uma rave gigantesca na pequena ilha vizinha de Koh Lanta; vinha gente de lugares como Austrália ou Alemanha. “Um pouco como em Goa”, comentei. “Bem melhor que Goa”, corrigiu ela. Goa estava completamente *caída*; para encontrar uma rave decente era preciso ir a Koh Samui ou a Lombok.

Eu não pedia tanto. Tudo o que queria naquela hora era uma honesta *body massage* seguida de um boquete e uma boa foda. Nada complicado, aparentemente; mas ao ler os folhetos percebi com uma tristeza crescente que não parecia ser isso a especialidade do lugar. Havia um bocado de coisas tipo acupuntura, massagem com óleos aromáticos essenciais, alimentação natural e tai chi chuan, mas nada de *body massages* ou *go-go bars*. Além do mais, tudo parecia mergulhado num ambiente penosamente americano, ou melhor, californiano, baseado na *healthy life* e nas *meditation activities*. Li a carta de um leitor de *What's on Samui*, Guy Hopkins; o cara se definia como *health addict* e visitava regularmente a ilha havia vinte anos. “*The aura that backpackers spread on the island is unlikely to be erased quickly by upmarket tourists*”, concluía; era desanimador. Eu nem sequer podia partir para a aventura, porque o hotel ficava longe de tudo; na verdade, tudo ficava longe de tudo, porque não existia mais nada por lá. O mapa da ilha não revelava qualquer centro visível: algumas residências em cabanas como as nossas, à beira de praias tranquilas. Lembrei então com um sentimento de terror que a ilha era descrita de

forma elogiosa no *Guide du Routard*: aqui sim, tinham sabido evitar certos desvios. Eu caíra numa armadilha. Mesmo assim senti uma vaga satisfação, levemente teórica, por estar com vontade de trepar. Resignado, peguei de novo *A firma*, pulei duzentas páginas, voltei cinquenta, dei por acaso com uma cena de sexo. A trama tinha evoluído bastante: agora Tom Cruise estava nas ilhas Cayman, tentando realizar não sei que operação de evasão fiscal — ou denunciá-la, não ficava claro. Fosse como fosse, ele tinha conhecido uma mulata maravilhosa, e a moça era bem atirada. “Mitch ouviu um barulho seco e viu a saia escorregar até os tornozelos de Eilene, mostrando uma calcinha minúscula sustentada por dois cordãozinhos.” Abaixei o fecho da braguilha. Então vinha uma passagem estranha, psicologicamente pouco compreensível: “Vai embora, dizia-lhe uma voz interna. Joga a garrafa de cerveja no mar e larga a saia na areia. Pernas para que te quero, volta já para o apartamento! Vai embora!”. Felizmente, Eilene não ouvia a mesma coisa: “Com gestos lentos, ela pôs a mão nas costas para soltar a parte de cima do biquíni, que caiu revelando seus seios, ainda mais volumosos na nudez. Quer segurar isto para mim?, perguntou, entregando-lhe o tecido suave e branco, leve como uma pluma”. Eu me masturbei para valer, tentando imaginar mulatas de biquínis minúsculos, à noite. Ejaculei, com um suspiro de satisfação, entre duas páginas. Ia grudar; mas tudo bem, não era um livro para se ler duas vezes.

De manhã, a praia estava deserta. Entrei na água logo depois do café. Estava morna. O sol começaria logo em seguida a sua ascensão pelo céu, aumentando os riscos de câncer de pele nos indivíduos de raça branca. Eu pretendia ficar por ali mais ou menos o tempo necessário para permitir que as funcionárias do hotel limpassem o quarto, e depois voltaria para debaixo dos lençóis com o ar-condicionado ligado no máximo; encarava aquele dia livre com toda a calma.

Tom Cruise, por seu lado, não parava de se preocupar com a história da mulata; pensava até em contar o incidente à mulher (que, e este era o problema, não se contentava com ser amada; ela também queria ser a mais sexy, a mais desejável de todas as mulheres). A imbecil se comportava como se o futuro do seu casamento estivesse em jogo. “Se ela mantivesse a calma e fosse generosa, ele diria que lamentava, que lamentava profundamente, prometendo que aquilo nunca mais iria acontecer. Se, ao contrário, ela caísse em prantos, ele pediria perdão — de joelhos, se fosse preciso — e juraria sobre a Bíblia que aquilo nunca mais iria acontecer.” Evidentemente, dava quase na mesma; mas os remorsos constantes do herói, apesar

de não terem o menor interesse, acabavam interferindo na história — que de qualquer maneira era complicada: incluía mafiosos muito maus, o FBI, e talvez também os russos. A princípio você ficava incomodado; depois, acabava realmente irritado.

Tentei meu outro best-seller americano: *Total Control*, de David G. Balducci, mas era pior ainda. O herói dessa vez não era advogado, e sim um jovem técnico em informática superdotado que trabalhava cento e dez horas por semana. Sua mulher, em contrapartida, era advogada e trabalhava noventa horas por semana; eles tinham um filho. O papel do malvado ficava agora a cargo de uma empresa “europeia”, que fazia manobras fraudulentas para se apropriar de um mercado. O tal mercado deveria normalmente estar nas mãos da companhia americana em que o herói trabalhava. Durante uma conversa com os vilões da empresa europeia, estes acendiam um monte de cigarros “sem a menor preocupação”; o ambiente ficava literalmente pestilento, mas o herói conseguia resistir. Fiz um buraco na areia para enfiar os dois livros; o problema agora era que eu precisava achar alguma coisa para ler. Viver sem leitura é perigoso; você tem de se contentar com a vida, o que pode obrigar a correr certos riscos. Quando eu tinha catorze anos, numa tarde em que a neblina estava particularmente espessa, me perdi esquiando; tive que atravessar corredores de avalanche. Eu me lembro sobretudo das nuvens cinzentas, muito baixas, e do silêncio absoluto da montanha. Sabia que aquelas massas de neve podiam se desprender de repente, por causa de algum movimento brusco que eu fizesse, ou mesmo sem razão aparente, como efeito de um pequeno aumento da temperatura ou uma lufada de vento. Eu seria arrastado na queda, lançado por centenas e centenas de metros, até abaixo das cristas rochosas; e morreria, provavelmente, na hora. No entanto, não senti nenhum medo. Fiquei contrariado porque as coisas estavam acontecendo daquela maneira, contrariado por mim e pelos outros. Preferiria uma morte mais bem preparada, de certa forma mais oficial, com doença, uma cerimônia e lágrimas. O que mais lamentava, para dizer a verdade, era não ter conhecido um corpo de mulher. Durante os meses de inverno, meu pai costumava alugar o primeiro andar da casa; naquele ano os inquilinos eram um casal de arquitetos. A filha deles, Sylvie, também tinha catorze anos e parecia atraída por mim — pelo menos buscava a minha presença. Era miúda, graciosa, tinha um cabelo preto e cacheado. Será que seu sexo também era preto e cacheado? Eram estes os pensamentos que me vinham à cabeça enquanto penava para avançar pelo flanco da montanha. Muitas vezes, mais tarde, eu me perguntei sobre esta particularidade minha: diante do perigo, até mesmo da morte próxima, não sinto

qualquer emoção em particular, nenhuma descarga de adrenalina. Tais sensações, que tanto atraem os “esportistas radicais”, eu as procurava em mim e não encontrava nem resquícios. Não sou nem um pouquinho corajoso, fujo do perigo tanto quanto possível; mas quando surge uma situação dessas a encaro com a placidez de um boi. Não há que buscar nisso qualquer significação, é só uma questão técnica, uma questão de dosagem de hormônios; outros seres humanos, aparentemente semelhantes a mim, não sentem, parece, qualquer emoção na presença de um corpo de mulher, o que me deixava nessa época — e às vezes ainda me deixa — em estados de transe impossíveis de controlar. Na maioria das circunstâncias da minha vida, fui mais ou menos tão livre como um aspirador.

O sol começava a esquentar. Babette e Léa haviam chegado à praia, quando notei já estavam instaladas a dez metros de mim. Dessa vez tinham vindo com os seios de fora e trajadas com simplicidade: as duas, idênticas, só com biquínis brasileiros. Pelo visto tinham encontrado uns rapazes, mas não achei que fossem transar com eles: os caras não eram feios, tinham corpos musculosos, mas não eram nenhuma maravilha; estavam na média.

Eu me levantei e peguei minhas coisas. Babette tinha deixado uma revista *Elle* ao lado da toalha; olhei para o lado do mar: elas estavam na água, brincando com os rapazes. Abaixei-me rapidamente, meti a revista na minha sacola e depois continuei andando ao longo da praia.

O mar estava calmo, via-se bem longe em direção ao leste. Do outro lado devia ser o Camboja, ou talvez o Vietnã. Distingui um iate, a meia distância do horizonte; talvez certos milionários gastassem seu tempo assim, sulcando os mares do mundo — uma vida ao mesmo tempo monótona e romanesca.

Valérie se aproximou, caminhando ao lado do mar. Vez por outra se divertia dando um passo de lado para fugir de uma onda mais forte. Ergui-me com vigor sobre os cotovelos, tomando dolorosamente consciência de que ela tinha um corpo esplêndido, muito atraente em seu biquíni bem-comportado; seus seios recheavam perfeitamente o sutiã. Fiz um gesto com a mão, pensando que ela não me vira, mas de fato já havia se desviado em minha direção; não é fácil pegar as mulheres desprevenidas.

— Você lê *Elle*? — perguntou, um pouco surpresa, um pouco zombeteira.

— É... — respondi.

— Dá licença? — e se instalou ao meu lado. Com naturalidade, parecendo

acostumada, folheou a revista: uma olhadela nas páginas de moda, outra nas de abertura. *Elle* — ela — está com vontade de ler. *Elle* — ela — está com vontade de sair... — Ontem você foi de novo a uma casa de massagem? — perguntou, olhando-me de lado.

— Hum... não. Não descobri nenhuma.

Balançou rapidamente a cabeça, mergulhou na leitura do artigo principal: “Você está preparada para amá-lo por muito tempo?”.

— E a que conclusão chegou? — perguntei depois de um longo silêncio.

— Não tenho namorado — respondeu sobriamente. Aquela garota me desestabilizava por completo. — Não entendo bem esta revista — continuou de imediato. — Só fala de moda, de *novas tendências*: o que se deve ver, o que é preciso ler, as causas pelas quais lutar, os assuntos a conversar... As leitoras nem sequer podem usar as mesmas roupas que estas modelos, por que se interessariam então pelas novas tendências? Geralmente são mulheres mais velhas.

— Você acha?

— Tenho certeza. Minha mãe lê.

— Talvez os jornalistas falem do que interessa a eles, e não do que interessa às leitoras.

— Economicamente, isso não seria viável; em geral as coisas são feitas para satisfazer o gosto do cliente.

— Talvez isso satisfaça o gosto do cliente.

Ela refletiu e respondeu sem muita certeza:

— Pode ser...

— Você acha — insisti — que quando tiver sessenta anos não vai se interessar pelas novas tendências?

— Espero que não — disse com sinceridade. Eu acendi um cigarro.

— Se eu ficar aqui, vou ter que passar protetor solar — comentei com melancolia.

— Vamos entrar na água! Depois você passa o creme — num instante se levantou e me puxou para a beira d’água.

Ela nadava bem. Já eu, não posso dizer que saiba nadar: boio vagamente e me canso logo.

— Você cansa logo — disse. — É porque fuma demais. Precisa praticar esporte. Vou dar um jeito em você!... — Beliscou meu bíceps. Ah, não!, pensei, não! Afinal sossegou e voltou a se deitar ao sol, depois de esfregar vigorosamente a cabeça. Estava linda, assim, com seu longo cabelo preto todo desgrehado. Ela não havia

tirado o sutiã, o que era uma pena; eu adoraria que tirasse. Adoraria ver seus seios, ali, agora.

Ela surpreendeu meu olhar em seu peito e deu um rápido sorriso.

— Michel... — disse após um breve silêncio. Fiquei surpreso ao ouvir meu nome. — Por que você se sente tão velho? — perguntou sem olhar nos meus olhos.

Era uma boa pergunta; fiquei sem resposta.

— Não precisa responder agora — disse gentilmente. — Tenho um livro para você — continuou, já tirando-o da sacola. Reconheci com surpresa a capa amarela da Masque e um título de Agatha Christie, *A mansão Hollow*.

— Agatha Christie? — perguntei, com estupor.

— Leia assim mesmo. Acho que vai se interessar.

Sacudi a cabeça feito um estúpido.

— Você não vai almoçar? — perguntou um minuto depois. — Já é uma hora.

— Não... Não, acho que não.

— Você não gosta muito da vida em grupo, não é? — Era inútil responder; eu sorri. Tínhamos apanhado as nossas coisas, voltamos juntos. No caminho cruzamos com Lionel, que perambulava feito uma alma penada; fez um gesto amável, mas já parecia estar se divertindo muito menos. Não é por acaso que encontrar homens sozinhos nos resorts é coisa tão rara. Eles ficam tensos sempre, na fronteira das atividades e do lazer. Quase sempre se colocam um passo atrás; algumas vezes se soltam, participam. Eu me despedi de Valérie em frente às mesas do restaurante.

Em cada romance de Sherlock Holmes pode-se reconhecer, naturalmente, os traços característicos do personagem, mas por outro lado o autor nunca deixa de introduzir um aspecto novo (a cocaína, o violino, a existência do irmão mais velho Mycroft, o gosto pela ópera italiana... certos serviços prestados no passado a famílias reais europeias... o primeiro caso resolvido por Sherlock, ainda adolescente). A cada novo detalhe revelado desenham-se novas áreas de sombra, e afinal surge um personagem realmente fascinante: Conan Doyle consegue criar uma mistura perfeita entre *o prazer da descoberta* e *o prazer do reconhecimento*. Sempre achei que Agatha Christie, pelo contrário, dá espaço demais ao prazer do reconhecimento. Em suas descrições iniciais de Poirot limita-se a algumas frases típicas, restritas às características mais evidentes do personagem (seu gosto maníaco pela simetria, suas botinas de verniz, o cuidado que toma com o bigode); nas obras mais medíocres tem-se mesmo a impressão de que essas frases de apresentação são

copiadas, iguaizinhas, de um livro para o outro.

O interessante em *A mansão Hollow*, contudo, era outra coisa. Não o ambicioso personagem de Henrietta, a escultora, através da qual Agatha Christie procurou representar não só os tormentos da criação (a cena em que ela destrói uma das estátuas, logo depois de tê-la terminado trabalhosamente, porque sentia que faltava algo), mas também o sofrimento específico ligado ao fato de ser artista: uma incapacidade de ser *verdadeiramente* feliz ou infeliz; de sentir *verdadeiramente* o ódio, o desespero, a exaltação ou o amor; uma espécie de filtro estético que se interpõe, sem saída possível, entre o artista e o mundo. A escritora jogou muito de si mesma nesse personagem, e sua sinceridade é visível. Infelizmente o artista, situado de certa maneira fora do mundo, vivendo as coisas de maneira dupla, ambígua e por conseguinte menos violenta, torna-se exatamente, por isso mesmo, um personagem menos interessante.

Profundamente conservadora, hostil a toda ideia de distribuição social das riquezas, Agatha Christie assumiu, ao longo da sua carreira de romancista, posições ideológicas muito nítidas. Esse compromisso teórico radical lhe permitia, na prática, mostrar-se muitas vezes bastante cruel na descrição daquela aristocracia inglesa cujos interesses defendia. Lady Angkatell era um personagem burlesco, no limite do verossímil e por vezes quase assustador. A escritora parecia fascinada por sua criatura, que havia esquecido até mesmo as regras que se aplicam aos seres humanos comuns; ela deve ter se divertido muito ao escrever frases como: “É tão difícil a gente se conhecer *de verdade* quando há um assassinato na casa”; mas certamente não é com Lady Angkatell que ela simpatiza. Em contrapartida, traça um retrato caloroso de Midge, obrigada a trabalhar como vendedora durante a semana para ganhar a vida e passar os fins de semana entre pessoas que não tinham a menor ideia do que significa um *trabalho*. Corajosa, ativa, Midge ama Edward com um amor sem esperança. Edward se considera um fracassado: não conseguira nada na vida, *nem mesmo se tornar escritor*; escrevia pequenas crônicas, cheias de uma ironia desencantada, em obscuras revistas de bibliófilos. Pediu Henrietta em casamento três vezes, sem sucesso. Henrietta tinha sido amante de John, admirava sua personalidade brilhante e sua força; mas John era casado. Seu assassinato perturba o sutil equilíbrio de desejos insatisfeitos que liga os personagens: Edward afinal percebe que Henrietta nunca iria gostar dele, que com certeza não estava à altura de John; por isso não conseguia se aproximar de Midge, e sua vida parecia definitivamente arruinada. É a partir desse momento que *A mansão Hollow* torna-se um livro emocionante e estranho; é como estar diante de águas profundas, agitadas.

Na cena em que Midge salva Edward do suicídio e este lhe propõe casamento, Agatha Christie logra algo muito bonito, uma espécie de maravilhamento à la Dickens.

Ela o estreitou em seus braços e ele sorriu:

“Você é tão quente, Midge... tão quente...”

Sim, pensou Midge, o desespero é isto. Algo glacial, um frio e uma solidão infinitos. Ela nunca percebera até então que o desespero era frio, sempre o havia imaginado ardente, veemente, violento. Mas não. O desespero é isto: um abismo sem fundo de escuridão gelada, de solidão intolerável. E o pecado do desespero de que falavam os padres era um pecado frio, que consistia em eliminar todo e qualquer contato humano, caloroso e vivo.

Terminei a leitura quase às nove da noite; depois me levantei e fui até a janela. O mar estava calmo, com milhares de pequenas manchas luminosas bailando em sua superfície; um leve halo rodeava o disco da lua. Eu sabia que nessa noite haveria uma *full moon rave party* em Koh Lanta; Babette e Léa certamente iriam, junto com boa parte dos hóspedes. As pessoas renunciavam à vida com facilidade, deixam de lado a própria vida. No momento em que a noitada se organizava, em que os táxis chegavam ao hotel, em que todo mundo começava a se agitar nos corredores, eu sentia apenas um triste alívio.

O istmo de Kra, estreita faixa de terra montanhosa que separa o golfo da Tailândia do mar de Andaman, é atravessado em sua parte norte pela fronteira entre a Tailândia e a Birmânia. Na altura do Ranong, no extremo sul da Birmânia, mede apenas vinte e dois quilômetros; depois vai se alargando progressivamente até formar a península malaia.

Das centenas de ilhas espalhadas pelo mar de Andaman, só algumas são habitadas; nenhuma das que pertencem ao território birmanês é explorada pelo turismo. Em contrapartida, as ilhas da baía de Phang Nga, em território tailandês, rendem ao país quarenta e três por cento de sua receita turística anual. A mais importante delas é Phuket, onde os resorts se desenvolveram a partir da metade dos anos 1980, basicamente com capitais chineses e franceses (o Sudeste Asiático sempre foi considerado pelo grupo Aurore como um setor-chave para sua expansão). É no capítulo dedicado a Phuket que o *Guide du Routard* chega ao seu mais alto grau de ódio, elitismo vulgar e masoquismo agressivo: “Phuket, para alguns”, dizem logo de entrada, “é a ilha em ascensão; para nós, porém, já está em plena decadência”.

“É preciso visitar”, continuam, “essa ‘pérola do oceano Índico’... Todos cultuavam Phuket há alguns anos: sol, praias fantásticas, alegria de viver. Correndo o risco de estragar esta bela sinfonia, vamos confessar a verdade: nós não gostamos de Phuket! Patong Beach, sua praia mais famosa, é coberta de concreto. Por toda parte a clientela é apenas masculina, os bares de prostituição se multiplicam, os sorrisos se compram. Enquanto isso, as cabanas para turistas sofreram um lifting versão escavadeira e deram lugar a hotéis destinados a europeus solitários e barrigudos.”

Íamos passar duas noites em Patong Beach; eu me sentei confiante no ônibus, pronto para desempenhar meu papel de europeu solitário e barrigudo. A excursão teria seu clímax com um período livre de três dias em Koh Phi Phi, um ponto

classicamente considerado paradisíaco. “O que dizer de Koh Phi Phi?”, lamentava o guia. “É um pouco como se nos pedissem para falar de um amor não correspondido... Você só tem vontade de falar bem, mas com um enorme nó na garganta.” Esse masoquista manipulador não se contenta com ser infeliz; é preciso que os outros também sejam. Trinta quilômetros mais à frente, o ônibus parou para abastecer; joguei meu *Guide du Routard* na lata de lixo do posto. É o masoquismo ocidental, pensei. Dois quilômetros depois tomei consciência de que agora não tinha realmente mais nada para ler; ia ter que enfrentar o final da excursão sem nenhum texto impresso para me proteger da realidade. Olhei em volta, o meu coração estava acelerado, de repente o mundo externo me parecia muito mais próximo. Do outro lado do corredor, Valérie tinha inclinado o assento; parecia estar entregue a devaneios ou dormindo, com o rosto virado para o vidro. Tentei seguir seu exemplo. Lá fora desfilava a paisagem, composta de vegetais diversos. Como último recurso, pedi emprestado a René o seu guia *Michelin*; soube então que as plantações de seringueiras e o látex desempenhavam um papel central na economia da região: a Tailândia era o terceiro produtor mundial de borracha. Aquela vegetação confusa, então, servia para a fabricação de camisinhas e de pneus; a engenhosidade humana era realmente notável. Pode-se criticar o homem por diferentes razões, mas um ponto é inegável: trata-se decididamente de um mamífero *engenhoso*.

Depois do jantar no rio Kwai, a distribuição das mesas se estabeleceu de maneira definitiva. Valérie se juntou ao que ela chamou de “turma da grossura”, Josiane aderiu aos terapeutas naturistas, com os quais compartilhava certos valores — como as práticas baseadas na serenidade. Durante o almoço, assisti de longe a uma verdadeira *competição de serenidade* entre Albert e Josiane, ante o olhar interessado dos ecologistas, os quais, morando num buraco perdido do Franco-Condado, evidentemente tinham menos acesso a práticas desse tipo. Babette e Léa, apesar de parisienses, tampouco tinham muito a dizer, exceto um: “Que legal...”, de vez em quando; a serenidade, para elas, era apenas um objetivo intermediário. No conjunto era uma mesa equilibrada, com dois *líderes naturais*, de sexos diferentes, que podiam desenvolver uma cumplicidade ativa. Do nosso lado, as coisas pareciam mais difíceis de deslanchar. Josette e René sempre comentavam o cardápio, porque eram muito enfronhados com culinária; Josette até pretendia levar umas receitas para casa. De vez em quando criticavam o pessoal da outra mesa, que consideravam *pretensioso e*

metido; isso não podia levar a boa coisa, e geralmente eu aguardava a sobremesa com impaciência.

Devolvi o guia *Michelin* a René; ainda faltavam quatro horas de estrada até Phuket. No bar do restaurante comprei uma garrafa de Mekong e passei as quatro horas seguintes lutando contra a vergonha que me impedia de tirar a garrafa da bolsa e encher a cara com toda a tranquilidade; afinal, a vergonha foi mais forte. A entrada do Beach Resortel estava adornada com uma bandeirola que dizia BEM-VINDO GRUPO BOMBEIROS DE CHAZAY. “Que engraçado...”, comentou Josette. “Chazay... é lá que mora a sua irmã...” René não se lembrava. “É, sim...”, ela insistiu. Antes de pegar a chave do meu quarto, ainda tive tempo de ouvi-la dizer: “No final das contas, vamos perder um dia inteiro para atravessar o istmo de Kra”; e o pior é que ela tinha razão. Caí na cama *king size* e me servi uma boa dose de bebida; depois, mais outra.

Acordei com uma dor de cabeça atroz e vomitei caudalosamente na pia do banheiro. Eram cinco da manhã: tarde demais para os bares de putas, cedo demais para o café da manhã. Na gaveta da mesinha de cabeceira havia uma Bíblia em inglês e um livro sobre os ensinamentos de Buda. “*Because of their ignorance*”, li, “*people are always thinking wrong thoughts and always losing the right viewpoint and clinging to their egos, they take wrong actions. As a result, they become attached to a delusive existence.*” Não tinha muita certeza de haver entendido, mas a última frase ilustrava muito bem o meu estado atual e me proporcionou alívio suficiente enquanto esperava a hora do café. Na mesa ao lado havia um grupo de negros americanos gigantescos, parecia um time de basquete. Mais adiante, uma mesa de chineses de Hong-Kong — reconhecíveis por sua sujeira, já difícil de suportar para um ocidental, mas que deixava os garçons tailandeses num estado de estorpecimento só atenuado pelo costume. Ao contrário dos tailandeses, que se comportam em qualquer circunstância com uma higiene rigorosa, até mesmo exagerada, os chineses comem com voracidade, gargalham de boca aberta espalhando pedaços de comida à sua volta, cospem no chão, assoam o nariz com os dedos — agem como verdadeiros porcos. E o pior é que são porcos muito numerosos.

Depois de alguns minutos andando pelas ruas de Patong Beach, percebi que tudo o que o mundo civilizado conseguira produzir em termos de turistas estava reunido ali, naqueles dois quilômetros em frente ao mar. Em algumas dezenas de metros cruzei com japoneses, italianos, alemães, americanos, sem contar com alguns

escandinavos e sul-americanos ricos. “As pessoas são todas parecidas, todo mundo procura o sol”, como disse a garota da agência de viagens. Eu me comportei como um cliente exemplar, do tipo médio: aluguei uma espreguiçadeira com colchonete incluído, uma barraca, consumí alguns Sprite; mergulhei com moderação. As ondas estavam calmas. Voltei ao hotel por volta das cinco da tarde, razoavelmente satisfeito com aquele dia livre, mas disposto a continuar. *I was attached to a delusive existence*. Restavam os bares de putas; antes de ir para o bairro apropriado, dei uma volta em frente aos restaurantes. Na porta do Royal Savoey Seafood vi um casal de americanos olhando para uma lagosta com atenção exagerada. “Dois mamíferos diante de um crustáceo”, pensei. Um garçom se aproximou, esbanjando sorrisos, provavelmente para louvar a frescura do produto. “Com este, três”, concluí maquinalmente. A multidão composta de solitários, de famílias, de casais, fluía continuamente; tudo transmitia uma forte impressão de inocência.

Às vezes, quando bebem demais, os alemães de mais idade se reúnem e entoam canções lentas, de uma tristeza infinita. Isso diverte muito os garçons tailandeses, que os rodeiam soltando gritinhos.

Seguindo os passos de três simpáticos cinquentões, que intercambiavam vigorosamente uns “*Ach!*” e uns “*Ja*”, fui parar sem querer na rua dos bares de putas. Garotas de saias curtinhas competiam com suas cantadas para me arrastar até o Blue Nights, o Naughty Girl, o Classroom, o Marilyn, o Venus... Optei finalmente pelo Naughty Girl. O lugar não estava muito cheio: só uma dezena de ocidentais, sozinhos em suas mesas — principalmente ingleses e americanos jovens, entre vinte e cinco e trinta anos. Na pista de dança, umas dez meninas se balançavam lentamente ao som de uma espécie de ritmo disco retrô. Algumas estavam de biquíni branco, outras haviam tirado a parte de cima para ficar só de calcinha. Todas elas tinham cerca de vinte anos, todas elas tinham pele morena e dourada, todas elas tinham um corpo excitante e solto. Um velho alemão estava sentado à minha esquerda diante de uma Carlsberg: barriga imponente, barba branca, óculos, parecia um professor universitário aposentado. Completamente hipnotizado, fitava os jovens corpos que se sacudiam diante dos seus olhos; sua imobilidade era tão exagerada que por um instante pensei que estava morto.

Várias máquinas de fumaça entraram em ação, a música foi substituída por um lento ritmo polinésio. As meninas saíram de cena e foram substituídas por uma dezena de outras, vestidas com colares de flores na altura do peito e na cintura.

Giravam lentamente em torno de si mesmas, e os colares deixavam aparecer ora os seios, ora o início da bunda. O alemão não parava de olhar aquela cena; a certa altura tirou os óculos para secá-los, seus olhos tinham ficado úmidos. Estava no paraíso.

As garotas, propriamente falando, não aliciavam os clientes; mas podia-se convidar uma delas para beber alguma coisa, conversar um pouco e, eventualmente, pagar ao estabelecimento um *bar fee* de quinhentos bahts e levar a garota para um hotel, depois de ter negociado o preço. Pela noite completa, parece que a tarifa era de quatro ou cinco mil bahts — mais ou menos o salário mensal de um operário não qualificado na Tailândia; mas Phuket é um lugar caro. O alemão fez um sinal discreto para uma das garotas, que estava esperando, ainda com a calcinha branca, para voltar ao palco. Ela se aproximou rápido e se encaixou com familiaridade entre as coxas dele. Seus jovens seios redondos ficavam na altura do rosto do velhote, vermelho de prazer. Ouvi-a dizendo: “Papai”. Paguei minha tequila com limão e saí, um pouco incomodado; tive a impressão de assistir a uma das últimas alegrias daquele velhote; aquilo era emocionante e íntimo demais.

Bem ao lado do bar descobri um restaurante ao ar livre; sentei-me ali para comer um prato de arroz com caranguejo. Praticamente todas as mesas estavam ocupadas por casais compostos de um ocidental e uma tailandesa — a maior parte deles parecia ser de californianos, pela ideia que se faz de um californiano; em todo caso, usavam cangas. Na verdade, talvez fossem australianos — é fácil confundir; seja como for, tinham um ar saudável, esportivo e bem alimentado. Eram o futuro do mundo. Foi nesse momento, vendo todos aqueles anglo-saxões jovens, impecáveis e cheios de futuro, que percebi como o turismo sexual era o futuro do mundo. Na mesa vizinha, duas tailandesas de uns trinta anos e formas generosas conversavam com animação; estavam com dois rapazes ingleses de cabeça raspada, estilo presidiários pós-modernos, que sugavam lentamente suas cervejas sem pronunciar uma palavra. Um pouco adiante, duas lésbicas alemãs de macacão, bastante rechonchudas, com cabelos curtos e vermelhos, desfrutavam da companhia de uma deliciosa adolescente de longa cabeleira negra e rosto puro, vestindo um sarongue multicolorido. Havia também dois árabes solitários, de nacionalidade indefinível, com as cabeças enroladas naquela espécie de pano de prato sob o qual reconhecemos Yasser Arafat em suas aparições na televisão. Em suma, o mundo rico ou semirrico estava ali, respondendo presente ao apelo imutável e doce da boceta asiática. O mais

estranho é que quase dava para adivinhar, na primeira olhada a cada casal, se as coisas iam rolar ou não. Em geral as garotas se entediavam, faziam cara de amuada ou resignada, e espiavam as outras mesas de esguelha. Mas algumas delas, com a vista fixa no companheiro e atitude de atenção amorosa, ficavam ligadas às suas palavras e respondiam a elas com animação; podia-se supor então que as coisas iriam mais longe, que surgiria uma amizade ou mesmo uma relação mais duradoura: eu sabia que não eram raros os casamentos, especialmente com alemães.

Quanto a mim, não estava com a menor disposição de puxar assunto com uma daquelas garotas de bar; esse tipo de conversa, sempre em torno da natureza e do custo da prestação sexual vindoura, normalmente é decepcionante. Eu preferia as casas de massagem, onde tudo começa pelo sexo; algumas vezes se desenvolve uma intimidade, outras não. Em certos casos se esboça uma continuação no hotel, e é aí que a gente percebe que a garota nem sempre está com vontade: às vezes ela é divorciada, tem filhos para cuidar; é triste, mas é assim mesmo. Enquanto terminava o meu arroz, criei a trama de um filme pornográfico de aventura intitulado *A casa de massagem*. Sirien, uma jovem tailandesa do norte, estava perdidamente apaixonada por Bob, um estudante americano que apareceu lá por acaso após uma noitada de muita bebida, arrastado pelos companheiros de copo. Bob não encostou um dedo nela, limitou-se a olhá-la com seus belos olhos azul-claros e a falar de sua terra — Carolina do Norte ou coisa parecida. Depois se encontraram muitas vezes, fora do trabalho de Sirien, mas infelizmente Bob precisava regressar ao seu país para cursar o último ano na universidade de Yale. Elipse. Sirien o esperou cheia de esperanças, enquanto satisfazia as exigências de seus muitos clientes. Embora pura de coração, ela punhetava e chupava com grande ardor os franceses barrigudos e bigodudos (papel secundário para Gérard Jugnot) e os alemães adiposos e carecas (papel secundário para um ator alemão). Afinal Bob volta e tenta tirá-la do seu inferno; mas a máfia chinesa não via as coisas da mesma forma. Bob pede ajuda ao embaixador dos Estados Unidos e à presidenta de uma associação humanitária contra o tráfico de jovens (papel secundário para Jane Fonda). Considerando a máfia chinesa (evocação das Tríades) e a cumplicidade dos generais tailandeses (dimensão política, apelo aos valores democráticos), podem-se prever tumultos e perseguições em Bangkok. Afinal Bob a leva consigo. Numa cena quase final, Sirien exhibe toda a sua ciência sexual, pela primeira vez com sinceridade. Todos aqueles paus que havia chupado, como humilde funcionária de uma casa de massagem, ela só havia chupado à espera do pau de Bob, que resumia todos os outros — enfim, ainda era preciso ver o diálogo. Fusão dos dois rios (o Chao Phraya e o Delaware).

Legenda de fim. Para o circuito europeu eu já imaginava uma publicidade específica, do tipo: “Você gostou de *A sala de música*; agora vai adorar *A casa de massagem*”. Enfim, tudo isso era vago, ainda me faltavam os sócios. Paguei e saí de lá; andei cento e cinquenta metros, evitando diversas propostas, e me vi em frente ao Pussy Paradise. Empurrei a porta e entrei. Três metros à minha frente reconheci Robert e Lionel, sentados diante de *irish coffees*. No fundo, atrás de um vidro, havia umas cinquenta garotas sentadas em degraus, com seus crachás numerados. Um garçom se aproximou rapidamente. Virando a cabeça, Lionel me viu e uma expressão de vergonha invadiu seu rosto. Robert também se virou e com um gesto lento me convidou a me sentar com eles. Lionel mordida o lábio, não sabia onde se enfiar. O garçom anotou meu pedido.

— Sou de direita... — disse Robert sem motivo aparente. — Mas veja bem...

Balançou o indicador em cima da mesa, como para me pôr de sobreaviso. Eu havia notado desde o começo da viagem que ele imaginava que eu era *de esquerda* e esperava uma oportunidade para iniciar uma conversa comigo; eu não tinha nenhuma intenção de entrar nesse joguinho. Acendi um cigarro, ele me esquadrinhou com severidade.

— A felicidade é uma coisa delicada — afirmou com voz sentenciosa. — É difícil encontrá-la em nós, e impossível fora de nós.

Ao cabo de alguns segundos, acrescentou com uma voz severa: “Chamfort”. Lionel o olhou com admiração, parecia completamente cativado. A frase me parecia discutível: invertendo “difícil” e “impossível”, talvez nos aproximássemos mais da realidade; mas eu não queria continuar o diálogo, achava imperativo voltar logo a uma situação turística normal. Além do mais, comecei a sentir tesão pela quarenta e sete, uma tailandesinha esbelta, até um pouco magra, mas com lábios grossos e um jeito simpático; estava usando uma minissaia vermelha e meias pretas. Consciente da minha atenção dispersa, Robert se dirigiu a Lionel.

— Acredito na verdade — disse em voz baixa —, acredito na verdade e no princípio da prova.

Escutando distraidamente, fui surpreendido ao ouvir que ele era professor de matemática e que na juventude tinha publicado trabalhos promissores sobre os grupos de Lie. Reagi com espanto a essa informação: então havia certas áreas, certos setores da inteligência humana em que ele fora o primeiro a ver nitidamente a verdade, a adquirir uma certeza absoluta e demonstrável dela. Confirmou quase com pesar.

— Naturalmente, tudo isso foi demonstrado num plano mais geral.

Depois começou a lecionar, sobretudo em cursos preparatórios; sem o menor prazer, dedicou seus anos de maturidade à formação de jovens estúpidos cuja obsessão era entrar nas grandes escolas de engenharia, a Politécnica ou a Central — e só os mais dotados conseguiam.

— De qualquer maneira — acrescentou —, eu não tinha o perfil de matemático criador. Isso é para poucos.

No final dos anos 1970, participou de uma comissão ministerial para a reforma do ensino de matemática — uma baboseira, como ele mesmo confessou. Agora tinha cinquenta e três anos; estava aposentado há três e se dedicava ao turismo sexual. Havia se casado três vezes.

— Sou racista — disse alegremente. — Fiquei racista. Um dos primeiros efeitos das viagens — explicou — é reforçar ou criar preconceitos raciais. De que maneira podemos imaginar os outros antes de conhecê-los? Como idênticos a nós, claro; e é só pouco a pouco que vamos tomando consciência de que a realidade é ligeiramente diferente. O ocidental, quando pode, *trabalha*; quase sempre seu trabalho o chateia ou exaspera, mas ele finge que se interessa: é fácil observar essas coisas. Aos cinquenta anos, farto do ensino, da matemática e de todo o resto, resolvi descobrir o mundo. Eu acabava de me divorciar pela terceira vez, e no campo sexual não tinha nenhuma expectativa em particular. Minha primeira viagem foi para a Tailândia; em seguida fui a Madagascar. Depois disso, nunca mais transei com uma branca nem senti desejo por elas. Acreditem— acrescentou apertando com força o antebraço de Lionel —, vocês nunca mais encontrarão a boa boceta, aquela boceta suave, dócil, leve e musculosa numa branca; isso desapareceu completamente.

A quarenta e sete percebeu que eu a olhava com insistência; sorriu para mim e cruzou as pernas bem no alto, mostrando uma cinta-liga escarlate. Robert continuava expondo suas concepções.

— Na época em que os brancos se consideravam superiores — disse —, o racismo não era perigoso. Para os colonos, missionários e educadores laicos do século XIX, o negro era um bicho não muito cruel e cheio de costumes divertidos, uma espécie de macaco um pouco mais evoluído. No pior dos casos, era considerado uma besta de carga útil, capaz de efetuar tarefas complexas; no melhor, uma alma rústica, mal desbastada porém capaz pela educação de elevar-se até Deus — ou até a razão ocidental. De qualquer maneira, era visto como um irmão inferior, e não se sente ódio por um inferior, no máximo uma cordialidade depreciativa. Esse racismo benévolo, quase humanista, desapareceu por completo. A partir do momento em que os brancos começaram a considerar os negros como iguais, ficou

claro que mais cedo ou mais tarde iriam considerá-los *superiores*. A noção de igualdade não tem qualquer fundamento no homem — continuou, levantando de novo o indicador. Pensei a certa altura que ele ia citar suas fontes — La Rochefoucauld ou sei lá quem —, mas afinal não citou. Lionel franziu a testa.

— Com os brancos considerando-se inferiores — continuou Robert —, sempre preocupados em serem compreendidos, está tudo pronto para a aparição de um novo tipo de racismo, baseado no masoquismo: historicamente, é nessas condições que se chega à violência, à guerra racial e ao massacre. Todos os antissemitas, por exemplo, concordam em atribuir aos judeus uma superioridade *de certa ordem*: se vocês lerem os escritos antissemitas da época, ficarão surpresos com o fato de que o judeu era considerado mais inteligente, mais esperto, com qualidades especiais no terreno das finanças — e, por outro lado, da solidariedade comunitária. Resultado: seis milhões de mortos.

Dei mais uma olhada na quarenta e sete: a espera é um momento excitante, gostaria de fazê-la durar muito mais; mas há sempre o risco de que a garota desapareça com outro cliente. Fiz um sinal para o garçom. “Eu não sou judeu!”, exclamou Robert, supondo que eu ia fazer alguma objeção. Poderia, de fato, objetar diversas coisas: afinal estávamos na Tailândia, e os indivíduos de raça amarela nunca foram considerados pelos brancos como “irmãos inferiores” e sim como seres evoluídos, membros de civilizações diferentes, complexas, eventualmente perigosas; também poderia lembrar que estávamos lá para trepar e que aquele tipo de discussão era pura perda de tempo; esta, aliás, era minha principal objeção. O garçom se aproximou da nossa mesa; com um gesto rápido, Robert mandou repetir as doses.

— *I need a girl* — pedi em voz baixa —, *the girl forty seven*. — O homem voltou para mim um rosto inquieto e interrogativo; um grupo de chineses tinha acabado de se instalar na mesa ao lado, fazendo um barulho terrível. — *The girl number forty seven!* — gritei separando as sílabas. Dessa vez ele entendeu, abriu um amplo sorriso e foi até um microfone situado em frente ao vidro, onde articulou algumas palavras. A garota se levantou, desceu os degraus e se dirigiu para uma saída lateral, alisando o cabelo.

— O racismo — continuou Robert dando-me uma olhada de esguelha — parece se caracterizar primeiro por uma antipatia crescente, uma sensação de competição mais violenta entre machos de raças diferentes; mas tem como corolário um incremento do desejo sexual pelas fêmeas da outra raça. O verdadeiro objeto da luta racial — disse Robert com clareza — não é econômico nem cultural, é biológico e brutal: é a competição pela vagina das mulheres jovens. — Senti que não ia demorar

a engatar com o darwinismo; nesse momento o garçom voltou à nossa mesa, acompanhado pela número quarenta e sete. Robert levantou os olhos, examinando-a longamente. — Você escolheu muito bem — concluiu sombrio —, ela tem um ar sacana.

A garota sorriu com timidez. Enfie uma mão por debaixo da saia e acaricie sua bunda, como para protegê-la. Ela se encostou em mim.

— É verdade, lá no meu bairro não são mais os brancos que mandam — interveio Lionel sem necessidade aparente.

— Exato! — aprovou Robert com firmeza. — Você está com medo, e tem razão para isso. Eu prevejo para os próximos anos um aumento da violência racial na Europa; tudo vai terminar numa guerra civil — disse, espumando ligeiramente —, tudo vai se resolver à la Kalachnikov. — Bebeu o coquetel num só gole; Lionel começava a olhar para ele com um pouco de apreensão. — E eu estou pouco ligando! — acrescentou, batendo com violência o copo na mesa. — Sou ocidental, mas posso morar onde bem entender. Por enquanto ainda sou eu que tem a grana. Já fui ao Senegal, ao Quênia, à Tanzânia, à Costa do Marfim. As garotas são menos hábeis que as tailandesas, é verdade, e menos doces, mas são bem-feitas de corpo e têm boceta cheirosa.

Algumas reminiscências certamente atravessaram sua cabeça neste momento, porque ele se calou de repente.

— *What is your name?* — aproveitei para perguntar à número quarenta e sete.

— *I am Sin* — disse ela.

Os chineses da mesa vizinha tinham escolhido, estavam indo para os quartos em meio aos seus cacarejos e risadas; voltou a reinar um relativo silêncio.

— Elas ficam de quatro, as negrinhas, mostrando a xoxota e o cu — continuou pensativo Robert —, e o interior da xoxota delas é todo rosa — acrescentou num murmúrio.

Eu me levantei também. Lionel me lançou um olhar de reconhecimento; estava visivelmente contente por eu sair antes com uma garota, era menos incômodo para ele.

Fiz um gesto com a cabeça dirigido a Robert para me despedir. Seu rosto de traços duros, crispado numa expressão amarga, percorreu a sala — e, mais além, o gênero humano — sem a menor delicadeza. Ele tinha se expressado, pelo menos teve essa oportunidade; senti que ia esquecê-lo bem rápido. De repente me pareceu um homem derrotado, acabado; senti que nem sequer tinha vontade realmente de fazer amor com aquelas garotas. A vida pode ser caracterizada como um processo de

imobilização, muito visível no buldogue francês — tão agitado na juventude, tão apático na idade madura. Em Robert, esse processo já estava bem avançado; talvez ele ainda tivesse ereções, mas nem mesmo isso era garantido; a gente sempre pode se fazer de malandro, dar a impressão de ter entendido alguma coisa da vida, e eis que de repente a vida se acaba. Minha história era similar à dele, compartilhávamos a mesma derrota; no entanto, eu não sentia nenhum tipo de solidariedade ativa com ele. Na ausência de amor, nada pode ser santificado. Por baixo da pele das pálpebras, manchas luminosas se fundem; surgem visões e sonhos. Isso não concerne mais ao homem, que espera a noite; e a noite chega. Paguei dois mil bahts ao garçom, que me levou até a porta dupla que dava para os quartos. Sin apertava a minha mão; ia tentar, durante uma ou duas horas, me fazer feliz.

Claro que é bem raro, numa casa de massagem, pegar uma garota com vontade de fazer amor. Logo que entramos no quarto, Sin se ajoelhou diante de mim, abaixou minha calça e a cueca e pôs meu sexo entre os lábios. Ficou duro na hora. Ela avançou os lábios e separou a glândula com pequenos golpes de língua. Fechei os olhos, uma vertigem me percorreu. Tive a impressão de que ia gozar na sua boca. Ela parou de repente, se despiu sorrindo, dobrou sua roupa e deixou-a numa cadeira. — *Massage laser...* — disse, deitando-se na cama; depois abriu as coxas. Eu já estava dentro dela, indo e vindo com força, quando percebi que tinha esquecido de botar uma camisinha. Segundo os relatórios de *Médecins du monde*, um terço das prostitutas tailandesas são soropositivas. Mesmo assim não posso dizer que tenha estremecido de terror; só estava ligeiramente contrariado. Decididamente essas campanhas de prevenção da aids tinham sido um fracasso total. De qualquer maneira, meu pau amoleceu um pouco. — *Something wrong?* — inquietou-se ela, erguendo o corpo com os cotovelos.

— *Maybe... a condom* — respondi com embaraço.

— *No problem, no condom... I'm o.k.!* — respondeu com bom humor.

Segurou meus colhões na cavidade de uma mão, pousou a palma da outra no meu pau. Eu me estendi de costas, abandonando-me à carícia. O movimento da mão foi se tornando mais rápido, senti o sangue afluindo de novo ao meu sexo. Afinal, devia haver controle sanitário ou coisa parecida. Quando fiquei de pau duro ela montou em cima de mim e desceu de uma vez só. Cruzei as mãos atrás dos seus quadris; sentia-me invulnerável. Ela começou a mexer as cadeiras em movimentos pequenos, o gozo chegava. Abriu suas coxas para penetrá-la mais fundo. O prazer era

intenso, quase inebriante, eu respirava bem lentamente para manter o controle, sentia-me reconciliado. Ela se deitou em cima de mim e esfregou com força o púbis no meu soltando gritinhos de prazer; ergui as mãos para lhe acariciar a nuca. Na hora do orgasmo ela ficou imóvel, deu um longo estertor e caiu contra o meu peito. Eu ainda estava dentro dela, senti sua boceta se contrair. Teve um segundo orgasmo, uma contração muito profunda, vinda do interior. Apertei-a involuntariamente em meus braços e ejaculei dando um grito. Ela permaneceu imóvel, com a cabeça apoiada no meu peito, durante uns dez minutos; depois se levantou e propôs que tomássemos um banho. Depois me enxugou muito delicadamente, dando-me batidinhas com a toalha como se faz com um bebê. Sentei no sofá e lhe ofereci um cigarro.

— *We have time...* — disse ela —, *we have a little time.*

Soube que tinha trinta e dois anos. Não gostava daquele trabalho, mas o marido tinha ido embora, deixando-a com dois filhos.

— *Bad man* — disse. — *Thai men, bad men.*

Perguntei se tinha amigas entre as outras garotas. Não muitas, respondeu; na maioria elas eram jovens e desmioladas, gastavam tudo o que ganhavam com roupas e perfumes. Ela não era assim, era séria, guardava o dinheiro num banco. Dentro de alguns anos poderia parar e voltar à sua aldeia; seus pais estavam velhos, precisavam de ajuda.

Na hora de ir embora, dei-lhe uma gorjeta de dois mil bahts; aquilo era ridículo, era dinheiro demais. Sin pegou as notas com incredulidade, agradeceu várias vezes com as mãos juntas à altura do peito.

— *You good man* — disse. Vestiu a minissaia e as meias; ainda havia duas horas antes de fechar. Foi comigo até a porta, juntou mais uma vez as mãos. — *Take care* — disse ainda —, *be happy.*

Saí de lá um pouco pensativo. No dia seguinte a partida estava marcada para as oito da manhã, era a última etapa da viagem. Perguntei-me como Valérie teria passado o seu dia livre.

— Comprei presentes para minha família — disse ela. — Descobri umas conchas maravilhosas.

O barco corria sobre águas azul-turquesa, entre falésias calcárias cobertas por uma mata espessa. Era exatamente assim que eu imaginava o cenário de *A ilha do tesouro*.

— Tenho que reconhecer, a natureza, enfim... ela é... — comecei a dizer. Valérie dirigiu-me um rosto atento; tinha amarrado o cabelo num coque, mas alguns cachos voavam ao vento nos dois lados do seu rosto. — A natureza, enfim, às vezes... — prossegui com desalento.

Deveriam existir *cursos de conversa*, como há cursos de dança de salão; eu tinha me dedicado demais à contabilidade, sem dúvida; tinha perdido o costume.

— Você se deu conta de que hoje é 31 de dezembro? — perguntou ela sem se perturbar.

Olhei em volta para o azul imutável, o oceano turquesa; não, na verdade não me dera conta. Foi preciso um bocado de coragem para os seres humanos colonizarem as regiões frias.

Sôn se levantou para falar ao grupo:

— Nós agora se aproximar Koh Phi Phi. Lá, eu já disse, não possível ir. Vocês botar roupa de banho para ir? Ir a pé, não profundo, caminhar. Caminhar dentro água. Não malas, malas mais tarde.

O piloto ultrapassou um obstáculo e desligou o motor; o barco continuou com o impulso até uma pequena baía que se curvava entre falésias cobertas de mata. A água, de um verde transparente, vinha bater numa praia cuja areia era de um branco perfeito, irreal. No meio da floresta, antes dos primeiros declives, viam-se cabanas de madeira construídas sobre estacas, com os tetos cobertos de palmas. Houve um momento de silêncio no grupo. “O paraíso terrestre...”, disse Sylvie suavemente, com um nó de real emoção na garganta. Um pouco exagerado. Ela não era Eva, a

bem da verdade. Nem eu, muito menos, Adão.

O pessoal do grupo se levantou, um atrás do outro, e atravessou o casco do barco. Ajudei Josette a descer até onde estava seu marido. Ela havia arregaçado a saia até quase a cintura e teve certa dificuldade para se levantar, mas estava encantada, explodindo de entusiasmo. Eu me virei; o marujo tailandês esperava, apoiado em seu remo, que todos os passageiros descessem. Valérie, com as mãos cruzadas sobre os joelhos, olhou para baixo e sorriu embaraçada. “Esqueci de usar roupa de banho”, disse afinal. Ergui lentamente as mãos em sinal de incompetência. “Posso ir até aí”, respondi estupidamente. Ela mordeu o lábio de irritação, levantou-se e tirou a calça num puxão único. Estava com uma calcinha de renda, bem fininha, nada apropriada para o espírito da excursão. Seus pelos púbicos saíam pelos lados, eram bem espessos e muito pretos. Não desviei o rosto, seria idiota, mas tampouco meu olhar foi insistente demais. Desci pela esquerda do barco, esticando o braço para ajudá-la; ela saltou depois. Estávamos com água até a cintura.

Antes de ir à praia, Valérie foi olhar novamente os colares de conchas que ia dar para as sobrinhas. Logo depois de receber o diploma, seu irmão conseguira um emprego de engenheiro de pesquisas na Elf. Após alguns meses de especialização interna, foi para a Venezuela — sua primeira missão. Um ano mais tarde, estava casado com uma moça do país. Valérie achava que ele não tivera muitas experiências sexuais antes disso; em todo caso, nunca tinha levado garotas para casa. Acontece muito com estudantes de engenharia; eles não têm tempo para sair, ter amigas. Seus momentos de lazer são dedicados a distrações sem consequência, como jogos de mímica inteligentes ou partidas de xadrez pela internet. Geralmente pegam seu diploma, arranjam o primeiro emprego e descobrem tudo ao mesmo tempo: o dinheiro, as responsabilidades profissionais, o sexo; quando são enviados para um país tropical, é raro que resistam. Bertrand se casou com uma mulher bem escura, de corpo maravilhoso; várias vezes, passando férias na casa dos pais, Valérie sentira uma violenta onda de desejo pela cunhada. Não conseguia imaginar seu irmão fazendo amor. Mas agora eles tinham duas filhas e pareciam formar um casal feliz. Não era nada difícil comprar um presente para Juana: ela gostava de joias, e as pedras claras ressaltavam maravilhosamente em sua pele marrom. Mas não havia achado nada para Bertrand. Quando os homens não têm vícios, pensou, é bastante difícil adivinhar o que lhes dá prazer.

Eu estava folheando o *Phuket Weekly* que encontrei num salão do hotel, quando vi Valérie andando pela praia. Um pouco adiante, um grupo de alemães tomava banho sem roupa. Ela vacilou um momento, depois se encaminhou em minha direção. O sol estava radiante, era quase meio-dia. De uma maneira ou de outra, eu precisava entrar no jogo. Babette e Léa passaram à nossa frente; ambas traziam bolsas atravessadas no torso, mas fora isso também estavam completamente nuas. Registrei essa informação sem ter qualquer reação. Valérie, ao contrário, observou longamente os passos das duas, com curiosidade e sem embaraço. Foram se instalar perto dos alemães.

— Acho que vou nadar — comentei.

— Eu vou mais tarde — respondeu ela.

Entrei na água sem qualquer resistência. Estava morna, transparente, deliciosamente calma; peixinhos prateados nadavam perto da superfície. O declive era bem suave, a cem metros da areia ainda dava pé. Tirei a pica do calção de banho, fechei os olhos e imaginei o sexo de Valérie tal como o vira naquela manhã, aparecendo através da calcinha de renda. Fiquei de pau duro, o que já era alguma coisa, uma boa motivação. Por outro lado, pensei, é preciso viver e ter relações humanas; eu estava muito tenso, havia muito tempo. Deveria, talvez, fazer alguma atividade noturna, jogar badminton, cantar num coral ou coisa parecida. As únicas mulheres de quem conseguia lembrar eram aquelas que eu tinha comido. Isso também não significa nada, nós cultivamos lembranças para estar menos sós na hora da morte. Eu não deveria pensar desse jeito. “*Think positive*”, disse apavorado, “*think different*.” Voltei lentamente para a praia dando uma parada a cada dez braçadas e respirando fundo para me acalmar. A primeira informação que me chegou à consciência quando pisei na areia foi que Valérie estava sem a parte de cima do biquíni. Por enquanto estava deitada de bruços, mas ia se virar, isso era tão inevitável quanto um movimento planetário. Em que estava pensando mesmo? Sentei na toalha arqueando um pouco o corpo. “*Think different*”, repetia para mim mesmo. Já tinha visto seios, já havia acariciado e lambido; dessa vez, porém, fiquei em estado de choque. Eu já desconfiava que ela tinha seios magníficos, mas era ainda mais impressionante do que podia imaginar; não conseguia tirar os olhos daqueles mamilos, daquelas aréolas. Ela não podia ignorar o meu olhar; no entanto, ficou em silêncio durante uns segundos que me pareceram intermináveis. O que acontece de fato na cabeça das mulheres? Elas aceitam tão facilmente as regras do jogo... Às vezes, quando se contemplam, nuas, em pé diante de um espelho, há em seu olhar uma espécie de realismo, uma avaliação fria da própria capacidade de

sedução que nenhum homem jamais conseguirá ter. Fui o primeiro a abaixar a vista.

Transcorreu então um período de tempo que eu não consigo definir; o sol ainda estava na vertical, a luz extremamente forte. Meu olhar continuava fixo na areia, branca e pulverizada.

— Michel... — disse ela com suavidade. Ergui a cabeça bruscamente, como se tivesse levado um golpe. Seus olhos muito castanhos mergulharam nos meus. — O que as tailandesas têm que as ocidentais não têm? — perguntou diretamente. Dessa vez tampouco consegui sustentar seu olhar; o peito dela arfava ao ritmo da respiração; os mamilos me pareceram estar endurecidos. Então, naquele preciso momento, tive vontade de responder: “Nada”. Depois me veio uma ideia, uma ótima ideia.

— Tem um artigo aqui, uma espécie de reportagem... — dei-lhe o *Phuket Weekly*.

— “*Find your longlife companion... Well educated Thai ladies*”, é isso?

— É, mais adiante tem uma entrevista. — Era Cham Sawanasee, sorridente, de terno preto e gravata escura, respondendo às dez perguntas que se podem fazer (“*Ten questions you could ask*”) sobre o funcionamento da agência Heart to Heart, que ele dirigia.

“*There seems to be*”, observava Mr. Sawanasse, “*a near perfect match between the Western men, who are unappreciated and get no respect in their own countries, and the Thai women, who would be happy to find someone who simply does his job and hopes to come home to a pleasant family life after work. Most Western women do not want such a boring husband.*”

“*One easy way to see this*”, continuava, “*is to look at any publication containing ‘personal’ ads. The Western women want someone who looks a certain way, and who has certain ‘social skills’, such as dancing and clever conversation, someone who is interesting and exciting and seductive. Now go to my catalogue, and look at the girls say they want. It’s all pretty simple, really. Over and over they state that they are happy to settle down FOREVER with a man who is willing to hold down a steady job and be a loving and understanding HUSBAND and FATHER. That will get you exactly nowhere with an American girl!*”

“*As Western women*”, concluía com audácia, “*do not appreciate men, as they do not value traditional family life, marriage is not the right thing for them to do. I’m helping modern Western women to avoid what they despise.*”

— Faz sentido o que ele diz — comentou Valérie com tristeza. — Sem dúvida, há um mercado... — largou a revista e ficou pensativa. Nesse momento Robert passou à nossa frente, percorrendo a praia com as mãos cruzadas atrás das costas e um olhar sombrio. Valérie desviou bruscamente a vista para o outro lado. — Não gosto desse sujeito — bufou com irritação.

— Ele não é bobo. — Fiz um gesto indiferente.

— Não é bobo, mas não gosto dele. Faz todo o possível para chocar os outros, para ser antipático; não gosto disso. Você, pelo menos, tenta se adaptar.

— Ah, é? — perguntei com um olhar surpreso.

— É. Claramente se nota que você não está bem, que não foi feito para este tipo de férias; mas pelo menos faz um esforço. No fundo, acho que deve ser um cara bem legal.

Nesse momento eu poderia, e deveria, agarrá-la, acariciar seus seios, beijar seus lábios; estupidamente, não fiz nada. A tarde se esticava, o sol avançava sobre as palmeiras; trocamos algumas palavras insignificantes.

Para a ceia de Réveillon, Valérie pôs um vestido longo de tecido verde bem suave, ligeiramente transparente, com um bustiê que realçava os seios. Depois da sobremesa, uma orquestra começou a tocar no terraço, com um cantor velho e bizarro fanhoseando *slow rocks* de Bob Dylan. Babette e Léa aparentemente haviam se incorporado ao grupo de alemães, eu ouvia as exclamações vindas do lado deles. Josette e René dançavam, ternamente enlaçados, como gentis salsicheiros. A noite estava quente; mariposas se aglomeravam em volta dos lampiões multicoloridos pendurados na balaustrada. Eu me sentia oprimido e bebia um uísque atrás do outro.

— O que aquele cara dizia, na entrevista no jornal...

— Sim... — Valérie ergueu os olhos em minha direção; estávamos sentados lado a lado num banco de palhinha. Seus seios se arredondavam dentro do bustiê como oferendas no interior de pequenas conchas. Ela estava bem maquiada, e seu cabelo longo flutuava solto às suas costas.

— Acho que aquilo é verdade em relação aos americanos, mas para os europeus a coisa não é bem assim.

Fez uma careta de indecisão e ficou calada. Sem sombra de dúvida, o que eu devia fazer era convidá-la para dançar. Bebi outro uísque, me encostei no banco, inspirei

profundamente.

Quando acordei, a sala estava quase deserta. O cantor continuava cantarolando em tailandês, lentamente acompanhado pelo baterista; ninguém mais o ouvia. Os alemães tinham sumido, mas Babette e Léa estavam numa animada conversa com dois italianos surgidos não se sabe de onde. Valérie tinha ido embora. Eram três da manhã, hora local; o ano 2001 começava. Em Paris, a virada oficial ocorreria dentro de três horas; em Teerã era exatamente meia-noite, e cinco da manhã em Tóquio. A humanidade, em suas diferentes variedades, entrava no terceiro milênio; no meu caso, a passagem tinha sido um verdadeiro fracasso.

Voltei à minha cabana, arrasado de vergonha; no jardim ouviam-se risos. No meio da alameda de areia dei com um sapinho cinza, imóvel. Ele não fugiu, não tinha o menor reflexo de defesa. Mais cedo ou mais tarde alguém iria pisar nele sem perceber; sua coluna vertebral se quebraria, suas carnes trituradas se misturariam com a areia. O transeunte sentiria algo mole debaixo da sola, soltaria um breve palavrão e depois limparia os sapatos esfregando no solo. Empurrei o sapo com o pé: sem se apressar, ele procurou o abrigo relativo da grama; talvez eu tenha prolongado sua vida por algumas horas. Sentia-me numa posição pouco superior à dele: não cresci num casulo familiar ou algo semelhante que pudesse se preocupar com a minha sorte, apoiar-me em caso de desespero ou se extasiar com minhas aventuras e sucessos. Tampouco fundei uma entidade desse tipo: sou um celibatário sem filhos; ninguém ia ter a infeliz ideia de vir se pendurar nas minhas costas. Como um animal, eu tinha vivido sozinho e agora morria sozinho. Durante alguns minutos chafurdei numa compaixão sem objeto.

Mas, vendo as coisas de outro ponto de vista, eu era um bloco resistente, compacto, de tamanho superior à média das espécies animais; minha expectativa de vida era análoga à de um elefante ou de um corvo; era uma coisa bem mais difícil de destruir que um pequeno batráquio.

Passei os dois dias seguintes escondido na cabana. De vez em quando saía, esgueirando-me pelos muros, e ia até o mercadinho comprar pistaches ou garrafas de Mekong. Não podia nem pensar em encontrar Valérie no bufê do almoço ou na praia. Há coisas que se podem fazer e outras que parecem demasiado difíceis. Pouco a pouco, tudo se torna demasiado difícil; a vida se resume a isso.

Na tarde do dia 2 de janeiro, encontrei debaixo da porta um questionário sobre o

grau de satisfação dos clientes em relação aos serviços da Novas Fronteiras. Preenchi o papel escrupulosamente, marcando em geral as respostas “Bom”. E era verdade, em certo sentido tudo estava bom. Minhas férias haviam transcorrido de maneira normal. A excursão tinha sido cool, mas com um perfume de aventura; correspondia à descrição. No item “Observações pessoais”, escrevi a seguinte quadrinha:

*Pouco depois de acordar me sinto transportado
A um outro universo, de nítido quadriculado.
Conheço a vida e suas facetas, de frente e de costas
É como um questionário em que se marcam as respostas.*

Na manhã do dia 3 de janeiro, arrumei as malas. Quando me viu no barco, Valérie abafou uma exclamação; eu virei o rosto para o outro lado. Sôn se despediu de nós no aeroporto de Phuket; estávamos adiantados, o avião só sairia dentro de três horas. Depois das formalidades do check-in, fiquei perambulando pelo setor comercial. Embora o saguão do aeroporto fosse coberto, as lojas tinham forma de cabana, com montantes de teca e folhas de palmeira no teto. A oferta de produtos mesclava os padrões internacionais (lenços Hermès, perfumes Yves Saint-Laurent, bolsas Vuitton) com manufaturas locais (conchas, bibelôs, gravatas de seda tailandesa); todos os artigos estavam marcados com códigos de barra. Em poucas palavras, as lojas do aeroporto ainda constituíam um espaço de vida nacional, mas de vida nacional acolchoada, enfraquecida, totalmente adaptada aos padrões do consumo mundial. Para o viajante em fim de linha, era um espaço intermediário, ao mesmo tempo menos interessante e menos assustador que o resto do país. Eu tinha a intuição de que o conjunto do planeta iria se parecer cada vez mais com um aeroporto.

Passando em frente ao Coral Emporium, senti uma vontade repentina de comprar um presente para Marie-Jeanne; afinal, só tinha a ela no mundo. Um colar, um broche? Estava pesquisando numa bandeja quando percebi Valérie a dois metros de mim.

- Estou tentando escolher um colar — disse com hesitação.
- Para uma morena ou uma loira? — Em sua voz havia uma ponta de amargura.
- Loira de olhos azuis.
- Então é melhor escolher um coral claro.

Mostrei meu cartão de embarque à garota do balcão. Na hora de pagar, disse a Valérie, num tom bastante lastimável:

— É para uma colega de trabalho.

Ela me olhou de um jeito estranho, como se estivesse hesitando entre me dar um tabefe ou cair na gargalhada, mas me acompanhou por alguns metros, até a saída da loja. A maioria dos membros do grupo estava sentada nos bancos da sala de espera; aparentemente já haviam acabado de fazer suas compras. Parei, respirei profundamente e me virei para Valérie.

— Poderíamos nos ver em Paris — disse por fim.

— Você acha? — replicou ela, cortante.

Eu não respondi, limitei-me a olhar para ela outra vez. Em certo momento tive a intenção de dizer: “Seria uma pena...”, mas não tenho certeza de haver pronunciado as palavras.

Valérie passou os olhos em volta, percebeu Babette e Léa no banco mais próximo e desviou o rosto com irritação. Depois tirou uma agenda da bolsa, arrancou uma folha e escreveu rapidamente alguma coisa. Quando me entregou o papel, fez menção de falar, desistiu, deu meia-volta e se juntou ao grupo. Olhei de relance antes de guardá-lo no bolso: era um número de celular.

SEGUNDA PARTE

Vantagem competitiva

1

O avião aterrisou em Roissy às onze; fui um dos primeiros a pegar a bagagem. Ao meio-dia e meia estava em casa. Era sábado, podia sair para fazer compras, trazer uns enfeites para a casa etc. A Rue Mouffetard estava sendo varrida por um vento glacial e não havia nada que parecesse valer a pena. Militantes pelos direitos dos animais vendiam adesivos amarelos. Após o período das festas, sempre há uma ligeira redução no consumo alimentar doméstico. Comprei um frango assado, duas garrafas de Graves e o último número de *Hot Video*. Era uma opção pouco ambiciosa para o fim de semana; não achei que merecesse mais. Devorei metade do frango, com sua pele carbonizada e gordurosa, levemente enjoativa. Pouco depois das três, liguei para Valérie. Ela atendeu ao segundo toque. Sim, estava livre naquela noite; para jantar, ótimo. Eu podia passar para buscá-la às oito; morava na Avenue Reille, perto do parque Montsouris.

Abriu a porta, vestida com uma calça de moletom branca e uma camiseta curta. “Não estou pronta”, disse, prendendo o cabelo atrás da nuca. O movimento fez seus seios subirem, vi que não estava usando sutiã. Então pus as mãos em sua cintura e aproximei meu rosto do dela. Valérie abriu os lábios e de repente enfiou a língua na minha boca. Fui tomado por uma excitação violenta, a ponto de quase desmaiar, e imediatamente fiquei de pau duro. Sem afastar seu púbis do meu, ela puxou a porta, que se fechou com um ruído seco.

A sala, só iluminada por um abajur de canto, parecia imensa. Valérie me puxou pela cintura e levou-me às cegas até o quarto. Perto da cama, beijou-me de novo. Levantei sua camiseta para acariciar-lhe os seios, ela murmurou alguma coisa que não entendi. Ajoelhei-me à sua frente, puxando para baixo a calça e a calcinha, e depois apoiei o rosto em seu sexo. A fenda estava úmida, aberta, cheirava bem. Ela deu um gemido e se mexeu na cama. Tirei a roupa bem rápido e entrei no seu corpo. Meu pau estava quente, tomado por intensas fisgadas de prazer.

— Valérie — disse —, não vou aguentar muito tempo, estou excitado demais.
Ela me atraiu para perto de si e cochichou no meu ouvido:
— Vem...

Neste momento senti as paredes de sua boceta fechando-se sobre o meu sexo. Tive a impressão de desvanecer no espaço, só meu sexo estava vivo, atravessado por uma onda de prazer incrivelmente violenta. Ejaculei profusamente, várias vezes; no instante final, percebi que estava uivando. Não me importaria de dar a vida por um momento assim.

Peixes amarelos e azuis nadavam ao meu redor. Estava em pé dentro da água, equilibrando-me a alguns metros da superfície iluminada pelo sol. Valérie me dava as costas um pouco adiante, também em pé, diante de um recife de coral. Estávamos nus. Eu sabia que aquela estranha sensação de peso se devia a uma modificação na densidade dos oceanos, mas me surpreendi por conseguir respirar. Com algumas braçadas me juntei a ela. O recife estava repleto de organismos fosforescentes, prateados, em forma de estrelas. Pus a mão em seus seios, a outra na parte de baixo do ventre. Ela se arqueou, suas nádegas se apertaram contra meu sexo.

Acordei na mesma posição; ainda era de noite. Abri suavemente as coxas de Valérie para penetrá-la. Ao mesmo tempo, molhei os dedos para acariciar seu clitóris. Percebi que estava acordada quando começou a gemer. Ergueu-se e ficou de quatro na cama. Comecei a penetrá-la cada vez mais forte — senti que ela ia gozar, estava respirando rápido. No momento do orgasmo teve um sobressalto e deu um grito lancinante; depois ficou imóvel, como se estivesse exaurida, aniquilada. Saí de dentro dela e me deitei ao seu lado. Valérie então relaxou e me abraçou; estávamos suando.

— Que agradável ser acordada pelo prazer — disse, passando a mão no meu peito.

Quando acordei de novo, já era dia; eu estava sozinho na cama. Levantei-me e atravessei o quarto. A sala era de fato muito ampla, com o pé-direito alto. Estantes cobriam as paredes ao longo de um mezanino acima do sofá. Valérie tinha saído; na mesa da cozinha deixara pão, queijo, manteiga, geleias. Eu me servi uma xícara de café e voltei para a cama. Ela apareceu dez minutos mais tarde, com croissants e pães

de chocolate; trouxe uma bandeja para o quarto.

— Está um frio danado lá fora — disse enquanto tirava a roupa. Tornei a pensar na Tailândia.

— Valérie — perguntei com hesitação —, o que você pensa de mim? Não sou bonito nem muito divertido; não consigo entender por que atraio você. — Ela me olhou sem dizer nada; estava quase nua, só com a calcinha. — Estou falando sério — insisti. — Sou um cara comum, não muito simpático, quase resignado a uma vida enfadonha. E então você chega, é amável e carinhosa comigo e me dá muito prazer. Não entendo mesmo. Acho que está procurando em mim alguma coisa que não tenho. Vai se desiludir, com certeza.

Ela sorriu, tive a impressão de que tentou falar; depois pôs a mão no meu saco e aproximou o rosto. Comecei a ficar de pau duro na hora. Enrolou uma mecha de seus cabelos na base do meu sexo e depois começou a me acariciar com a ponta dos dedos.

— Não sei — murmurou sem interromper o que estava fazendo. — Para mim é agradável que você não seja lá muito seguro de si mesmo. Eu o desejei muito nessa viagem. Era horrível, pensava nisso todos os dias.

Pressionou meus ovos com mais força, envolvendo-os na palma da mão. Com a outra, pegou um pouco de geleia de framboesa e espalhou sobre o meu sexo; depois começou a lamber cuidadosamente, em lentas lambidas. O prazer aumentava cada vez mais, eu abri as pernas num esforço desesperado para me controlar. Meio na brincadeira, começou a movimentar a mão um pouco mais rápido, pressionando a pica em sua boca. No momento em que a língua titilou o freio da glândula, ejaculei violentamente na boca semiaberta. Ela engoliu com um pequeno grunhido, depois circundou a ponta do meu pau com os lábios, para recolher as últimas gotas. Fui invadido por uma incrível maré de relaxamento, como uma vaga se insinuando em cada uma das minhas veias. Ela tirou a boca, depois se estendeu ao meu lado, apertando-se contra mim.

— Na noite de 31 de dezembro quase bati na porta do seu quarto, mas perdi a coragem. Tinha certeza de que nada mais ia acontecer entre nós; e o pior é que nem consegui ficar zangada. As pessoas conversam muito nas viagens organizadas, mas não passa de camaradagem artificial, todos sabem muito bem que nunca mais vão se encontrar. É muito raro que tenham relações sexuais.

— Você acha?

— Eu sei disso, conheço pesquisas sobre o assunto. Nos resorts acontece a mesma coisa. É um problema para eles, aliás, porque o sexo era o único interesse da coisa.

Há dez anos a ocupação dos resorts vem diminuindo regularmente, e as tarifas tendem a baixar. A única explicação verdadeira é que as relações sexuais em períodos de férias se tornaram quase impossíveis. Os únicos lugares que se salvam um pouco são os que têm uma grande clientela homossexual, como Corfu ou Ibiza.

— Você está muito bem informada — disse com surpresa.

— Claro, trabalho com turismo. — Ela sorriu. — Isto também é uma constante nas viagens organizadas: fala-se pouquíssimo da vida profissional. É uma espécie de parêntese lúdico, totalmente centrado no que os organizadores chamam de “prazer da descoberta”. Os participantes concordam tacitamente em evitar assuntos sérios, como trabalho ou sexo.

— Você trabalha onde?

— Na Novas Fronteiras.

— Então estava lá profissionalmente? Para fazer um relatório ou algo assim?

— Não, eu estava realmente de férias. Tive um bom desconto, obviamente, mas era o meu período de férias. Faz cinco anos que trabalho lá, e foi a primeira vez que viajei com eles.

Preparando uma salada de tomates com moçarela, Valérie me falou de sua vida profissional. Em março de 1990, três meses antes de terminar o segundo grau, começou a se perguntar o que faria com seus estudos — e, de maneira geral, com sua vida. Depois de muita dificuldade, seu irmão mais velho conseguira entrar para a escola de geologia de Nancy; agora tinha acabado de se formar. Sua carreira de engenheiro-geólogo provavelmente se desenvolveria em estabelecimentos de mineração, ou então em plataformas petrolíferas, de todo modo bem longe da França. Ele gostava de viajar. Ela também, quer dizer, mais ou menos; afinal decidiu fazer um curso de turismo. A dedicação intelectual necessária para estudos prolongados não parecia combinar com sua natureza.

Foi um erro, como não demorou a perceber. O nível de sua turma era extremamente baixo, ela se saía bem sem o menor esforço nas avaliações constantes e podia supor, razoavelmente, que obteria o diploma quase sem perceber. Paralelamente, inscreveu-se em matérias que lhe dariam uma equivalência em “Letras e ciências humanas”. Quando concluiu o curso de turismo, começou um mestrado de sociologia. Lá também ficou decepcionada rapidamente. O assunto era interessante, devia haver coisas a descobrir, mas os métodos de trabalho propostos e as teorias ensinadas lhe pareceram de um simplismo ridículo: tudo aquilo cheirava a

ideologia, imprecisão e amadorismo. Parou no meio do ano, sem receber o certificado, e conseguiu um emprego de vendedora numa sucursal da agência Kuoni em Rennes. Duas semanas depois, quando tratava do aluguel de um conjugado, Valérie percebeu: a armadilha tinha-se fechado; daí por diante estava no mundo do trabalho.

Ficou um ano na agência Kuoni de Rennes, onde se revelou uma vendedora muito boa. “Não era difícil”, contou, “bastava fazer os clientes falarem, interessar-se por eles. Afinal de contas, é bastante raro as pessoas se interessarem pelas outras.” A diretoria lhe propôs então um cargo de assistente de produtos na sede de Paris. Teria que participar da concepção das excursões, prever os itinerários e as visitas, negociar preços com os hoteleiros e os prestadores de serviço locais. Lá também se saiu bastante bem. Seis meses mais tarde respondeu a um anúncio da Novas Fronteiras oferecendo um emprego do mesmo tipo. Foi então que sua carreira decolou de verdade. Entrou na equipe de Jean-Yves Frochot, um jovem formado na Haute École de Commerce que não entendia muito de turismo; o rapaz gostou dela, confiou nela e, embora teoricamente fosse seu chefe, lhe deu poder para tomar iniciativas.

— O legal, com Jean-Yves, é que ele assumiu a ambição em meu lugar. Toda vez que precisei negociar uma promoção ou um aumento, ele negociou por mim. Agora é o responsável por nossos produtos internacionais — é ele quem supervisiona a criação das excursões, e eu continuo sendo sua assistente.

— Você deve ganhar bem.

— Quarenta mil francos por mês. Quer dizer, agora temos que falar em euros. Um pouco mais de seis mil euros.

Olhei para Valérie com surpresa.

— Não esperava por isso — disse.

— É porque nunca me viu de tailleur.

— Você tem um tailleur?

— Não tem muita utilidade, eu trabalho quase exclusivamente pelo telefone. Mas quando é necessário, sim, posso usar o tailleur. Tenho até cinta-liga. Podemos experimentar um dia desses, se você quiser.

Foi nesse instante que percebi, com uma doce incredulidade, que iria voltar a estar com Valérie e que provavelmente seríamos felizes. Foi uma alegria imprevista demais, senti vontade de chorar. Precisava mudar de assunto.

— Como é o Jean-Yves?

— Normal. Casado, dois filhos. Trabalha muito, leva serviço para casa no fim de semana. Enfim, um jovem executivo normal, bastante inteligente, bastante ambicioso; mas é boa gente, nem um pouco problemático. Eu me entendo bem com ele.

— Não sei bem por quê, mas gosto da ideia de que você é rica. Na verdade não tem a menor importância, mas fico contente.

— De fato sou bem-sucedida, ganho um bom salário; mas pago quarenta por cento de impostos e um aluguel de dez mil francos por mês. Não tenho certeza de que me saí tão bem assim: se os meus resultados piorarem, não vão hesitar em me mandar embora; já aconteceu com outros. Se eu tivesse ações, aí sim, estaria mesmo rica. No começo, a Novas Fronteiras não passava de uma empresa de descontos em voos. Só se tornou a maior operadora de turismo francesa em função do conceito e da relação qualidade-preço dos seus produtos, em boa parte graças ao nosso trabalho, meu e de Jean-Yves. Em dez anos o valor da empresa se multiplicou por vinte; e, como Jacques Maillot ainda é dono de trinta por cento do total, posso dizer que fez fortuna graças a mim.

— Você já esteve com ele?

— Várias vezes, não gosto dele. Aparentemente é um católico demagogo que se comporta de maneira ridícula, com suas gravatas coloridas e suas motonetas; mas no fundo é um sacana hipócrita e cruel. Antes do Natal, Jean-Yves foi procurado por uma firma de recrutamento de executivos; ia se reunir com eles nestes dias, a esta altura já deve saber o que queriam. Prometi ligar para ele assim que voltasse.

— Telefona, então; é importante.

— É... — parecia vacilar um pouco, a lembrança de Jacques Maillot a tinha deixado sombria. — Minha vida também é importante. Para dizer a verdade, ainda estou com vontade de fazer amor.

— Não sei se vou conseguir logo.

— Então me chupa. Vai me fazer bem.

Valérie se levantou, tirou a calcinha e se instalou comodamente no sofá. Eu me ajoelhei diante dela, abri seus lábios e comecei a dar pequenas lambidas no clitóris. “Mais forte”, murmurou. Coloquei um dedo no seu cu, me aproximei e beijei o botão, amassando-o com a boca. “Ai, ai...”, disse ela. Aumentei a força dos meus beijos. Ela gozou de uma vez só, sem eu esperar, com um grande estremecimento

em todo o corpo.

— Vem para perto — eu me sentei no sofá. Valérie se aconchegou ao meu corpo, pôs a cabeça em minhas coxas. — Quando perguntei o que as tailandesas têm a mais que a gente, você não me respondeu de verdade; só me mostrou a entrevista daquele diretor da agência matrimonial.

— O que ele disse é verdade. Muitos homens têm medo das mulheres modernas porque só querem uma boa esposa, que limpe a casa e tome conta das crianças. Isso não acabou, é verdade, mas no Ocidente não se pode mais confessar esse tipo de desejo. É por isso que tantos homens se casam com asiáticas.

— Certo. — Ela pensou por um instante. — Mas você não é assim; vejo que não se incomoda por eu ter um cargo de responsabilidade e um bom salário; não dá a menor impressão de estar assustado. Mas mesmo assim foi às casas de massagem e não tentou me paquerar. Isso é o que não entendo. O que elas têm, aquelas garotas? Realmente fazem amor melhor do que nós?

A voz dela parecia ligeiramente alterada nas últimas palavras; eu estava emocionado, demorei um minuto para conseguir responder.

— Valérie — disse por fim —, nunca conheci ninguém que faça amor tão bem como você; o que estou sentindo desde ontem à noite é quase incrível. — Fiz uma pausa antes de continuar. — Talvez você não consiga perceber, mas você é uma exceção. Hoje em dia é muito raro encontrar mulheres que sintam prazer e queiram dá-lo. Seduzir uma mulher que a gente não conhece, trepar com ela, tornou-se uma fonte de vexames e problemas. Só de pensar nas conversas chatas que é preciso aturar até levar uma fêmea para a cama, e lembrar que na maioria dos casos ainda acaba sendo uma amante decepcionante, além de encher o saco com seus problemas, falar dos antigos casos — dando, de passagem, a impressão de que você não está à altura deles —, e que vai ter que passar pelo menos o resto da noite com ela, pode-se entender por que os homens preferem evitar um bocado de problemas em troca de uma pequena quantia. Quando têm um pouco de idade e experiência, querem evitar o amor; acham mais simples transar com putas. Quer dizer, não as putas do Ocidente, essas não valem a pena, são uns verdadeiros rebotelhos, e de qualquer maneira os homens não têm tempo durante o ano, trabalham demais. Então a maioria deles não faz coisa nenhuma, e só alguns, muito de vez em quando, gastam um pouquinho em turismo sexual. E isso no melhor dos casos: transar com putas ainda significa ter algum contato humano. Há também aqueles que acham mais fácil se masturbar na internet ou com filmes pornô. Assim que a pica cospe o seu jatinho, ficam mais tranquilos.

— Entendo — disse ela após um longo silêncio. — Entendo o que você quer dizer. Mas não acredita que os homens ou as mulheres podem mudar?

— Não acho que as coisas possam voltar atrás. O que provavelmente vai acontecer é que as mulheres vão ficar cada vez mais parecidas com os homens; por enquanto, ainda estão muito interessadas em seduzir, enquanto os homens, no fundo, pouco se importam com sedução, o que querem mesmo é trepar. A sedução só interessa a alguns sujeitos que não têm uma atividade profissional excitante nem alguma outra fonte de interesse na vida. Na medida em que as mulheres se dediquem mais a suas vidas profissionais, aos seus projetos pessoais, também vão achar mais simples pagar para trepar e se interessarão pelo turismo sexual. As mulheres podem se adaptar aos valores masculinos; às vezes com dificuldade, mas podem fazê-lo. A história já provou.

— Quer dizer que geralmente a coisa começa mal.

— Muito mal — confirmei, com uma satisfação sombria.

— Então tivemos sorte.

— Eu tive a sorte de encontrar você, sim.

— Eu também — disse ela olhando-me nos olhos. — Eu também tive sorte. Os homens que conheço são uma coisa horrível, nenhum deles acredita em relações amorosas; geralmente vêm com uma conversa fiada sobre amizade, cumplicidade, enfim, todos esses papos que não levam a nada. Cheguei ao ponto de não suportar mais a palavra *amizade*, ela me deixa doente. Ou então, a outra saída: aqueles que se casam, que se prendem o mais cedo possível e só pensam na própria carreira. Você não era um desses, evidentemente; mas também percebi de cara que nunca iria me falar de *amizade*, não seria tão vulgar. Eu sempre achei que íamos dormir juntos e que seria uma coisa forte; mas também podia não dar em nada, aliás, isso era o mais provável. — Ela se interrompeu, deu um suspiro de irritação. — Enfim — disse com resignação —, vou ligar para o Jean-Yves.

Fui me vestir no quarto enquanto ela pegava o telefone.

— Sim, ótimas férias... — ouvi; um pouco mais tarde, uma exclamação: — Quanto?...

Quando voltei para a sala, ela estava com o fone na mão e parecia pensativa; ainda não havia se vestido.

— Jean-Yves se encontrou com o cara da firma de recrutamento — disse. — Eles propuseram cento e vinte mil francos por mês. Estão querendo me incluir também e parece que podem chegar a oitenta mil. Marcaram uma reunião amanhã de manhã para conversar sobre o trabalho.

- É para trabalhar onde?
- Na divisão de lazer do grupo Aurore.
- É uma empresa importante?
- Acho que sim, é o principal grupo hoteleiro do mundo.

2

*Compreender o comportamento do consumidor para se aproximar dele,
propor-lhe o produto certo no momento certo e, antes de mais nada,
convencê-lo de que o produto oferecido se adapta às suas necessidades:
eis o que todas as empresas sonham.*

Jean-Louis Barma, *À Quoi Rêvent les Entreprises*
[Com que sonham as empresas]

Jean-Yves acordou às cinco da manhã e olhou para a mulher, que ainda dormia. Tinham passado um fim de semana horrível na casa de seus pais — sua mulher não suportava a vida no campo. Nicolas, o filho de dez anos, também detestava o Loiret, porque não podia levar o computador, e não gostava dos avós, porque achava que não cheiravam bem. É verdade que seu pai estava decaído, cada vez mais desleixado, e só se interessava por seus coelhos. O único ponto suportável nesses fins de semana era a sua filha, Angélique: aos três anos, ela ainda era capaz de se extasiar com vacas e galinhas; mas agora estava doente, havia passado boa parte daquelas noites chorando e gemendo. Quando chegaram em casa, depois de três horas de engarrafamento, Audrey tinha resolvido sair com uns amigos. Ele preparou um prato congelado que comeu vendo um filme americano medíocre sobre um *serial killer* autista — o argumento se inspirava, ao que parece, num fato real: o homem havia sido o primeiro doente mental executado em Nebraska em mais de sessenta anos. O filho não quis jantar, mergulhou de cabeça num jogo de *Total Annihilation* — ou talvez fosse *Mortal Kombat II*, Jean-Yves os confundia. De vez em quando ia até o quarto da filha para tentar acalmar seus berros. Adormeceu por volta da uma da madrugada; Audrey ainda não tinha regressado.

Acabou voltando, pensou ele enquanto preparava um café na máquina de

expresso; dessa vez, pelo menos. O escritório de advocacia onde ela trabalhava tinha *Libération* e *Le Monde* entre seus clientes; por isso começara a frequentar um ambiente de jornalistas, apresentadores de televisão e políticos. Essa gente saía muito, às vezes ia a lugares estranhos — um dia, folheando um livro, ele encontrou o menu de um bar de fetichismo. Jean-Yves suspeitava que ela devia transar de vez em quando com algum deles; em todo caso, os dois não dormiam mais juntos. Pelo seu lado, curiosamente, não havia aventuras. Ele sabia que era bonito, um tipo louro com olhos azuis de estilo mais americano, mas realmente não tinha a menor vontade de aproveitar as oportunidades que apareciam — de resto bastante raras, porque trabalhava de doze a catorze horas por dia, e no seu nível de atuação não havia tantas mulheres assim. Havia, é claro, Valérie; mas ele nunca a considerara de outra maneira, a não ser como colega. Era bastante curioso, aliás, ver as coisas por esse novo ângulo; mas sabia que era uma fantasia sem consequências: trabalhava com ela havia cinco anos, e nesse terreno as coisas acontecem logo — ou então não acontecem nunca. Sentia afeto por Valérie, apreciava sua surpreendente capacidade de organização e sua memória sem falhas; sabia perfeitamente que sem ela não teria chegado ao ponto a que chegara — não tão rápido. E hoje iria começar uma etapa decisiva. Escovou os dentes, barbeou-se com cuidado antes de escolher um terno bem tradicional. Depois empurrou a porta do quarto da filha: ela estava dormindo, tão loura como ele, num pijama estampado com pintinhos.

Foi andando até a academia République, que abria às sete; ele morava na Rue du Faubourg-du-Temple, uma zona chique que detestava. Sua reunião na sede do grupo Aurore seria às dez. Dessa vez Audrey teria que vestir as crianças e levá-las à escola. Sabia que à noite, quando voltasse, teria direito a uma boa meia hora de recriminações. Enquanto andava pela calçada úmida, entre caixas vazias e restos de comida, percebeu que estava pouco ligando. Também se deu conta, pela primeira vez com tanta clareza, que seu casamento tinha sido um erro. Esse tipo de percepção, ele sabia muito bem, precede o divórcio em dois ou três anos, na média — nunca é uma decisão fácil de tomar.

O negro alto da entrada cumprimentou-o com um “Cuidando da forma, chefe?” não muito convincente. Ele mostrou sua carteira de sócio e pegou uma toalha, assentindo. Quando conheceu Audrey, tinha apenas vinte e três anos. Dois anos mais tarde se casaram, em parte — mas só em parte — porque ela estava grávida. Era bonita, esbelta, vestia-se bem — e na época sabia ser sexy. Além do mais, tinha ideias. A expansão na França dos procedimentos judiciais ao estilo americano não lhe parecia uma regressão e sim, pelo contrário, um avanço no sentido de garantir

mais proteção aos cidadãos e às liberdades individuais. Ela era capaz de desenvolver argumentos bastante extensos sobre o assunto, tinha acabado de voltar de um estágio nos Estados Unidos. Em suma, levou-o na conversa. Era curioso, pensou, como sempre gostara de ser impressionado intelectualmente pelas mulheres.

Primeiro fez meia hora de Stairmaster em diferentes níveis, depois atravessou a piscina umas vinte vezes. Na sauna, deserta àquela hora, começou a relaxar — e aproveitou para passar em revista o que sabia do grupo Aurore. A empresa Novotel-SIEH tinha sido fundada no final de 1966 por Gérard Pélisson e Paul Dubrule — um engenheiro formado na Central e um autodidata —, com capital emprestado por famílias e amigos. Em agosto de 1967, o primeiro Novotel abria suas portas em Lille, já com as características que iriam marcar a identidade da rede: grande padronização dos quartos, localização na periferia das cidades — mais precisamente, à beira da estrada, perto da última saída antes da aglomeração urbana — e um nível de conforto alto para a época: a Novotel foi uma das primeiras redes a oferecer sistematicamente banheiros nos quartos. O sucesso junto à clientela do mundo dos negócios foi imediato: em 1972, o grupo já contava com trinta e cinco hotéis. Depois vieram a criação dos Ibis, em 1973, o relançamento dos Mercure, em 1975, e, em 1981, dos Sofitel. Paralelamente, a empresa iniciou uma prudente diversificação em direção aos restaurantes — compra da rede Courtepaille e do grupo Jacques Borel International, muito bem implantado nos setores de alimentação coletiva e de tíquete-restaurante. Em 1983, a empresa mudou de nome para transformar-se em Aurore. Mais tarde, em 1985, criou os Fórmula 1 — os primeiros hotéis sem nenhum funcionário, um dos maiores sucessos na história da hotelaria. Já instalado na África e no Oriente Médio, o grupo também fincou o pé na Ásia e criou seu próprio centro de formação de pessoal — a academia Aurore. Em 1990, a aquisição da rede Motel 6, com seus seiscentos e cinquenta estabelecimentos espalhados pelo território americano, levou o Aurore ao primeiro escalão internacional; seguiu-se, em 1991, a operação de compra de ações do grupo Wagons Lits. Essas incorporações custaram caro, e em 1993 o grupo enfrentou uma crise: o endividamento foi julgado alto demais pelos acionistas e a compra da cadeia Méridien fracassou. Graças à venda de alguns ativos e ao reerguimento da Europcar, da Lenôtre e da Sociedade de Cassinos Lucien Barrière, a situação foi superada a partir do exercício de 1995. Em janeiro de 1997, Paul Dubrule e Gérard Pélisson deixaram a presidência — assumida por Jean-Luc Espitalier, um ex-aluno da Escola Nacional de Administração com um currículo qualificado de “atípico” pelas revistas econômicas —, mas permaneceram como membros do conselho fiscal. A transição

ocorreu sem problemas, e no fim de 2000 o grupo havia consolidado sua posição de líder mundial, aumentando ainda mais a distância que o separava das redes Marriott e Hyatt — respectivamente, número dois e número três. Entre as dez principais redes hoteleiras do mundo, nove eram americanas e uma francesa — o grupo Aurore.

Jean-Yves deixou o carro no estacionamento da sede do grupo, em Évry, às nove e meia. Deu umas voltas no ar glacial, para relaxar à espera da hora combinada. Às dez em ponto, foi introduzido no escritório de Éric Leguen, o vice-presidente executivo de hotelaria, membro da diretoria. Formado na Central e pós-graduado em Stanford, Leguen tinha quarenta e cinco anos; alto, atarracado, cabelo louro e olhos azuis, se parecia um pouco com Jean-Yves — com dez anos e alguma firmeza na atitude a mais.

— O presidente Espitalier vai recebê-lo dentro de quinze minutos — disse ele. — Enquanto isso vou lhe explicando por que está aqui. Há dois meses, compramos do grupo Jet Tours a rede Eldorador. É uma rede pequena, com uma dezena de resorts de praia espalhados no Magrebe, na África negra e nas Antilhas.

— Deficitária, pelo que sei.

— Tanto quanto o conjunto do setor — o homem sorriu bruscamente. — Quer dizer, talvez um pouco mais que o conjunto do setor. Para não esconder nada, digamos que o preço era razoável, mas não irrisório. Havia outros grupos concorrendo: ainda há bastante gente no ramo que aposta que o mercado vai melhorar. É verdade que o Club Méditerranée, por enquanto, é o único que se safou da crise; confidencialmente, chegamos a sonhar em assumir o controle do Med na bolsa. Mas a presa era gorda demais, os acionistas não iriam concordar. Além do mais, não teria sido muito amistoso com Philippe Bourguignon, que é ex-funcionário nosso — deu um sorriso um pouco falso, como se quisesse indicar que talvez se tratasse (mas só talvez) de uma brincadeira. — Em suma — prosseguiu —, o que queremos propor é que você assuma a direção de todos os resorts Eldorador.

— Com o objetivo, naturalmente, de fazer a rede recuperar rapidamente o equilíbrio e depois começar a dar lucro. Não é uma tarefa fácil.

— Sabemos disso. Mas achamos que a remuneração que oferecemos é suficientemente atraente. Sem falar nas possibilidades de uma carreira dentro da empresa, que são imensas: estamos presentes em cento e quarenta e dois países, empregamos mais de cento e trinta mil pessoas. Por outro lado, em geral os nossos principais executivos se tornam acionistas do grupo em pouco tempo. É um sistema que tem dado certo, preparei para você uma planilha com exemplos e números.

— Também vou precisar de informações mais precisas sobre a situação dos hotéis da rede.

— Claro, vou lhe mandar agora mesmo um relatório detalhado. Não se trata de uma compra puramente tática, nós de verdade acreditamos nas possibilidades da estrutura: a implantação geográfica dos estabelecimentos é boa, seu estado geral é excelente; há pouquíssimas reformas a fazer. Pelo menos é o que acho, mas não tenho experiência com hotelaria de lazer. Vamos trabalhar, é claro, em conjunto; mas em relação a todas essas questões é você quem decide. Se quiser abrir mão de algum estabelecimento, ou adquirir outro, a decisão final será sua. É assim que trabalhamos no grupo Aurore — pensou um instante antes de continuar. — Naturalmente, você não está aqui por acaso. Seu desempenho na Novas Fronteiras foi observado de perto pelo mercado, pode-se até dizer que fez escola. Você não pretende oferecer sistematicamente o preço mais baixo nem os melhores serviços; procura chegar perto, em cada situação, do preço aceitável pela clientela para um certo tipo de serviços; é exatamente a filosofia que nós pretendemos em cada uma das redes do grupo. E, coisa que também é muito importante, você participou da criação de uma marca com imagem forte, o que nunca conseguimos no Aurore.

O telefone tocou na mesa de Leguen. O diálogo foi curto. Ele se levantou e guiou Jean-Yves ao longo de um corredor de piso bege. O escritório de Jean-Luc Espitalier era imenso, devia ter pelo menos vinte metros de lado; a parte esquerda era ocupada por uma mesa de reuniões com umas quinze cadeiras. Espitalier se levantou quando entraram e recebeu-os com um sorriso. Era um homenzinho bastante jovem — sem dúvidas não mais de quarenta e cinco anos —, com entradas na testa e uma aparência estranhamente modesta, quase apagada, como se preferisse encarar com ironia a importância do seu cargo. Provavelmente não devia confiar muito nisso, pensou Jean-Yves; o pessoal que sai da Escola Nacional de Administração em geral é assim, tem uma aparência de humor que no fundo é falsa. Os três se sentaram nas poltronas em volta de uma mesinha colocada em frente à escrivaninha. Espitalier olhou para ele por um bom tempo, com seu curioso sorriso tímido, antes de tomar a palavra.

— Tenho muita admiração por Jacques Maillot — disse por fim. — Ele construiu uma bela empresa, muito original, com uma verdadeira cultura própria. Isso não é nada frequente. Mas acho, sem querer parecer agourento, que os operadores de turismo franceses têm que se preparar para enfrentar um período extremamente difícil. Em pouco tempo (já é inevitável, na minha opinião é questão de meses), os ingleses e alemães vão invadir o mercado. Têm um poder financeiro

duas ou três vezes maior que o nosso e oferecem excursões de vinte a trinta por cento mais baratas, com serviços tão bons ou melhores. A concorrência vai ser dura, muito dura. Para ser claro, vai haver vítimas. Não digo que a Novas Fronteiras será uma delas, o grupo tem uma identidade muito forte, seus acionistas estão unidos, pode resistir. Mas de qualquer maneira os próximos anos serão difíceis para todo mundo.

— No grupo Aurore não vamos ter que enfrentar esse problema — prosseguiu após um leve suspiro. — Somos incontestavelmente os líderes mundiais no setor de hotelaria de negócios, que é um mercado bastante estável, mas estamos pouco inseridos na hotelaria de lazer, que é mais volátil, mais sensível às flutuações econômicas ou políticas.

— Justamente — interveio Jean-Yves —, e por isso me surpreendeu bastante essa compra. Pensava que, para vocês, a linha prioritária de desenvolvimento continuava sendo a hotelaria de negócios, em particular na Ásia.

— Continua sendo — respondeu Espitalier, com calma. — Só na China, por exemplo, as possibilidades no setor de hotelaria de baixo preço são extraordinárias. Temos experiência, temos know-how para isso: imagine conceitos como Ibis e Fórmula 1 ampliados à escala chinesa. Mas... como explicar? — Pensou um instante, olhou para o teto, para a mesa de reuniões à sua direita, antes de fixar de novo a vista em Jean-Yves. — O Aurore é um grupo discreto — acabou dizendo. — Paul Dubrule insistia sempre que o maior segredo para se vencer num mercado era chegar a tempo. A tempo quer dizer não chegar cedo demais — é raro que os verdadeiros inovadores tirem o proveito máximo de sua invenção, veja a história da Apple contra a Microsoft. Mas, obviamente, também quer dizer não chegar tarde. E foi aí que nossa discrição nos serviu. Se você cresce na sombra, sem chamar a atenção, quando os concorrentes abrem o olho e querem invadir o seu mercado, já é tarde: você já cercou o território, conquistou uma vantagem competitiva decisiva. Nosso nível de notoriedade não está à altura da nossa importância real; em grande parte, trata-se de uma escolha.

— Esse tempo passou — continuou, dando outro suspiro. — Agora todo mundo sabe que somos o número um do mundo. A partir deste momento, uma discrição excessiva se torna inútil e até perigosa. Um grupo da importância do Aurore tem que ter uma imagem pública. O ramo da hotelaria de negócios é um setor muito seguro, que proporciona retornos altos e regulares. Mas não é muito, como dizer?, *fun*. Raramente as pessoas conversam sobre viagens de trabalho, não há nada de prazeroso nelas. Para criar uma imagem positiva junto ao grande público, temos

duas possibilidades: como operadoras de turismo ou como resorts. Os pacotes de excursões são uma atividade muito distante do nosso negócio original, e, por mais que haja empresas saudáveis no ramo prontas para mudar de mãos, não conseguimos avançar por esse caminho.

E então apareceu a oportunidade dos Eldorador e decidimos aproveitá-la.

— Só estou tentando entender os seus objetivos — esclareceu Jean-Yves. — Vocês dão mais importância aos resultados ou à imagem?

— É uma questão complexa... — Espitalier hesitou, se mexeu um pouco na cadeira. — O problema do Aurore é que temos um conjunto de acionistas muito diluído. Aliás, foi isso que provocou, em 1994, os boatos de uma investida na bolsa para tomar o nosso controle. Hoje posso dizer — continuou com um gesto firme — que esses boatos não tinham o menor fundamento. Agora teriam menos ainda: nosso endividamento é nulo, e nenhum grupo do mundo, mesmo fora do setor de hotelaria, tem o porte necessário para arriscar esse tipo de iniciativa. O que continua sendo verdade é que, ao contrário da Novas Fronteiras, não temos um conjunto de acionistas muito homogêneo. Paul Dubrule e Gérard Péliesson eram, no fundo, mais empresários do que capitalistas — grandes empresários, aliás, a meu ver dois dos maiores empresários do século. Mas não conseguiram controlar pessoalmente os acionistas da empresa; é isso que nos deixa numa posição delicada hoje em dia. Sabemos que às vezes é preciso fazer certas despesas em função do prestígio, investimentos que melhoram a posição estratégica do grupo sem um impacto financeiro positivo a curto prazo. Também sabemos que às vezes é preciso sustentar temporariamente um setor deficitário, porque o mercado ainda não está maduro ou atravessa alguma crise passageira. Essas coisas são cada vez menos aceitas pelos acionistas da nova geração: a teoria do retorno rápido fez estragos devastadores na mentalidade das pessoas.

Levantou discretamente a mão, vendo que Jean-Yves ia interrompê-lo.

— Mas preste atenção — esclareceu —, nossos acionistas não são imbecis. Sabem muito bem que uma rede como a Eldorador, no contexto atual, não pode voltar ao equilíbrio no primeiro ano — provavelmente nem mesmo num prazo de dois anos. Mas a partir do terceiro irão observar os números com muita seriedade — e em pouco tempo vão tirar suas conclusões. A partir desse momento, mesmo que o seu projeto seja magnífico, mesmo que tenha possibilidades imensas, não poderei fazer nada.

Houve um longo silêncio. Leguen estava imóvel, de cabeça baixa. Espitalier passava o dedo pelo queixo, um pouco hesitante.

— Entendo — disse finalmente Jean-Yves. Depois de alguns segundos, acrescentou calmamente: — Vocês terão minha resposta em três dias.

3

Estive muitas vezes com Valérie durante os dois meses que se seguiram. Na verdade, exceto por um fim de semana que passou na casa dos pais, acho que a vi todos os dias. Jean-Yves resolveu aceitar a proposta do grupo Aurore e ela decidiu acompanhá-lo. Lembro bem, a primeira observação que fez foi: “Vou passar para a faixa de imposto de sessenta por cento”. De fato, seu salário passou de quarenta para setenta e cinco mil francos por mês; deduzidos os impostos, era menos espetacular. Ela sabia que teria de fazer um esforço enorme quando se integrasse ao grupo, no começo de março. Enquanto isso, na Novas Fronteiras tudo corria bem: os dois tinham anunciado sua saída e estavam passando tranquilamente os cargos para os substitutos. Eu aconselhei Valérie a economizar, abrir uma poupança ou coisa parecida, mas na realidade não pensávamos muito nessas coisas. A primavera estava custando a começar, mas para nós não fazia a menor diferença. Mais tarde, pensando nesse período feliz com Valérie, do qual, paradoxalmente, eu guardaria tão poucas lembranças, disse para mim mesmo que o homem decididamente não foi feito para a felicidade. Para de fato ter acesso à possibilidade prática da felicidade, o homem precisaria se transformar — se transformar *fisicamente*. Com que comparar Deus? Primeiro, está claro, com a boceta das mulheres; e também, talvez, com os vapores de um banho turco. Com algo, enfim, em que o espírito se torne possível — com o corpo já saturado de contentamento e de prazer — e no qual toda inquietação esteja abolida. Tenho certeza de que atualmente o espírito não nasceu, está pedindo para nascer e seu nascimento será difícil, pois até hoje temos dele uma ideia limitada e negativa. Quando eu levava Valérie ao orgasmo e sentia seu corpo vibrar sob o meu, às vezes tinha a impressão, fugaz mas irresistível, de atingir um nível de consciência completamente diferente, no qual todo e qualquer mal tinha sido abolido. Nesses momentos de suspensão, praticamente imóveis, em que meu corpo se elevava rumo ao prazer, eu me sentia como um deus do qual dependessem

a serenidade e as tempestades. Esta foi a primeira alegria — indiscutível, perfeita.

A segunda alegria que Valérie me proporcionou foi a extraordinária doçura, a bondade natural do seu caráter. Às vezes, quando suas jornadas de trabalho tinham sido longas — e com o passar dos meses elas se tornariam cada vez mais longas —, eu a sentia tensa, com os nervos à flor da pele. Nunca se voltou contra mim, nunca se irritou, nunca teve uma crise imprevisível dessas que às vezes tornam a relação com a mulher tão sufocante e patética.

— Michel, não sou ambiciosa — dizia às vezes. — Eu me sinto bem com você, acho que encontrei o homem da minha vida e sinceramente não quero mais nada. O problema é que isso não é possível: tenho que querer mais. Estou presa num sistema que não me oferece grandes coisas e que, aliás, sei que é inútil, mas não vejo como escapar. A gente precisa, algum dia, dar um tempo e parar para pensar, mas não sei quando terei tempo para isso.

Já eu trabalhava cada vez menos; quer dizer, fazia o meu serviço, no sentido mais estrito. Voltava do escritório com tempo suficiente para ver *Perguntas para um Campeão* e fazer compras para o jantar; agora dormia todas as noites na casa de Valérie. Curiosamente, Marie-Jeanne não parecia muito rigorosa com minha assiduidade profissional. É verdade que ela adorava aquele trabalho e sempre estava bem-disposta para fazer uma parte extra. Acho que o que mais esperava de mim, na verdade, era que fosse simpático com ela — e eu estava muito simpático naquelas semanas, simpático e sossegado. Ela usava todos os dias o colar de coral que eu lhe trouxera da Tailândia, tinha gostado muito. Preparando os dossiês das exposições, às vezes me dava uns olhares diferentes, difíceis de interpretar. Numa manhã de fevereiro — não posso esquecer, era o dia do meu aniversário — afinal me disse com sinceridade: “Você mudou, Michel... Sei lá, está parecendo feliz”.

Tinha razão; eu estava mesmo feliz, lembro bem. Claro que existe um monte de coisas, toda uma série de problemas inescapáveis como o envelhecimento e a morte, claro. No entanto, quando recordo aqueles poucos meses, posso afirmar: eu sei que a felicidade existe.

Já Jean-Yves não era feliz, isto era evidente. Lembro que uma vez fomos jantar num restaurante italiano, ou melhor, veneziano — enfim, uma coisa bastante chique. Ele sabia que depois eu e Valérie íamos voltar para casa e transar, e que íamos transar com amor. Eu não sabia muito o que dizer a ele — o que havia a dizer era evidente demais, claro demais. Obviamente sua mulher não o amava, com

certeza nunca tinha amado ninguém e jamais iria amar — isso também era claro. Ele não deu sorte, e ponto final. As relações humanas não são complicadas como se costuma imaginar: em geral são um negócio insolúvel, mas raramente *complicado*. Agora, obviamente, ele precisava se divorciar; não seria fácil, mas precisava. O que mais eu poderia dizer? O assunto foi encerrado bem antes do final dos *antipasti*.

Depois eles falaram sobre o seu futuro profissional no grupo Aurore: já tinham ideias, pistas para pensar na recuperação dos Eldorador. Eram inteligentes, competentes, reconhecidos em seu meio profissional, mas não tinham o direito de errar. Um fracasso naquele novo cargo não significaria o final de suas carreiras: Jean-Yves tinha trinta e cinco anos, Valérie, vinte e oito; teriam uma segunda chance. Mas o mercado não ia se esquecer de um primeiro tropeço, e eles precisariam recomeçar num nível sensivelmente inferior. Na sociedade em que vivemos, a principal remuneração do trabalho é constituída pelo *salário* e, de modo geral, os benefícios financeiros; o prestígio e a honra do cargo ocupam hoje uma posição muito inferior. Mas existe um avançado sistema de redistribuição fiscal que permite a sobrevivência dos inúteis, incompetentes ou nocivos — entre os quais, em certa medida, eu me incluía. Em suma, vivemos numa economia mista que evolui lentamente para um liberalismo mais pronunciado e pouco a pouco está superando o preconceito contra o empréstimo a juros — e, de maneira geral, contra o dinheiro — ainda presente nos países de velha tradição católica. Eles não teriam nenhuma vantagem real com essa evolução. Alguns jovens formados na Haute École de Commerce, bem mais novos que Jean-Yves — e mesmo ainda estudantes —, entraram logo de cara na especulação da bolsa, sem nem sequer cogitar em procurar um emprego assalariado. Eles têm computadores ligados à internet e programas sofisticados para acompanhar os mercados. Muitas vezes formam clubes para decidir os investimentos mais importantes. Vivem com seus computadores, conectados vinte e quatro horas por dia, e nunca tiram férias. O objetivo de todos eles é muito simples: tornar-se milionários antes dos trinta.

Jean-Yves e Valérie faziam parte de uma geração intermediária, que ainda achava difícil imaginar a própria carreira fora de uma empresa — ou, eventualmente, do setor público; um pouco mais velho que eles, eu me incluía mais ou menos na mesma situação. Nós três estávamos presos ao sistema social como insetos num bloco de âmbar; não tínhamos a menor possibilidade de recuo.

Na manhã de 1º de março, Valérie e Jean-Yves assumiram oficialmente seus

cargos no grupo Aurore. Na segunda-feira, dia 4, haveria uma reunião com os principais executivos que iriam trabalhar no projeto Eldorado. A direção-geral tinha encomendado um estudo prospectivo sobre o futuro dos resorts à Profiles, uma firma bastante conhecida de sociologia do comportamento.

Ao entrar pela primeira vez na sala de reuniões do ducentésimo trigésimo andar, Jean-Yves ficou bastante impressionado. Encontrou umas vinte pessoas, todas com vários anos de antiguidade no Aurore, e agora era ele que teria a tarefa de pilotar o grupo. Valérie sentou-se imediatamente à sua esquerda. Ele tinha passado o fim de semana estudando os dossiês: conhecia o nome, as funções exatas e o passado profissional de cada uma das pessoas em torno daquela mesa; mesmo assim, não podia reprimir um ligeiro sentimento de angústia. Era um dia cinzento nos *bairros sensibles* de Essonne. Quando Paul Dubrule e Gérard Péliçon decidiram construir sua sede social em Évry, pensaram no baixo custo dos terrenos e na proximidade da autoestrada do Sul e do aeroporto de Orly; na época era um bairro tranquilo. Hoje, aquela região tinha as mais altas taxas de delinquência da França. Toda semana havia ataques contra ônibus, carros da polícia ou caminhões de bombeiros; não existiam sequer estatísticas exatas sobre as agressões e roubos; segundo as estimativas, para chegar ao número real seria preciso multiplicar por cinco o número de queixas registradas. A sede da empresa estava protegida vinte e quatro horas por dia por uma equipe de seguranças armados. Um comunicado interno recomendava evitar os transportes coletivos a partir de certa hora. Para os empregados que precisavam trabalhar até tarde e não tinham condução própria, o Aurore fez um contrato com uma empresa de táxis.

Com a chegada de Lindsay Lagarrigue, o sociólogo do comportamento, Jean-Yves teve a sensação de encontrar-se em terreno conhecido. O sujeito tinha aproximadamente uns trinta anos, entradas na testa e o cabelo preso com uma fita; estava usando um conjunto de ginástica Adidas, uma camiseta Prada e tênis Nike em mau estado; enfim, parecia um sociólogo do comportamento. Começou distribuindo um relatório fininho, cheio de gráficos com setas e círculos; sua pasta não continha nada além disso. A primeira página da coisa era a fotocópia de um artigo do *Nouvel Observateur*, um editorial do suplemento de férias intitulado: “Viajar diferente”.

— No ano 2000 — começou Lagarrigue lendo o texto em voz alta —, o turismo de massa já cumpriu seu tempo de serviço. O sonho hoje é viajar como realização

individual, mas sem deixar de lado uma preocupação ética. — Esse trecho, que encabeçava o editorial, lhe parecia sintomático das mudanças em curso. Falou durante alguns minutos sobre o assunto, depois pediu à assistente que ouvisse com atenção as frases seguintes. — No ano 2000 a questão central é um turismo que respeite o outro. Nós, os bem alimentados, queremos viajar não apenas por um prazer egoísta, mas para participar de alguma forma de solidariedade.

— Quanto pagamos a esse cara pelo seu estudo? — perguntou discretamente Jean-Yves a Valérie.

— Cento e cinquenta mil francos.

— Não dá para acreditar... Será que esse babaca vai se limitar a recitar uma fotocópia do *Nouvel Observateur*?

Lindsay Lagarrigue continuou parafraseando vagamente os termos do artigo, depois leu outro parágrafo num tom absurdamente enfático:

— No ano 2000 — disse —, as pessoas querem ser nômades. Viajam em trens ou em cruzeiros, pelos rios e oceanos: na era da velocidade, redescobrem as delícias da lentidão. Primeiro se perdem no silêncio infinito dos desertos e depois, sem transição, vão mergulhar na efervescência das grandes capitais. Mas sempre com a mesma paixão...

Ética, realização individual, solidariedade, paixão: as palavras-chave, segundo ele, estavam ditas. Nesse novo contexto, não era de estranhar que o sistema dos resorts, baseado no ensimesmamento egoísta e na uniformização das necessidades e desejos, estivesse enfrentando dificuldades crescentes. O tempo do *bronzado* estava definitivamente ultrapassado: o que os turistas modernos queriam era a autenticidade, a descoberta e a sensação de compartilhar. De modo geral, o modelo fordista do turismo de lazer — caracterizado pelos célebres “4S”: *Sea, Sand, Sun... and Sex* — havia acabado. Como mostravam brilhantemente os trabalhos de Michky e Braun, o mercado devia se preparar desde agora para desenvolver sua atividade numa perspectiva pós-fordista.

O sociólogo do comportamento tinha prática na coisa, poderia continuar durante horas.

— Com licença... — interrompeu Jean-Yves numa voz que deixava transparecer a sua irritação.

— Pois não... — O sociólogo do comportamento lhe deu um sorriso encantador.

— Acho que todos aqui, sem exceção, têm consciência de que o sistema dos resorts está atravessando dificuldades neste momento. O que lhe pedimos não era

que descrevesse as características do problema até o infinito, mas que tentasse, ao menos minimamente, esboçar alguma solução.

Lindsay Lagarrigue ficou boquiaberto; não tinha previsto uma objeção daquele gênero.

— Creio... — por fim gaguejou —, creio que para resolver o problema é importante primeiro identificá-lo e ter uma ideia de suas causas.

Mais uma frase vazia, pensou com raiva Jean-Yves; não só vazia, mas, nesse caso, falsa. As causas, claramente, faziam parte de um movimento social geral, que não estava ao alcance deles mudar. Era preciso se adaptar, só isso. E como podiam se adaptar? Aquele imbecil não tinha a menor ideia.

— O que você nos diz, em poucas palavras — retrucou Jean-Yves —, é que o sistema de resorts está ultrapassado.

— Não, não, de jeito nenhum... — o sociólogo do comportamento começava a titubear. — Acho... acho simplesmente que precisamos refletir.

— E para que te pagamos, seu babaca? — soltou Jean-Yves em voz baixa antes de concluir, dirigindo-se a todos. — Bem, então vamos tentar refletir. Sr. Lagarrigue, agradeço a sua contribuição; acho que não precisaremos mais de sua presença por hoje. Proponho interromper a reunião por dez minutos, o tempo de tomar um cafezinho.

Despeitado, o sociólogo do comportamento guardou os diagramas. Quando a reunião foi reiniciada, Jean-Yves arrumou suas anotações e tomou a palavra:

— Entre 1993 e 1997, o Club Méditerranée, como vocês sabem, passou pela crise mais grave da sua história. Os concorrentes e os imitadores tinham se multiplicado, copiando exatamente os ingredientes da fórmula, mas reduzindo consideravelmente as tarifas: a taxa de ocupação dos resorts estava em queda livre. Como conseguiram reverter a situação? Essencialmente, baixando os preços também. Mas não os reduziram tanto quanto a concorrência: eles sabiam que tinham uma anterioridade, uma reputação, uma imagem; sabiam que sua clientela podia aceitar um certo diferencial nos preços — que estabeleceram, segundo os destinos e após pesquisas minuciosas, entre vinte e trinta por cento — para vivenciar, de algum modo, a autenticidade da fórmula Club Med em sua “versão original”. Esta é a primeira linha de reflexão que proponho explorar ao longo das próximas semanas: haverá espaço, no mercado dos resorts, para uma fórmula que não seja a do Med? E se houver, será que já podemos visualizar seus contornos, ter

uma ideia do seu público-alvo? Não é uma questão fácil.

E continuou:

— Eu venho, como provavelmente todos vocês já sabem, da Novas Fronteiras. Embora não seja o aspecto mais conhecido da atividade do grupo, nós também criamos resorts: os Paladiens. Mais ou menos na mesma época que o Méditerranée, tivemos dificuldades com esses resorts, mas conseguimos superá-las rapidamente. Por quê? Porque éramos o principal operador turístico francês. Depois de descobrir um país, nossos clientes desejavam, na grande maioria dos casos, um prolongamento na praia. Nossas excursões têm a fama, aliás justificada, de muitas vezes serem difíceis, exigindo uma boa condição física. Após conquistarem duramente seus galões de “explorador”, nossos clientes em geral adoravam se sentir por algum tempo como simples turistas. Com o sucesso da fórmula, decidimos incluir diretamente o prolongamento de praia na maior parte das excursões — o que permitia aumentar o tempo fixado nos catálogos; a parte de praia nos sai bem mais em conta que a de viagem, vocês sabem disso. Nessas condições, não era difícil, evidentemente, privilegiar os nossos próprios hotéis. Esta é a outra linha de reflexão que lhes proponho: é possível que a salvação dos resorts seja uma colaboração mais estreita com a linha de excursões. Também nisso é preciso usar a imaginação e não nos limitarmos aos agentes presentes no mercado francês. É um terreno novo que lhes peço para explorar; talvez tenhamos muito a ganhar com uma aliança com os grandes operadores de turismo do Norte europeu.

Após a reunião, uma mulher de trinta e poucos anos, com um belo rosto claro, se aproximou de Jean-Yves. Chamava-se Marylise Le François e era a responsável pela comunicação.

— Quero que você saiba que apreciei muito a sua intervenção — disse. — Estava fazendo falta algo assim. Acho que você conseguiu motivar outra vez o pessoal. Agora todo mundo está consciente de que alguém está no comando; já podemos voltar ao trabalho de verdade.

4

Não era tão fácil, como eles logo perceberam. A maioria dos operadores de turismo ingleses e, principalmente, alemães já possuía seus próprios resorts e não tinha interesse em se associar com outro grupo. Todos os contatos feitos nesse sentido fracassaram. Por outro lado, o Club Méditerranée parecia ter encontrado a fórmula padronizada definitiva dos resorts; depois que surgiu, nenhum concorrente tinha sido capaz de introduzir qualquer inovação real.

Valérie acabou tendo uma ideia, duas semanas mais tarde. Eram quase dez da noite; ela estava tomando um chocolate quente antes de voltar para casa, refestelada numa poltrona do escritório de Jean-Yves. Os dois pareciam esgotados, tinham trabalhado o dia inteiro preparando o orçamento dos resorts.

— Sei lá — suspirou ela —, vai ver nós estamos errados separando as excursões das hospedagens.

— Como assim?

— Lembra na Novas Fronteiras? Mesmo sem os prolongamentos, quando havia um dia de descanso na praia durante uma excursão ele era sempre muito apreciado. E do que mais se reclamava era de ter que mudar de hotel o tempo todo. Pois então podíamos misturar as excursões com a praia: um dia de excursão, um dia de descanso, e assim por diante. Voltando ao hotel todas as noites — ou de duas em duas noites, nas excursões mais longas; mas sem ter que desfazer as malas nem liberar o quarto.

— Já existem excursões nos resorts, e não tenho certeza de que funcionem tão bem assim.

— É, mas elas são oferecidas como extra, e os franceses detestam extras. Além do mais, são vendidas na hora: as pessoas hesitam, desconversam, não conseguem escolher e afinal acabam não fazendo nada. Na verdade, o pessoal gosta de aventuras, desde que não dê nenhum trabalho; e adora, principalmente, o “tudo

incluído”.

Jean-Yves pensou um pouco.

— Você sabe que não é bobagem o que está propondo — disse. — Mas teríamos que viabilizar a coisa bem rápido: a partir deste verão, acho que poderíamos oferecer a fórmula como complemento dos pacotes normais. Podemos chamá-la de “Eldorador Descoberta” ou algo assim.

Jean-Yves consultou Leguen antes de montar a operação; viu logo que o outro não tinha a menor intenção de tomar posição, nem num sentido nem no outro.

— É sua a responsabilidade — disse secamente.

Ouvindo Valérie contar o seu dia a dia, percebi que eu não conhecia muito do universo dos executivos. Por outro lado, a dupla que ela formava com Jean-Yves era em si excepcional.

— Numa situação normal — explicou —, ele teria como assistente uma garota cujo sonho seria ocupar o seu lugar. Isso provoca cálculos complicados nas empresas: às vezes é mais vantajoso fracassar, desde que se possa jogar a culpa no outro.

Nesse caso, eles estavam numa situação bastante tranquila: ninguém no grupo queria tomar o lugar deles; a maioria dos executivos considerava que a compra do Eldorador tinha sido um erro.

Até o final daquele mês, Valérie trabalhou muito com Marylise Le François. Para a temporada de verão, os catálogos tinham que estar prontos obrigatoriamente até o final de abril — era o prazo final, e até um pouco tarde. Ela viu logo que a política de comunicação da Jet Tours em relação aos resorts tinha sido lamentável. “As férias no Eldorador são como aqueles momentos mágicos, na África, quando o calor começa a cair e toda a aldeia se reúne em torno da árvore mágica para ouvir os velhos sábios...”, leu para Jean-Yves.

— Francamente, dá para acreditar? E com fotos dos animadores ao lado, pulando no ar com suas ridículas roupas amarelas. Realmente, é qualquer coisa.

— E o slogan “Eldorador, você vive mais emoção”, o que acha?

— Não sei, não sei mesmo o que pensar.

— Para a fórmula do resort normal é tarde demais, os catálogos já foram distribuídos. Mas com certeza vamos ter que partir de zero no catálogo “Descoberta”.

— Acho que devemos usar — disse Marylise — uma combinação de rusticidade

e luxo. Um chá de hortelã em pleno deserto, mas em cima de tapetes raros...

— Nossa, momentos mágicos... — disse Jean-Yves com cansaço na voz. Levantou-se com esforço. — Não esqueçam de colocar em algum lugar os “momentos mágicos”; é estranho, mas sempre funciona. Bem, vou andando, de volta para os meus custos fixos...

Era ele, com certeza, que ficava com a parte mais ingrata do trabalho — Valérie tinha consciência disso. Ela própria entendia pouco de administração hoteleira, tudo aquilo lhe trazia vagas lembranças do seu curso técnico de turismo. “Edouard Yang, proprietário de um hotel restaurante três estrelas, considera que seu dever é satisfazer sua clientela da melhor maneira possível; procura inovar constantemente e atender às suas necessidades. Sabe por experiência própria que o café da manhã é um momento importante no equilíbrio alimentar do dia e contribui de maneira decisiva para a imagem do hotel.” Tinha enfrentado esse problema numa prova de primeiro ano. Edouard Yang fez uma pesquisa com sua clientela, especificamente em relação ao número de ocupantes por quarto (solteiros, casais, famílias). Era preciso analisar os dados, calcular o Khi 2; a questão acabava com a seguinte pergunta: “Em outras palavras, a situação familiar pode ser um critério explicativo para o consumo de frutas frescas no café da manhã?”.

Folheando suas pastas, encontrou numa prova simulada um exemplo que correspondia bem à situação atual. “Você acaba de ser nomeado responsável pelo marketing na direção internacional do grupo South America. O grupo comprou o hotel-restaurant Les Antilles, um estabelecimento quatro estrelas em Guadalupe com cento e dez quartos, de frente para o mar. Construído em 1988 e reformado em 1996, o hotel passa atualmente por graves dificuldades. Sua taxa de ocupação é de apenas quarenta e cinco por cento, o que está longe de atingir o nível de rentabilidade esperado.” Acertara dezoito das vinte questões, o que poderia parecer um bom presságio. Na época, lembrava, tudo aquilo lhe parecera uma fábula, uma fábula aliás não muito verossímil. Ela não se imaginava como responsável pelo -marketing do grupo South América, nem nada parecido. Era um jogo, um jogo intelectual nada interessante nem muito difícil. Agora eles não jogavam mais; ou sim, jogavam sim, mas com suas carreiras.

Ela voltava tão cansada do trabalho que não tinha forças para fazer amor, só conseguia me chupar; acabava dormindo no meio, com meu sexo na boca. Eu a penetrava em geral de manhã, ao acordar. Seus orgasmos eram mais suaves, mais contidos, como que sufocados por uma cortina de fadiga; acho que a amava cada vez mais.

No final de abril, os catálogos foram impressos e distribuídos para cinco mil agências de viagens — quase a totalidade da rede francesa. Agora era preciso preparar os pacotes, para que em 10 de julho tudo estivesse pronto. O boca a boca tinha uma importância enorme nesse tipo de produtos novos: uma excursão cancelada ou mal organizada podia representar muitos clientes perdidos. Decidiram não investir numa grande campanha de publicidade. Curiosamente, Jean-Yves, apesar de especializado em marketing, acreditava pouco na publicidade. “Pode ser útil para mudar a imagem”, dizia, “mas nós estamos longe disso. Por enquanto, o mais importante é ter uma bela distribuição e dar uma reputação de confiabilidade ao produto.” Em compensação, investiram muito no material de divulgação distribuído às agências de viagens; era fundamental que o produto fosse recomendado com rapidez, e espontaneamente, pelos vendedores de balcão. Foi Valérie quem se encarregou disso, ela conhecia bem o meio. Lembrava bem a argumentação CVP/SONCDS, que tinha aprendido a usar em seus anos de estudo (Características-Vantagens-Provas/Segurança-Orgulho-Novidade-Conforto-Dinheiro-Simpatia); também se lembrava da realidade, infinitamente mais simples. Mas a maioria das vendedoras era muito jovem, algumas tinham acabado de sair do curso técnico; era melhor falar com elas na linguagem que estavam mais preparadas para entender. Conversando com certas garotas, percebeu que a tipologia de Barma ainda era ensinada nas escolas. (*O comprador técnico*: interessado no produto, sensível ao seu aspecto quantitativo, dá importância ao lado técnico e à novidade. *O comprador devoto*: tem uma confiança cega no vendedor, pois o produto está acima de sua compreensão. *O comprador cúmplice*: aceita de bom grado os pontos comuns que pode ter com o vendedor, se este último souber estabelecer uma boa comunicação interpessoal. *O comprador aproveitador*: é um manipulador cuja estratégia consiste em conhecer diretamente o fornecedor e tirar o máximo de vantagens disso. *O comprador desenvolvido*: atento e respeitoso em relação ao vendedor e ao produto oferecido, consciente de suas necessidades, comunica-se com facilidade.) Valérie tinha cinco ou seis anos mais que aquelas garotas; começara no nível em que elas estavam agora e teve um sucesso profissional com o qual a maioria nem ousava sonhar. Elas a olhavam com uma admiração um pouco tola.

Eu agora tinha uma chave do apartamento dela; normalmente, enquanto a esperava de noite, lia o *Curso de filosofia positiva* de Augusto Comte. Gostava desse texto denso e tedioso; muitas vezes lia a mesma página três ou quatro vezes seguidas.

Precisei de três semanas para terminar a quinquagésima lição, “Considerações preliminares sobre a estática social, ou teoria geral da ordem natural espontânea das sociedades humanas”. Com toda certeza, eu precisava de uma teoria qualquer que me ajudasse a determinar minha situação social.

— Você trabalha demais, Valérie — disse-lhe uma noite de maio enquanto ela descansava, encolhida de fadiga, no sofá da sala. — Pelo menos isso tem que servir para alguma coisa. Você precisa guardar algum dinheiro, senão vamos acabar gastando tudo em bobagens.

Ela achou que eu tinha razão. Na manhã seguinte reservou duas horas para irmos abrir uma conta conjunta no Crédit Agricole da Porte d’Orléans. Assinou uma procuração, e dois dias depois eu voltei para conversar com o gerente. Decidi investir vinte mil francos por mês do seu salário, a metade num plano de seguro, a outra numa poupança-habitação. Agora passava quase todo o tempo na casa dela, não tinha mais muito sentido manter o meu apartamento.

Foi ela quem me fez a proposta, no começo de junho. Tínhamos nos amado durante boa parte da tarde: abraçados debaixo dos lençóis, às vezes fazíamos longas pausas; depois ela me masturbava ou me chupava, e eu voltava a penetrá-la; nenhum dos dois tinha gozado, cada vez que ela encostava em mim eu ficava de pau duro, sua boceta estava constantemente molhada. Ela estava se sentindo muito bem, dava para ver, a calma inundava seu olhar. Por volta das nove, propôs que fôssemos jantar num restaurante italiano perto do parque Montsouris. A noite ainda não tinha caído totalmente, o tempo estava agradável. Depois eu ainda teria que passar pela minha casa se quisesse ir ao escritório, como de costume, de terno e gravata. O garçom trouxe dois coquetéis da casa.

— Sabe, Michel... — disse ela quando ficamos a sós —, bem que você poderia ir morar lá em casa. Acho que não precisamos mais brincar de ser independentes. Ou então, se preferir, podemos alugar um apartamento para nós dois.

Sim, em certo sentido, eu preferia; digamos que isso me daria a sensação de um novo começo. De um primeiro começo, para dizer a verdade, ao menos para mim; aliás, pensando bem, para ela também. A gente se acostuma com a solidão e a independência, o que não é necessariamente um bom costume. Se eu quisesse viver algo parecido com uma experiência conjugal, aquele era claramente o momento certo. Eu conhecia, é claro, os inconvenientes da coisa, sabia que o desejo se embota mais rápido em um casal constituído. Mas de qualquer maneira sempre se embota, é uma lei da vida; e talvez seja possível estabelecer uma união de outro tipo — muita gente já pensou nisso. Naquela noite, de qualquer modo, meu desejo por Valérie

estava longe de estar embotado. Quando nos despedimos, beijei-a na boca; ela abriu bem os lábios, abandonando-se por completo ao beijo. Meti as mãos dentro da sua calça, passei-as por baixo da calcinha e deixei as palmas nas suas nádegas. Ela afastou o rosto, olhou à esquerda e à direita: a rua estava totalmente deserta. Então se ajoelhou na calçada, abriu minha braguilha e meteu meu sexo na boca. Eu me encostei nas grades do parque, quase a ponto de gozar. Ela tirou a boca e continuou a me masturbar com dois dedos, enfiando a outra mão na minha calça para acariciar os colhões. Então fechou os olhos e eu ejaculei no seu rosto. Nesse momento pensei que ela teria uma crise de choro; mas não, limitou-se a lamber o esperma que lhe escorria pelas bochechas.

Na manhã seguinte comecei a publicar pequenos anúncios; era melhor procurar nos bairros do sul, por causa do trabalho de Valérie. Uma semana mais tarde, tinha encontrado: era um apartamento de sala e três quartos no trigésimo andar do edifício Opale, perto da Porte de Choisy. Antes disso, eu nunca tivera uma bela vista de Paris; nem havia procurado muito, para dizer a verdade. Na mudança percebi que não estava interessado em nada do que havia no meu apartamento. Poderia ter sentido uma certa alegria, algo parecido com a embriaguez da independência; mas, ao contrário, fiquei ligeiramente assustado. Eu tinha vivido quarenta anos sem estabelecer um contato mais pessoal com nenhum objeto. Tinha ao todo dois ternos, que ia alternando. Livros, sim, possuía livros; mas poderia facilmente comprá-los de novo, nenhum deles tinha nada de precioso ou de raro. Muitas mulheres haviam cruzado o meu caminho; mas não conservava nenhuma foto, nenhuma carta delas. Tampouco tinha fotos minhas: não guardava nenhuma recordação do que eu era aos quinze, aos vinte ou aos trinta anos. Nem papéis realmente pessoais: a minha identidade se resumia a alguns documentos, facilmente arquivados numa pasta de formato normal. É falsa a ideia de que os seres humanos são únicos e têm em si uma singularidade insubstituível; no que me concerne, pelo menos, eu não notava nenhum traço dessa tal singularidade. Quase sempre é inútil querer distinguir destinos individuais, caracteres. Em poucas palavras, a ideia da unicidade humana não passa de um absurdo pomposo. A gente lembra da própria vida, escreveu Schopenhauer, um pouco mais que de um romance que leu no passado. É, é isso mesmo: só um pouco mais.

5

Na segunda quinzena de junho, Valérie estava outra vez com uma quantidade enorme de trabalho. O problema de trabalhar com muitos países é que, com os fusos horários, podia-se estar em atividade praticamente vinte e quatro horas por dia. Fazia cada vez mais calor, o verão prometia ser esplêndido, mas por enquanto nós não estávamos aproveitando muito. Depois do expediente, eu gostava de dar uma passada no Tang Frères; tentei me entrosar com a culinária asiática, mas aquilo era complicado demais para mim. Teria que aprender um novo equilíbrio entre os ingredientes, uma maneira particular de cortar os legumes, era quase outra estrutura mental. Então me conformei com a cozinha italiana, pelo menos estava mais ao meu alcance. Eu nunca poderia imaginar que algum dia teria prazer em cozinhar. O amor realmente santifica.

Na quinquagésima lição de sociologia, Augusto Comte combate a “estranha aberração metafísica” que define a família segundo o tipo de sociedade. “Baseada principalmente no apego e no reconhecimento”, escreve, “a união doméstica destina-se sobretudo a satisfazer diretamente, por sua própria existência, o conjunto dos nossos instintos simpáticos, independente de qualquer ideia de cooperação ativa e contínua em função de um objetivo qualquer que não seja o de sua própria instituição. Quando, infelizmente, a coordenação dos trabalhos se torna o único princípio do vínculo, a união doméstica tende necessariamente a se degradar em uma simples associação e, com mais frequência, não tarda em se dissolver essencialmente.” No trabalho, eu continuava a fazer o mínimo possível; de todo modo, tive que organizar duas ou três exposições importantes e me saí bem sem muito esforço. Não é difícil trabalhar num escritório, basta ser um pouco meticoloso, tomar decisões com rapidez e saber mantê-las. Percebi logo que você não tem necessariamente que tomar a *melhor decisão*: é suficiente, na maioria dos casos, tomar *uma decisão qualquer*, desde que seja rápido — enfim, tudo isso se você

trabalhar no setor público. Eu dispensava alguns projetos artísticos, aprovava outros: fazia isso com base em critérios insuficientes, em dez anos não pedi uma só vez qualquer informação adicional, e em geral não sentia o menor remorso. No fundo, eu tinha pouquíssimo apreço pelo mundo da arte contemporânea. A maior parte dos artistas que conhecia se comportava exatamente como *empresários*: vigiavam com atenção os novos espaços e procuravam ocupá-los o mais rápido possível. Tal como os empresários, todos saíam em bando das mesmas escolas, eram fabricados no mesmo molde. Há, porém, algumas diferenças: no terreno da arte, o prêmio por inovar é mais alto que na maioria dos outros setores profissionais; além disso, os artistas funcionam muitas vezes em *matilhas* ou em *redes*, ao contrário dos empresários, seres solitários, cercados de inimigos — com os acionistas sempre prestes a abandoná-los, os executivos sempre prestes a traí-los. Mas era raro encontrar nas pastas dos artistas com quem eu lidava rastros de uma verdadeira necessidade interior. Fosse como fosse, no final de junho foi aberta a exposição de Bertrand Bredane, que desde o princípio eu havia apoiado com entusiasmo — para surpresa de Marie-Jeanne, que se havia acostumado com a minha docilidade indiferente e estava, ela própria, profundamente perturbada com as obras do sujeito. Não era exatamente um artista jovem, ele já tinha quarenta e três anos e estava um tanto acabado fisicamente — parecia-se bastante com o personagem do poeta alcoólatra de *Biquínis de Saint-Tropez*. Ficara mais conhecido por deixar carne apodrecendo em calcinhas de moças ou por criar moscas nos seus próprios excrementos e depois largá-los em salas de exposição. Nunca fez muito sucesso, não tinha bons contatos e insistia num caminho trash um pouco datado. Eu sentia nele uma certa autenticidade — mas talvez fosse simplesmente a autenticidade do fracasso. Não parecia muito equilibrado. Seu último projeto era pior que os anteriores ou, dependendo do ponto de vista, melhor. Fez um vídeo sobre o percurso dos cadáveres das pessoas que aceitam doar o corpo para a ciência depois de mortas — por exemplo, para treinamento em dissecação nas escolas de medicina. Alguns estudantes de medicina autênticos, vestidos normalmente, se misturavam com o público e de vez em quando exibiam mãos cortadas ou olhos tirados das órbitas — isto é, praticavam as brincadeiras que, segundo a lenda, eram apreciadas por estudantes de medicina. Cometi o erro de levar Valérie à vernissage, num dia em que ela já estava esgotada de trabalhar. Fiquei surpreso quando vi que havia bastante gente, inclusive várias personalidades importantes: seria o começo de um período de graça para Bertrand Bredane? Meia hora foi o bastante para Valérie me pedir para ir embora. Um estudante de medicina parou à sua frente, segurando na

mão um pau cortado, com os testículos ainda cheios de pelos. Ela virou a cabeça de nojo e me arrastou até a saída. Resolvemos nos refugiar no Café Beaubourg.

Meia hora depois apareceu Bertrand Bredane, com duas ou três garotas que eu já conhecia e mais outras pessoas, entre as quais identifiquei o diretor do departamento de mecenato da Caixa de Depósitos e Consignações. Sentaram-se numa mesa vizinha; eu não podia deixar de ir cumprimentá-los. Bredane estava visivelmente contente de me ver, na verdade nessa noite eu lhe dera uma força e tanto. A conversa se prolongou, Valérie veio sentar-se conosco. Não sei quem propôs ir tomar alguma coisa no Bar-bar; provavelmente o próprio Bredane. Cometi o erro de aceitar. A maioria dos clubes de swingers que tentaram encaixar uma noite SM por semana na programação fracassou. Em contrapartida, o Bar-bar, dedicado com exclusividade desde o princípio às práticas sadomasoquistas mas sem exigir na entrada um *dress code* muito estrito — exceto em certas noites —, vivia lotado desde que abriu. Que eu sabia, o ambiente SM era bastante específico, composto de pessoas que não sentem o menor interesse pelas práticas sexuais comuns e por isso rejeitam uma clássica boate de surubas.

Perto da entrada, uma mulher de uns cinquenta anos e cara de boneca girava dentro de uma gaiola, algemada e amordaçada. Observando melhor, percebi que também estava com os tornozelos presos por correntes metálicas às barras da gaiola; sua única vestimenta era um corpete de courvin preto, sobre o qual caíam seus gordos seios flácidos. Era uma escrava cujo amo, segundo o costume do lugar, ia leiloá-la por aquela noitada. Ela não parecia se divertir muito com a coisa, vi que se virava em todas as direções para tentar disfarçar suas nádegas extensamente invadidas pela celulite; mas não conseguia, porque a gaiola era aberta pelos quatro lados. Talvez fizesse aquilo para ganhar a vida, eu sabia que as pessoas podem se alugar como escravos por mil ou dois mil francos a noite. Tive a impressão de que devia ser uma funcionária pública de escalão inferior, tipo telefonista da Previdência Social, que fazia aquilo para completar o salário. Só havia uma mesa livre, perto da entrada da primeira sala de torturas. Assim que nos instalamos, passou por ali um executivo barrigudo, totalmente careca, vestido de terno e colete e arrastado pela coleira por uma dominadora negra com as nádegas de fora. Ela parou em frente à nossa mesa e ordenou ao cara que ficasse com o torso nu. Ele obedeceu; tinha peitos volumosos e inchados demais para um homem. Ela tirou então umas pinças de metal da bolsa e apertou seus mamilos, já alongados e vermelhos.

Ele fez uma careta de dor. A mulher puxou a coleira novamente: ele ficou de quatro e seguiu-a a duras penas; as dobras do seu abdômen tremiam, lívidas na luz

tênue. Pedi um uísque, e Valérie, um suco de laranja. Seu olhar permaneceu obstinadamente baixo afixando-se na mesa; ela não olhava para o que estava acontecendo em volta nem participava muito da conversa. Já Marjorie e Géraldine, as duas garotas que conheci no Departamento de Artes Plásticas, pareciam muito excitadas.

— Está tudo muito comportado esta noite, comportado demais — resmungava Bredane, um pouco decepcionado. Depois nos explicou que certas noites os clientes deixavam cravar agulhas nos seus colhões ou na glândula; uma vez tinha visto uma dominadora arrancando a unha de um sujeito com alicate. Valérie teve um estremecimento de nojo.

— Isto me parece totalmente asqueroso — disse, sem conseguir se conter.

— Por quê, *asqueroso*? — protestou Géraldine. — A partir do momento em que há livre consentimento dos participantes, não vejo qual é o problema. É um contrato, só isso.

— Não acredito que se possa *consentir livremente* a humilhação e o sofrimento. E mesmo que aconteça, não me parece razão suficiente.

Valérie estava realmente irritada; por um momento pensei em desviar a conversa para o conflito do Oriente Médio, mas depois percebi que estava pouco ligando para a opinião daquelas garotas; se elas parassem de me telefonar, diminuiria a minha carga de trabalho.

— Nossa, estas pessoas me dão um pouco de nojo — reforcei então. — E vocês me dão nojo também — acrescentei em voz mais baixa.

Géraldine não ouviu ou fingiu que não ouviu.

— Se eu sou maior de idade — prosseguiu — e minha fantasia é sofrer, explorar a dimensão masoquista da minha sexualidade, não vejo por que iriam me impedir de fazê-lo. Estamos numa democracia. — Ela também parecia irritada, senti que não demoraria a mencionar os *direitos do homem*. Quando falou em *democracia*, Bredane lhe deu um ligeiro olhar de desprezo; depois virou-se para Valérie.

— Você tem razão — disse, sombrio. — É totalmente asqueroso. Quando vejo alguém deixar arrancarem sua unha com um alicate, cagarem em cima do seu corpo e depois comer a merda do seu algoz, acho isso asqueroso. Mas é justamente a parte asquerosa do ser humano que me interessa.

Depois de alguns segundos, Valérie perguntou dolorosamente:

— Por quê?...

— Não sei — respondeu Bredane com simplicidade. — Eu não acredito na *parte maldita*, porque não acredito em nenhuma forma de maldição, nem de bênção, aliás. Mas tenho a impressão de que quando me aproximo da maldade e da crueldade, da dominação e da servidão, toco no essencial, na natureza íntima da sexualidade. Você não acha?

Ele agora se dirigia a mim. Não, realmente eu não achava. A crueldade é antiga no ser humano, já existe nos povos mais primitivos: nas primeiras guerras de clãs, os vencedores tinham o cuidado de conservar vivos alguns prisioneiros para mais tarde matá-los com torturas abomináveis. Essa tendência se repete constantemente na história, e podemos encontrá-la intacta em nossos dias: assim que uma guerra — externa ou civil — tende a apagar as coerções morais cotidianas — e isto seja qual for a raça, a população, a cultura — aparecem seres humanos dispostos a curtir as alegrias da barbárie e do massacre. Isto é comprovado, permanente, indiscutível, mas nada tem a ver com a busca do prazer sexual — igualmente antiga, igualmente forte. Em suma, eu não concordava; mas tinha consciência de que, como sempre, aquela discussão era inútil.

— Vamos dar uma volta — disse Bredane terminando sua cerveja.

Eu o segui, acompanhado pelos outros, até a primeira sala de tortura. Era uma caverna em arco, feita com pedras aparentes. A música que se ouvia no recinto eram acordes extremamente graves de órgão, aos quais se superpunham os berros dos condenados. A amplificação dos baixos era enorme; por toda parte havia refletores vermelhos espalhados, máscaras e instrumentos de tortura pendurados em grades; aquela decoração devia ter custado uma fortuna. Numa alcova, um sujeito careca e quase descarnado estava imobilizado pelos quatro membros, com os pés apertados num dispositivo de madeira que o mantinha a cinquenta centímetros do chão e os braços pendurados em algemas no teto. Uma dominadora de botas, luvas e roupa de látex preto andava em torno dele, armada com um chicote de correias finas incrustadas com uma chuva de pedras preciosas. Primeiro fustigou por muito tempo sua bunda, com golpes fortes e marcados; o cara estava de frente para nós, totalmente nu, soltando gritos de dor. Uma pequena assembleia se formou em torno do casal. “Ele deve estar no nível dois”, soprou Bredane. “O nível um é quando se para à vista do primeiro sangue.” O pau e os ovos do cara pendiam no vazio, muito compridos e meio distorcidos. A dominadora deu uma volta em torno dele, enfiou a mão numa bolsa que trazia na cintura e tirou vários anzóis, que cravou no seu escroto; um pouco de sangue brotou na superfície. Depois, mais suavemente, começou a chicotear as partes genitais. Era uma situação-limite: se uma das correias

do chicote se enganchasse nos anzóis, a pele dos colhões corria o risco de se rasgar. Valérie girou a cabeça e se encostou em mim.

— Vamos embora — disse com voz suplicante. — Vamos embora, eu explico depois. — Voltamos para o bar; os outros estavam tão cativados pelo espetáculo que não prestaram atenção em nós. — A garota que estava batendo no cara — disse a meia-voz —, eu a reconheci. Só a vi uma vez, mas tenho certeza de que é ela. É Audrey, a mulher de Jean-Yves.

Saímos de lá logo em seguida. No táxi, Valérie ficou prostrada, imóvel. Continuou calada no elevador, até o apartamento. Só quando fechamos a porta é que se reanimou:

— Michel... Você me acha convencional demais?

— Não. Também tenho horror a isso.

— Eu aceito a existência de algozes: essas coisas me dão nojo, mas sei que há pessoas que sentem prazer em torturar os outros; o que é demais para mim são as vítimas. Não consigo entender que um ser humano possa preferir o sofrimento ao prazer. Sei lá, seria preciso reeducá-los, amá-los, ensinar-lhes o prazer.

Eu ergui os ombros, para indicar que o assunto ultrapassava a minha competência — fato que me ocorria agora em quase todas as circunstâncias da vida. As coisas que as pessoas fazem, as que aceitam experimentar... não havia nada a entender em tudo isso, nenhuma conclusão geral, nenhum sentido. Troquei de roupa em silêncio. Valérie se sentou na cama ao meu lado. Ainda a sentia tensa, preocupada com a questão.

— O que me dá medo — prosseguiu — é que não existe mais contato físico. Todo mundo usa luvas, todo mundo usa instrumentos. As peles nunca se encostam, não há um beijo, um toque, uma carícia. Para mim, isso é exatamente o contrário da sexualidade.

Ela tinha razão, mas suponho que os adeptos do SM considerem suas práticas como a apoteose da sexualidade, sua forma última. Cada qual fica encerrado na própria pele, plenamente entregue às suas sensações de ser único; é uma maneira de ver as coisas. De qualquer modo, a verdade é que esse tipo de lugar estava cada vez mais na moda. Eu podia perfeitamente imaginar, por exemplo, garotas como Marjorie e Géraldine frequentando-os, ao passo que era difícil imaginar nelas a capacidade de abandono necessária para uma penetração, e mesmo para qualquer relação sexual.

— É mais simples do que pensamos — disse eu, por fim. — Existe a sexualidade das pessoas que se amam e a sexualidade das que não se amam. Quando não há mais possibilidade de identificação com o outro, a única modalidade que resta é o sofrimento — e a crueldade.

Valérie se encostou em mim.

— Vivemos num mundo estranho — disse. Em certo sentido, ela havia permanecido ingênua, protegida da realidade humana por seus horários de trabalho dementes, que mal lhe davam tempo para fazer compras, descansar, sair. Depois acrescentou: — Não gosto do mundo em que vivemos.

6

Os três grandes objetivos dos consumidores que se depreendem de nossa pesquisa são: o desejo de segurança, o desejo de afetividade e o desejo de estética.

Bernard Guilbaud

No dia 30 de junho chegaram os números referente às reservas feitas pela rede de agências de viagens. Eram excelentes. O produto “Eldorador Descoberta” havia sido um sucesso, com resultados iniciais superiores aos do Eldorador “fórmula normal” — os quais, por seu lado, continuavam a piorar. Valérie decidiu tirar uma semana de férias; fomos para a casa dos seus pais em Saint-Quay-Portrieux. Eu me sentia um pouco velho no papel de namorado sendo apresentado à família; realmente, tinha treze anos mais que Valérie, e era a primeira vez que me via numa situação daquele tipo. Quando o trem parou em Saint-Brieuc, o pai dela estava nos esperando na estação. Beijou calorosamente a filha, abraçou-a por um longo tempo, dava para notar que sentia a sua falta. “Você emagreceu um pouco”, disse. Depois se virou para mim e estendeu a mão sem me olhar muito. Também estava intimidado, acho: sabia que eu trabalhava no Ministério da Cultura, enquanto ele não passava de um homem do campo. A mãe foi muito mais loquaz, perguntou detalhes sobre a minha vida, meu trabalho, minhas distrações. A situação não era muito complicada, Valérie estava ao meu lado; de vez em quando respondia em meu lugar, trocávamos olhares. Eu não conseguia imaginar como me comportaria numa situação assim se algum dia tivesse filhos; na verdade, não conseguia imaginar muita coisa em relação ao futuro.

O jantar foi um verdadeiro banquete, com lagosta, lombo de cordeiro, queijos, torta de morango e café. Fiquei tentado a ver nisso um sinal de aceitação, embora

soubesse que o menu havia sido preparado com antecedência. Valérie praticamente monopolizou a conversa, falando sobretudo sobre o seu novo trabalho — do qual eu sabia quase tudo. Meu olhar flutuava pelo tecido das cortinas, os bibelôs, as fotos de família em suas molduras. Eu estava numa família, coisa emocionante mas um pouco aflitiva.

Valérie insistiu em dormir no seu quarto de adolescente. “É melhor vocês usarem o quarto de hóspedes”, protestou a mãe, “vão ficar apertados demais.” É verdade que a cama era meio estreita, mas eu fiquei muito comovido quando afastei a calcinha de Valérie e acariciei sua xoxota, pensando que ela já dormia ali quando tinha treze ou catorze anos. Os anos perdidos, pensei. Então me ajoelhei ao pé da cama, puxei totalmente a calcinha e virei seu corpo em minha direção. Ela pressionou a vagina contra a ponta do meu sexo. Comecei a brincar de penetrá-la e retirar alguns centímetros, em pequenos movimentos rápidos, apertando seus seios com as mãos. Ela gozou com um grito abafado, depois explodiu em risadas. “Meus pais...”, sussurrou, “eles ainda não estão dormindo.” Penetrei-a de novo, mais forte, e dessa vez gozei também. Ela me observava com os olhos brilhantes e pôs a mão na minha boca na hora em que eu gozava com um grunhido rouco.

Mais tarde, contemplei com curiosidade a mobília do quarto. Em cima dos volumes da Biblioteca Rosa, numa estante, havia vários caderninhos cuidadosamente encapados.

— Ah, isso — disse ela —, eu fazia quando tinha doze anos. Pode olhar. São histórias do Clube dos Cinco.

— Como assim?

— Histórias inéditas do Clube dos Cinco, que eu mesma escrevia, usando os mesmos personagens.

Peguei os cadernos: havia *O Clube dos Cinco no espaço*, *O Clube dos Cinco no Canadá*. De repente pensei numa garota imaginativa, bastante solitária, que eu jamais conheceria.

Nos dias que se seguiram não fizemos muita coisa além de ir à praia. O tempo estava bom, mas a água era fria demais para se nadar muito. Valérie ficava esticada ao sol durante horas; estava se recuperando pouco a pouco, os três últimos meses haviam sido os mais duros da sua vida profissional. Uma noite, três dias após a nossa chegada, comentei o assunto com ela. Foi no Oceanic Bar, depois de pedir uns coquetéis.

— Imagino que você vai ter menos trabalho, agora que a fórmula foi lançada.

— Nos primeiros tempos, sim — deu um sorriso desiludido. — Mas logo, logo vamos ter que achar outra coisa.

— Por quê? Por que não se dão por satisfeitos?

— Porque assim é o jogo. Se Jean-Yves estivesse aqui, diria que é o princípio do capitalismo: se você não avançar, morre. A menos que consiga uma vantagem decisiva sobre a concorrência; nesse caso, pode descansar durante alguns anos; mas nós ainda não chegamos lá. O princípio dos “Eldorador Descoberta” é bom, a ideia é engenhosa, esperta, se quiser, mas não se trata de algo realmente inovador: não passa de uma mistura bem dosada de dois conceitos anteriores. A concorrência vai ver que a coisa funciona e em pouco tempo estará disputando a mesma fatia de mercado. Não é muito complicado, o mais difícil foi preparar tudo em tão pouco tempo. Mas tenho certeza que a Novas Fronteiras, por exemplo, vai ser capaz de oferecer um produto concorrente a partir do próximo verão. Se quisermos manter a vantagem, teremos que inovar outra vez.

— E não acaba nunca?

— Acho que não, Michel. Sou bem paga, estou num sistema que conheço. Aceitei as regras do jogo. — Devo ter ficado com um ar sombrio, porque ela acariciou meu pescoço. — Vamos comer — disse. — Meus pais estão nos esperando.

Voltamos a Paris no domingo à noite. Na segunda de manhã, Valérie e Jean-Yves tinham uma reunião com Éric Leguen. Este fez questão de expressar a satisfação do grupo pelos primeiros resultados do plano de reestruturação. Por unanimidade, a direção decidira dar um bônus aos dois em forma de ações — o que era excepcional para gente com menos de um ano de casa.

Nessa noite fomos jantar num restaurante marroquino, na Rue des Écoles. Jean-Yves estava mal barbeado, tinha dificuldade para manter a cabeça erguida e parecia um pouco inchado.

— Acho que começou a beber — contou-me Valérie no táxi. — Ele passou umas férias horríveis com a mulher e as crianças na ilha de Ré. Ia ficar quinze dias, mas voltou em uma semana. Disse que não conseguia mais suportar os amigos da mulher.

De fato, as coisas não pareciam ir muito bem pelo lado dele: não tocou na sua tagine e não parava de se servir de vinho.

— Pronto! — disse num tom irônico. — Pronto!, começamos a nos aproximar da grande Tunísia! — balançou a cabeça, terminou o copo de vinho. — Desculpem — disse afinal, com um ar lastimável —, desculpem, eu não deveria falar desse jeito.

Pôs as mãos ligeiramente trêmulas em cima da mesa e esperou; o tremor pouco a pouco se acalmou. Depois olhou nos olhos de Valérie.

— Soube o que aconteceu com Marylise?

— Marylise Le François? Não, não a vi. Está doente?

— Não, doente não. Passou três dias no hospital com tranquilizantes, mas não está doente. Na verdade, foi agredida e estuprada no trem para Paris, voltando do trabalho na quarta-feira passada.

Marylise voltou ao trabalho na segunda seguinte. Estava com os nervos visivelmente abalados; seus gestos eram lentos, quase mecânicos. Contou a história com facilidade, uma facilidade excessiva — aquilo não parecia natural: seu estado era neutro, seu rosto, inexpressivo e rígido; podia-se dizer que estava repetindo maquinalmente aquele depoimento. Como saiu do trabalho às dez e quinze da noite, decidira pegar o trem das dez e vinte e um, pensando que seria mais rápido do que esperar um táxi. O vagão estava bastante vazio. Quatro caras se aproximaram dela e começaram a maltratá-la. Pelo que pôde observar, eram do tipo antilhano. Tentou conversar, brincar com eles; em resposta, levou dois tabefes que a desancaram. Depois os sujeitos pularam sobre ela, dois deles a jogaram no chão. Foi penetrada violenta e bruscamente, por todos os orifícios. Toda vez que tentava emitir um som, recebia um soco ou mais tapas. Aquilo levou muito tempo, durante o qual o trem parou várias vezes; os outros passageiros desciam e trocavam prudentemente de vagão. Revezando-se para estuprá-la, os quatro continuaram debochando dela e xingando, chamando-a de puta e de chupa-porra. No final, não havia mais ninguém no vagão. Terminaram cuspindo e mijando no seu corpo, formando um círculo em volta dela; depois a empurraram aos pontapés e a esconderam sem muito cuidado debaixo de um banco, antes de descerem tranquilamente na estação de Lyon. Os próximos passageiros entraram dez minutos depois e avisaram a polícia, que chegou quase de imediato. O delegado não ficou muito surpreso; segundo ele, Marylise tivera bastante sorte. Era comum que esses caras, depois de usar a garota, terminassem enfiando uma barra cheia de pregos na sua vagina ou no ânus. Era uma linha considerada perigosa.

Um comunicado interno recordou aos empregados as medidas de precaução

habituais, insistindo que havia táxis por conta da empresa à disposição de todos os que precisassem trabalhar até tarde. A segurança que controlava os escritórios e o estacionamento do pessoal foi reforçada.

Nessa noite Jean-Yves levou Valérie para casa, porque o carro dela estava na oficina. Ao saírem do escritório, ele olhou a paisagem caótica de casas individuais, shoppings, cruzamentos e retornos. No horizonte, ao longe, a camada de poluição dava estranhas tonalidades lilases e verdes ao pôr do sol.

— É curioso... — disse —, ficamos lá, dentro da empresa, como bestas de carga muito bem alimentadas. E aqui fora estão os predadores, a vida selvagem. Uma vez estive em São Paulo: foi lá que a evolução chegou ao seu ponto máximo. Aquilo não é mais uma cidade, é um território urbano que se estende a perder de vista, com favelas, gigantescos edifícios de escritórios e residências de luxo cercadas de guardas armados até os dentes. São mais de vinte milhões de habitantes, muitos dos quais nascem, vivem e morrem sem nunca sair dos limites do seu território. As ruas são muito perigosas, mesmo de carro a gente corre o risco de ser assaltado no sinal vermelho ou perseguido por uma quadrilha motorizada: as mais bem equipadas têm até metralhadoras e lança-foguetes. Para se deslocar, os homens de negócios e as pessoas ricas utilizam quase exclusivamente helicópteros; há locais de pouso por toda parte, no topo dos prédios de bancos e dos imóveis residenciais. No nível do solo, a rua é território dos pobres — e dos bandidos.

Entrando na autoestrada do Sul, acrescentou em voz baixa:

— Ando cheio de dúvidas. Cheio de dúvidas, cada vez mais frequentes, sobre o meu interesse pelo mundo que estamos construindo.

Alguns dias mais tarde, a mesma conversa se repetiu. Após estacionar em frente ao prédio da Avenue de Choisy, Jean-Yves acendeu um cigarro, ficou em silêncio por alguns segundos e se virou para Valérie:

— Estou muito contrariado por causa de Marylise. Os médicos disseram que ela podia voltar ao trabalho, e de fato em certo sentido está normal, não tem crises. Mas não tem a menor iniciativa, parece paralisada. Cada vez que precisa tomar alguma decisão, vem me consultar; e se eu não estiver é capaz de esperar horas sem mexer um dedo. Ela é a responsável pela comunicação, isso claramente não pode dar certo; não podemos continuar assim.

— Você não vai mandá-la embora, vai?

Jean-Yves apagou o cigarro e observou lentamente o bulevar fora do carro; depois

apertou o volante com as mãos. Estava cada vez mais tenso, mais perdido; Valérie notou que até seu terno começava a apresentar algumas manchas.

— Não sei — disse finalmente, suspirando com esforço. — Nunca tive que fazer esse tipo de coisa. Mandar embora, não, seria muita sujeira; mas vamos ter que achar alguma outra função para ela, na qual tenha menos decisões a tomar, menos contato com as pessoas. E ainda por cima ficou com uma tendência, depois do que lhe aconteceu, a ter reações racistas. É natural, dá até para entender, mas em turismo não é admissível. Na publicidade, nos catálogos, em tudo o que tenha a ver com a comunicação em geral, os nativos são sempre apresentados como pessoas calorosas, acolhedoras e abertas. Não pode ser diferente: na verdade é uma obrigação profissional.

No dia seguinte Jean-Yves falou com Leguen, que teve menos suscetibilidades — e uma semana mais tarde Marylise foi transferida para o departamento de contabilidade, substituindo uma funcionária que tinha se aposentado. Precisavam encontrar outro responsável pela comunicação dos Eldorador; Jean-Yves e Valérie decidiram fazer juntos as entrevistas de seleção. Depois de ouvir uns dez candidatos, foram almoçar no restaurante da empresa para conversar.

— Acho que devemos escolher o Nouredine — disse Valérie. — Ele tem realmente um talento incrível e já trabalhou em vários projetos diferentes.

— Sim, ele é o melhor; mas tenho a impressão de que é qualificado demais para o cargo. Não o vejo tanto coordenando a comunicação de uma empresa de turismo, e sim numa coisa mais prestigiosa, mais *arty*. Aqui ele vai se sentir insatisfeito e acabar saindo. Nosso alvo deve ser o meio da escala. Além do mais, o homem é bôer e isso pode dar problemas. Nós temos que usar muitos clichês sobre os países árabes para atrair as pessoas: a hospitalidade, o chá de menta, as cavalgadas, os beduínos... Sei que essas coisas são difíceis para os bôeres, porque normalmente eles detestam os países árabes de modo geral.

— Discriminação racial na contratação... — disse Valérie, irônica.

— Que bobagem! — Jean-Yves se irritou um pouco; desde a volta das férias ele estava decididamente muito tenso, começava a perder o senso de humor. — Todo mundo faz a mesma coisa! — continuou em voz excessivamente alta; na mesa ao lado se viraram para olhar. — A origem das pessoas faz parte da sua personalidade, e nós precisamos considerar isso, evidentemente. Por exemplo, eu contrataria sem

vacilar um imigrante tunisiano ou marroquino, mesmo que fosse com muito menos experiência que Nouredine, para negociar com fornecedores locais. Essa gente tem uma dupla referência que os torna mais fortes; o interlocutor sempre fica inseguro. Além do mais, chegam com a imagem de quem triunfou na França, os outros os respeitam logo de cara, sentem que não podem enganá-los. Os melhores negociadores que já tive eram pessoas de origem dupla. Mas, para esse cargo, acho que escolheria a Brigit.

— A dinamarquesa?

— Sim. Ela também é bastante qualificada em artes gráficas. E muito antirracista, acho que mora com um jamaicano, é um pouco boba, muito entusiasta a priori de tudo o que seja exótico. Por enquanto não pretende ter filhos. Resumindo, acho que é o perfil certo.

Talvez também existisse outra razão, como Valérie percebeu alguns dias depois ao surpreender Brigit apoiando a mão nas costas de Jean-Yves.

— É, você tem razão — confirmou ele tomando um café na máquina automática. — Minha ficha está ficando suja, agora me dedico ao assédio sexual... Enfim, aconteceu duas ou três vezes, mas a coisa não vai muito longe; de qualquer modo, ela tem um companheiro.

Valérie deu-lhe um rápido olhar. Ele precisava cortar o cabelo, estava realmente muito abandonado nesse período.

— Não estou censurando nada — disse ela. Intelectualmente ele não tinha mudado, continuava com uma compreensão certa das situações e das pessoas e uma fina intuição das articulações financeiras. Mas estava parecendo, cada vez mais, um homem infeliz, sem rumo certo.

Os questionários sobre o grau de satisfação começaram a ser avaliados. A taxa de retorno tinha sido alta, graças a uma promoção em que cinquenta sorteados ganhavam uma semana de férias. À primeira vista, as causas de desaprovação aos Eldorado “fórmula normal” eram difíceis de determinar. Os clientes estavam satisfeitos com a hospedagem e com o lugar, satisfeitos com o serviço de restaurante, satisfeitos com as atividades e com os esportes oferecidos: mesmo assim, apareciam cada vez menos hóspedes.

Por acaso, Valérie viu um artigo na *Tourisme Hebdo* que analisava os novos valores dos consumidores. O autor utilizava o modelo de Holbrook e Hirschman, que se baseia na emoção que o consumidor pode sentir diante de um produto ou

serviço, mas suas conclusões não tinham nada de particularmente novo. Os novos consumidores eram descritos como menos previsíveis, mais ecléticos, mais lúdicos, mais comprometidos com o humanismo. Já não consumiam para “parecer”, mas para “ser”: *mais serenidade*. Comiam de maneira equilibrada, cuidavam da saúde, temiam bastante os outros e o futuro. Por curiosidade ou por ecletismo, defendiam o direito à infidelidade; privilegiavam o sólido, o durável, o autêntico. Tinham exigências éticas: *mais solidariedade* etc. Tudo isso ela já havia lido cem vezes, os sociólogos do comportamento e psicólogos repetiam as mesmas palavras em diferentes artigos nos mais diversos órgãos de imprensa. Tudo aquilo, aliás, eles já haviam considerado. Os *villages* Eldorado foram construídos com materiais tradicionais, de acordo com os princípios da arquitetura de cada país. Os cardápios dos self-services eram equilibrados, davam grande importância às verduras, frutas e à dieta mediterrânea. Entre as atividades oferecidas havia ioga, relaxamento, tai chi chuan. O grupo Aurore tinha assinado a declaração do turismo ético e contribuía regularmente para o WWF. Nada disso parecia suficiente para reverter o declínio.

— Acho simplesmente que as pessoas mentem — disse Jean-Yves depois de ler pela segunda vez o relatório sobre a pesquisa de satisfação. — Elas se declaram satisfeitas, marcam sempre o item “Bom”, mas na realidade se chatearam durante as férias inteirinhas e se sentem culpadas demais para confessar. Vou acabar vendendo todos os resorts que não possam ser adaptados à fórmula “Descoberta” e preparar um pacote de férias ativas: aventuras em quatro por quatro, passeio em dirigível, churrasco de carneiro no deserto, cruzeiros em canoa, pesca submarina, rafting, tudo...

— Não estamos sozinhos nesse mercado.

— Não... — concordou com desânimo.

— Nós deveríamos passar uma semana incógnitos num resort, sem nenhum objetivo preciso. Só para sentir o clima.

— Puxa... — Jean-Yves se endireitou na poltrona, pegou um maço de planilhas. — Precisamos ver os que têm os piores resultados — passou rapidamente as folhas. — Djerba e Monastir são desastrosos, mas de qualquer jeito acho que vamos sair da Tunísia. Já está muito construído, e a concorrência parece disposta a baixar os preços a níveis alucinantes; considerando a nossa posição, acho que nunca vamos poder fazer o mesmo.

— Você tem alguma oferta de compra?

— Curiosamente, tenho. Neckermann está interessado. Querem abocanhar a clientela dos ex-países do Leste: Tchecoslováquia, Hungria, Polônia... lá embaixo

na escala, mas a Costa Brava está totalmente saturada. Também estão interessados no nosso resort de Agadir e oferecem um preço razoável. Estou pensando em vender; apesar de estar no sul de Marrocos, Agadir não consegue decolar, acho que as pessoas sempre vão preferir Marrakech.

— Mas Marrakech é péssimo.

— Sei disso... O mais estranho é que Sharm-el-Sheikh não funciona de verdade. Embora tenha alguns trunfos: os mais belos bancos de corais do mundo, passeios pelo deserto do Sinai...

— Sim, mas fica no Egito.

— E daí?

— Acho que ninguém ainda se esqueceu do atentado de Luxor, em 1997; afinal, foram cinquenta e oito mortos. A única chance de conseguir vender Sharm-el-Sheikh é tirando a palavra “Egito”.

— O que você colocaria no lugar?

— Sei lá, “Mar Vermelho”, por exemplo.

— O.k., “Mar Vermelho”, se preferir — tomou nota e voltou a consultar seus papéis. — A África está bem... É curioso, mas Cuba não teve uma boa performance. No entanto, a música cubana está sempre na moda, o clima latino etc. Santo Domingo, por exemplo, não ficou vazio — consultou a descrição do resort cubano. — O hotel de Guardalavaca é recente, está com preços de mercado. Nem muito esportivo, nem muito familiar. “No ritmo frenético da salsa, venha viver a magia das noites cubanas...” O faturamento caiu quinze por cento. Acho que poderíamos ir verificar in loco: lá ou no Egito.

— Vamos aonde você quiser, Jean-Yves... — respondeu ela com lassidão. — De qualquer maneira, vai lhe fazer bem viajar sem sua mulher.

O mês de agosto acabava de se instalar em Paris; os dias estavam quentes, até sufocantes, mas o bom tempo não se mantinha: após um dia ou dois, caía um temporal e a atmosfera esfriava de repente. Depois o sol voltava; a coluna do termômetro e as taxas de poluição começavam a subir outra vez. Meu interesse pelo assunto, para dizer a verdade, era muito superficial. A partir do meu contato com Valérie tinha deixado de lado os *peep-shows*; também deixara de lado, há muitos anos, a *aventura urbana*. Paris, para mim, nunca foi uma festa, e não vejo razão alguma para que isso aconteça. Mas há uns dez ou quinze anos, quando comecei a trabalhar no Ministério da Cultura, frequentava certas boates ou bares obrigatórios;

lembrava deles com uma angústia leve, mas constante. Não tinha nada a dizer, eu me sentia totalmente incapaz de manter uma conversa com alguém; tampouco sabia dançar. Nessas circunstâncias, comecei a me tornar alcoólatra. O álcool jamais me decepcionou, em nenhum momento da vida. Depois de uma dezena de gins-tônicas, às vezes conseguia — bastante raramente, deve ter ocorrido ao todo umas quatro ou cinco vezes — a energia necessária para convencer uma mulher a ir comigo para a cama. O resultado, aliás, em geral era decepcionante: não conseguia ficar de pau duro e acabava adormecendo em poucos minutos. Mais tarde descobri o Viagra; a impregnação alcoólica atrapalhava muito, mas, forçando as doses, podia-se chegar a alguma coisa. De qualquer maneira, não era nenhuma maravilha. Antes de Valérie eu realmente não tinha encontrado nenhuma garota que chegasse aos pés das prostitutas tailandesas. Talvez quando era bem jovem, com garotas de dezesseis ou dezessete anos, sentisse alguma coisa. Mas nos meios culturais que eu frequentava a coisa era absolutamente desastrosa. As garotas não tinham o menor interesse por sexo, só se interessavam por sedução — e ainda por cima uma sedução elitista, trash, fora de lugar, na verdade nem um pouco erótica. Na cama, elas eram completamente incapazes de qualquer coisa. Ou então precisavam de fantasias, um monte de historinhas fastidiosas e kitsch, cuja menção era suficiente para me enojar. Gostavam de falar sobre sexo, não há dúvida; aliás era o único assunto que tinham para conversar. Mas não existia nelas uma verdadeira inocência sensual. Os homens, por sua vez, não eram muito melhores. De qualquer maneira, falar sobre sexo o tempo todo sem nunca fazer coisa nenhuma é uma velha tendência francesa; só que estava começando a me encher a paciência.

Tudo pode acontecer na vida, principalmente nada. Mas dessa vez havia acontecido uma coisa na minha vida: eu tinha encontrado uma amante e ela me deixava feliz. Nosso mês de agosto foi muito doce. Espitalier, Leguen e os outros diretores do Aurore estavam de férias. Valérie e Jean-Yves tinham combinado de adiar as decisões importantes para depois da viagem a Cuba, no começo de setembro; era um descanso, um período de calma. Jean-Yves andava um pouco melhor.

— Enfim ele resolveu frequentar as putas — me contou Valérie. — Devia ter feito isso há mais tempo. Agora bebe menos, está mais calmo.

— Pelo que me lembro, transar com putas não é lá nenhuma maravilha.

— Sim, mas é uma coisa diferente. São garotas que se oferecem na internet,

bastante jovens, às vezes estudantes. Pegam poucos fregueses, escolhidos a dedo, e não fazem a coisa só pelo dinheiro. Enfim, ele me disse que não é nada mau. Se você quiser, um dia experimentamos. Uma bissexual para nós dois, sei que isso deixa os homens doidos — e eu também, para dizer a verdade, gosto de garotas.

Não fizemos isso naquele verão, mas o simples fato de ela propor já era terrivelmente excitante. Eu tinha sorte. Valérie conhecia todas as coisas que alimentam o desejo de um homem; não totalmente, isso não é possível, mas digamos que o mantém num nível suficiente para fazer amor de vez em quando esperando que tudo termine. Conhecer essas coisas, na verdade, não quer dizer nada, é tão fácil, tão ridículo e fácil; mas ela gostava de praticá-las, sentia prazer, adorava ver o desejo explodindo em meu olhar. Muitas vezes, num restaurante, deixava a calcinha em cima da mesa quando voltava do banheiro. Tinha acabado de tirar. Gostava, então, de meter a mão entre minhas pernas para aproveitar a ereção. Às vezes, abria a braguilha e me masturbava, com a ajuda da toalha de mesa. De manhã, quando ela me acordava com uma felação e me servia uma xícara de café antes de me abocanhar novamente, eu sentia impulsos vertiginosos de gratidão e de doçura. Sabia parar bem antes de me fazer gozar, conseguia me manter no limite durante horas. Eu vivia dentro de um jogo, um jogo excitante e terno, o único jogo que resta para os adultos; atravessava um universo de desejos ligeiros e de momentos ilimitados de prazer.

No final de agosto, a imobiliária de Cherbourg me ligou para dizer que tinha um comprador para a casa do meu pai. A pessoa queria reduzir um pouco o preço, mas estava disposta a pagar à vista. Aceitei imediatamente. Em breve iria embolsar um pouco mais de um milhão de francos. Na época estava trabalhando no dossiê de uma exposição itinerante que pretendia soltar rãs em castelos de cartas montados num recinto pavimentado de mosaico — em alguns quadrados, estavam gravados os nomes de grandes homens da história, como Durer, Einstein e Michelangelo. A principal despesa do orçamento era a compra dos baralhos, porque seria preciso trocá-los com frequência; de vez em quando também haveria que trocar as rãs. O artista fazia questão, pelo menos na vernissage em Paris, de baralhos de tarô; no interior, estava disposto a se contentar com cartas comuns. Decidi viajar a Cuba por uma semana com Jean-Yves e Valérie, no começo de setembro. Pretendia pagar a minha viagem, mas ela me disse que acertaria com a empresa.

— Não vou atrapalhar o trabalho de vocês — prometi.

— Nós não vamos trabalhar de verdade, sabe? Vamos como simples turistas. Não estamos pensando em fazer quase nada, só o mais importante: observar o que está falhando, o que falta no ambiente, por que as pessoas não estão voltando maravilhadas das férias. Você não vai atrapalhar; pelo contrário, pode até ser muito útil.

Pegamos o avião para Santiago de Cuba na sexta-feira, 5 de setembro, no meio da tarde. Jean-Yves não conseguiu deixar o laptop em Paris, mas de qualquer maneira parecia tranquilo, com sua camisa polo azul-claro, disposto a tirar umas férias. Logo depois da decolagem, Valérie pôs a mão na minha perna e relaxou, com os olhos fechados.

— Não estou preocupada, vamos descobrir alguma coisa — disse na hora da partida.

O percurso do aeroporto ao hotel levou duas horas e meia.

— Primeiro ponto negativo — comentou. — Precisamos ver se há algum voo que pouse em Holguín.

À nossa frente, no ônibus, duas sessentonas de permanente no cabelo cinza-azulado matraqueavam sem parar, apontando para os detalhes interessantes da paisagem: homens cortando cana, um urubu que planava acima dos prados, dois bois voltando para o estábulo... Pareciam decididas a se interessar por tudo, pareciam secas e resistentes; tive uma forte impressão de que aquelas duas não seriam clientes fáceis. Efetivamente, na hora da distribuição dos quartos a matraca A insistiu com enorme obstinação que queria um quarto contíguo ao da matraca B. Esse tipo de reivindicação não estava previsto, o funcionário da recepção não entendeu nada e foi preciso chamar o coordenador do resort. O homem tinha uns trinta anos, cabeça tipo carneirinho e um jeito teimoso; rugas de preocupação adornavam sua testa estreita; na verdade, o homem se parecia muito com o Nagui.

— Calma, está tudo bem... — disse ele quando soube do problema. — Tudo bem, minha senhora. Esta noite é impossível, mas amanhã haverá algumas saídas e trocamos o seu quarto.

O bagagista nos levou até uma cabana com vista para o mar, ligou o ar-condicionado e saiu com um dólar de gorjeta. “Pronto...”, disse Valérie sentando-se na cama. “As refeições são feitas no bufê. É a fórmula: tudo incluído, até petiscos e bebidas. A boate está aberta a partir das onze. Há um extra para massagens e para iluminação das quadras de tênis à noite.” O objetivo das empresas de turismo é fazer as pessoas felizes, por uma certa tarifa, durante um período determinado. Tal tarefa pode se revelar bastante fácil, mas também impossível, dependendo da natureza das pessoas, dos serviços oferecidos e de outros fatores. Valérie tirou a calça e a camisa. Eu me deitei na outra cama. Os órgãos sexuais existem como fontes permanentes e disponíveis de prazer. O deus que criou nossa desgraça, que nos fez efêmeros, vazios e cruéis, também previu essa forma de débil compensação. Se não houvesse, de vez em quando, um pouco de sexo, em que consistiria a vida? Um combate inútil contra as articulações que endurecem e as cáries que se formam. Tudo, ainda por cima, absolutamente desinteressante — o colágeno que anquilosa as fibras, a criação de cavidades microbianas nas gengivas. Valérie abriu as coxas bem em cima da minha boca. Estava com uma tanga muito pequena, de renda malva. Afastei o tecido e molhei os dedos para acariciar seus lábios. Ela tirou minha calça e pôs meu sexo na

cavidade da mão. Começou a acariciar suavemente as bolas, sem pressa. Usei um travesseiro para erguer minha boca até a altura da boceta. Nesse momento percebi uma arrumadeira varrendo a areia na varanda. As cortinas estavam abertas e a janela escancarada. Notando meu olhar, a garota caiu na gargalhada. Valérie se ergueu e lhe fez sinal para que se aproximasse. Ela ficou parada no lugar, hesitante, segurando a vassoura. Valérie se levantou, foi até lá e lhe estendeu as mãos. Assim que entrou, a garota começou a desabotoar a blusa: não estava com nada por baixo, só uma tanga de algodão branco; devia ter uns vinte anos, seu corpo era bem escuro, quase preto, tinha uns peitinhos firmes e a bunda empinada. Valérie fechou as cortinas e eu me levantei. A garota se chamava Margarita. Valérie pegou a mão dela e colocou-a no meu sexo. Ela caiu na risada de novo, mas começou a me masturbar. Valérie tirou rapidamente o sutiã e a calcinha, deitou-se na cama e começou a se tocar. Margarita vacilou ainda um instante, mas depois tirou a tanga e se ajoelhou entre as coxas de Valérie. Primeiro olhou a boceta, acariciando-a com a mão, depois aproximou a boca e começou a lambe-la. Valérie pôs uma das mãos na cabeça de Margarita para guiá-la e com a outra começou a me masturbar. Quando senti que ia gozar me afastei e fui buscar uma camisinha no estojo de cosméticos. Estava tão excitado que custei a encontrar e depois a enfiá-la, minha vista estava turva. O rabo da negrinha balançava enquanto ela se mexia no púbis de Valérie. Penetrei-a de uma vez só, a xoxota estava aberta como uma fruta. Ela gemeu fraquinho e espichou a bunda em minha direção. Comecei a ir e vir dentro dela, de qualquer jeito; minha cabeça estava rodando, meu corpo, tomado por arrepios de prazer. A noite havia caído, não se via quase nada no quarto. Como se viessem de muito longe, de outro mundo, ouvi os estertores de Valérie em aumento. Amassei a bunda de Margarita com as mãos, penetrando-a cada vez mais forte — nessa altura eu não queria mais me controlar. Quando Valérie soltou um grito, gozei também. Durante um ou dois segundos tive a sensação de me esvaziar completamente, flutuar na atmosfera. Depois voltei a ter o meu peso, e ao mesmo tempo me senti inteiramente esgotado. Caí na cama entre os seus braços.

Mais tarde distingi confusamente Margarita voltando a se vestir e Valérie vasculhando a bolsa para lhe dar algo. As duas se beijaram na soleira da porta; lá fora estava escuro.

— Dei quarenta dólares a ela — disse Valérie deitando-se ao meu lado. — É o preço que os ocidentais pagam. Para ela, representa um mês de salário.

Acendeu o abajur da mesinha de cabeceira. Lá fora passavam silhuetas, destacando-se como sombras chinesas nas cortinas; ouvíamos o som de conversas. Pus as mãos nas suas costas.

— Muito bom... — disse eu com um assombro incrédulo. — Realmente foi muito bom...

— Sim, essa garota é extremamente sensual. Também me chupou gostoso.

— Estranho, os preços do sexo... — continuei com hesitação. — Tenho a impressão de que não dependem tanto do nível de vida do país. É óbvio que em cada lugar você recebe coisas totalmente diferentes; mas o preço básico é mais ou menos o mesmo: aquele que os ocidentais estão dispostos a pagar.

— Você acha que isso é o que chamam de *economia de mercado*?

— Sei lá... — balancei a cabeça. — Nunca entendi nada de economia; é uma espécie de bloqueio.

Eu estava faminto, mas o restaurante só abria às oito; bebi três piñas coladas no bar, assistindo ao que eles chamavam de *diversão da happy hour*. O efeito do gozo se dissipava muito lentamente, eu estava meio atordoado, de longe tinha a impressão de que todos os animadores se pareciam com o Nagui. Na verdade não se pareciam, alguns eram bem mais jovens, mas cada um deles tinha alguma coisa de estranho: cabeça raspada, uma barbicha ou trancinhas. Davam uns berros espantosos e de vez em quando escolhiam uma pessoa do público e a obrigavam a subir ao palco. Por sorte, eu estava longe o suficiente para não me sentir seriamente ameaçado.

O dono do bar era insuportável, um verdadeiro inútil: sempre que eu queria alguma coisa, limitava-se a fazer um gesto de desprezo e me mandar falar com os garçons; parecia um toureiro aposentado, com várias cicatrizes e uma barriguinha redonda, sob controle. A sunga amarela que estava usando delineava com precisão a forma do seu sexo; o cara era *bem-dotado* e fazia questão de mostrar. Quando voltei para a minha mesa, depois de conseguir com muito trabalho o quarto drinque, vi que ele se aproximava de uma mesa vizinha, ocupada por um compacto grupo de cinquentonas de Quebec. Eu já as tinha observado quando cheguei: eram atarracadas e fortes, cheias de dentes e gordura, além de falarem incrivelmente alto; não era de estranhar que tivessem enterrado seus maridos rapidamente. Senti que não seria prudente passar à frente delas numa fila do self-service ou chegar perto demais de um pote de cereais que ambicionassem. Quando o velho galã se aproximou da mesa, foi recebido com olhares apaixonados; aquelas donas quase

viraram mulheres outra vez. Ele se pavoneou bastante, acentuando sua obscenidade com uns gestos de suspensão que fazia de vez em quando através da sunga, com os quais parecia querer confirmar a materialidade do seu *conjunto de três peças*. As cinquentonas de Quebec pareciam encantadas com aquela companhia tão evocativa, seus velhos e castigados corpos ainda queriam um lugar ao sol. Ele fazia bem o seu papel e falava em voz baixa no ouvido das velhotas, chamando-as à maneira cubana de “*mi corazón*” ou “*mi amor*”. Certamente nada mais iria acontecer, ele se contentava com provocar os últimos estremecimentos naquelas velhas bocetas, mas aquilo talvez fosse o suficiente para que aquelas donas tivessem a impressão de ter passado férias excelentes e recomendassem o resort às amigas; ainda tinham pelo menos uns vinte anos pela frente. Esbocei então o argumento de um filme pornográfico-social intitulado *Os maduros soltam a franga*: duas gangues agiam em resorts, uma de coroas italianos, a outra de velhotas de Quebec. Cada uma delas, armadas com *nunchakus* e furadores de gelo, submetiam uns adolescentes nus e bronzeados aos piores ultrajes. Naturalmente, acabavam se encontrando num veleiro do Club Med; os membros da tripulação eram rapidamente subjugados, estuprados um por um e depois jogados ao mar por velhotas embriagadas de sangue. O filme terminava com uma gigantesca suruba da terceira idade, enquanto o barco, com as amarras cortadas, navegava diretamente rumo ao polo Sul.

Afinal Valérie apareceu, bem maquiada e usando um vestido branco, curto e transparente; eu ainda estava com tesão. Encontramos Jean-Yves no bufê. Parecia tranquilo, quase lânguido, e nos contou relaxadamente suas primeiras impressões. O quarto não era ruim, os animadores um pouco invasivos; mas, como ele estava alojado bem ao lado do som, a situação era quase insuportável. A comida não é grande coisa, acrescentou, olhando com amargura para o seu pedaço de frango cozido. No entanto, todo mundo se servia com fartura, e várias vezes, no bufê; os velhos em particular eram de uma voracidade surpreendente, parecia que tinham passado a tarde fazendo esportes náuticos ou vôlei de praia.

— Eles comem à beça — comentou Jean-Yves com resignação. — O que mais você quer que façam?

Depois do jantar houve um espetáculo em que foi mais uma vez solicitada a participação do público. Uma mulher de uns cinquenta anos arriscou uma interpretação de “Bang-bang”, de Sheila, no caraoquê. Era bastante corajoso por parte dela, e recebeu alguns aplausos. Mas de modo geral o show era feito pelos

animadores. Jean-Yves parecia prestes a dormir, enquanto Valérie bebericava tranquilamente um drinque. Olhei para a mesa ao lado: as pessoas pareciam um pouco entediadas, mas batiam palmas ao final de cada apresentação. As causas da decadência dos resorts não me pareciam difíceis de compreender; na verdade, acho que estavam na cara. A clientela era, em boa parte, composta de velhos ou adultos de certa idade, e a turma de animadores se propunha a arrastá-los para uma felicidade que eles já não podiam desfrutar, pelo menos daquela maneira. Mesmo Valérie e Jean-Yves — e eu próprio, em certo sentido — tinham responsabilidades profissionais na *vida real*; eram funcionários sérios, respeitáveis, cheios de preocupações — sem contar os impostos, os problemas de saúde e outras coisinhas. A maior parte das pessoas sentadas naquelas mesas estava na mesma situação: eram executivos, professores, médicos, engenheiros, contadores; ou então aposentados que tinham exercido as mesmas profissões. Não dava para entender como aqueles animadores podiam esperar que participássemos com entusiasmo de coisas como *noites de contato* ou *festivals da canção*. Eu não via como, na nossa idade e na nossa situação, ter algum *espírito de festa*. Aquela programação era concebida, no máximo, para menores de catorze anos.

Tentei compartilhar minhas reflexões com Valérie, mas o animador começou a falar outra vez, com o microfone bem perto da boca — emitia um barulho horroroso. Agora fazia uma improvisação inspirada em Lagaf ou talvez em Laurent Baffie; fosse quem fosse, ele andava com as palmas das mãos no chão e era seguido por uma garota fantasiada de pinguim que ficava rindo de tudo o que ele dizia. O espetáculo terminou com a dança do resort e os *crazy signs*; algumas pessoas da primeira fila se levantaram e se espreguiçaram com moleza. Jean-Yves, ao meu lado, sufocou um bocejo. “Vamos dar uma passada na boate?”, propôs.

Havia umas cinquenta pessoas, mas praticamente só os animadores dançavam. O DJ alternava techno e salsa. Por fim, alguns casais de meia-idade tentaram a salsa. O sujeito que andava com as mãos passava na pista entre os casais, batendo nas mãos deles e gritando: “*Caliente! Caliente!*”. Tive a impressão de que estava incomodando, mais do que animando, o pessoal. Fui me instalar no bar e pedi uma piña colada. Dois coquetéis mais tarde, Valérie me pegou pelo cotovelo, apontando para Jean-Yves. “Acho que vamos poder deixá-lo sozinho”, sussurrou no meu ouvido. Ele estava conversando com uma mulher muito bonita, de uns trinta anos, provavelmente italiana. Os ombros dos dois se tocavam, muito próximos, e os rostos

estavam virados um para o outro.

A noite estava quente e úmida. Valérie me puxou pelo braço. O barulho da boate desapareceu; ouvia-se agora um zumbido de walkies-talkies, eram os guardas patrulhando o terreno. Depois de passar pela piscina, viramos em direção ao mar. A praia estava deserta e as ondas lambiam suavemente a areia a poucos metros de nós; não se ouvia mais nenhum ruído. Chegando à cabana, tirei a roupa e me deitei, para esperar Valérie. Ela escovou os dentes, também se despiu e veio se juntar a mim. Eu me aconcheguei contra o seu corpo nu. Pus uma das mãos nos seus peitos, a outra na cavidade do ventre. Era doce.

8

Quando acordei, estava sozinho na cama, com um pouco de dor de cabeça. Levantei-me meio grogue e acendi um cigarro; depois de algumas tragadas já me sentia melhor. Enfie uma calça e saí para a varanda, que estava coberta de areia — o vento devia ter trazido durante a noite. O dia mal começava, o céu parecia nublado. Andei alguns metros em direção ao mar e avistei Valérie mergulhando nas ondas. Dava algumas braçadas, saía e mergulhava de novo.

Parei, dando uma tragada no cigarro; como o vento estava um pouco frio, hesitei em entrar na água. Valérie se virou e, quando me viu, gritou: “Vem”, fazendo um gesto com a mão. Nesse instante o sol apareceu entre duas nuvens, iluminando-a de frente. A luz brilhou em seus seios e quadris, fazendo a espuma cintilar no cabelo e nos pelos púbicos. Fiquei petrificado por alguns segundos, consciente de que aquela era uma imagem que eu jamais iria esquecer, uma dessas imagens que, dizem, a gente vê passar nos tais segundos que antecedem a morte.

A guimba me queimou os dedos; joguei-a na areia, tirei a roupa e fui para o mar. A água estava muito fria e salgada; era um banho de rejuvenescimento. Uma faixa de sol brilhava na superfície, correndo até o horizonte; prendi a respiração e mergulhei no sol.

Mais tarde nos protegemos com uma toalha, olhando o dia que se instalava acima do oceano. As nuvens se dissiparam pouco a pouco e as superfícies luminosas ficaram mais amplas. Às vezes, de manhã, tudo parecia mais simples. Valérie deixou a toalha, oferecendo o corpo ao sol.

— Não estou com vontade de me vestir — disse ela.

— Veste o mínimo — arrisquei. Um pássaro voava a meia altura, pesquisando a superfície das águas.

— Gosto de nadar, gosto de fazer amor — continuou. — Mas não gosto de dançar, não sei me distrair e sempre detestei a noite. Será normal?

Hesitei bastante antes de responder.

— Não sei... — disse afinal. — Só sei que sou parecido com você.

Não havia muita gente nas mesas do café da manhã, mas Jean-Yves já estava lá, com um café e um cigarro na mão. Não tinha se barbeado e dava a impressão de haver dormido mal. Quando nos chamou com um gesto, fomos nos sentar com ele.

— Então, foi bom com a italiana? — perguntou Valérie enquanto atacava uns ovos mexidos.

— Nada especial. Começou a me contar que trabalha com marketing, que tem problemas com o namorado e que por isso viaja sozinha nas férias. Acabou enchendo o meu saco e fui me deitar.

— Você devia tentar com as arrumadeiras...

Ele deu um sorriso vago, apertou a ponta do cigarro no cinzeiro.

— O que vamos fazer hoje? — perguntei. — Afinal, estamos numa programação “descoberta”.

— Ah, é... — Jean-Yves fez uma careta de cansaço. — Quer dizer, mais ou menos. Não houve tempo para preparar muita coisa. É a primeira vez que trabalho com um país socialista; é complicado fazer tudo às pressas nos países socialistas. De qualquer maneira, esta tarde vai haver alguma coisa... — parou, tentou explicar melhor. — Se entendi bem, é um espetáculo com golfinhos e depois vamos poder nadar com eles. Imagino que é para montar nas costas deles ou algo assim.

— Ah, sim, já sei — interveio Valérie. — É uma droga. Todo mundo acha que os golfinhos são uns mamíferos doces, amistosos etc., mas na verdade não é nada disso, eles se organizam em grupos muito hierarquizados com um macho dominante e são bastante agressivos: muitas vezes lutam até a morte. Na única vez que tentei nadar com golfinhos fui mordida por uma fêmea.

— Tudo bem... — Jean-Yves abriu as mãos pedindo calma. — De qualquer maneira, esta tarde vai haver golfinhos para quem quiser. Amanhã e depois temos uma excursão de dois dias a Baracoa, deve ser interessante, é o que espero. E depois... — pensou um pouco —, enfim, acho que é só isso. Quer dizer, no último dia, antes de pegar o avião, teremos um almoço com lagosta e uma visita ao cemitério de Santiago.

Transcorreram alguns segundos de silêncio depois dessa declaração.

— Pois é — retomou penosamente Jean-Yves —, acho que este programa não deu muito certo. Aliás — prosseguiu depois de uma pausa —, tenho a impressão de

que as coisas não vão nada bem neste resort. Quer dizer, além de mim... Ontem não vi muitos casais se formando na boate, mesmo entre os jovens — ficou calado por mais alguns segundos. — *Ecco...* — concluiu, com um gesto resignado.

— Parece que o sociólogo tinha razão — comentou Valérie, pensativa.

— Que sociólogo?

— Lagarrigue. O sociólogo do comportamento. Ele tinha razão quando falou que estamos longe da época dos *bronzeados*.

Jean-Yves terminou o café e depois balançou a cabeça num gesto de amargura.

— É verdade — disse com desgosto —, eu nunca pensei que algum dia iria sentir saudade daquele tempo.

Para chegar à praia, tivemos que enfrentar o assédio dos vendedores de quinquilharias de artesanato; não houve grandes problemas, não eram muito numerosos nem muito grudentos, e pudemos nos livrar deles com sorrisos e gestos de desculpas. Durante o dia, os cubanos estavam autorizados a frequentar a praia do resort. “Eles não têm muita coisa para oferecer ou vender”, explicou Valérie, “mas tentam, fazem o que podem.” Aparentemente, ninguém conseguia viver do próprio salário naquele país. Nada funcionava muito bem: faltava gasolina para os motores, peças de reposição para as máquinas. Daí o clima de utopia agrária que se sentia ao atravessar os campos: agricultores arando com bois e se deslocando de carroça... Mas não se tratava de utopia nem de reconstituição ecológica: era a realidade de um país que não conseguia se manter na era industrial. Cuba ainda exportava alguns produtos agrícolas, como café, cacau e cana de açúcar, mas a produção industrial havia praticamente caído a zero. Era difícil achar artigos de consumo elementares como sabão, papel ou canetas esferográficas. As únicas lojas bem sortidas eram as de produtos importados, nas quais se pagava em dólar. Por isso, todos os cubanos sobreviviam graças a uma segunda atividade, ligada ao turismo. Os mais favorecidos eram aqueles que trabalhavam diretamente para a indústria turística; os outros, de uma maneira ou de outra, tentavam conseguir dólares com pequenos serviços ou vendendo alguma coisa.

Eu me deitei na areia para pensar. Para os homens e as mulheres morenos que circulavam entre os grupos de turistas, nós éramos simplesmente umas carteiras ambulantes, não havia por que alimentar ilusões quanto a isso; mas acontecia a

mesma coisa em qualquer país do Terceiro Mundo. O específico, em Cuba, era o ritmo paralisante da produção industrial. Eu sou absolutamente incompetente no terreno da produção industrial, mas estou perfeitamente adaptado à era da informação, quer dizer, a nada. Valérie e Jean-Yves, como eu, só sabiam manipular informação e capitais; eles os utilizavam de maneira inteligente e competitiva, enquanto eu o fazia de forma mais rotineira e burocratizada. Mas nenhum de nós três, nem qualquer das pessoas que conheço, seria capaz de promover, no caso por exemplo de um bloqueio por alguma potência estrangeira, uma recuperação da produção industrial. Não tínhamos qualquer noção de usinagem de peças, fundição de metais ou modelagem de matérias plásticas. Sem falar de coisas mais recentes, como fibra ótica ou microchips. Vivemos num mundo composto de objetos cuja fabricação, condições de possibilidade e modo de ser nos são totalmente alheios. Passei os olhos ao meu redor, espantado com essa constatação: vi uma toalha, óculos de sol, bronzeador, um livro de bolso de Milan Kundera. Papel, algodão, vidro — máquinas sofisticadas, sistemas de produção complexos. O biquíni de Valérie, por exemplo — eu me sentia incapaz de entender seu processo de fabricação; era composto de oitenta por cento de látex e vinte por cento de poliuretano. Introduzi dois dedos por dentro do sutiã; debaixo da união das fibras industriais, senti a carne pulsando. Empurrei os dedos um pouco mais para baixo, senti o mamilo endurecer. Aquela era uma coisa que eu podia fazer, que sabia fazer. O sol pouco a pouco foi ficando arrasador. Uma vez dentro da água, Valérie tirou a calcinha. Enlaçou minha cintura com as pernas e se deitou de costas, boiando. Sua boceta já estava aberta. Penetrei-a suavemente, indo e vindo ao ritmo das ondas. Não havia alternativa. Parei bem na hora de gozar. Voltamos para nos secar ao sol.

Um casal passou ao nosso lado: um negro alto e uma garota de pele muito branca, rosto nervoso e cabelo bem curtinho, que falava olhando para ele e rindo alto demais. Era visivelmente americana, talvez jornalista do *New York Times* ou coisa parecida. Na verdade, olhando bem, havia muitos casais mistos naquela praia. Mais adiante, dois louros altos de sotaque anasalado, semilambuzados de óleo, riam e brincavam com duas esplêndidas garotas de pele acobreada.

— Não podem levá-las para o hotel — disse Valérie seguindo o meu olhar. — Há quartos para alugar na vila vizinha.

— Eu pensava que os americanos não podiam vir a Cuba.

— Teoricamente não podem, mas chegam pelo Canadá ou pelo México. Na verdade, estão furiosos por terem perdido Cuba. É compreensível... — disse, pensativa. — Se há um país no mundo que precisa de turismo sexual, são eles. Mas

por enquanto as firmas americanas estão proibidas, não têm direito de investir aqui. Seja como for, Cuba vai voltar a ser capitalista, é uma questão de anos, mas até lá o campo está livre para os europeus. Por isso o Aurore não quer abrir mão deste resort, apesar das dificuldades: é o momento certo para tirar vantagem sobre a concorrência. Cuba é uma oportunidade única na região Antilhas-Caribe. Enfim — e continuou num tom ligeiro, depois de um intervalo de silêncio —, é como se fala no meu meio profissional... no mundo da economia global.

9

A van para Baracoa saía às oito da manhã; havia nela umas quinze pessoas. Todas já tinham se conhecido e não se cansavam de elogiar os golfinhos. O entusiasmo dos aposentados (a maioria), dos dois fonoaudiólogos que passavam as férias juntos e do casal de estudantes se manifestava, naturalmente, com escolhas lexicais ligeiramente diferentes, mas todos pareciam confluir nestes termos: uma experiência única.

Depois a conversa girou sobre as características do resort. Dei uma olhada em Jean-Yves: sentado sozinho no meio da van, ele tinha deixado a agenda e uma caneta no banco ao lado. Em posição inclinada, de olhos semicerrados, estava concentrado em captar as conversas. Era nesse estado, evidentemente, que esperava fazer uma boa colheita de impressões e observações úteis.

Também sobre o resort parecia haver consenso entre os participantes. Os animadores foram unanimemente considerados simpáticos, mas as atividades, pouco interessantes. Os quartos eram bons, exceto os situados perto do equipamento de som, muito barulhentos. Quanto à comida, decididamente não era nenhuma maravilha.

Nenhuma das pessoas ali presentes tinha participado das aulas de musculação, aeróbica, salsa ou espanhol. Por fim, o que havia de melhor ainda era a praia, porque era calma. “Animação e som considerados incômodos”, anotou Jean-Yves na agenda. As cabanas tiveram aprovação geral, porque ficavam longe da boate. “Na próxima vez, vamos exigir uma cabana!”, afirmou com firmeza um aposentado atarracado, em plena força da idade e visivelmente habituado a mandar; na verdade, tinha passado sua vida profissional comercializando vinhos de Bordeaux. Os dois estudantes tinham a mesma opinião. “Boate inútil”, anotou Jean-Yves pensando melancolicamente em todos os investimentos realizados à toa.

Depois do entroncamento de Cayo Saetia, a estrada ia ficando cada vez pior. Havia buracos e gretas, às vezes no meio da pista. O motorista era obrigado a ziguezaguear o tempo todo, enquanto nós chacoalhávamos nos bancos, balançando da direita para a esquerda. Os passageiros reagiam com exclamações e risos.

— Ainda bem que têm boa disposição — disse Valérie em voz baixa. — Esta é a vantagem das excursões “descoberta”: o pessoal pode estar em condições insuportáveis, mas para eles tudo faz parte da aventura. Porém realmente falhamos: para este trajeto, de modo geral seria preciso um quatro por quatro.

Um pouco antes de Moa, o motorista se desviou à direita para evitar um buraco enorme. O veículo derrapou devagar, depois parou numa vala. O homem acelerou fundo: as rodas patinaram na lama marrom e a van continuou imóvel. Insistiu várias vezes, sem resultado.

— Bom — disse o vendedor de vinhos cruzando os braços com um ar divertido —, vamos ter que descer para empurrar.

Sáímos do veículo. À nossa frente se estendia uma planície imensa, toda coberta por um lodo rachado e marrom de aspecto insalubre; havia poças de água estagnada, quase preta, cercadas por capinzais secos e esbranquiçados. Ao fundo, uma gigantesca fábrica com paredes de tijolo escuro dominava a paisagem, com suas duas chaminés vomitando uma fumaça espessa. Dali saíam uns tubos enormes, meio enferrujados, que ziguezagueavam sem direção aparente no meio da planície. No acostamento, um painel de metal no qual Che Guevara exortava os trabalhadores ao desenvolvimento revolucionário das forças produtivas também começava a enferrujar. A atmosfera estava saturada de um cheiro infecto, que parecia sair do próprio lodo, mais que das poças de água.

A vala não era profunda, e a van saiu com facilidade graças aos nossos esforços conjugados. Todos voltaram a entrar, parabenizando-se mutuamente. Almoçamos um pouco adiante, num restaurante de frutos do mar. Jean-Yves olhava para a agenda com ar preocupado. Não havia tocado na comida.

— Para as excursões “descoberta” — concluiu, depois de uma longa reflexão —, acho que a coisa começou bem; mas para a fórmula resort não vejo realmente o que se pode fazer.

Valérie o olhou com toda a tranquilidade, bebericando seu café gelado; ela parecia não estar ligando. — Claro — prosseguiu Jean-Yves —, podemos despedir a equipe de animadores, isso reduziria a folha salarial.

— Pode ser uma boa ideia.

— Não será um pouco radical? — inquietou-se. — Não se preocupe. De

qualquer maneira, animador de resort não é lá uma grande profissão para os jovens. Só os deixa bobos e preguiçosos, e seja como for não leva a nada. O máximo a que podem aspirar com isso é se tornar coordenador de algum resort — ou então animador de televisão.

— Bem... então reduzo a folha salarial; mesmo assim, acho que não é suficiente para concorrer com os alemães; afinal, os animadores não ganham tanto assim. De qualquer maneira, vou fazer uma simulação nas planilhas esta noite, mas não acredito muito que irá resolver.

Ela assentiu, indiferente, como se dissesse: “Pode simular à vontade, não vai fazer mal algum”. Valérie me surpreendia um pouco naquele período, eu a estava achando muito cool. É verdade que transávamos bastante, e isso, sem dúvida, acalma — relativiza as questões. Jean-Yves, pelo contrário, parecia estar a ponto de mergulhar de cabeça nas planilhas; cheguei a me perguntar se não iria pedir ao motorista para tirar seu laptop do bagageiro.

— Não se preocupe, vamos achar uma solução — disse Valérie, dando-lhe uns tapinhas amistosos nas costas. Com isso ele pareceu se acalmar por um tempo e voltou ao seu lugar.

Durante a segunda parte do trajeto, os passageiros falaram bastante sobre Baracoa, nosso destino final; pareciam saber quase tudo sobre a cidade.

No dia 28 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo ancorou nessa baía, cuja forma perfeitamente circular o impressionou. “Um dos mais belos espetáculos que se podem ver”, anotou em seu diário de bordo. A região era habitada pelos índios tainos. Em 1511, Diego Velázquez fundou Baracoa, a primeira cidade espanhola na América. Durante mais de quatro séculos o lugar ficou isolado do resto da ilha, por ser acessível somente de barco. Em 1963, a construção do viaduto de La Farola permitiu ligá-lo por terra a Guantánamo.

Chegamos pouco depois das três da tarde; a cidade se estendia ao longo de uma baía que formava um círculo quase perfeito. A satisfação geral se expressou com exclamações de admiração. Afinal de contas, o que todos os apreciadores de viagens de “descoberta” buscam é uma *confirmação* do que leram nos guias. Em poucas palavras, o público era perfeito: Baracoa, com sua modesta estrela no guia *Michelin*, não poderia decepcionar. O hotel El Castillo, situado num antigo forte espanhol, dominava a cidade. Vista de cima, Baracoa parecia esplêndida, mas de fato não era melhor que a maioria das cidades. Na verdade, era igual a qualquer outra, com seus

casebres miseráveis, de um tom cinza quase preto, tão sórdidos que pareciam desabitados. Decidi ficar na piscina com Valérie. O hotel tinha uns trinta quartos, todos ocupados por turistas do norte da Europa que pareciam ter vindo mais ou menos pelas mesmas razões. Observei primeiro duas inglesas quarentonas e rechonchudas, uma delas de óculos; estavam em companhia de dois mulatos com ar despreocupado e, no máximo, uns vinte e cinco anos. Os dois pareciam bem à vontade naquela situação; falavam e brincavam com as gorduchas, seguravam as mãos delas, pegavam-nas pela cintura. Eu seria incapaz de fazer aquele tipo de trabalho; perguntei-me se eles teriam truques, em quem ou no que deviam pensar para estimular suas ereções. A certa altura, as inglesas subiram para seus quartos enquanto os caras continuaram na beira da piscina; se eu estivesse realmente interessado na humanidade, poderia puxar conversa, tentar saber um pouco mais sobre eles. Talvez bastasse se masturbar corretamente, sem dúvidas a ereção podia ter um caráter puramente mecânico; as biografias de michês poderiam me informar a esse respeito, mas eu só dispunha do *Discurso sobre o espírito positivo*. Quando folheava o subcapítulo intitulado “A poética popular, sempre social, deve tornar-se principalmente moral”, vi uma alemã saindo de um quarto na companhia de um negro forte. Ela parecia realmente uma alemã tal como a gente imagina, de longos cabelos louros, olhos azuis, um corpo agradável e firme, seios fartos. Um tipo físico muito atrativo, mas que infelizmente não se conserva; a partir dos trinta anos já há reformas a fazer, tipo lipoaspiração, silicone etc. Por enquanto, porém, estava tudo em seu lugar, ela era francamente excitante; seu cavaleiro estava com sorte. Perguntei-me se ela pagaria tanto quanto as inglesas e se havia uma tabela única para homens e mulheres; isso também seria preciso pesquisar, averiguar. Era muito cansativo para mim; decidi subir para o quarto. Pedi um coquetel, que beberiquei lentamente na varanda. Valérie estava tomando sol e de vez em quando caía na piscina; quando fui me deitar, notei que ela havia começado a conversar com a alemã.

Foi me visitar lá pelas seis da tarde; eu tinha adormecido no meio do livro. Tirou o maiô, tomou um banho e veio para o meu lado, com a toalha em volta da cintura e o cabelo ligeiramente úmido.

— Você vai dizer que é uma obsessão minha, mas perguntei à alemã o que é que os negros têm a mais do que os brancos. É verdade, e isso de certo modo é surpreendente: as mulheres brancas preferem dormir com africanos, os homens brancos com asiáticas. Preciso saber por quê, é importante para o meu trabalho.

— Também há brancos que gostam de negras — observei.

— É menos comum; o turismo sexual é muito menos comum na África do que na Ásia. Aliás, o turismo em geral, para dizer a verdade.

— E o que ela respondeu?

— As coisas de sempre, que os negros são descontraídos, viris, têm espírito festeiro; sabem se divertir sem muita preocupação, nunca há problemas com eles.

A resposta da alemã de fato era banal, mas já fornecia o esboço de uma teoria pertinente: em poucas palavras, os brancos são negros inibidos, que querem recuperar uma inocência sexual perdida. É claro que isso não explica a misteriosa atração que as mulheres asiáticas parecem exercer nem o prestígio sexual que, segundo todos os testemunhos, os brancos desfrutam na África negra. Articulei então uma teoria mais complicada e incerta: resumindo, os brancos querem ser escuros e aprender as danças dos negros, os negros queriam clarear a pele e alisar o cabelo. Toda a humanidade tendia instintivamente à mestiçagem, à diferenciação generalizada, e fazia isso, em primeiríssimo lugar, pelo meio mais elementar, que é a sexualidade. A única pessoa, contudo, que levou o processo até o fim foi Michael Jackson: ele não era mais nem branco nem negro, nem jovem, nem velho; em certo sentido, não era homem nem mulher. Ninguém pode imaginar realmente a sua vida íntima; considerando as categorias da humanidade comum, ele havia conseguido ultrapassá-las. Por isso pode ser considerado uma estrela, e até a maior estrela — na verdade, a primeira — da história do mundo. Todas as outras — Rodolfo Valentino, Greta Garbo, Marlene Dietrich, Marilyn Monroe, James Dean, Humphrey Bogart — podiam no máximo ser consideradas artistas talentosos; eles apenas imitaram a condição humana, dando-lhe uma transposição estética; Michael Jackson, o número um, tentou ir além.

Era uma teoria sedutora, e Valérie me ouviu com atenção; eu mesmo, no entanto, não estava totalmente convencido. Deveria concluir então que o primeiro ciborgue, o primeiro indivíduo que aceitasse implantar no cérebro um elemento de inteligência artificial, de origem extra-humana, iria ao mesmo tempo se tornar uma estrela? Provavelmente sim, mas isso não tinha nada a ver com o assunto. Michael Jackson podia ser uma estrela, mas com certeza não era um símbolo sexual; se quiséssemos produzir deslocamentos turísticos maciços, capazes de justificar altos investimentos, seria preciso buscar forças de atração mais elementares.

Um pouco mais tarde, Jean-Yves e os outros voltaram da visita à cidade. O museu de história local era dedicado principalmente aos costumes dos tainos, os primeiros

habitantes da região. Ao que parece, eles levavam uma existência pacífica, baseada na agricultura e na pesca. Os conflitos entre tribos vizinhas eram quase inexistentes e, assim, os espanhóis não tiveram nenhuma dificuldade para exterminar aqueles seres tão pouco preparados para a luta. Hoje em dia não restava nada deles, exceto traços genéticos ínfimos no físico de certos indivíduos; sua cultura desaparecera por completo, e podia muito bem nunca ter existido. Em certos desenhos feitos pelos religiosos que tentaram — quase sempre em vão — sensibilizá-los para a mensagem do Evangelho, os tainos eram vistos trabalhando na terra ou na cozinha, em volta do fogo; mulheres com seios nus amamentavam suas crianças. Isso tudo dava a impressão, senão do Éden, pelo menos de uma história *lenta*; a chegada dos espanhóis acelerou sensivelmente as coisas. Depois dos clássicos conflitos entre as potências coloniais que, na época, estavam com a faca e o queijo na mão, Cuba se tornou independente em 1898; pouco depois passou para o domínio americano. No começo de 1959, após vários anos de guerra civil, as forças revolucionárias comandadas por Fidel Castro levaram a melhor sobre o Exército regular, obrigando Batista a fugir. Por causa da divisão em dois blocos que dominava o planeta então, Cuba teve que se aproximar rapidamente do bloco soviético e instaurou um regime de tipo marxista. Privado de apoio logístico depois da queda da União Soviética, o regime agora chegava ao fim. Valérie vestiu uma saia curta com uma fenda do lado e um bustiê de renda preta; tínhamos tempo para beber alguma coisa antes do jantar.

Todo mundo estava reunido na beira da piscina e contemplava o sol descendo sobre a baía. Perto da margem, os restos de um cargueiro se enferrujavam lentamente. Outros barcos, menores, flutuavam nas águas quase imóveis, e tudo aquilo dava uma enorme impressão de abandono. Das ruas da cidade, mais abaixo, não chegava nenhum barulho; algumas lâmpadas se acendiam, hesitantes. Junto com Jean-Yves, havia na mesa um homem de uns sessenta anos, de rosto abatido e aspecto miserável, e um outro, claramente mais jovem, de trinta anos no máximo, que reconheci como o gerente do hotel. Eu o havia observado várias vezes durante a tarde, passando nervoso entre as mesas, correndo de um lugar para o outro e verificando que todos fossem atendidos; seu rosto parecia minado por uma ansiedade permanente, sem motivo. Quando nos viu chegar, o homem se levantou com vivacidade, puxou duas cadeiras, chamou um garçom, ordenou que nos servisse sem demora e depois saiu em direção à cozinha. O velho ao seu lado olhava desencantado a piscina, os casais sentados às mesas e, aparentemente, o mundo em geral. “Pobre povo cubano...”, disse após um longo silêncio. “Não tem mais nada para vender, além de seus corpos.” Jean-Yves explicou que ele morava ali ao lado e

era o pai do gerente. Tinha participado da revolução, mais de quarenta anos antes; lutara nos primeiros batalhões de soldados que aderiram à insurreição castrista. Depois da guerra, trabalhara na fábrica de níquel de Moa, primeiro como operário, depois como contramestre e por fim — depois de voltar à universidade — como engenheiro. Seu status de herói da revolução permitiu ao filho conseguir um emprego importante na indústria turística.

— Nós fracassamos — disse com voz surda — e merecemos esse fracasso. Tínhamos dirigentes de grande valor, homens excepcionais, idealistas, que colocavam o bem da pátria antes dos próprios interesses. Lembro do comandante Che Guevara no dia em que veio à nossa cidade inaugurar a fábrica de processamento de cacau; revejo seu rosto corajoso, honesto. Ninguém jamais iria dizer que o comandante tinha enriquecido ou que procurava vantagens para si ou sua família. Também é o caso de Camilo Cienfuegos e de qualquer outro dos nossos dirigentes revolucionários, inclusive Fidel — Fidel sem dúvida ama o poder, quer ficar de olho em tudo; mas é austero, não tem propriedades magníficas nem contas na Suíça. Então o Che foi lá, inaugurou a fábrica, fez um discurso exortando o povo a ganhar a batalha pacífica da produção depois da luta armada pela independência; isso foi pouco antes de partir para o Congo. E nós podíamos perfeitamente ganhar a batalha. Aqui é uma região muito fértil, a terra é rica e bem irrigada, tudo nasce à vontade: café, cacau, cana, frutas exóticas de toda espécie. O subsolo está cheio de níquel. Tínhamos uma fábrica ultramoderna, construída com a ajuda dos russos. Depois de seis meses, a produção havia caído para metade da quantidade normal: todos os operários roubavam chocolate, bruto ou em barras, e depois distribuíam para as famílias ou revendiam aos estrangeiros. E o mesmo aconteceu em todas as fábricas, no país inteiro. Quando os operários não tinham nada para roubar, trabalhavam mal, ficavam preguiçosos, estavam sempre doentes, faltavam por qualquer motivo. Passei anos tentando me comunicar com eles, convencê-los a fazer um esforço em benefício do país: só tive decepções e fracassos.

Depois se calou; um resto de luz flutuava sobre o Yunque, uma montanha com o topo misteriosamente truncado, em forma de mesa, que dominava as colinas e tinha impressionado fortemente Cristóvão Colombo. Do restaurante vinha um ruído de talheres se entrechocando. O que podia estimular os seres humanos a realizarem os trabalhos enfadonhos e penosos? Esta me parecia a única questão que valia a pena ser colocada. O testemunho do velho operário era definitivo e inquestionável: para ele, só a necessidade de dinheiro; parecia claro que a revolução havia fracassado em criar um *homem novo* com motivações mais altruístas. Por isso a sociedade cubana,

como todas as sociedades, era um engenhoso dispositivo destinado a permitir que alguns escapassem dos trabalhos enfadonhos e penosos. A menos que o dispositivo fracassasse, ninguém mais se iludia, ninguém mais era motivado pela esperança de algum dia desfrutar do trabalho comum. O resultado era que nada funcionava, ninguém mais trabalhava nem produzia coisa nenhuma, e a sociedade cubana se tornara incapaz de assegurar a sobrevivência de seus membros.

Os outros integrantes da excursão se levantaram e se dirigiram para as mesas. Procurei desesperadamente alguma coisa otimista para dizer àquele senhor, uma mensagem de esperança indeterminada; mas não descobri nada, não havia nada a dizer. Como ele pressentia com amargura, Cuba voltaria logo a ser capitalista e nada restava das esperanças revolucionárias que a tinham formado — apenas os sentimentos de fracasso, inutilidade e desgosto. Seu exemplo não seria respeitado nem seguido: para as gerações futuras ele seria um motivo de vergonha. Tinha lutado, e depois trabalhado a vida inteira, rigorosamente em vão.

Durante toda a refeição bebi bastante, e no fim estava quase fora do ar; Valérie me olhou um pouco inquieta. As dançarinas de salsa estavam se preparando para o espetáculo, com suas saias pregueadas de forro colorido. Eu sabia mais ou menos o que queria dizer a Jean-Yves, mas seria aquele o momento certo? Senti que ele estava um pouco desorientado, mas relaxado. Pedi um último drinque, acendi um cigarro antes de começar.

— Você quer realmente uma fórmula nova para salvar os seus resorts?

— Claro, estou aqui para isso.

— Faça um lugar onde os hóspedes possam trepar. É disso que eles sentem falta. Se não tiverem alguma aventura nas férias, vão embora insatisfeitos. Não têm coragem de confessar, talvez nem tenham consciência disso, mas na próxima viagem vão escolher outra empresa.

— Mas eles podem trepar, tudo aqui é feito para excitar... Este, aliás, é o princípio dos resorts. Por que não trepam, não sei.

Descartei a objeção com um gesto.

— Eu também não, mas o problema não é esse; não adianta procurar as causas do fenômeno, supondo que essa expressão tenha algum sentido. Deve estar acontecendo alguma coisa que faz os ocidentais não conseguirem mais trepar, talvez algo ligado ao narcisismo, ao sentimento de individualidade, ao culto da performance, pouco importa. Na verdade, a partir dos vinte e tantos anos as pessoas têm dificuldade para encontrar novos parceiros sexuais, apesar de continuarem sentindo as mesmas necessidades, elas só acabam muito lentamente. Assim, em geral

passam trinta anos, quase a totalidade da vida adulta, num estado permanente de carência.

Em plena impregnação alcoólica, no instante anterior ao embotamento, às vezes a gente tem alguns momentos de lucidez aguda. O declínio da sexualidade no Ocidente era certamente um fenômeno sociológico maciço, cuja explicação por este ou aquele fator psicológico individual seria inútil; mas, olhando para Jean-Yves, percebi que ele próprio ilustrava perfeitamente a minha tese, a sensação era quase incômoda. Não apenas não trepava mais, como não tinha mais tempo para pensar no assunto, nem, na verdade, sequer vontade; e, pior ainda, sentia esse desperdício de vida marcado em sua própria carne: começava a farejar o cheiro da morte.

— No entanto — protestou depois de uma longa hesitação —, ouvi dizer que os clubes de *swingers* têm um certo sucesso.

— Não, eles vão cada vez pior. Abrem-se muitas boates, mas fecham logo por falta de clientes. Na realidade, só há duas que funcionam bem em Paris, a Chris et Manu e a 2+2, e mesmo assim só ficam lotadas no sábado à noite. Para um lugar de dez milhões de habitantes, é pouco, bem menos que no começo dos anos 1990. Os clubes de *swingers* são uma fórmula interessante, mas estão cada vez mais fora de moda, porque as pessoas não querem mais trocar nada, isso já não corresponde à mentalidade moderna. Na minha opinião, esses lugares têm tantas chances de sobreviver quanto viajar de carona nos anos 1970. A única prática que atualmente corresponde de fato a alguma coisa é o SM...

Nesse momento Valérie me deu um olhar assustado, junto com um chute na canela. Eu a fitei com surpresa, levei alguns segundos para entender: não, evidentemente eu não ia falar de Audrey; fiz um pequeno gesto com a cabeça para tranquilizá-la. Jean-Yves percebeu a interrupção.

— Veja bem — continuei —, por um lado há centenas de milhões de ocidentais que têm tudo o que desejam, mas não conseguem mais encontrar satisfação sexual: procuram o tempo todo e não encontram nada; são infelizes até não poder mais. Por outro lado, você tem alguns bilhões de indivíduos que não têm nada, passam fome, vivem em condições insalubres, morrem jovens e só têm para vender o próprio corpo e sua sexualidade intacta. É simples, realmente simples de entender: uma situação de intercâmbio ideal. A fortuna que se pode ganhar nisso é quase inimaginável: mais do que na informática, mais do que nas biotecnologias, mais do que na indústria da mídia; não há setor da economia que possa se comparar.

Jean-Yves não respondeu; nesse momento a orquestra atacou em seu primeiro número. As dançarinas eram bonitas e sorridentes, as saias voavam em redemoinhos,

mostrando generosamente suas coxas bronzeadas; ilustravam de maneira perfeita o meu discurso. A princípio pensei que ele não ia dizer nada, que iria simplesmente digerir a ideia. Uns cinco minutos depois, porém, voltou ao assunto:

— Esse seu sistema não se aplica aos países muçulmanos...

— Não tem problema, você os deixa com o “Eldorador Descoberta”. Pode até inventar uma fórmula mais pesada, com trekking e experiências ecológicas, um negócio tipo *survivor*, que poderia se chamar “Eldorador Aventura”: vai vender bem na França e nos países anglo-saxões. Em compensação, os resorts destinados ao sexo poderiam funcionar nos países mediterrâneos e na Alemanha.

Dessa vez ele sorriu com sinceridade:

— Você deveria ter feito carreira em business — disse meio a sério. — Tem ótimas ideias...

— Puxa, ideias... — Minha cabeça girava um pouco, eu não conseguia mais distinguir as dançarinas; acabei minha bebida num gole só. — Talvez tenha boas ideias, mas sou incapaz de entrar de cabeça numa conta de custos e benefícios, fazer um orçamento com cálculos e previsões. Quer dizer... Puxa vida, tenho ideias...

Não me lembro bem do resto da noite, devo ter adormecido. Quando acordei, estava na minha cama; Valérie, deitada nua ao meu lado, respirava com regularidade. Acordei-a quando me mexi para pegar o maço de cigarros.

— Você estava muito bêbado agora há pouco...

— É, mas o que eu disse a Jean-Yves era sério.

— Acho que ele levou mesmo a sério... — ela acariciou minha barriga com a ponta dos dedos. — Além do mais, penso que você tem razão. A liberação sexual no Ocidente realmente acabou.

— Sabe por quê?

— Não... — ela vacilou, depois respondeu: — Não, no fundo não sei.

Acendi um cigarro, ajeitei a cabeça nos travesseiros e disse:

— Me chupa. — Ela me olhou com surpresa, mas pegou meus colhões e aproximou a boca. — Olha só! — exclamei com uma expressão triunfal. Ela parou e me olhou surpresa. — Está vendo, eu disse “Me chupa” e você me chupou; a priori, não estava com vontade.

— Não, não estava pensando nisso; mas me dá prazer.

— Justamente, é isso que me surpreende em você: você gosta de dar prazer ao

outro. Oferecer o corpo como objeto agradável, dar gratuitamente prazer: é isso o que os ocidentais não sabem mais fazer. Perderam por completo o senso da doação. Podem até se esforçar, mas não conseguem mais sentir o sexo como algo natural. Não apenas têm vergonha do próprio corpo, que não está à altura daqueles que vemos nos filmes pornô, mas também, pelo mesmo motivo, não sentem nenhuma atração pelo corpo do outro. É impossível fazer amor sem um certo abandono, sem a aceitação ao menos temporária de um certo estado de dependência e de fraqueza. A exaltação sentimental e a obsessão sexual têm a mesma origem, as duas nascem de um certo esquecimento de si mesmo; nesse terreno, você não pode se realizar sem se perder. As pessoas se tornam frias, racionais, extremamente conscientes da sua existência individual e dos seus direitos; o que mais desejam é evitar a alienação e a dependência; ainda por cima, estão obcecadas pela saúde e a higiene: realmente não são as condições ideais para fazer amor. No ponto a que chegamos, a profissionalização da sexualidade no Ocidente se tornou uma coisa inevitável. Claro, também há o SM. É um universo puramente cerebral, com regras precisas, um acordo preestabelecido. Os masoquistas só se interessam por suas próprias sensações, tentam ver até onde podem chegar na dor, é um pouco como nos esportes radicais. Os sádicos são outra história, eles vão o mais longe possível, sentem desejo de destruir: se pudessem mutilar ou matar, eles o fariam.

— Não quero me lembrar disso — disse ela, tremendo —, me dá nojo de verdade.

— Porque você continua sexual, instintiva. Você é realmente normal, não se parece com os ocidentais! O SM organizado, com regras, só pode interessar a pessoas cultas, cerebrais, que perderam a atração pelo sexo. Para os outros, só há uma solução: os produtos pornô, com profissionais; ou então, se quiserem sexo real, os países do Terceiro Mundo.

— Bem... — ela sorriu. — Posso continuar a chupar, mesmo assim?

Caí sobre o travesseiro e a deixei à vontade. Tinha uma vaga consciência, naquele momento, de que estava começando alguma coisa: no aspecto econômico, tinha certeza de que estava certo, calculava a clientela potencial em pelo menos oitenta por cento dos adultos ocidentais; mas sabia que as pessoas, estranhamente, às vezes têm problemas para aceitar as ideias simples.

10

Tomamos o café da manhã na varanda à beira da piscina. Quando estava terminando meu café, vi Jean-Yves saindo do quarto com uma das dançarinas da véspera. Era uma negra esguia, com pernas longas e finas, que não devia ter mais de vinte anos. Houve um momento de constrangimento, mas depois ele se dirigiu à nossa mesa com um sorriso desajeitado e nos apresentou Angelina.

— Estive pensando na sua ideia — foi logo dizendo. — O que me dá um pouco de medo é a reação das feministas.

— Vai haver mulheres entre os clientes — replicou Valérie.

— Você acha?

— Ah, claro, com certeza... — respondeu com uma ponta de amargura. — Olha só à nossa volta.

Ele deu uma espiada nas mesas ao redor da piscina: de fato, havia muitas mulheres sozinhas em companhia de cubanos; quase tantas como homens sozinhos na mesma situação. Ele fez uma pergunta a Angelina em espanhol e nos traduziu a resposta:

— Ela é *jinetera* há três anos, tem mais clientes italianos e espanhóis, talvez por ser negra: os alemães e os anglo-saxões se contentam com uma garota de tipo latino, para eles já é bastante exótico. Tem muitos amigos *jineteros*, cujas clientes são principalmente inglesas e americanas, e algumas alemãs também. — Tomou um gole de café, pensou um instante. — Como vamos chamar os resorts? Precisa ser um nome evocativo, bem diferente de “Eldorador Aventura” mas que não seja muito explícito.

— Eu pensei em “Eldorador Afrodite” — disse Valérie.

— “Afrodite”... — repetiu a palavra, pensativo. — Não é má ideia, parece menos vulgar que “Vênus”. Erótico, culto, um pouco exótico: gosto disso.

Sáímos para Guardalavaca uma hora depois. Jean-Yves se despediu da *jinetera* a alguns metros da van; parecia um pouco triste. Quando entrou no veículo, observei que o casal de estudantes o olhava com hostilidade; o negociante de vinhos, por seu lado, parecia não dar a mínima.

O retorno foi bastante insosso. Claro que ainda restavam o mergulho, as noites de caraoquê, o arco e flecha; os músculos se tensionam, depois relaxam; o sono chega rápido. Não guardei muitas lembranças dos últimos dias da nossa viagem, nem mesmo da última excursão, exceto que a lagosta parecia borrachuda e o cemitério era decepcionante. Mas havia o túmulo de José Martí, pai da pátria, poeta, político, polemista, pensador. Um baixo-relevo representava sua figura, adornada com um bigode. Um ataúde coberto de flores repousava no fundo de uma fossa circular, em cujas paredes estavam gravados os pensamentos mais conhecidos do herói — sobre a independência nacional, a resistência à tirania, o sentimento de justiça. Nem por isso dava a impressão de que seu espírito soprasse naqueles lugares: o pobre homem parecia simplesmente morto. Não era, de qualquer modo, um defunto antipático, dava até vontade de conhecê-lo, talvez ironizar o seu sério humanismo um pouco estreito; mas isso não parecia ser possível, ele parecia efetivamente preso no passado. Poderia se levantar para galvanizar de novo a pátria e conduzi-la a novos progressos do espírito humano? Não dava para imaginar uma coisa assim. Em resumo, foi um fracasso entristecedor, como acontece aliás em todos os cemitérios republicanos. De qualquer jeito, era irritante constatar que os católicos continuavam sendo os únicos que sabem montar um dispositivo funerário operacional. É verdade que sua maneira de tornar a morte magnífica e comovente consiste simplesmente em negá-la. Com argumentos assim. Mas ali, em vez de Cristo ressuscitado, seria melhor ter ninfas, jovens pastoras, enfim, um pouco de sacanagem. Naquele estado, não dava para imaginar o coitado do José Martí brincando nos prados do Além; parecia mais estar enterrado nas cinzas de um tédio eterno.

No dia seguinte à nossa volta, tivemos um encontro no escritório de Jean-Yves. Havíamos dormido pouco no avião; tenho a lembrança de um clima feérico e alegre nesse dia, bastante estranho no imenso prédio deserto. Três mil pessoas trabalhavam lá durante a semana, mas naquele sábado éramos só nós três, além da turma de segurança. Bem ali perto, na entrada do centro comercial de Evry, dois bandos rivais

se enfrentavam com navalhas, bastões de beisebol e garrações de ácido sulfúrico; nessa noite se contariam sete mortos, entre os quais dois transeuntes e um policial. O caso seria amplamente noticiado pelas rádios e televisões em cadeia nacional; mas naquele momento nós não sabíamos de nada. Num estado de excitação um pouco irreal, criávamos uma plataforma pragmática para a divisão do mundo. As sugestões que eu iria fazer talvez provocassem investimentos de milhões de francos ou o emprego de centenas de pessoas — o que para mim era novo e bastante vertiginoso. Delirei um pouco durante a tarde inteira, mas Jean-Yves me ouviu com atenção. Depois disse a Valérie que estava convencido de que, se me soltasse as rédeas, eu podia ter iluminações. Em resumo, eu me encarregaria da parte criativa e ele ficava com as decisões; era assim que via as coisas.

O caso dos países árabes foi resolvido rapidamente. Levando-se em conta a sua religião insensata, qualquer atividade de ordem sexual parecia fora de questão. Os turistas que optassem por esses países teriam que se contentar com as duvidosas delícias da aventura. De qualquer maneira, Jean-Yves tinha decidido vender Agadir, Monastir e Djarba, deficitárias demais. Restavam dois destinos, que podiam ser aceitavelmente classificados na rubrica “aventura”. Os visitantes de Marrakech dariam umas voltas de camelo. Os de Sharm-el-Sheikh poderiam ver os peixes vermelhos ou fazer excursões pelo Sinai até o local da sarça ardente, onde Moisés tinha “soltado fogo pelas ventas”, segundo a imagem de um egípcio que eu tinha conhecido três anos antes numa excursão fluvial pelo Vale dos Reis. “Certo!”, exclamou ele com ênfase, “ali há um conjunto impressionante de pedregulho... Mas concluir daí a existência de um *Deus único!*...” Aquele homem inteligente — e muitas vezes engraçado — parecia tomado de afeto por mim, sem dúvida porque era o único francês do grupo; por obscuras razões culturais ou sentimentais, ele nutria uma antiga paixão — na verdade, mais teórica hoje em dia — pela França. Literalmente tinha salvado as minhas férias falando comigo. Com uns cinquenta anos de idade, sempre vestido de maneira impecável e muito bronzado, com um pequeno bigode, ele era bioquímico de formação, tinha emigrado para a Inglaterra ao terminar seus estudos e foi bem-sucedido de modo brilhante no campo da engenharia genética. De visita ao seu país natal, pelo qual afirmava manter intacta sua afeição, empregava palavras muito duras para estigmatizar o islã. Os egípcios não são árabes, ele queria me persuadir disso antes de mais nada. “Quando penso que este país inventou tudo!...”, exclamava, indicando com um gesto amplo o vale do Nilo. “A arquitetura, a astronomia, a matemática, a agricultura, a medicina...” (exagerava um pouco, mas era um oriental e tinha necessidade de me convencer

rapidamente). “Depois do surgimento do islã, acabou-se! O nada intelectual absoluto, o vazio total. Viramos um país de mendigos pulguentos. Mendigos cheios de pulgas, é isso que nós somos. Ralé, ralé!..” (expulsou com um gesto irado uns pivetes que vieram pedir moedas). “Vocês precisam lembrar, *cher monsieur*” (ele falava corretamente cinco línguas estrangeiras: francês, alemão, inglês, espanhol e russo), “que o islã nasceu em pleno deserto, no meio de escorpiões, camelos e animais ferozes de toda espécie. Sabe como eu chamo os muçulmanos? *Os miseráveis do Saara*. É o único nome que eles merecem. Você acha que o islã poderia ter surgido numa região tão esplêndida?” (apontou de novo para o vale do Nilo, com uma emoção real). “Não, *monsieur*. O islã só podia nascer num deserto estúpido, no meio de beduínos sebosos que não tinham nada melhor a fazer — perdoe-me a expressão — do que enrabar camelos. Quanto mais uma religião se aproxima do monoteísmo — pense nisso, *cher monsieur* —, mais ela é inumana e cruel; e o islã é, de todas as religiões, a que impõe o monoteísmo mais radical. Desde o seu nascimento o islã se caracteriza por uma sucessão ininterrupta de guerras, invasões e massacres; enquanto ele existir, a concórdia não poderá reinar no mundo. Nunca, também, a inteligência e o talento poderão encontrar seu lugar em terra muçulmana; se existem matemáticos, poetas e sábios árabes, é simplesmente porque perderam a fé. Quando se lê o Corão, não se pode deixar de ficar impressionado com o deplorável clima de tautologia que caracteriza a obra: *Não há outro Deus senão o Deus único* etc. Desse jeito, convenhamos, não se pode ir muito longe. Ao contrário de ser um esforço de abstração, como se pretende às vezes, a adoção do monoteísmo não passa de um impulso na direção do embrutecimento. Veja como o catolicismo, religião sutil, que eu respeito, que sabia o que convém à natureza do homem, se afastou rapidamente do monoteísmo que sua doutrina inicial lhe impôs. Com o dogma da Trindade, o culto da Virgem e dos santos, o reconhecimento do papel das potências infernais e a admirável invenção dos anjos, pouco a pouco se reconstitui um autêntico politeísmo; foi só nessa condição que conseguiram cobrir a Terra de inumeráveis esplendores artísticos. Um deus único! Que absurdo! Que absurdo inumano e fatal!... Um deus de pedra, *cher monsieur*, um deus sanguinário e ciumento que nunca deveria ter ultrapassado as fronteiras do Sinai. Como a nossa antiga religião egípcia, se pensarmos bem, era muito mais profunda, mais humana e mais sábia... E as nossas mulheres! Como as nossas mulheres eram belas! Pense em Cleópatra, que enfeitiçou o grande César. Veja o que nos resta hoje em dia...” (mostrou ao acaso duas mulheres de véu que avançavam com grande esforço carregando uns pacotes de mercadorias). “Um monte de balofas informes que se

escondem debaixo de esfregões. Assim que se casam, não pensam em outra coisa senão em comer. Elas comem, comem, comem!...” (seu rosto ficou inchado, numa mímica expressiva tipo Louis de Funès). “Não, creia-me, *cher monsieur*, o deserto só produz desmiolados e cretinos. Na sua nobre cultura ocidental, que eu realmente admiro e respeito, pode me citar alguém que tenha sido atraído pelo deserto? Só pederastas, aventureiros e crápulas. Como aquele ridículo coronel Lawrence, homossexual decadente, convencido e patético. Como aquele abjeto Henry de Monfreid, disposto a qualquer acordo, traficante sem escrúpulos. Nada muito glorioso nem muito nobre, nada de generoso ou saudável; nada que faça a humanidade progredir nem se elevar.”

— Então, “aventura” para o Egito... — concluiu secamente Jean-Yves. Pediu desculpas por interromper a minha narrativa, mas precisava falar sobre o Quênia; um caso difícil. — Gostaria de incluí-lo em “aventura” — sugeriu depois de consultar suas fichas.

— É uma pena — suspirou Valérie. — As mulheres do Quênia são quentes.

— Como você sabe?

— Bem, não é só no Quênia, na África em geral.

— É, mas mulheres há em toda parte. No Quênia você também tem rinocerontes, zebras, gnus, elefantes e búfalos. Proponho pôr Senegal e Costa do Marfim em “Afrodite” e deixar o Quênia em “aventura”. Além do mais, é uma ex-colônia inglesa, isso não é bom para a imagem erótica; para aventura, tudo bem.

— As marfinenses cheiram bem... — observei, sonhador.

— O que está querendo dizer com isso?

— Elas cheiram a sexo.

— É... — mordiscou maquinalmente a caneta. — Podia servir para um anúncio. “Costa do Marfim, costa dos aromas” ou algo assim. Com uma garota suando bastante, um pouco descabelada, de tanga. Tenho que anotar isso.

— “E escravos nus impregnados de odores...”; Baudelaire é domínio público.

— Isso não vai dar.

— Eu sei.

Os outros países africanos trouxeram menos problemas. “Com os africanos, aliás”, observou Jean-Yves, “nunca há problemas. Trepam até de graça, mesmo as

mulheres grávidas. É só ter camisinhas nos resorts e ponto final, com relação a isso eles às vezes são teimosos.” Sublinhou duas vezes a frase COMPRAR CAMISINHAS na agenda.

O caso de Tenerife levou menos tempo ainda. O lugar tinha resultados apenas médios, mas era, segundo Jean-Yves, estratégico para o mercado anglo-saxão. Podia-se montar facilmente uma aceitável excursão tipo aventura, com uma escalada ao pico do Teide e um passeio de hidroavião até Lanzarote.

Chegamos aos dois resorts que iriam constituir os maiores trunfos da rede. Boca Chica, em Santo Domingo, e Guardalavaca, em Cuba.

— Podemos colocar camas *king size* — sugeriu Valérie.

— Ótimo — respondeu Jean-Yves.

— Banheiras de hidromassagem privês nas suítes — sugeri.

— Não — cortou ele. — Vamos ficar no meio da escala.

Tudo se encadeava naturalmente, sem hesitações e sem dúvidas; seria preciso falar com os coordenadores dos resorts para padronizar as tarifas da prostituição local.

Fizemos uma rápida pausa para almoçar. Na mesma hora, a menos de um quilômetro dali, dois adolescentes da cidade de Courtilières estouraram a cabeça de uma sexagenária com bastões de beisebol. Como primeiro prato, comi cavala ao vinho branco.

— Pensaram em alguma coisa para a Tailândia? — perguntei.

— Sim, temos um hotel em construção em Krabi. É o lugar que está na moda, depois de Phuket. Poderíamos acelerar os trabalhos e tê-lo pronto em 1º de janeiro; seria ótimo fazer uma inauguração de classe.

Dedicamos a tarde inteira a desenvolver os diferentes aspectos inovadores dos resorts Afrodite. O ponto central, naturalmente, era a autorização para a entrada de prostitutas e michês locais. Obviamente, não seria preciso ter uma estrutura para crianças; o melhor seria, sem a menor dúvida, proibir o acesso a menores de dezesseis anos. Uma ideia engenhosa, sugerida por Valérie, foi estabelecer como tarifa básica o preço dos quartos individuais e aplicar um desconto de dez por cento nos de casal; em outras palavras, inverter o modo de apresentação habitual nos catálogos. Acho que fui eu quem propôs uma política *gay friendly*, espalhando o boato de que a taxa de frequência de homossexuais nos resorts chegava a vinte por cento: geralmente esse tipo de informação bastava para atraí-los; já para criar um ambiente *sexy* num lugar, eles se viravam sozinhos. A questão do slogan central da

campanha publicitária nos ocupou um pouco mais. Jean-Yves propôs uma fórmula básica e eficaz: “As férias são feitas para se soltar”, mas afinal fui eu que ganhei a votação com: “Eldorador Afrodite: você tem todo o direito, com todo o prazer”. Desde a intervenção da Otan em Kosovo, a noção de direito tem adquirido uma dimensão maior, explicou Jean-Yves num tom meio ambíguo; mas na verdade estava falando sério, tinha acabado de ler um artigo sobre isso na *Stratégies*. Todas as campanhas de publicidade recentes baseadas na questão do direito tinham sido um sucesso: o direito à inovação, o direito à excelência... O direito ao prazer, concluiu tristemente, era um tema novo... Já estávamos um pouco cansados; ele nos deixou no 2+2 antes de voltar para casa. Era uma noite de sábado, havia bastante gente. Conhecemos um casal simpático de negros: ela era enfermeira, ele um baterista de jazz bastante bem-sucedido que gravava discos com frequência. Fez questão de dizer que trabalhava muito a sua técnica, na verdade ensaiava sem parar.

— Não há segredo — comentei um pouco tolamente, mas por mais estranho que pareça ele concordou; sem querer, eu tinha tocado numa verdade profunda.

— O segredo é que não há segredo — repetiu com convicção.

Terminamos as bebidas e fomos para um quarto. Ele propôs a Valérie uma dupla penetração. Ela aceitou, desde que fosse eu quem a sodomizasse — era preciso muita delicadeza com ela, eu estava mais acostumado. Jérôme concordou e se estendeu na cama. Nicole o masturbou para manter sua ereção, depois lhe botou uma camisinha. Levantei a saia de Valérie até a cintura, ela estava sem nada por baixo e se empalou de uma só vez na pica de Jérôme; depois se deitou sobre ele. Eu abri suas nádegas, lubrifiquei-a ligeiramente, depois comecei a enrabá-la com pequenos movimentos prudentes. Com minha glândula já totalmente introduzida, senti seus músculos retais se contraírem. Então endureci de vez, respirei profundamente e quase gozei. Depois de alguns segundos, enfiei mais. Quando já estava na metade, ela começou a se mexer para a frente e para trás, esfregando seu púbis em Jérôme. Eu não podia fazer mais nada; ela soltou um longo gemido modulado, seu cu se abriu e então me meti até a raiz. Era como deslizar num plano inclinado; o orgasmo dela veio estranhamente rápido. Depois ficou quieta, ofegante, feliz. “Não era necessariamente mais intenso”, explicou-me mais tarde, “mas quando tudo estava acontecendo houve um momento em que as duas sensações se fundiram; era uma coisa doce e irresistível, como um calor global.”

Nicole se masturbava sem parar enquanto nos olhava; estava muito excitada e logo tomou o lugar de Valérie. Só tive tempo de trocar de camisinha.

— Comigo você pode mandar brasa — disse no meu ouvido —, gosto que me

enrabem com força.

Foi o que fiz, fechando os olhos para me concentrar na sensação pura. As coisas correram com facilidade, eu estava agradavelmente surpreso com minha própria resistência. Ela também gozou rápido, com grandes gritos roucos.

Depois Nicole e Valérie se ajoelharam, para nos chupar enquanto conversávamos. Jérôme ainda fazia turnês, contou, mas agora gostava menos. Com a idade, sentia mais necessidade de ficar em casa com a família — eles tinham dois filhos — e de ensaiar sozinho em sua bateria. Falou então sobre os novos sistemas de ritmo, de quatro por três e sete por nove, e eu, para dizer a verdade, não entendi grande coisa. Bem no meio de uma frase, ele soltou um grito de surpresa, seus olhos se reviraram e gozou de uma vez só, ejaculando na boca de Valérie com violência. “Ah, ela me pegou”, disse dando um sorriso, “ela me pegou direitinho.” Eu sentia que também não ia resistir muito tempo: Nicole tinha uma língua muito peculiar, larga e mole, untuosa; lambia devagar, e minha reação era insidiosa mas quase irresistível. Fiz um sinal a Valérie pedindo que se aproximasse e expliquei a Nicole o que queria: ela simplesmente tinha que fechar os lábios sobre a minha glândula, encostar a língua e ficar imóvel, enquanto Valérie me masturbava e lambia o saco. Ela concordou e fechou os olhos, esperando a descarga. Valérie começou logo, seus dedos eram intensos e nervosos, parecia estar de novo em plena forma. Abri ao máximo os braços e as pernas e fechei os olhos. A sensação avançou em trancos bruscos, como breves relâmpagos, e depois explodiu pouco antes da ejaculação na boca de Nicole. Foi um momento de quase comoção, pontos luminosos fulguraram atrás das minhas pálpebras — mais tarde percebi que quase havia desmaiado. Abri os olhos com esforço. Nicole ainda estava com a ponta do meu pau na boca. Valérie passara a mão em volta do meu pescoço e me olhava com uma expressão enternecida e misteriosa; disse que eu tinha gritado extremamente alto.

Pouco depois eles nos levaram em casa. No carro, Nicole teve um novo impulso de excitação. Tirou os seios do corpete, levantou a saia e se deitou no banco de trás, apoiando a cabeça nas minhas coxas. Eu a masturbei calmamente, seguro de mim mesmo. Controlava bem suas sensações; senti os mamilos endurecidos e a boceta úmida. O cheiro do seu sexo invadia o carro. Jérôme dirigia com cuidado, parando nos sinais vermelhos; pela janela eu distinguia as luzes da Place de la Concorde, o obelisco, depois a ponte Alexandretti, os Invalides. Estava me sentindo bem, sereno mas ainda um pouco ativo. Ela gozou mais ou menos na altura da Place d’Italie; então nos despedimos após trocar números de telefone.

Jean-Yves, por seu lado, teve um ligeiro ataque de tristeza depois que nos despedimos, e estacionou na Avenue de la République. A excitação do dia tinha desaparecido; ele sabia que Audrey ia estar ausente, mas na verdade preferia assim. Iria vê-la brevemente na manhã seguinte, antes que ela fosse patinar; desde que voltaram das férias, dormiam em quartos separados.

Por que voltar para casa? Então se afundou no assento do carro, pensou em procurar alguma estação no rádio, desistiu. Jovens passavam em bandos pela avenida, garotos e garotas; pareciam estar se divertindo, pelo menos davam gritos. Alguns vinham com latas de cerveja na mão. Poderia descer, misturar-se com eles, talvez provocar uma briga; poderia fazer várias coisas. Mas afinal ia voltar para casa. Em certo sentido ele amava a filha, pelo menos achava que sim; sentia por ela uma coisa orgânica e potencialmente sanguínea, que correspondia à definição do termo. Já pelo filho não tinha um sentimento parecido. Na verdade, talvez não fosse dele; havia se casado com Audrey em condições um tanto frágeis. Por ela, de qualquer maneira, só sentia desprezo e nojo, muito nojo; na verdade preferiria sentir indiferença. Era isso, talvez, que esperava para se divorciar — chegar a um estado de indiferença; naquela altura ainda achava que ela deveria *pagar caro* pelo que fizera. Mas sou eu quem vai pagar, pensou com amargura. Ela ia ficar com a guarda das crianças, e ele teria que arcar com uma pensão alimentícia bastante alta. A menos que tentasse ficar com as crianças, brigar por elas; mas era melhor não, concluiu, não valia a pena. Pior para Angélique. Sozinho estaria melhor, poderia *refazer sua vida*, quer dizer, quem sabe, encontrar outra mulher. Com as duas crianças, as coisas não seriam tão fáceis para aquela megera. Ele se consolava com a ideia de que dificilmente iria encontrar alguém pior, e que seria ela, afinal de contas, quem sofreria mais com o divórcio. Ela já não era tão bonita quanto antes; tinha atitude, vestia-se na última moda, mas, como havia conhecido o seu corpo, sabia que já estava em declínio. Sua carreira de advogada, aliás, não era tão brilhante como apregoava; e ele pressentia que a coisa não iria melhorar com a guarda das crianças. As pessoas vivem a maternidade como uma prisão, um peso terrível que estorva os seus menores movimentos — e acaba tolhendo-as por completo, na maior parte das vezes. No final das contas ele teria a sua revanche; quando tudo aquilo lhe fosse totalmente indiferente, pensou... Por alguns minutos, estacionado entre dois postes da avenida agora deserta, praticou a indiferença.

Suas preocupações voltaram de repente assim que passou pela porta do

apartamento. Johanna, a baby-sitter, assistia à MTV jogada no sofá. Ele odiava aquela pré-adolescente molenga, absolutamente *groove*; sempre que a via tinha vontade de lhe dar uns bons sopapos, até mudar a expressão daquela cara suja, amuada e insensível. Era filha de uma amiga de Audrey.

— Tudo bem? — gritou.

Ela fez que sim com preguiça.

— Pode abaixar o som?

Ela procurou o controle com a vista; exasperado, ele apagou a televisão sob o olhar ofendido da garota.

— E as crianças, tudo em ordem? — continuava gritando, embora não houvesse mais barulho.

— Sim, acho que estão dormindo — ela se encolheu, um pouco assustada.

Jean-Yves subiu até o primeiro andar, abriu a porta do quarto do filho. Nicolas o recebeu com um olhar distante, depois voltou para a sua partida de Tomb Raider. Angélique estava dormindo com os punhos fechados. Voltou a descer, um pouco mais calmo.

— Eles tomaram banho?

— Puxa! Esqueci.

Ele passou pela cozinha, serviu-se de um copo de água. Suas mãos tremiam. Viu um martelo na bancada. Aqueles sopapos não iam ser suficientes para Johanna; seria melhor partir o crânio dela a marteladas. Brincou algum tempo com a ideia, esses pensamentos cruzaram rapidamente seu espírito, bastante descontrolados. Percebeu apavorado, já no vestibulo, que estava com o martelo na mão. Deixou-o numa mesinha baixa e pegou o dinheiro para o táxi da baby-sitter. A garota recebeu-o com um resmungo de agradecimento. Jean-Yves bateu a porta atrás dela num movimento de violência irracional, e o barulho ressoou no apartamento inteiro. Havia alguma coisa errada na sua vida. Na sala, o bar estava vazio; Audrey não era capaz nem sequer de cuidar disso. Pensando nela, sentiu-se estremecer de ódio com uma intensidade que o surpreendeu. Descobriu na cozinha uma garrafa de rum quase cheia; aquilo serviria, sem dúvida. No quarto, ligou sucessivamente para três garotas que conhecera na internet: foi atendido por secretárias eletrônicas. Deviam ter saído para trepar. É verdade que eram sexy, simpáticas e elegantes, mas cobravam dois mil francos por programa, a longo prazo aquilo se tornava humilhante. Como pudera chegar àquele ponto? Precisava sair, fazer amizades, trabalhar menos. Tornou a pensar nos resorts Afrodite, e pela primeira vez notou que a ideia talvez tivesse dificuldades para ser aceita pela diretoria; na França predominava nesse momento

um estado de espírito desfavorável ao turismo sexual. Claro, poderia apresentar a Leguen uma visão amaciada do projeto, mas Espitalier não se deixaria enganar, sentia nele uma argúcia perigosa. De qualquer maneira, será que tinham escolha? O atual posicionamento do Aurore no meio do ranking não fazia sentido em relação ao Club Med, isto lhe dava força para convencê-los. Fuçando nas gavetas do escritório, achou o estatuto do Aurore, redigido dez anos antes pelos fundadores do grupo e agora exposto em todos os hotéis. *“O espírito do Aurore é a arte de conjugar habilidades, usando a tradição e a modernidade com rigor, imaginação e humanismo para atingir certa forma de excelência. Os homens e as mulheres do Aurore são depositários de um patrimônio cultural único: o saber receber. Conhecem os rituais e os usos que transformam a vida em arte de viver e o mais simples dos serviços em momento privilegiado. É um ofício, uma arte: é o talento que possuem. Criar a melhor maneira de compartilhá-lo, renová-lo mediante o convívio com o essencial, inventar espaços de prazer: eis o que faz do Aurore um perfume da França pelo mundo.”* De repente tomou consciência de que aquele papo nauseabundo poderia se aplicar perfeitamente a uma rede bem organizada de bordéis; talvez houvesse uma carta a jogar com os operadores alemães. Contrariando qualquer racionalidade, certos alemães continuavam a pensar que a França seguia sendo o país da *galanteria* e da *arte de amar*. Se um grande operador turístico alemão quisesse incluir os resorts Afrodite em seu catálogo, marcariam um ponto decisivo: ninguém no mercado havia conseguido. Ele estava em contato com a Neckermann devido à venda dos resorts do Magrebe, mas havia também a TUI, que recusara suas primeiras ofertas porque já estavam bem implantados na base do ranking; talvez se interessassem por um projeto mais específico.

Já na manhã de segunda-feira tentou fazer os primeiros contatos. Teve sorte logo de cara: Gottfried Rembke, o presidente da TUI, viria passar alguns dias na França no começo do mês seguinte e poderia reservar um tempo para almoçarem juntos. Se pudessem escrever o projeto até lá, ele o estudaria com prazer. Quando Jean-Yves entrou no escritório de Valérie e anunciou a novidade, ela ficou petrificada. A TUI movimentava vinte e cinco bilhões de francos por ano, três vezes mais que a Neckermann, seis vezes mais que a Novas Fronteiras; era o maior operador de turismo do mundo.

Dedicaram o resto da semana a preparar uma documentação o mais completa possível. Financeiramente, o projeto não exigia um investimento muito alto: algumas modificações no mobiliário, sem dúvidas uma nova decoração para dar um tom mais “erótico”. Concordaram rapidamente em adotar a denominação “turismo de charme” em todo o material impresso do empreendimento. O mais importante é que haveria uma redução significativa nos custos fixos: nada de recreação esportiva, nada de clubes infantis. Não seria mais preciso pagar salários para as puericultoras diplomadas, para os instrutores de windsurf, arco e flecha, aeróbica e mergulho, nem para os especialistas em iquebana, pintura com esmalte ou em seda. Após uma primeira simulação, Jean-Yves viu com incredulidade que, mesmo incluindo as amortizações, o custo anual dos clubes iria cair vinte e cinco por cento. Refez três vezes os cálculos, sempre com os mesmos resultados. A coisa era ainda mais impressionante porque ele pretendia cobrar tarifas vinte e cinco por cento superiores à média da categoria — pretendia, grosso modo, equiparar-se ao padrão dos Club Med. A taxa de lucro dava um salto de cinquenta por cento.

— É um gênio, o seu amigo — disse para Valérie, que acabara de entrar no seu escritório.

O ambiente na empresa estava um pouco estranho naqueles dias. As confusões do último fim de semana na entrada Évery não eram surpreendentes, mas o saldo de sete mortos era particularmente pesado. Muitos funcionários, em especial os mais antigos, moravam perto da empresa. Primeiro tinham ido morar nos conjuntos residenciais, construídos quase ao mesmo tempo que a sede; depois muitos se endividaram para realizar o sonho da casa própria.

— Lamento por eles — dissera Valérie —, sinceramente, lamento por eles. O sonho de todo mundo é ir morar no interior, numa região tranquila; o problema é que eles não podem ir agora, porque haveria uma grande redução na sua aposentadoria. Conversei com a telefonista: faltam três anos para se aposentar e ela sonha com uma casinha em Dordonha, onde nasceu. Mas muitos ingleses se instalaram lá e os preços ficaram absurdos, até para um casebre bem pobrezinho. Por outro lado, o valor da propriedade dela diminuiu demais, todo mundo sabe que o bairro agora é perigoso e vão acabar tendo que vender a casa por um terço do que vale. O que também me surpreendeu foi o consórcio das secretárias no segundo andar. Entrei na sala delas às cinco e meia para mandar emitir uma fatura; estavam todas conectadas na internet e me explicaram que só fazem as compras assim, é mais seguro: voltam do trabalho e ficam trancadas em casa esperando o entregador.

Ao longo das semanas seguintes a psicose não diminuiu, tendeu até a aumentar. Agora apareciam nos jornais com frequência notícias de educadores esfaqueados, professorinhas estupradas, caminhões de bombeiros atacados com coquetel molotov, deficientes físicos jogados pela janela de um trem por terem “olhado feio” para o chefe de um bando. *Le Figaro* fazia a festa, sua leitura diária dava a impressão de que estávamos diante de uma escalada inexorável rumo à guerra civil. É verdade que estávamos em período pré-eleitoral e a questão da segurança parecia ser a única coisa capaz de preocupar Lionel Jospin. Era pouco provável, de todo modo, que os franceses votassem de novo em Jacques Chirac: ele realmente tinha um jeito tão panaca que seria uma afronta para a imagem do país. Quando se via aquele bobalhão de mãos cruzadas nas costas num encontro dos sindicatos agrícolas ou participando de uma reunião de chefes de Estado, sentia-se uma espécie de desconforto, dava até pena do coitado. A esquerda, totalmente incapaz de conter o avanço da violência, se mantinha bem: adotava uma postura discreta, admitia que as estatísticas eram ruins, muito ruins até, e pedia que se evitasse qualquer exploração política do assunto, lembrando que a direita não tinha feito nada melhor em seu

governo. Houve um pequeno deslize, um editorial ridículo de um tal Jacques Attali. Segundo ele, a violência dos jovens nas cidades era um “pedido de socorro”. As vitrines de luxo dos Halles ou dos Champs-Élysées constituíam, escreveu ele, “construções obscenas diante da sua miséria”. Mas não podíamos esquecer que o subúrbio também era “um mosaico de povos e raças, que com suas tradições e suas crenças vieram criar novas culturas e reinventar a arte de viver em comum”. Valérie me olhou com surpresa: era a primeira vez que me via cair na gargalhada lendo *L'Express*.

— Se Jospin quer ser eleito — disse eu, passando-lhe o artigo —, deveria mandar esse sujeito calar a boca até o segundo turno.

— Sem dúvidas, você gosta de estratégia...

Mas eu também comecei a ficar preocupado. Valérie estava trabalhando de novo até tarde, era raro que voltasse para casa antes das nove; talvez fosse mais prudente comprar uma arma. Eu tinha um contato, o irmão de um artista cuja exposição havia organizado dois anos antes. O camarada não era realmente desse ambiente, mas tinha se metido em algumas encrencas. Era antes um inventor, uma espécie de faz-tudo. Recentemente ele dissera ao irmão que tinha um jeito de negociar as novas carteiras de identidade, consideradas infalsificáveis.

— Nem pensar — respondeu Valérie de imediato. — Eu não corro riscos: durante o dia não saio da empresa, e de noite volto sempre de carro, a qualquer hora.

— De qualquer maneira, lembre-se dos sinais vermelhos.

— Entre a sede do Aurore e a entrada da via expressa só tem um sinal. Depois saio na Porte d'Italie e estou logo em casa. Nosso bairro não é perigoso.

Era verdade: em Chinatown propriamente dito havia poucas agressões e roubos. Eu não sabia por quê: será que os moradores tinham seu próprio sistema de segurança? Em todo caso, eles nos reconheciam desde a nossa mudança, pelo menos umas vinte pessoas nos cumprimentavam sempre. Era raro que europeus se mudassem para cá, éramos minoritários no prédio. Às vezes, cartazes manuscritos em caracteres chineses pareciam convocar para reuniões ou festas, mas que reuniões? que festas? Pode-se viver entre chineses durante anos sem jamais entender nada do seu modo de vida.

Mesmo assim liguei para o meu contato, que prometeu se informar e deu notícias dois dias depois. Eu podia comprar um fuzil sérvio, em muito bom estado, por dez

mil francos — o preço incluía uma boa reserva de munição. Seria preciso limpá-lo com frequência para evitar que travasse na hora de usar. Falei de novo com Valérie, que tornou a recusar.

— Eu não consigo — disse —, não teria coragem de atirar.

— Mesmo se estiver em perigo de morte?

Ela balançou a cabeça.

— Não — repetiu —, não dá.

Eu não insisti.

— Quando era criança — disse ela um pouco mais tarde —, não conseguia matar nem uma mosca.

Para dizer a verdade, eu também não, só que um homem me parecia bem mais fácil.

Curiosamente, eu não sentia medo. É verdade que tinha pouco contato com as *hordas bárbaras*, a não ser de vez em quando na hora do almoço, quando ia dar uma volta no Forum des Halles, onde a sutil interligação das forças de segurança (batalhões da polícia, vigias pagos pela associação de comerciantes) teoricamente eliminava qualquer perigo. Eu circulava na topografia tranquilizante dos uniformes e me sentia um pouco como em Thoiry. Sem as forças da ordem, sabia muito bem que seria uma presa fácil, embora pouco interessante; muito convencional, minha indumentária de executivo médio não tinha nada que pudesse atrair muito. Pelo meu lado, não sentia a menor atração por aqueles jovens saídos das *classes perigosas*; não os entendia nem tentava entendê-los. Não simpatizava com seus *musts* nem com seus valores. Pessoalmente, não mexeria uma palha para possuir um Rolex, um Nike ou uma BMW Z3; jamais consegui ver a menor diferença entre os produtos de grife e os sem grife. Aos olhos do resto do mundo, eu claramente estava errado. Tinha consciência disso: minha posição era minoritária e, em consequência, errada. *Tinha* que haver uma diferença entre as camisas Yves Saint-Laurent e as outras, entre os mocassins Gucci e os de marca André. Uma diferença que só eu não percebia; isso era uma doença, e eu não podia usá-la para condenar o resto do mundo. Alguém pediria a um cego para ser perito em pintura pós-impressionista? Por causa da minha cegueira, certamente involuntária, eu me excluía de uma realidade humana muito intensa, forte o bastante para provocar devoções e crimes. Com seu instinto semisselvagem, aqueles jovens pressentiam, sem sombra de dúvidas, a presença do belo; seu desejo era louvável e perfeitamente adaptado às normas sociais; bastava retificar sua maneira de expressão inadequada.

Pensando melhor, contudo, eu tinha que admitir que Valérie e Marie-Jeanne, as

duas únicas presenças femininas consistentes em minha vida, eram absolutamente indiferentes aos vestidos Kenzo e às bolsas Prada; até onde sei, elas compravam objetos de qualquer marca. Jean-Yves, o indivíduo com salário mais alto que conheço, escolhia normalmente camisas Lacoste; mas era mais ou menos maquinalmente, como um velho hábito, sem nem mesmo verificar se a sua marca favorita tinha sido ultrapassada em notoriedade por uma rival mais recente. Certos funcionários do Ministério da Cultura que eu conhecia de vista (se é que chegava a tanto, pois volta e meia esquecia seus nomes, funções e até mesmo seus rostos) compravam *roupas de estilista*; mas eram sempre de criadores jovens e desconhecidos, vendidas numa única boutique em Paris, e eu sabia que não hesitariam em deixar esses estilistas de lado se por acaso eles viessem a fazer sucesso.

A força de Nike, Adidas, Armani e Vuitton era indiscutível; isto podia ser concretamente comprovado sempre que fosse preciso, era só dar uma olhada no *Le Figaro* e em seu caderno salmão. Mas a quem se devia exatamente, além dos jovens dos subúrbios, o sucesso dessas grifes? Talvez houvesse setores inteiros da sociedade que me eram desconhecidos; a menos que se tratasse, mais banalmente, das classes emergentes do Terceiro Mundo. Eu tinha viajado pouco, vivido pouco, e estava cada vez mais claro para mim que não entendia grande coisa do mundo moderno.

No dia 27 de setembro houve um encontro em Évry com os onze coordenadores dos resorts Eldorado. Era uma reunião habitual, que ocorria todos os anos na mesma época, para fazer o balanço do verão e discutir as melhoras a introduzir. Mas dessa vez tinha um significado especial. Em primeiro lugar, três dos resorts iam mudar de dono — o contrato com Neckermann acabava de ser assinado. Depois, em quatro dos restantes — aqueles que passariam a se chamar Afrodite — o coordenador precisaria se preparar para despedir metade dos funcionários.

Valérie não participou da reunião, tinha um encontro com um representante da Italtrav para apresentar o projeto. O mercado italiano era muito mais pulverizado que o do norte da Europa: a Italtrav era a maior operadora italiana, mas seu poder financeiro não representava nem um décimo da TUI; um acordo com eles, entretanto, poderia representar um incremento bastante útil na clientela.

Ela voltou desse encontro pouco antes das sete. Jean-Yves estava sozinho no escritório; a reunião tinha acabado de terminar.

— Como eles reagiram?

— Mal. Aliás, eu entendo perfeitamente; devem se sentir no banco dos réus.

— Você está pensando em substituir os coordenadores?

— É um projeto novo, vai ser melhor trabalhar com equipes novas.

Sua voz estava extremamente calma. Valérie o fitou com surpresa: nos últimos tempos, ele parecia mais seguro — e mais firme.

— Tenho certeza de que agora vamos acertar. No intervalo do almoço, chamei o coordenador de Boca Chica, em Santo Domingo, para conversar. Queria esclarecer algumas coisas: por exemplo, como ele fazia para ter uma taxa de ocupação de noventa por cento em qualquer estação. O homem tergiversou, ficou encabulado, falou sobre o trabalho de equipe. Acabei perguntando claramente se ele permitia a entrada de mulheres nos quartos dos clientes; foi difícil fazê-lo admitir, ele tinha medo de receber uma punição. Precisei dizer que eu não me importava e até, pelo contrário, achava a iniciativa interessante. Então confessou: era uma coisa idiota que os clientes tivessem que alugar quartos a dois quilômetros dali, muitas vezes sem água corrente e correndo o risco de serem ludibriados, enquanto no hotel tinham todo o conforto. Eu lhe dei parabéns e prometi que ele continuaria como coordenador, nem que fosse o único.

A noite caía; Jean-Yves acendeu a luz do escritório, depois ficou em silêncio por alguns instantes.

— Em relação aos outros — prosseguiu — não sinto remorsos. Todos eles têm mais ou menos o mesmo perfil. São ex-animadores, entraram na época boa, comeram todas as minas que quiseram sem fazer muita força, e acabaram achando que, como coordenadores, iam poder continuar se espreguiçando ao sol até a aposentadoria. Essa época terminou, pior para eles. Agora preciso de profissionais de verdade.

Valérie cruzou as pernas e o olhou sem dizer uma palavra.

— E então, como foi sua conversa com a Italtrav?

— Ah, ótima. Nenhum problema. O sujeito entendeu logo o que eu queria dizer com “turismo de charme”, e até tentou me paquerar. Esta é a vantagem dos italianos, pelo menos são previsíveis... Enfim, prometeu incluir os resorts no catálogo, mas avisou que não esperássemos muito: a Italtrav é uma empresa importante sobretudo por ser um conglomerado de inúmeras agências especializadas, a marca em si mesma não tem uma identidade muito forte. Na verdade, atua um pouco como distribuidora: podemos entrar no catálogo, mas somos nós que temos que criar um nome no mercado.

— E a Espanha, como anda?

— Temos um bom contato com a Marsans. É mais ou menos a mesma coisa, só

que eles são mais ambiciosos; estão tentando entrar na França há algum tempo. Eu estava preocupada, talvez achassem que íamos concorrer com eles, mas acabaram concordando, acham que os dois projetos se complementam — pensou um pouco e perguntou: — E na França, como vamos fazer?

— Ainda não sei... Talvez seja bobagem, mas tenho receio de uma campanha moralista na imprensa. Sem dúvidas poderíamos encomendar uma pesquisa de mercado, testar o conceito...

— Você nunca acreditou nisso.

— Não, não mesmo... — vacilou um pouco. — Na verdade, estou pensando em fazer um lançamento discreto na França, só pela rede Auroretour e com publicidade em revistas bem específicas, tipo *FHM* ou *L'Écho des Savanes*. Mas a princípio visaria principalmente ao norte da Europa.

A reunião com Gottfried Rembke foi na sexta-feira seguinte. Na noite anterior, Valérie aplicou uma máscara descongestionante no rosto e foi se deitar bem cedo. Quando eu acordei, às oito, ela já estava pronta. Era impressionante. Estava com um *tailleur* preto cuja saia, bem curta, torneava maravilhosamente sua bunda; sob o casaco usava uma camisa de renda violeta, bastante justa e com partes transparentes, e um sutiã vermelho que revelava generosamente os seios. Quando se sentou em frente à cama vi suas meias pretas, esfumadas na parte de cima e presas com uma cinta-liga. Tinha pintado os lábios de vermelho-escuro, quase roxo, e amarrado o cabelo num coque.

— Beleza? — perguntou, irônica.

— Beleza *pura*. As mulheres, realmente... — suspirei — sabem se valorizar...

— É meu traje de sedutora institucional. Vesti também para você, sabia que ia adorar.

— Re-erotizar a empresa... — murmurei; ela me passou uma xícara de café.

Até o instante em que ela saiu não fiz outra coisa senão olhá-la ir e vir, levantar e sentar. Nada de muito maravilhoso, era uma coisa bastante simples, mas *beleza pura*, não havia dúvida. Valérie cruzava as pernas: uma faixa escura aparecia no alto das coxas, sublinhando por contraste a extrema delicadeza do náilon. Cruzava mais: uma faixa de renda preta mostrava mais acima, depois a presilha da cinta-liga, a carne branca e nua, a base das nádegas. Então descruzava: tudo desaparecia. Depois se debruçava na mesa: eu podia sentir seus seios palpitando sob o tecido. Podia passar horas assim. Era uma diversão fácil, inocente, eternamente feliz; pura

promessa de felicidade.

Tinham marcado à uma hora no restaurante Le Divellec, na Rue de l'Université; Jean-Yves e Valérie chegaram cinco minutos antes.

— Como vamos entrar no assunto? — perguntou Valérie ao descer do táxi, preocupada.

— Bem, é só dizer que queremos abrir puteiros para a alemãozada — Jean-Yves fez um gesto de cansaço. — Não se preocupe, ele sozinho vai fazer as perguntas.

Gottfried Rembke chegou à uma em ponto. Assim que entrou no restaurante e entregou seu casaco ao recepcionista, souberam que era ele. O corpo atarracado e sólido, o crânio brilhante, o olhar franco, o aperto de mão enérgico: tudo nele transpirava naturalidade e dinamismo, e correspondia perfeitamente à imagem que se podia ter de um chefe — e, mais precisamente, de um chefe alemão. Podíamos imaginá-lo começando seu dia com todo entusiasmo, pulando da cama para pedalar meia hora antes de ir para o escritório em sua Mercedes reluzente de tão nova enquanto ouve as notícias sobre economia. “Esse cara é perfeito”, murmurou Jean-Yves se levantando, todo sorrisos, para recebê-lo.

Nos primeiros dez minutos, *Herr* Rembke só falou de culinária. Revelou-se um bom conhecedor da França, de sua cultura, seus restaurantes; tinha até uma casa na Provença. “Impecável, o cara, impecável”, pensou Jean-Yves olhando para o seu consomê de camarão ao curaçu. “*Rock ‘n’ roll, Gotty*”, acrescentou mentalmente enquanto mergulhava a colher no prato. Valérie estava muito bem: ouvia com atenção, seus olhos brilhavam, parecia enfeitiçada. Quis saber onde exatamente era a casa na Provença, se ele tinha tempo para vir com frequência etc. Ela pedira uma caçarola de caranguejo com molho de frutas vermelhas.

— Então — comentou sem mudar de tom —, o senhor está interessado no projeto.

— Veja bem — respondeu ele, reflexivo —, nós sabemos perfeitamente que o “turismo de charme” — e tropeçou ligeiramente na expressão — é uma das principais motivações dos nossos compatriotas em suas férias no exterior; *coisa compreensível, aliás, pois não há maneira mais deliciosa de viajar*. No entanto, é curioso que até hoje nenhum grande grupo tenha se dedicado seriamente a isso, com exceção de algumas tentativas, aliás bastante precárias, dirigidas ao público homossexual. No essencial, embora pareça surpreendente, é um mercado ainda virgem.

— É uma questão polêmica, acho que as mentalidades precisam evoluir — disse Jean-Yves, percebendo na hora que era uma besteira — dos dois lados do Reno — concluiu miseravelmente.

Rembke olhou-o com frieza, parecendo desconfiar que estivesse de gozação; Jean-Yves enfiou o nariz no prato e jurou ficar calado até o final do almoço. De qualquer modo, Valérie estava se saindo às mil maravilhas.

— Não vamos transportar os problemas franceses para a Alemanha — disse ela, cruzando as pernas num movimento ingênuo. Rembke desviou a atenção para o seu lado.

— Nossos compatriotas têm que se virar sozinhos e muitas vezes são obrigados a lidar com intermediários de honestidade duvidosa. De modo geral, o setor é dominado por um grande amadorismo, o que é uma lacuna enorme a ser preenchida pelo conjunto do mercado.

Valérie concordou, solícita; o garçom trouxe um peixe assado com figos frescos.

— O projeto de vocês — prosseguiu ele dando uma olhada no seu prato — também nos interessou porque é uma verdadeira guinada no enfoque tradicional do resort. O que no começo dos anos 1970 era uma fórmula adequada já não corresponde mais às expectativas do consumidor moderno. As relações entre as pessoas no Ocidente se tornaram mais difíceis, o que, naturalmente, todos nós deploramos — disse, dirigindo um novo olhar a Valérie, que descruzou as pernas dando um sorriso.

Quando voltei do escritório, às seis e quinze, ela já estava em casa. Fiz um gesto de surpresa: creio que era a primeira vez que aquilo acontecia desde o começo da nossa vida em comum. Estava sentada no sofá, ainda de *tailleur* e com as pernas ligeiramente abertas. De olhos perdidos no vazio, Valérie parecia pensar em coisas doces e felizes. Nesse momento eu não sabia, mas estava assistindo ao equivalente, no plano profissional, a um orgasmo.

— Tudo bem? — perguntei.

— Mais do que bem. Voltei para casa depois do almoço, sem passar pelo escritório; para mim a semana estava completa. Ele não apenas está interessado no projeto, mas quer transformá-lo num dos seus principais produtos, a partir deste inverno. Está disposto a financiar um catálogo e uma campanha de publicidade dirigidos especialmente para o público alemão. Acha que pode garantir, sozinho, a ocupação dos resorts que já existem; perguntou até se tínhamos outros projetos em andamento. A única coisa que pede em troca é exclusividade para o seu mercado: Alemanha, Áustria, Suíça, Bélgica, Holanda e Luxemburgo; aliás, já sabe que

estamos em contato com Neckermann. Fiz reserva neste fim de semana — acrescentou — para um centro de talassoterapia em Dinard. Acho que estou precisando. Podemos também dar uma passada na casa dos meus pais.

O trem saiu da estação Montparnasse uma hora depois. A tensão acumulada desapareceu ao longo dos quilômetros e Valérie voltou à normalidade, quer dizer, ficou alegre e sensual. Os últimos prédios do subúrbio estavam cada vez mais longe; o trem-bala atingiu rapidamente a velocidade máxima, pouco antes de entrar na planície de Hurepoix. Um resto da luz do dia, de um vermelho quase imperceptível, pairava na direção do oeste, acima da massa escura dos silos de grãos. Estávamos num vagão de primeira classe dividido em compartimentos; nas mesas que separavam os assentos, uns pequenos abajures amarelos já estavam acesos. No outro lado do corredor, uma mulher de uns quarenta anos, toda chique e classuda com seus cabelos louros presos num coque, folheava *Madame Figaro*. Eu havia comprado o mesmo jornal e tentava sem muito sucesso me interessar pelo caderno salmão. Há alguns anos, tinha a proposta teórica de que é possível decifrar o mundo e entender sua evolução deixando de lado tudo o que tenha a ver com a atualidade política, as páginas sociais e a parte de cultura; enfim, de que é possível captar da maneira certa o movimento histórico lendo exclusivamente as informações econômicas e financeiras. Então me submetia à leitura cotidiana do caderno salmão do *Figaro*, às vezes complementada com publicações ainda mais rebarbativas como *Les Échos* ou *La Tribune Desfossés*. Minha tese ainda não foi comprovada. De fato, é possível que haja informações históricas importantes dissimuladas por entre esses artigos de tom comedido e suas colunas de números; mas o inverso também pode ser verdadeiro. A única conclusão certa a que cheguei é que a economia sem dúvidas é uma coisa tremendamente chata. Ao levantar os olhos de um pequeno artigo que tentava analisar a queda do Nikkei, vi que Valérie estava cruzando e descruzando as pernas; seu rosto mostrava um sorriso oblíquo. “Caída ao inferno na bolsa de Milão”, ainda li antes de largar o jornal. Tive uma súbita ereção quando notei que ela dera um jeito de tirar a calcinha. Veio se sentar ao meu lado e se aconchegou em mim; depois tirou o casaco e o colocou nos meus joelhos. Dei um olhar rápido para a direita: nossa vizinha parecia ainda mergulhada na sua revista, mais exatamente num artigo sobre jardins de inverno. Ela estava usando um *tailleur* de saia bem justa e meias pretas; fazia o gênero *burguesa gostosa*, como dizem por aí. Escorregando o braço por baixo do casaco, Valérie segurou o meu sexo; eu estava com uma calça de algodão

fino, a sensação era terrivelmente precisa. Agora já estava completamente escuro. Afundei na poltrona e meti a mão por baixo da camisa dela. Afastando o sutiã, rodeei seu seio direito com a palma e comecei a excitar o mamilo com o polegar e o indicador. Mais ou menos na altura de Mans, ela abriu minha braguilha. Agora seus movimentos eram totalmente explícitos, eu tinha certeza que a nossa vizinha não perdia nada das manobras. Na minha opinião, é impossível resistir por muito tempo a uma masturbação realizada por uma mão realmente sábia. Pouco antes de Rennes ejaculei, sem conseguir conter um grito abafado. “Vou ter que mandar limpar o tailleur”, disse Valérie com toda a calma. A vizinha olhou em nossa direção, sem disfarçar um ar divertido.

Mesmo assim fiquei constrangido quando a vi, na estação de Saint-Malo, entrando conosco na condução para o centro terapêutico; mas Valérie não ficou nem um pouco, e puxou conversa com ela sobre as diferentes terapias. Eu nunca entendi os méritos respectivos dos banhos de lama, das duchas de dispersão e dos banhos de algas; no dia seguinte praticamente me limitei a brincar na piscina. Estava boiando, vagamente consciente da existência de correntes submarinas que, supostamente, deviam estar massageando as minhas costas, quando Valérie chegou.

— Nossa vizinha do trem... — disse toda agitada. — Ela me acariciou na banheira de hidromassagem — registrei a informação sem reagir. — Agora está sozinha no banho turco — acrescentou.

Fui atrás dela, ainda me embrulhando num roupão. Perto da porta tirei o calção; minha ereção era visível sob o tecido atoalhado. Entrei com Valérie, deixei que ela avançasse no vapor — tão denso que não se via nada dois metros à frente. A atmosfera estava impregnada de um cheiro intenso e quase inebriante de eucalipto. Permaneci quieto naquele vazio quente e embranquecido, até ouvir um gemido no fundo do recinto. Soltei o laço do roupão e me aproximei; gotinhas de transpiração surgiam na minha pele. Ajoelhada em frente à mulher, com as mãos na sua bunda, Valérie lhe lambia a boceta. Era realmente uma mulher muito bonita, com seios siliconados perfeitamente redondos, um rosto harmonioso e uma boca larga e sensual. Sem se surpreender com a minha presença, olhou-me e segurou meu sexo. Cheguei mais perto, passei para trás dela e acariciei-lhe os seios, esfregando a pica na sua bunda. Ela abriu as coxas e se inclinou para a frente, apoiando-se na parede. Valérie meteu a mão no bolso do roupão e me deu uma camisinha; com a outra mão, continuava a masturbar o clitóris da mulher. Penetrei-a de uma vez só; ela já estava bem aberta e se inclinou ainda mais. Eu entrava e saía de dentro dela quando senti a mão de Valérie se insinuando entre as minhas coxas e depois se fechando em

torno do meu saco. Ela aproximou a boca e começou a lamber novamente a boceta da mulher; a cada ida e vinda eu sentia meu pau deslizando em sua língua. Tensionei desesperadamente os músculos pélvicos quando a mulher gozou com longos gemidos de felicidade, e depois me retirei devagar. Eu transpirava por todo o corpo, arquejava involuntariamente, sentia que oscilava; precisei me sentar num banco. As massas de vapor continuavam ondulando na atmosfera. Ouvi o barulho de um beijo, levantei a cabeça: elas estavam abraçadas, peito contra peito.

Fizemos amor um pouco mais tarde, e também no final do dia, e de novo à noite, e mais uma vez na manhã seguinte. Aquele frenesi não era muito habitual; nós dois tínhamos consciência de que íamos entrar num período difícil e Valérie seria esmagada outra vez por tarefas, dificuldades, cálculos. O céu estava com um azul imaculado, o ar, quase morno; era na certa um dos últimos fins de semana agradáveis antes do outono. Depois de fazer amor, no domingo de manhã, demos um longo passeio pela praia. Observei com surpresa os prédios neoclássicos, um pouco kitsch, dos hotéis. Quando chegamos ao final da praia, sentamos nas rochas.

— Imagino como essa reunião com o alemão era importante — disse. — Suponho que é o começo de um novo desafio.

— É a última vez, Michel. Se esta jogada der certo, vamos ficar sossegados por um bom tempo.

Olhei para ela, incrédulo e um pouco entristecido. Não acreditava naquele tipo de argumento, lembrava um pouco certos livros de história com as declarações dos políticos sobre o *último esforço*, aquele que logo, logo levaria a uma paz definitiva.

— Mas foi você — respondi com suavidade — quem me explicou que o capitalismo, por princípio, é um estado de guerra permanente, uma luta perpétua que não pode ter fim.

— É verdade — admitiu ela sem vacilar —, mas não é necessário que sejam sempre os mesmos combatentes.

Uma gaivota levantou voo, tomou altitude, rumou para o oceano. Estávamos quase sozinhos naquela ponta da praia. Dinard era decididamente um lugar tranquilo, pelo menos nessa época. Um labrador se aproximou, veio nos cheirar, depois deu meia-volta; não consegui ver seus donos.

— Garanto — insistiu ela. — Se a coisa funcionar como espero, vamos poder expandir o conceito para um monte de países. Só na América Latina temos Brasil, Venezuela e Costa Rica. Em outros pontos, podemos abrir resorts em Camarões,

Moçambique, Madagascar, Ilhas Seychelles. Na Ásia também há possibilidades imediatas: China, Vietnã, Camboja. Em dois ou três anos podemos nos tornar uma referência indiscutível e ninguém vai se arriscar a investir no mesmo mercado; desta vez vamos conseguir marcar nossa vantagem em relação à concorrência.

Não respondi, não tinha nada a dizer; afinal de contas, a ideia era minha. A maré subia; pequenas valas se desenhavam na areia, morrendo aos nossos pés.

— Além disso — continuou —, desta vez vamos pedir um bom lote de ações. Se tudo estiver dando certo, eles não podem negar. E, depois que você é acionista, não precisa brigar mais: os outros brigam por você.

Ela parou e olhou para mim, hesitante. Isso que dizia tinha sentido, fazia parte de uma certa lógica. O vento tinha aumentado um pouco; eu estava começando a sentir fome. O restaurante do hotel era delicioso, servia frutos do mar absolutamente frescos, pratos de peixe delicados e saborosos. Voltamos caminhando pela areia úmida.

— Eu tenho dinheiro — soltei de repente —, não esqueça que eu tenho dinheiro — ela parou e me olhou com surpresa; eu mesmo não tinha previsto essas palavras. — Sei que o costume não é mais o homem sustentar a mulher — continuei, um pouco embaraçado —, mas nada nos obriga a fazer como todo mundo.

Ela me olhou calmamente nos olhos.

— Quando você receber o dinheiro da casa, vai ter no máximo três milhões de francos — disse.

— É, um pouco menos.

— Não é suficiente, de jeito nenhum. Vai ser preciso um pequeno complemento — voltou a andar em silêncio por um bom tempo. — Confie em mim — disse afinal, quando entramos no restaurante.

Depois do almoço, logo antes de ir para a estação, passamos pela casa dos pais de Valérie. Ela ia ter trabalho demais de novo, explicou, na certa não poderia voltar antes do Natal. Seu pai a fitava com um sorriso resignado. Era uma boa filha, pensei, uma filha afetiva e atenciosa; também era uma amante sensual, carinhosa e atrevida; e provavelmente seria, no caso, uma mãe amorosa e sábia. “*Seus pés são de ouro fino, suas pernas como as colunas do templo de Jerusalém.*” Eu continuava a me perguntar o que tinha feito, de verdade, para merecer uma mulher como Valérie. Provavelmente nada. Assim vai o mundo, pensei, é o que eu constato; agindo empiricamente, com toda a boa-fé, é o que eu constato; só posso fazer isto,

constatar.

No final de outubro, o pai de Jean-Yves morreu. Audrey se negou a ir ao enterro; ele já esperava por isso, só lhe havia pedido por obrigação. Ia ser um enterro modesto: ele era filho único, haveria poucos parentes e quase nenhum amigo. O pai mereceria um breve obituário no jornal dos ex-alunos da École Supérieure des Arts et Techniques; depois, pronto: fim da linha. Nos últimos tempos, o velho realmente não via mais ninguém. Jean-Yves nunca entendeu o que o levava a se mudar para aquela região sem graça depois de aposentado, rural no sentido mais desolador do termo, onde não tinha qualquer vínculo. Certamente um último traço do masoquismo que o acompanhou, de um jeito ou de outro, ao longo de toda a vida. Depois de estudos brilhantes, ele se perdera numa apagada carreira de engenheiro de produção. Apesar de sempre ter sonhado com uma menina, acabou se limitando, por vontade própria, a ter um só filho — para poder, segundo ele, dar-lhe uma educação melhor; o argumento não era muito convincente, pois ganhava um bom salário. Com a mulher, parecia mais movido pelo costume que pelo amor; talvez sentisse orgulho das conquistas profissionais do filho, mas na verdade nunca falava sobre isso. Não tinha um hobby ou outra diversão qualquer, exceto sua criação de coelhos e as palavras cruzadas de *La République du Centre-Ouest*. Certamente não é verdade, como se diz, que todo ser tem uma paixão secreta, uma parte de mistério, uma fissura; se o pai de Jean-Yves tivesse que falar sobre suas convicções íntimas, sobre o sentido profundo que dava à sua vida, provavelmente só poderia revelar uma ligeira decepção. De fato, a frase favorita dele, que Jean-Yves lembrava ter ouvido milhares de vezes e era a que melhor sintetizava a sua experiência da condição humana, limitava-se a três palavras: “A gente envelhece”.

Sua mãe estava bastante afetada pela perda — afinal, era a companheira de toda a vida do velho —, sem parecer realmente abalada. “Ele estava muito acabado”, comentou. A causa da morte era tão indefinida que se poderia falar de fadiga

crônica, e mesmo de desânimo. “Não tinha mais gosto por nada”, disse ainda a mãe. Esta foi, mais ou menos, sua oração fúnebre.

A ausência de Audrey foi notada, obviamente, mas sua mãe se absteve de fazer comentários durante a cerimônia. A refeição da noite foi frugal — de qualquer modo, ela nunca fora uma boa cozinheira. Jean-Yves sabia muito bem que ia falar do assunto a qualquer momento. Dadas as circunstâncias, era bastante difícil evitar isso ligando a televisão, por exemplo, como ele costumava fazer. A mãe acabou de arrumar a louça e veio se sentar diante dele, com os cotovelos na mesa.

— Como andam as coisas com a sua mulher?

— Não muito bem... — e explicou a situação durante alguns minutos, mergulhando progressivamente no próprio tédio; afinal confessou que estava pensando em divórcio. Ele sabia que a mãe odiava Audrey e a acusava de privá-la dos netos; o que aliás não era mentira, embora os netos tampouco tivessem muita vontade de vê-la. Em circunstâncias diferentes, é verdade, as crianças poderiam ter se acostumado; pelo menos Angélique, e no seu caso ainda não era tarde demais. Mas seriam outras condições, outra vida, coisas difíceis de imaginar. Jean-Yves levantou os olhos para o rosto da mãe, seu coque grisalho, seus traços severos: era difícil sentir algum impulso de ternura ou de afeição por aquela mulher; até onde se lembrava, ela nunca o havia *acalentado*; também era difícil imaginá-la no papel de uma amante sensual e *sacana*. De repente entendeu que seu pai devia ter se aporrinhado a vida inteira. Teve uma espécie de choque, suas mãos se crisparam na borda da mesa: daquela vez era irremediável demais, definitivo demais. Com desespero, tentou lembrar de um momento em que tivesse visto o pai alegre, pleno, sinceramente feliz. Talvez sim, um dia, quando ele tinha cinco anos e o pai tentava lhe mostrar o funcionamento de um Meccano. Sim, seu pai amava a mecânica, e amava de verdade — ele se lembrava da decepção do velho quando lhe disse que iria estudar administração; isso talvez fosse suficiente, afinal de contas, para preencher uma vida.

No dia seguinte deu uma volta rápida pelo jardim, que na verdade lhe parecia bastante anônimo e não lhe trazia nenhuma recordação de infância. Os coelhos rodavam nervosos nas gaiolas, ainda não tinham sido alimentados: sua mãe ia vendê-los imediatamente, não gostava de cuidar da criação. No fundo, eles eram os grandes perdedores da história, as únicas vítimas verdadeiras daquela morte. Jean-

Yves pegou um saco de ração, jogou uns punhados nos tabuleiros; em memória do pai, podia fazer esse gesto.

Foi embora cedo, logo antes do programa de Michel Drucker, o que não evitou que ficasse preso num engarrafamento interminável, um pouco antes de Fontainebleau. Tentou ouvir diversas estações, depois acabou desligando o rádio. De vez em quando o fluxo de carros avançava alguns metros; só ouvia o barulho dos motores e a batida de umas gotas de chuva isoladas no para-brisas. Seu estado de espírito combinava com aquele vazio melancólico. A única coisa positiva do fim de semana, pensou, é que nunca mais teria que ver aquela Johanna; por fim tinha mandado a baby-sitter embora. A nova, Eucharistie, fora recomendada por uma vizinha: era uma garota nascida em Benim, séria e aplicada; aos quinze anos, já estava na metade do segundo grau. Mais adiante queria ser médica, talvez pediatra; de qualquer modo, lidava muito bem com as crianças. Conseguia arrancar Nicolas do video game e mandá-lo para a cama antes das dez — coisa que eles próprios nunca foram capazes de fazer. Era carinhosa com Angélique, preparava o seu lanche, dava banho, brincava com ela; estava claro que a pequena a adorava.

Jean-Yves chegou em casa às dez e meia, esgotado da viagem; Audrey, pelo que ele se lembrava, tinha ido passar o fim de semana em Milão e voltaria na manhã seguinte, direto para o trabalho. O divórcio certamente iria reduzir o nível de vida dela, pensou com uma satisfação maligna; era compreensível que adiasse o momento de falar sobre o assunto. Mas não chegava ao ponto de fingir uma volta do afeto, nem mesmo impulsos de ternura; isso era um ponto a seu favor.

Eucharistie estava no sofá, lendo *A vida, modo de usar*, de Georges Perec, em edição de bolso; tudo tinha corrido bem. Ela aceitou um suco de laranja, ele se serviu um conhaque. Normalmente, quando chegava, a garota lhe contava como tinha sido o dia, o que havia feito com as crianças; ficava por ali alguns minutos e depois se despedia. Dessa vez foi a mesma coisa; enquanto se servia outro conhaque, Jean-Yves percebeu que não tinha ouvido nada. “Meu pai morreu”, disse no mesmo momento em que isso lhe voltou à consciência. Eucharistie parou de repente e encarou-o, hesitando; não sabia como reagir, mas estava claro que ele tinha conseguido captar sua atenção. “Meus pais nunca foram felizes juntos”, prosseguiu, e essa segunda afirmação era ainda pior: parecia que negava a sua própria existência, privando-o de certa maneira do direito à vida. Ele era fruto de uma união infeliz, mal-ajambrada, uma coisa que não devia ter existido. Olhou à sua volta com inquietação: em poucos meses iria deixar aquele apartamento, não voltaria a ver aquelas cortinas nem os móveis; tudo parecia se desmanchar, perder a consistência.

Podia estar no salão de uma grande loja, depois de fechar; ou na foto de um catálogo, em alguma coisa que não tivesse existência real. Levantou-se, titubeante, foi até Eucharistie e abraçou com força o corpo da garota. Pôs a mão por baixo do pulôver: sua carne era viva, real. De repente tomou consciência do que estava fazendo e se deteve, incomodado. Ela também parou de se mexer. Jean-Yves a olhou direto nos olhos, depois lhe deu um beijo na boca. Ela correspondeu ao beijo, colando sua língua na dele. Jean-Yves moveu a mão para cima, por dentro do pulôver, até seus seios.

Fizeram amor no quarto, sem dizer uma palavra; ela tirou a roupa rapidamente e depois se agachou na cama para que ele a penetrasse. Mesmo depois de gozar ficaram alguns minutos sem dizer nada e depois evitaram o assunto. Ela contou novamente o seu dia, o que tinha feito com as crianças; depois declarou que não podia ficar para dormir.

Repetiram muitas outras vezes, na verdade sempre que ela vinha trabalhar, durante as semanas seguintes. Ele esperava que a menina abordasse de algum modo a questão da *legitimidade* daquela relação: afinal, tinha apenas quinze anos e ele, trinta e cinco; podia até ser seu pai. Mas ela não parecia querer ver as coisas pelo mesmo ângulo: por qual ângulo então? Acabou compreendendo, num ímpeto de emoção e gratidão: pelo ângulo, pura e simplesmente, do *prazer*. Na certa o casamento o desconectara, devia ter perdido o contato com essas coisas: ele simplesmente tinha esquecido que certas mulheres, em certos casos, fazem amor *pelo prazer*. Não foi o primeiro homem de Eucharistie, ela tivera um namorado no ano anterior, um rapaz do terceiro ano que logo depois desapareceu; mas havia coisas que ela não conhecia, por exemplo a felação.

Na primeira vez ele se controlou, não queria gozar em sua boca; mas depois viu que ela gostava, ou melhor, que se divertia ao sentir o esperma jorrar. Em geral não tinha dificuldade para levá-la ao orgasmo; ele, por seu lado, tinha um prazer imenso ao sentir aquele corpo firme e leve em seus braços. Ela era inteligente, curiosa; sempre se interessava pelo seu trabalho e lhe fazia muitas perguntas: tinha tudo o que faltava a Audrey. O universo da empresa era para ela um mundo desconhecido, exótico, cujos hábitos tentava entender; não podia fazer aquelas perguntas ao seu pai — que de qualquer maneira não poderia responder, porque trabalhava num hospital público. Em resumo, aquela relação, pensava ele com uma estranha sensação de relativismo, era uma relação *equilibrada*. Era uma sorte que não tivesse tido uma filha antes; em determinadas condições, não conseguia imaginar como — e, sobretudo, *por quê* — evitar o incesto.

Três semanas depois de começarem, Eucharistie lhe disse que tinha arrumado outro cara; por isso era melhor parar, a coisa estava ficando difícil. Jean-Yves pareceu tão desolado que, na vez seguinte, ela se propôs a continuar lhe fazendo boquetes. Ele não entendia muito bem por que, na verdade, aquilo seria *menos grave*; mas tinha se esquecido de como eram seus próprios sentimentos aos quinze anos. Conversavam durante algum tempo, sobre uma coisa e outra, quando ele chegava em casa; era sempre ela quem decidia o momento. Então se despiu até a cintura e deixava que ele acariciasse seus seios; depois ele se encostava na parede e ela ficava de joelhos à sua frente. Sabia adivinhar com exatidão, pelos seus gemidos, a hora em que ele ia gozar. Então afastava o rosto e com pequenos movimentos precisos orientava a ejaculação, às vezes sobre seus seios, às vezes sobre a boca. Nesses momentos ficava com uma expressão brincalhona, quase infantil; lembrando disso, Jean-Yves pensava com melancolia que ela estava no começo de sua vida amorosa, ainda ia fazer a alegria de muitos amantes; os dois tinham se cruzado, e pronto. Já era uma sorte.

No segundo sábado, quando Eucharistie, já de olhos semifechados e boca aberta, voltava a masturbá-lo com entusiasmo, ele percebeu de repente que seu filho tinha metido a cabeça pelo vão da porta. Teve um sobressalto, desviou o olhar; quando levantou a vista, o menino tinha sumido. Eucharistie não percebeu nada; passou a mão entre as suas coxas, apertando delicadamente os ovos. Jean-Yves teve então uma estranha impressão de imobilidade. Alguma coisa se mostrou a ele, como a revelação de um impasse. A confusão de gerações era grande e a filiação não tinha mais sentido. Puxou a boca de Eucharistie para o seu sexo; sem entender realmente o porquê, sentia que aquela era a última vez, e ele tinha necessidade daquela boca. Assim que ela apertou os lábios, gozou longamente, em vários jatos, empurrando a pica até o fundo de sua garganta, com o corpo tomado de arrepios. Então a garota levantou os olhos; ele permaneceu com as mãos sobre sua cabeça. Ela manteve o membro na boca por mais uns dois ou três minutos, de olhos fechados outra vez, passando devagar a língua pela glândula. Um pouco antes da despedida, Jean-Yves disse que não voltariam a fazer aquilo. Não sabia muito bem por quê; se o filho falasse alguma coisa, ia ter problemas no julgamento do divórcio; mas havia algo mais, que não conseguia captar. Ele lhe contou tudo isso uma semana mais tarde, num tom de autoacusação bastante penoso, pedindo-me que não dissesse nada a Valérie. Para dizer a verdade, aquilo me chateava um pouco, eu realmente não via onde estava o problema; mas por pura amabilidade fingi interesse, avaliei os prós e os contras, mas sem acreditar nem um pouco na situação; sentia-me como num

programa de Mireille Dumas.

No terreno profissional, em compensação, tudo ia bem, contou-me satisfeito Jean-Yves. Tinha escapado por pouco de um problema, algumas semanas antes, no resort da Tailândia: para atender às expectativas dos clientes, era imprescindível ter pelo menos um bar de putas e uma casa de massagem; seria um pouco difícil justificar aquilo no orçamento do hotel. Ligou então para Gottfried Rembke, o diretor da TUI, que encontrou rapidamente uma solução: ele tinha um sócio na praça, um empresário chinês instalado em Phuket, que podia construir um complexo de lazer bem ao lado do hotel. O alemão parecia estar de bom humor, aparentemente as coisas prometiam ir muito bem. No começo de novembro, Jean-Yves recebeu um exemplar do catálogo preparado para o público alemão; tinham ido direto ao assunto, constatou. Em todas as fotos as garotas locais estavam com os seios de fora, usando tangas minúsculas ou saias transparentes; fotografadas na praia ou diretamente nos quartos, elas sorriam com ar instigante, passavam a língua pelos lábios: era quase impossível não entender. Jamais aconteceria algo parecido na França, comentou com Valérie. É curioso notar, discorria, que, à medida que a gente se aproxima da Europa, a ideia de federação de Estados fica cada vez mais presente, mas não há qualquer uniformização no aspecto da legislação sobre os costumes. Enquanto a prostituição é aceita na Holanda e na Alemanha, onde tem um status reconhecido, muita gente na França pede a sua proibição e até mesmo punição para os clientes, como se fazia na Suécia. Valérie o observava com surpresa: ele parecia estranho, caía cada vez mais em meditações improdutivas, sem finalidade. Ela estava assumindo metodicamente, com uma espécie de fria determinação, uma quantidade enorme de trabalho; muitas vezes tomava decisões sem consultá-lo. Mas não estava acostumada, e às vezes eu a sentia perdida, assolada por dúvidas; a diretoria da empresa não interferia em nada, dava autonomia total a eles. “Estão esperando, só isso; querem ver se a coisa funciona ou dá com os burros na água”, explicou-me um dia com uma ira renovada. Tinha razão, é claro que eu não podia contradizê-la; assim era o jogo.

Eu não tinha qualquer objeção a que a sexualidade entrasse no campo da economia de mercado. Há muitas maneiras de ganhar dinheiro, honestas e desonestas, cerebrais ou brutalmente físicas. Pode-se ganhar dinheiro com a inteligência, o talento, a força ou a coragem, e até com a beleza; mas também com um golpe banal de sorte. Com certa frequência, o dinheiro chega por herança, como

no meu caso; o problema vinha então da geração precedente. Pessoas dos mais diversos tipos ganharam dinheiro neste planeta: ex-atletas de alto nível, bandidos, artistas, modelos, atores; um grande número de empresários e financistas habilidosos; também alguns técnicos e, mais raramente, certos inventores. O dinheiro às vezes é obtido de maneira mecânica, por pura acumulação; ou então, ao contrário, por um golpe de audácia bem-sucedido. Tudo isso não tem muito sentido, mas reflete uma grande diversidade. Os critérios da escolha sexual, porém, são exageradamente simples: limitam-se à juventude e à beleza física. Essas características certamente têm seu preço, mas não é um preço *infinito*. A situação era diferente, por certo, nos séculos anteriores, quando a sexualidade estava essencialmente ligada à reprodução. Para preservar o valor genético da espécie, a humanidade tinha que observar com cuidado certos critérios de saúde, força, juventude e vigor físico — dos quais a beleza era apenas uma síntese prática. Hoje a mão se inverteu: a beleza ainda tem todo o seu valor, mas tornou-se um valor monetizável, narcísico. Se a sexualidade deve decididamente entrar no terreno dos bens de intercâmbio, sem dúvida a melhor maneira é apelando para o dinheiro, mediador universal que já permitia estabelecer uma equivalência precisa para a inteligência, o talento, a competência técnica, possibilitando uma padronização perfeita das opiniões, gostos e modos de vida. Ao contrário dos aristocratas, os ricos não pretendem de maneira alguma possuir uma natureza diferente do resto da população; só pretendem ficar mais ricos. Essencialmente abstrato, o dinheiro é uma noção na qual não intervêm a raça, o aspecto físico, a idade, a inteligência ou a distinção — nenhuma outra coisa, na verdade, exceto o próprio dinheiro. Meus antepassados europeus trabalharam duramente por vários séculos; eles se propuseram a dominar e depois transformar o mundo e, de certa maneira, conseguiram. Foram movidos por interesse econômico, por gosto pelo trabalho, mas também porque acreditavam na superioridade da própria civilização: inventaram o sonho, o progresso, a utopia, o futuro. Essa consciência de missão civilizadora se evaporou ao longo do século XX. Os europeus, pelo menos alguns deles, continuam trabalhando, e às vezes trabalhando duro, mas são movidos por interesse ou por apego neurótico à tarefa; desapareceu a consciência inocente do seu direito natural de dominar o mundo e orientar a história. Como consequência dos esforços acumulados, a Europa continua sendo um continente rico; as qualidades de inteligência e obstinação que meus antepassados possuíam, eu certamente já perdi. Como europeu abastado, eu podia comprar a preço baixo, em outros países, alimento, serviços e mulheres; como europeu decadente, consciente da minha morte

próxima e plenamente aberto ao egoísmo, não via motivo para me privar de tudo isso. Mas tinha consciência de que tal situação não podia continuar indefinidamente, pois pessoas como eu não são capazes de assegurar a sobrevivência de uma sociedade e nem mesmo são, simplesmente, dignas de viver. Mudanças iriam ocorrer, já estavam ocorrendo, mas eu não conseguia me sentir implicado nelas; minha única motivação autêntica era tentar sair daquela bagunça o mais rápido possível. O mês de novembro estava frio, sem graça; eu não lia tanto Augusto Comte nos últimos tempos. Minha grande distração, na ausência de Valérie, consistia em observar o movimento das nuvens através do vidro da janela. Bandos imensos de estorninhos se juntavam no final da tarde acima de Gentilly, descrevendo no céu uns planos inclinados e espirais; senti a tentação de dar-lhes um sentido e interpretá-los como o anúncio de um apocalipse.

Uma noite, saindo do trabalho, encontrei Lionel; não o via desde a excursão Tropic Thai, quase um ano antes. Curiosamente, porém, reconheci-o de imediato. Fiquei um pouco surpreso ao constatar que tinha me deixado uma impressão tão forte; na época, nem me lembrava de ter conversado com ele.

Estava tudo bem, contou. Um grande círculo de pano cobria seu olho direito. Sofrera um acidente de trabalho, alguma coisa explodiu; mas tudo bem, tinham cuidado dele a tempo e ia recuperar cinquenta por cento da visão daquele olho. Convidei-o para tomar um drinque num bar perto do Palais-Royal. Perguntei-me se, se fosse o caso, reconheceria Robert, Josiane ou os outros membros do grupo; provavelmente, sim. Era um pensamento ligeiramente aflitivo; minha memória estava ocupada permanentemente por informações quase de todo inúteis. Como ser humano, eu era competente no reconhecimento e estocagem de imagens de outros humanos. *Nada é mais útil ao homem que o próprio homem.* O motivo pelo qual convidei Lionel não estava claro para mim; aquela conversa ia ser um fiasco, com certeza. Para mantê-la viva, perguntei se ele tinha voltado à Tailândia. Não, e não era vontade o que lhe faltava, mas infelizmente a viagem era um pouco cara. Voltara a ver algum dos outros participantes? Não, nenhum deles. Conte-lhe então que eu tinha visto Valérie, de quem talvez se lembrasse, e que nós passamos até a morar juntos. Ele pareceu feliz ao ouvir a notícia; com certeza, tínhamos lhe deixado uma boa impressão. Não podia viajar muito, disse; aquelas férias na Tailândia eram uma das melhores lembranças da sua vida. Comecei a ficar emocionado com sua simplicidade, seu desejo ingênuo de felicidade. Foi então que tive um impulso que merece, pensando ainda hoje no assunto, ser qualificado de *bom*. De modo geral não sou um sujeito bom, este não é um dos traços marcantes do meu caráter. O humanismo me enoja, o destino dos outros me é totalmente indiferente, não lembro de ter experimentado alguma vez qualquer sentimento de *solidariedade*. De todo

modo, nessa noite expliquei a Lionel que Valérie trabalhava com turismo, numa empresa que estava abrindo um resort em Krabi, e que eu podia conseguir uma semana de hospedagem para ele com cinquenta por cento de desconto. Claro que era tudo invenção; mas eu decidira pagar a diferença. Talvez quisesse, em certa medida, *contar vantagem*; mas acho que também senti um desejo sincero de que ele pudesse, mesmo que por uma semana na vida, encontrar outra vez o prazer nas mãos experientes das jovens prostitutas tailandesas.

Quando contei o caso a Valérie, ela me olhou com certa perplexidade; não tinha a menor lembrança de Lionel.

Este era, justamente, o problema daquele rapaz: não era mau sujeito, mas não tinha personalidade alguma; era muito reservado, humilde, ficava difícil conservar alguma lembrança dele.

— Bem... — disse ela — se é isso o que você quer, não vai ser preciso nem pagar os cinquenta por cento; aliás, vou ganhar alguns convites para a semana da inauguração, em 10 de janeiro.

Telefonei para Lionel no dia seguinte, avisando que sua viagem seria de graça; aquilo era demais, ele não podia acreditar; tive que fazer um esforço para que aceitasse.

No mesmo dia recebi a visita de uma jovem artista que veio me mostrar seu trabalho. Chamava-se Sandra Heksjtovoian ou coisa parecida, um sobrenome que de qualquer maneira eu não conseguiria memorizar; se fosse agente dela, eu a aconselharia a trocar por Sandra Hallyday. Era uma garota novinha, usando calça e camiseta, com um jeito bastante comum, rosto arredondado e cabelo cacheado curto; vinha da escola de Belas-Artes de Caen. Trabalhava só com o corpo, explicou; olhei-a com inquietação enquanto abria a sua pasta. Eu esperava que não me viesse com fotos de cirurgia estética dos dedos dos pés ou coisa parecida, estava de saco cheio dessas histórias. Mas não, ela só me mostrou uns cartões-postais que tinha feito, a impressão da sua boceta com tintas de diversas cores. Escolhi uma turquesa e uma cor de malva, fiquei um pouco arrependido por não ter trazido fotos da minha pica para retribuir. Aquilo era muito simpático, mas pelo que me lembrava Yves Klein já tinha feito coisas similares, há mais de quarenta anos; seria difícil apoiar a sua exposição. Claro, claro, admitiu, eu devia considerar aquilo como um *exercício de estilo*. Então tirou de uma embalagem de papelão uma peça mais complexa, composta por duas rodela de tamanhos diferentes ligadas por uma fina tira de

borracha; uma manivela fazia o dispositivo funcionar. A tira de borracha era recoberta por pequenas protuberâncias plásticas, mais ou menos piramidais. Girei a manivela, passei um dedo pela tira em movimento; a coisa produzia uma espécie de atrito nada desagradável.

— São moldes do meu clitóris — explicou a garota; tirei o dedo no mesmo instante. — Fiz umas fotos com endoscópio durante uma ereção, depois passei tudo para o computador. Com um programa de 3-D reconstituí o volume, modeliei tudo em *ray-tracing*, depois mandei as coordenadas da peça para a oficina.

Tive a impressão de que ela se deixava dominar por considerações técnicas. Voltei a girar a manivela, um tanto maquinalmente.

— Dá vontade de tocar, não é? — perguntou com satisfação. — Pensei em conectar em uma resistência, para fazer uma lâmpada se iluminar. O que você acha?

Na verdade eu não concordava, aquela ideia parecia contrariar a simplicidade do conceito. Era bastante simpática, a garota, para ser uma artista contemporânea; tive vontade de propor que saíssemos alguma noite para uma suruba, tinha certeza que se daria muito bem com Valérie. Mas percebi bem a tempo que, na minha posição, aquilo poderia ser considerado assédio sexual; examinei o dispositivo com desânimo.

— Sabe — disse a ela —, eu cuido principalmente da parte contábil dos projetos. Sobre os aspectos estéticos, é melhor conversar com a srta. Durry.

Escrevi num cartão o nome e o número de telefone de Marie-Jeanne; afinal, ela devia ser competente nesse negócio de clitóris. A garota parecia um pouco embaraçada, mas mesmo assim me entregou um saquinho cheio de pirâmides de plástico.

— Vou lhe deixar uns moldes — explicou —, na oficina fizeram muitos.

Agradei e acompanhei-a até a saída. Antes de nos despedirmos, perguntei se os moldes eram de tamanho real. Naturalmente, disse ela, isso fazia parte do projeto.

Nessa mesma noite examinei com cuidado o clitóris de Valérie. Na verdade, nunca havia prestado uma atenção muito específica; quando o acariciava ou lambia, era a partir de um esquema global, eu tinha memorizado a posição, os ângulos, o ritmo dos movimentos que deveriam ser feitos; mas, ali, examinei demoradamente o pequeno órgão que palpitava sob os meus olhos.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, meio surpresa, depois de passar cinco minutos com as pernas bem abertas.

— É uma experiência artística — disse eu, dando-lhe uma pequena lambida para

acalmar sua impaciência.

No molde da garota era evidente que faltavam o gosto e o cheiro; mas, fora isso, a coisa indiscutivelmente se parecia bastante. Realizado o meu exame, abri com as duas mãos a boceta de Valérie e lambi seu clitóris com pequenas linguaradas bem definidas. Seria a espera o que havia exacerbado o seu desejo? Ou os movimentos mais precisos e atenciosos de minha parte? Seja como for, ela gozou quase de imediato. No fundo, pensei, aquela menina Sandra era uma boa artista; seu trabalho instigava a *lançar um novo olhar sobre o mundo*.

Desde o começo de dezembro, ficou claro que os hotéis Afrodite iam ser um sucesso, provavelmente um sucesso *histórico*. Na indústria do turismo, novembro é tradicionalmente o pior mês. Em outubro ainda há algumas excursões fora de temporada; em dezembro vem o período das festas. Mas são muito raras as pessoas que resolvem tirar férias em novembro, exceto alguns veteranos particularmente astutos e endinheirados. Ora, os primeiros resultados dos resorts eram excelentes: a fórmula teve um êxito imediato, podia-se até falar de um boom. Jantei com Jean-Yves e Valérie na noite em que chegaram os primeiros números; ele me olhava quase com estranheza, a tal ponto os resultados eram superiores às suas expectativas: na média do mês, a taxa de ocupação dos resorts ultrapassou, em todos eles, noventa e cinco por cento.

— Pois é, o sexo... — disse eu com embaraço — as pessoas têm necessidade de sexo, e ponto final. Só não têm coragem de confessar.

Tudo isso chamava à reflexão, quase ao silêncio; o garçom trouxe os *antipasti*.

— A inauguração de Krabi vai ser incrível — disse Jean-Yves. — Rembke me telefonou, está tudo reservado há três semanas. E o melhor é que não saiu nada na imprensa, nem uma linha. Um sucesso discreto, ao mesmo tempo popular e confidencial. Exatamente como nós queríamos.

Ele afinal havia decidido alugar um apartamento e se separar da mulher; só iria receber as chaves no dia 1º de janeiro, mas já estava melhor, eu o sentia mais relaxado. Era bastante jovem, bonito e sem sombra de dúvidas rico: essas coisas não ajudam necessariamente a viver, constatei quase estarecido; mas pelo menos ajudam a provocar o desejo nos outros. Eu nunca consegui entender a sua ambição, todo aquele empenho em ser bem-sucedido na carreira. Não era pelo dinheiro, realmente acho que não: ele pagava impostos muito altos e não tinha a menor atração pelo luxo. Também não era por dedicação à empresa ou ao turismo em geral: não dava

para considerar o desenvolvimento do turismo mundial exatamente como uma causa nobre. A ambição dele existia por si mesma, não podia ser atribuída a nenhuma outra causa: era motivada pelo desejo de construir alguma coisa, mais que por apetite de poder ou espírito de competição — nunca o ouvi falar da carreira dos seus colegas de faculdade, e acho que não se preocupava em absoluto com isso. Em suma era uma motivação respeitável, a mesma que explica o desenvolvimento da civilização humana em seu conjunto. Sua gratificação social consistia num salário alto; em outros regimes, poderia se materializar num título de nobreza ou em privilégios como os que eram concedidos aos membros da *nomenklatura*; não creio que nada disso mudasse muito a situação. Na verdade, Jean-Yves trabalhava porque gostava do seu trabalho — uma coisa ao mesmo tempo misteriosa e límpida.

No dia 15 de dezembro, duas semanas antes da inauguração, ele recebeu uma ligação preocupante da TUI. Um turista alemão havia sido sequestrado junto com a garota tailandesa que estava com ele; isso ocorrera em Hat Yai, no extremo sul do país. A polícia local recebeu uma mensagem confusa escrita num inglês capenga que não formulava nenhuma reivindicação, mas avisava que os dois jovens iam ser executados por sua conduta contrária à lei islâmica. Já havia indícios nos últimos meses de atividades de movimentos islâmicos, apoiados pela Líbia, na fronteira com a Malásia; mas era a primeira vez que atacavam pessoas.

Em 18 de dezembro, os cadáveres nus e mutilados dos jovens foram jogados de uma caminhonete na praça principal da cidade. A garota tinha sido morta a pedradas, vítima de uma violência extrema; sua pele estava dilacerada em toda a superfície, o corpo era uma enorme bolha quase irreconhecível. O alemão foi estrangulado e castrado, e apareceu com o pênis e os testículos enfiados na boca. Dessa vez toda a imprensa alemã divulgou a notícia, e saíram artigos até na França. Os jornais decidiram não publicar as fotos das vítimas, mas elas rapidamente apareceram nos sites costumeiros da internet. Jean-Yves ligava todo dia para a TUI: até aquele momento a situação não era alarmante. Houve poucos cancelamentos, as pessoas não alteraram seus projetos de férias. O primeiro-ministro tailandês multiplicava as declarações tranquilizadoras: provavelmente tratava-se de uma ação isolada, todos os movimentos terroristas conhecidos tinham condenado o sequestro e o assassinato.

Desde a nossa chegada a Bangkok, porém, senti uma enorme tensão, sobretudo no bairro de Sukhumvit, onde ficava a maioria dos turistas originários do Oriente

Médio. Vinham principalmente da Turquia e do Egito, mas às vezes também de países muçulmanos bem mais rígidos, como a Arábia Saudita ou o Paquistão. Quando esses turistas andavam no meio da multidão, notei olhares hostis seguindo-os. Na entrada de várias boates, vi cartazes: “NO MUSLIMS HERE”; o proprietário de uma em Patpong explicitou seu pensamento escrevendo à mão o seguinte recado: “*We respect your Muslim faith: we don’t want you to drink whisky and enjoy Thai girls*”. Os coitados não tinham nada a ver com a coisa, mas estava claro que em caso de atentado seriam os primeiros a ser visados. Quando estive pela primeira vez na Tailândia, fiquei surpreso com a presença de turistas dos países árabes; na verdade, vinham exatamente pelas mesmas razões que os ocidentais, só que pareciam cair na devassidão com ainda mais entusiasmo. Muitas vezes, nos bares dos hotéis, podiam ser vistos com um uísque na mão a partir das dez da manhã; e eram os primeiros na abertura das casas de massagem. Violando manifestamente a lei islâmica, e provavelmente sentindo-se culpados, em geral eram gentis e encantadores.

Bangkok continuava poluída, barulhenta, irrespirável; no entanto, eu revia a cidade com o mesmo prazer de antes. Jean-Yves teve duas ou três reuniões com banqueiros, ou num ministério; eu acompanhava essas coisas meio de longe. Ao fim de dois dias, veio nos contar que suas conversas tinham sido conclusivas: as autoridades locais estavam muito receptivas e dispostas a fazer de tudo para atrair investimentos ocidentais. Nos últimos anos a Tailândia não conseguia sair da crise, a bolsa e a moeda estavam muito fracas, a dívida pública chegava a setenta por cento do PIB.

— Estão tão fodidos que nem mesmo corruptos conseguem ser — disse Jean-Yves. — Precisei molhar a mão de alguns, mas só um pouco; nada a ver com o que acontecia há cinco anos.

Na manhã de 31 de dezembro embarcamos num avião para Krabi. Ao descer da van encontrei Lionel, que tinha chegado na véspera. Estava encantado, disse, absolutamente encantado; não foi fácil parar o fluxo dos seus agradecimentos. Mas quando cheguei à minha cabana também fiquei pasmo com a beleza da paisagem. A praia era imensa, imaculada, a areia fina como poeira. Em algumas dezenas de metros o oceano passava do azul ao turquesa, do turquesa ao esmeralda. Imensos picos calcários, cobertos de florestas de um verde intenso, brotavam das águas no horizonte, perdendo-se na luz e na distância e dando à baía uma amplidão irreal, cósmica.

— Não foi aqui que filmaram *A praia*? — perguntou Valérie.

— Não, acho que foi em Koh Phi Phi, mas não vi o filme.

Segundo ela, eu não tinha perdido grande coisa; a não ser pelas paisagens, não valia muito a pena. Eu lembrava vagamente do livro, que falava de uns mochileiros em busca de uma ilha virgem; sua única pista era um mapa, desenhado por um velho andarilho antes de se suicidar num hotel miserável de Khao Sen Road. Primeiro iam a Koh Samui, turístico demais; de lá chegavam a uma ilha próxima, que também tinha gente demais para eles. Enfim, subornando um marinheiro, conseguiram desembarcar na tal ilha que queriam — situada numa reserva natural, e por isso teoricamente inacessível. É então que começam os problemas. Os primeiros capítulos do livro ilustram muito bem a maldição do turista, sua busca desenfreada de lugares “não turísticos” que a sua simples presença ajuda a desacreditar, e assim é levado para cada vez mais longe, num projeto cuja realização se torna paulatinamente mais vã. Essa situação sem saída, semelhante à do homem que tenta fugir da própria sombra, era muito conhecida nos meios do turismo, lembrou Valérie; em termos sociológicos, era chamada de paradoxo do *double bind*.

Os turistas que optaram pelo Eldorado Afrodite de Krabi, em todo caso, não pareciam estar a ponto de sucumbir ao paradoxo do *double bind*: embora a praia fosse imensa, quase todos se instalaram no mesmo ponto. Pelo que pude ver, pareciam ser exatamente a clientela esperada: muitos alemães, quase sempre executivos e profissionais liberais. Valérie tinha os números exatos: oitenta por cento de alemães, dez por cento de italianos, cinco por cento de espanhóis e cinco por cento de franceses. A surpresa era que havia muitos casais. Faziam mais o estilo *casais libertinos* e poderiam perfeitamente ser encontrados no cabo de Agde: a maioria das mulheres tinha seios siliconados e muitas usavam uma corrente de ouro em volta da cintura ou do tornozelo. Observei também que quase todo mundo caía na água sem roupa. Tudo isso me deixava confiante; com esse tipo de gente nunca há problemas. Ao contrário de um lugar classificado como “de espírito mochileiro”, um resort destinado aos *swingers*, que só fica interessante se seu público se expandir, é por essência um lugar não paradoxal. Num mundo onde o luxo máximo consiste em evitar os outros, a sociabilidade “bom menino” dos *swingers* burgueses alemães é uma forma de subversão particularmente sutil, comentei com Valérie enquanto ela tirava o sutiã e a calcinha. Depois de também me despir, notei com um pouco de constrangimento que estava de pau duro e me deitei de bruços ao seu lado. Valérie abriu as coxas, oferecendo tranquilamente seu sexo ao sol. Poucos metros à nossa direita havia um grupo de alemãs, aparentemente conversando sobre um artigo do *Spiegel*. Uma delas tinha o púbis depilado, podia-se distinguir claramente sua fenda, fina e reta.

— Gosto desse tipo de boceta — disse Valérie em voz baixa —, dá vontade de passar o dedo.

Eu também gostava, mas à esquerda havia um casal de espanhóis, e a mulher, ao contrário, tinha um pelo púbico bem espesso, encaracolado e preto; eu também gostava disso. Quando ela se espichou dei uma olhada em seus grandes lábios, grossos e carnudos. Era uma mulher jovem, não mais de vinte e cinco anos, mas tinha seios pesados, com grandes aréolas proeminentes.

— Vai, deita de costas — disse Valérie em meu ouvido.

Obedeci fechando os olhos, como se o fato de não ver nada diminuísse o alcance do meu ato. Senti minha pica se erguendo, a glândula surgindo do seu forro protetor de pele. Um minuto depois parei de pensar, concentrando-me apenas na sensação; o calor do sol nas mucosas era infinitamente agradável. Ainda sem abrir os olhos, senti um fio de óleo de bronzear escorrendo pelo meu torso, depois pela barriga. Os dedos de Valérie se moviam em toques leves e rápidos. Eflúvios de coco saturavam a atmosfera. Na hora em que começou a passar o óleo no meu sexo, abri rapidamente os olhos: estava ajoelhada ao meu lado, de frente para a espanhola, que tinha se erguido sobre os cotovelos para olhar. Larguei a cabeça para trás, fitando o azul do céu. Valérie pousou a mão no meu saco e introduziu o dedo médio no meu ânus; com a outra mão, continuava me masturbando com regularidade. Virando a cabeça à esquerda, vi que a espanhola, por sua vez, se esforçava na pica do parceiro; devolvi meu olhar ao azul do céu. Quando ouvi passos se aproximando na areia, fechei os olhos de novo. Primeiro houve um som de beijo, depois ouvi murmúrios. Não sabia quantas mãos nem quantos dedos estavam apertando e acariciando o meu sexo; o som do mar era muito doce.

Depois da praia, fomos dar uma volta pelo centro de lazer; a noite caía, as luzes multicoloridas dos *go-go bars* iam se acendendo uma a uma. Havia uns dez bares numa praça redonda, cercando uma imensa casa de massagem. Em frente à entrada encontramos Jean-Yves, acompanhado de uma garota de vestido longo, seios grandes e pele clara, que parecia chinesa.

— Como é lá dentro? — perguntou Valérie.

— É surpreendente: um pouco kitsch, mas realmente luxuoso. Tem chafarizes, plantas tropicais, cachoeiras; puseram até estátuas de deusas gregas.

Entramos e nos instalamos num sofá profundo, coberto de fios de ouro, antes de escolher duas garotas. A massagem foi muito agradável, a água quente e o sabão

líquido eliminavam os restos de protetor solar nas nossas peles. As garotas se moviam com elegância, utilizando os seios, a bunda e a parte interna das coxas para nos ensaboar; Valérie logo começou a gemer. Eu estava maravilhado, mais uma vez, com a riqueza das zonas eróticas da mulher.

Depois de nos enxugar, fomos deitar numa grande cama redonda, com espelhos em dois terços da sua circunferência. Uma das garotas chupou Valérie, levando-a facilmente ao orgasmo; eu fiquei ajoelhado em cima do seu rosto, com a outra garota acariciando meu saco e me chupando. No momento em que senti que eu ia gozar, Valérie fez um sinal para as garotas se aproximarem ainda mais: enquanto a primeira me lambia os ovos, a outra beijava Valérie na boca; ejaculei nos lábios quase unidos das duas.

A maioria dos convidados da festa de Réveillon era de tailandeses, mais ou menos ligados à indústria turística local. Nenhum dirigente do Aurore veio; o chefe da TUI tampouco pôde viajar, mandou um subordinado que visivelmente não tinha muito poder, mas parecia feliz com a sorte inesperada. O bufê estava delicioso, todo de cozinha *thai* e chinesa. Havia pequenos *nems* crocantes de manjerição e citronela, bolinhos de campânula d'água, curry de camarão com leite de coco, arroz com castanhas de caju e amêndoas, um pato laqueado incrivelmente macio e saboroso. Para a festa, tinham importado vinhos franceses. Conversei um pouco com Lionel, que parecia flutuando de felicidade; estava com uma garota encantadora, nascida em Chiang Mai, chamada Kim. Ele a conhecera na primeira noite, num bar de topless, e desde então estavam juntos; olhava para ela com verdadeira adoração. Eu entendia muito bem o que tanto seduzia aquele meninão desajeitado nessa criatura delicada, de uma fineza quase irreal; era impossível para ele encontrar uma garota como aquela no seu próprio país. Essas putinhas tailandesas são uma bênção, pensei; simplesmente uma dádiva do céu. Kim falava um pouco de francês. Ela tinha ido uma vez a Paris, maravilhava-se Lionel; sua irmã era casada com um francês.

— Ah, é? — me surpreendi. — E o que ele faz?

— Médico... — ele se apagou um pouco. — Evidentemente, comigo não seria o mesmo padrão...

— Você tem a segurança do seu emprego — retruquei com otimismo. — Todos os tailandeses sonham com se tornar funcionários do governo.

Ele me olhou, meio na dúvida. Mas era a pura realidade, a função pública tinha um fascínio incrível para os tailandeses. É verdade que na Tailândia os funcionários

são corruptos; eles não apenas têm a segurança do emprego, mas também são ricos. Pode-se ter tudo na vida.

— Bem, então boa noite — disse eu, dirigindo-me para o bar.

— Obrigado — respondeu, um pouco vermelho.

Eu não entendia o que estava me levando, naquele momento, a brincar de *homem que conhece a vida*; com certeza estava envelhecendo. De todo modo, tinha lá minhas dúvidas em relação àquela garota: as tailandesas do Norte em geral são muito bonitas, e acontece que têm consciência demais disso. Passam o tempo todo se olhando no espelho, plenamente conscientes de que sua beleza é em si mesma uma vantagem econômica decisiva, e assim se tornam seres ao mesmo tempo caprichosos e inúteis. Por outro lado, ao contrário de uma garota ocidental, Kim não podia se dar conta de que Lionel era um *sapo*. Os principais critérios da beleza física são a juventude, a ausência de deficiências e a adequação geral às normas da espécie; são indiscutivelmente universais. Os outros critérios, imprecisos e relativos, eram mais dificilmente apreciáveis por uma jovem de outra cultura. Para Lionel, o exotismo era uma boa escolha, provavelmente a única. Enfim, pensei, eu faria qualquer coisa para ajudá-lo.

Com meu copo de Saint-Estèphe na mão, fui me sentar num banco para olhar as estrelas. O ano de 2002 ia marcar a entrada da França na união monetária europeia, entre outras coisas: também haveria a Copa do Mundo, as eleições presidenciais, vários acontecimentos de muita repercussão na mídia. Os picos rochosos da baía estavam iluminados pelo luar; eu sabia que soltariam fogos de artifício à meia-noite. Minutos depois, Valérie veio se sentar ao meu lado. Eu a abracei, pus a cabeça em seu ombro, quase não distinguia os traços do seu rosto, mas reconhecia o seu cheiro, a textura de sua pele. Quando explodiu o primeiro foguete, notei que seu vestido verde, ligeiramente transparente, era o mesmo que tinha usado um ano antes, no Réveillon de Koh Phi Phi; senti uma emoção estranha quando ela encostou os lábios nos meus; era como uma reviravolta na ordem do mundo. Curiosamente, e sem merecê-la em absoluto, eu tive uma segunda chance. É raro ter uma segunda chance na vida; é contra todas as leis. Apertei-a com força em meus braços, tomado por uma súbita vontade de chorar.

Se o amor não pode então dominar, como reinaria o espírito? Toda supremacia prática faz parte da atividade.

Augusto Comte

O barco avançava sobre a imensidão azul-turquesa, e eu não precisava me preocupar com a sucessão dos meus gestos. Havíamos saído cedo rumo a Koh Maya, bordeando bancos de coral e imensos picos calcários. Alguns deles tinham formato de anel, e chegava-se ao lago central por um estreito canal cavado na rocha. No interior das ilhotas, a água, de um tom verde-esmeralda, era imóvel. O piloto desligou o motor. Valérie me olhava; ficamos sem falar nada ou fazer qualquer movimento. Os segundos transcorriam num silêncio absoluto.

Na ilha de Koh Maya, descemos numa baía protegida por altas muralhas de pedra. A praia, fina e encurvada, se estendia abaixo das falésias por uma centena de metros. O sol já estava bem alto no céu, eram onze horas. O piloto voltou a ligar o motor e partiu para Krabi; voltaria no final da tarde. Assim que o barco passou pela entrada da baía, o zumbido desapareceu.

Tirando o ato sexual, há poucos momentos na vida em que o corpo exulta pelo simples prazer de viver, é inundado de alegria por sua simples presença no mundo; minha jornada de 1º de janeiro foi toda cheia desses momentos. A única lembrança que guardo é dessa plenitude. Provavelmente nadamos, tomamos sol e fizemos amor. Não creio que tenhamos conversado nem explorado a ilha. Recordo o cheiro de Valérie, o gosto do sal secando em seu sexo; lembro de ter adormecido dentro dela e de ser acordado por suas contrações.

O barco voltou às cinco para nos buscar. Na varanda do hotel, que dominava a baía, bebi um Campari, e Valérie, um Mai Thai. Os picos calcários pareciam quase pretos sob a luz cor de laranja. Os últimos banhistas voltavam do mar, com a toalha na mão. A poucos metros da costa, abraçados dentro da água morna, um casal fazia amor. Os raios do crepúsculo batiam no teto dourado de um pagode, a meia altura. Na atmosfera aprazível, um sino tocou várias vezes. É um costume budista; quando um ato bom ou meritório foi realizado, comemora-se tocando o sino de um templo; só uma religião cheia de alegria faz a atmosfera vibrar como testemunho humano dos bons atos.

— Michel... — disse Valérie depois de um longo silêncio, olhando-me direto nos olhos. — Estou com vontade de ficar aqui.

— O que quer dizer com isso?

— Ficar aqui para sempre. Pensei nisso quando estávamos voltando esta tarde: acho que é possível. Basta eu ser nomeada coordenadora do resort. Tenho o meu diploma e a competência necessária para essa função.

Olhei-a sem dizer nada; ela pôs a mão sobre a minha.

— Seria preciso largar o seu trabalho. Você concordaria?

— Concordo — devo ter respondido em menos de um segundo, sem a menor hesitação; nunca uma decisão havia sido tão fácil.

Vimos Jean-Yves saindo da casa de massagem. Quando Valérie lhe acenou, veio se sentar à nossa mesa; ela expôs o seu projeto.

— Bem... — disse ele, vacilando — imagino que é possível. É claro que o Aurore vai ficar surpreso, porque o que você pede é o contrário de uma promoção. Seu salário vai cair à metade e não podemos fazer diferente, por causa dos outros.

— Eu sei — disse ela. — Não me importo.

Jean-Yves olhou-a de novo, balançando a cabeça com incredulidade.

— Se esta é a sua escolha... — disse. — Se é o que você quer... Afinal — concluiu, parecendo só então perceber —, afinal sou eu quem dirige os Eldorador e tenho o direito de nomear os coordenadores que quiser.

— Então, você aceita?

— Claro, não posso impedir.

Sentir que a vida dá uma virada é uma sensação curiosa; basta você ficar parado, sem fazer nada, só experimentando a sensação do movimento. Fiquei em silêncio durante toda a refeição, pensativo, a tal ponto que Valérie acabou se inquietando.

— Você tem certeza de que é isso o que quer? — perguntou. — Tem certeza de que não vai ficar com saudades da França?

— Não, não vou ficar com saudade de nada.

— Aqui não há distrações, nem vida cultural.

Eu sabia; quanto mais pensava no assunto, mais a cultura me parecia uma necessária compensação pela infelicidade das nossas vidas. Talvez pudesse imaginar uma cultura de outro tipo, ligada à celebração e ao lirismo, que se desenvolveria no interior de um estado de felicidade; mas não tinha certeza, isso parecia uma consideração muito teórica que na verdade não podia mais ter grande importância para mim.

— Tem a TV5 — disse eu com indiferença. Ela sorriu: a TV5 era um dos piores canais do planeta, todo mundo sabia disso.

— Tem certeza que não vai se entediar? — insistiu ela.

Na minha vida eu já tinha conhecido o sofrimento, a opressão, a angústia; jamais conheci o tédio. Não faço qualquer objeção ao eterno, à repetição imbecil da mesma coisa. Naturalmente, não tenho a ilusão de atingi-lo; sei que a infelicidade é poderosa, engenhosa e tenaz, mas essa perspectiva não me inspirava a menor preocupação. Quando era criança, passava horas contando os trevos que cresciam num prado: em vários anos de busca, nunca achei um único trevo de quatro folhas; não senti decepção alguma por isso, nem amargura; para dizer a verdade, poderia perfeitamente contar as folhas de capim: todos aqueles trevos, com suas três folhas, me pareciam eternamente idênticos, eternamente esplêndidos. Um dia, quando tinha doze anos, subi no topo de uma torre elétrica na alta montanha. Durante essa escalada não olhei para os meus pés. Quando cheguei lá em cima, sobre a plataforma, achei que descer seria complicado e perigoso demais. As cadeias de montanhas se estendiam a perder de vista, coroadas de neve eterna. Seria bem mais simples ficar ali mesmo, ou pular. Fui retido, in extremis, pela ideia do esmagamento; senão, acho que poderia ter desfrutado eternamente daquele voo.

No dia seguinte conheci Andreas, um alemão que estava morando na região havia uns dez anos. Era tradutor, explicou, o que lhe permitia trabalhar sozinho; voltava à Alemanha uma vez por ano, na época da feira do livro de Frankfurt; quando tinha dúvidas, recorria à internet. Teve a sorte de traduzir vários best-sellers americanos, entre eles *A firma*, o que lhe garantia rendimentos honestos; a vida na região não era tão cara. Até aquele momento quase não havia turismo, por isso era surpreendente

para ele ver todos aqueles compatriotas desembarcando de repente; recebia a novidade sem entusiasmo, mas também sem desgosto. Seus laços com a Alemanha haviam se tornado muito tênues, por mais que sua profissão o obrigasse a praticar constantemente a língua. Estava casado com uma tailandesa que conhecera numa casa de massagem e agora tinham dois filhos.

— É fácil, aqui, ter... hum... filhos? — perguntei.

Tive a impressão de estar fazendo uma pergunta incongruente, um pouco como se quisesse saber se era fácil comprar um cachorro. Na verdade, sempre tive uma certa repugnância por crianças pequenas; até onde eu sabia, são todos uns monstros feios que cagam descontroladamente e dão berros insuportáveis; nunca me passara pela cabeça a ideia de ter um filho. Mas eu sabia que a maioria dos casais *tinha*; não sabia se gostavam, mas o fato é que não chegavam a se queixar. No fundo, concluí, passando a vista pelo resort, num espaço como aquele, tão vasto, dava até para pensar: o menino ia passear entre as cabanas, brincar com pedaços de madeira, sei lá...

Segundo Andreas, sim, era particularmente fácil ter filhos aqui; havia uma escola em Krabi, podia-se ir a pé. E as crianças tailandesas são muito diferentes das crianças europeias, muito menos coléricas e caprichosas. Têm um respeito pelos pais próximo à veneração; isso lhes surge espontaneamente, faz parte da cultura. Quando ele visitava sua irmã em Dusseldorf, ficava literalmente estarrecido com o comportamento dos sobrinhos.

Eu não estava tão convencido do funcionamento dessa impregnação cultural; pensei, para me tranquilizar, que Valérie só tinha vinte e oito anos e geralmente a coisa vem aos trinta e cinco; mas tudo bem, se fosse necessário eu teria um filho com ela: sabia que a ideia surgiria, era inevitável. Uma criança é como um filhote de animal, com tendências malignas, é verdade; digamos, meio como um macaquinho. Mas podia até ter algumas vantagens, pensei; eventualmente poderia lhe ensinar a jogar Mille Bornes. Eu tinha uma verdadeira paixão por esse jogo, paixão em geral insaciada; a quem poderia propor uma partida? Com toda a certeza, não aos meus colegas de escritório; tampouco aos artistas que vinham me apresentar seus trabalhos. Andreas, talvez? Avaliei-o rapidamente com o olhar: não, não parecia o estilo. De qualquer modo, parecia sério e inteligente, era uma relação que deveria ser cultivada.

— Você está pensando numa vinda... definitiva? — perguntou.

— Sim, definitiva.

— É melhor ver as coisas assim — respondeu, baixando a cabeça. — É muito

difícil sair da Tailândia; se eu tivesse que sair agora, custaria muito a me recompor.

16

Os dias passaram com uma velocidade assustadora; íamos voltar em 5 de janeiro. Na noite anterior estivemos com Jean-Yves no restaurante principal. Lionel recusou o convite, ia ver Kim dançando.

— Gosto muito de vê-la dançar quase nua diante dos homens — disse —, sabendo que mais tarde vai ser só para mim.

Jean-Yves o observou indo embora.

— Está progredindo o nosso funcionário do gás... — comentou, irônico. — Já descobriu a perversão.

— Não caçoe — protestou Valérie. — Agora entendo o que você vê nele — disse, olhando para mim —, o rapaz é enternecedor. De qualquer maneira, tenho certeza de que está passando umas férias ótimas.

Caía a noite; luzes se acendiam nas aldeias em volta da baía. Um último raio de sol iluminou o teto dourado do pagode. Desde que Valérie lhe falara de sua decisão, Jean-Yves não tinha voltado a tocar no assunto. Esperou o jantar para começar a conversa; pediu uma garrafa de vinho.

— Você vai me fazer falta — disse. — Não será a mesma coisa. Trabalhamos juntos durante mais de cinco anos; tudo funcionou muito bem, nunca tivemos uma briga séria. Sem você, eu não teria conseguido o que consegui — falava cada vez mais baixo, como se fosse para si mesmo; a noite já havia se instalado. — Agora vamos expandir a fórmula. Um dos países mais óbvios é o Brasil. Também voltei a pensar no Quênia: o ideal seria abrir outro resort no interior do país, reservado para safáris, e transformar o da praia em Afrodite. Outra possibilidade imediata é o Vietnã.

— Você não tem medo da concorrência?

— Não há o menor risco: as agências americanas nunca vão ter coragem de entrar nisso, o puritanismo é muito forte nos Estados Unidos. O que eu mais temia eram

as reações da imprensa francesa, mas até hoje não aconteceu nada. Vamos dizer que nossa clientela é composta principalmente de estrangeiros; na Alemanha e na Itália o pessoal é mais calmo em relação a esse tipo de coisa.

— Você vai virar o maior cafetão do mundo...

— Cafetão, não — protestou. — Nós não ficamos com um tostão do que as garotas ganham; só as deixamos trabalhar.

— Além do mais, a coisa é separada — interveio Valérie —, não se trata de pessoal do hotel.

— Quer dizer — disse Jean-Yves, vacilando um pouco —, aqui é separado, mas ouvi dizer que em Santo Domingo as arrumadeiras vão de noite para os quartos com facilidade.

— Elas fazem isso por escolha própria.

— Bom, é o mínimo que se pode dizer.

— Enfim... — Valérie fez um gesto conciliador. — Não deixe os hipócritas perturbarem demais. Você está fornecendo a estrutura e o know-how do Aurore, e acabou-se.

O garçom trouxe uma sopa de citronela. Nas mesas vizinhas, havia alemães e italianos com tailandesas, alguns casais de alemães — acompanhados ou não. Todos conviviam tranquilamente, sem problemas aparentes, num ambiente dominado pelo prazer; o trabalho de coordenador prometia ser bastante fácil.

— Então, você vai ficar aqui... — continuou Jean-Yves; ele custava a acreditar. — É surpreendente; em certo sentido até entendo, mas... o que me surpreende é alguém abrir mão de ganhar mais dinheiro.

— Mais dinheiro para fazer o quê? — perguntou Valérie com toda a clareza. — Para comprar bolsas Prada? Passar um fim de semana em Budapeste? Comer trufas brancas na estação? Já ganhei muito dinheiro, e nem lembro mais o que fiz com ele: na certa devo ter gastado em bobagens desse tipo. E você, sabe o que faz com o seu dinheiro?

— Bem... — Pensou um pouco. — Na verdade, acho que até agora era mais a Audrey que gastava.

— Audrey é uma idiota — retrucou ela, impiedosa. — Felizmente você vai se divorciar. É a decisão mais inteligente que já tomou.

— É verdade, no fundo ela é uma idiota — respondeu sem constrangimento; depois sorriu, pensou um instante. — Valérie, você é mesmo uma garota estranha.

— Estranha não sou eu, estranho é o mundo à minha volta. Será que você realmente tem vontade de comprar uma Ferrari conversível? Ou uma casa de campo em Deauville, que de qualquer jeito vai ser assaltada? Quer mesmo trabalhar noventa horas por semana até os sessenta anos? E pagar a metade do seu salário em impostos que vão financiar operações militares em Kosovo ou planos de ajuda nos bairros pobres? Aqui se vive bem, há tudo de que se necessita. A única coisa que o mundo ocidental oferece são *produtos de grife*. Se você acredita em produtos de grife, então pode ficar no Ocidente; senão, na Tailândia existem excelentes imitações.

— A sua posição é que é estranha; você trabalhou durante anos no centro do mundo ocidental sem nunca acreditar nos valores dele.

— Sou uma predadora — respondeu calmamente. — Uma pequena predadora, boazinha; não tenho grandes necessidades. Até hoje trabalhei exclusivamente pelo dinheiro; agora vou começar a viver. O que não entendo são os outros: o que impede você, por exemplo, de vir morar aqui? Poderia perfeitamente se casar com uma tailandesa: elas são lindas, carinhosas, sabem fazer amor; há algumas que até sabem falar um pouco de francês.

— Bem... — ele vacilou de novo. — Por enquanto, prefiro trocar de garota todas as noites.

— Isso vai passar. De qualquer jeito, nada o impede de voltar às casas de massagem depois de casado; a coisa é assim mesmo.

— Sei disso. Acho... No fundo, acho que sempre tive dificuldade para tomar as decisões importantes na minha vida.

Um pouco embaraçado pela confissão, virou-se para mim:

— E você, Michel, o que vai fazer aqui?

A resposta mais próxima da realidade era sem dúvida algo como: “Nada”, mas sempre é difícil explicar esse tipo de coisa a alguém muito ativo.

— Culinária — respondeu Valérie em meu lugar; eu me virei para ela, surpreso. — Sim — insistiu —, já reparei, você às vezes se empolga, tem criatividade para a coisa. Eu acho ótimo, porque não gosto de cozinhar; tenho certeza que aqui você vai se enfronhar no assunto.

Saboreei uma colherada do meu frango ao curry com pimenta verde; de fato, podia-se pensar em algo com manga. Jean-Yves balançou a cabeça, pensativo. Olhei para Valérie: ela era uma boa predadora, mais inteligente e empenhada que eu mesmo, e tinha me escolhido para dividir a sua toca. Supõe-se que as sociedades se

baseiam, senão numa vontade comum, pelo menos num consenso — às vezes qualificado de *consenso fraco*, nas democracias ocidentais, por certos editorialistas de posições políticas muito rígidas. Eu mesmo, de temperamento bastante fraco, não tinha feito nada para alterar o tal consenso; a ideia de *vontade comum* me parecia pouco evidente. Segundo Emmanuel Kant, a dignidade humana consiste em só se submeter a certas leis na medida em que ao mesmo tempo você também possa se considerar legislador; jamais tinha me passado pela cabeça uma fantasia tão estranha. Eu não apenas não votava, como sempre considerei as eleições ótimos shows televisionados — nos quais meus atores preferidos eram, para ser sincero, os politicólogos; Jérôme Jaffré, em particular, me deliciava. Ter responsabilidade política me parecia uma tarefa difícil, técnica, desgastante; eu aceitava de muito bom grado delegar meus poderes, fossem eles quais fossem. Na juventude conheci militantes, gente que achava necessário fazer a sociedade evoluir numa direção ou em outra; eu não sentia simpatia nem estima por eles. Aprendi mesmo, com o passar do tempo, a encará-los com desconfiança: sua maneira de se interessar pelas causas gerais, considerando a sociedade como se eles mesmos fossem uma parte importante dela, tinha algo de suspeito. De que eu poderia acusar o Ocidente? De coisa nenhuma, mas por outro lado não era especialmente ligado a ele (e cada vez entendia menos que alguém fosse ligado a uma ideia, a um país, a qualquer outra coisa que não fosse um indivíduo). No Ocidente, a vida é cara e faz frio; a prostituição é de péssima qualidade. Além do mais, é complicado fumar em lugares públicos e quase impossível comprar remédios e drogas; trabalha-se muito, há muitos carros e barulho, a segurança nos lugares públicos é péssima. Como se vê, existem muitos problemas. Constrangido, tomei consciência de que considerava a sociedade em que vivia quase como um meio natural — digamos, uma savana ou uma selva —, a cujas leis precisava me adaptar. A ideia de que sou solidário a esse ambiente nunca me ocorreu; era uma espécie de atrofia que eu tinha, uma ausência. Não existe a menor garantia de que a sociedade possa sobreviver por muito tempo com indivíduos do meu tipo; mas eu podia perfeitamente sobreviver com uma mulher, apegar-me a ela, tentar fazê-la feliz. No momento em que dava outro olhar agradecido a Valérie, ouvi uma espécie de disparo à minha direita. Senti então um som de motor sendo desligado na direção do mar. Na parte dianteira da varanda, uma loura alta se levantou dando um grito. Houve então uma primeira rajada, um breve crepitar. A mulher se virou em nossa direção, com as mãos no rosto: uma bala tinha atingido o seu olho, a órbita era um buraco sangrento; depois desmoronou sem ruído. Então vi os atacantes, três homens com turbantes avançando

rapidamente em nossa direção com metralhadoras na mão. Uma segunda rajada eclodiu um pouco mais longe; o barulho de louça e de vidro quebrado se misturou aos gritos de dor. Por alguns segundos, todos ficaram completamente paralisados; poucos pensaram em se proteger debaixo das mesas. Ao meu lado, Jean-Yves soltou um breve grito: tinha acabado de ser ferido no braço. Vi então Valérie escorregar suavemente da cadeira e cair no chão. Pulei sobre ela e a envolvi nos meus braços. A partir daí, não vi mais nada. As rajadas de metralhadora se sucediam, num silêncio só perturbado pela explosão de vidros; aquilo me parecia interminável. O cheiro de pólvora era muito forte. Depois voltou o silêncio. Percebi então que minha mão esquerda estava coberta de sangue; Valérie devia ter sido atingida, no peito ou na garganta. A lâmpada ao nosso lado estava destruída, a escuridão era quase total. Jean-Yves, deitado a um metro de mim, tentou se levantar e soltou um grunhido. Nesse momento ouviu-se uma enorme explosão na direção do centro de lazer, uma explosão que rasgou o espaço e ecoou durante muito tempo na baía. Primeiro tive a sensação de que meus tímpanos haviam estourado; mas alguns segundos depois ouvi, ainda aturdido, um concerto de gritos horrendos, verdadeiros urros de condenados.

A equipe de socorro chegou dez minutos depois, direto de Krabi; foi primeiro para o centro de lazer. A bomba tinha explodido no meio do Crazy Lips, o bar mais importante do lugar, num horário de grande afluência; estava numa bolsa de esporte deixada perto da pista. Era um dispositivo artesanal, mas muito potente, à base de dinamite e acionado por um despertador; a bolsa estava cheia de cavilhas e pregos. Com a violência do impacto, foram destruídas as paredes de tijolo fino que separavam o bar dos outros estabelecimentos; algumas das vigas metálicas que sustentavam o conjunto cederam com o choque e o teto ameaçava desabar. A primeira coisa que a equipe de socorro fez, vendo o tamanho do desastre, foi pedir ajuda. Na entrada de um bar, uma dançarina rastejava no chão, ainda com seu biquíni branco, os braços cortados na altura dos cotovelos. Perto dela, um turista alemão sentado no meio do entulho tentava segurar os intestinos que lhe escapavam da barriga; sua mulher estava deitada ao lado, com o peito aberto e os seios praticamente arrancados. Dentro do bar havia muita fumaça preta estagnada; o piso estava escorregadio, coberto pelo sangue que jorrava dos corpos humanos e dos órgãos cortados. Várias pessoas agonizantes, com os braços e pernas seccionados,

tentavam rastejar até a saída, deixando atrás de si uma trilha de sangue. As cavilhas e pregos tinham furado olhos, rasgado mãos, dilacerado rostos. Alguns corpos humanos haviam literalmente explodido por dentro, seus membros e vísceras cobriam o chão num raio de vários metros ao redor.

Quando os socorristas chegaram à varanda, eu continuava com Valérie nos braços; seu corpo estava morno. Dois metros à frente, uma mulher jazia no chão, com o rosto coberto de sangue e estilhaços de vidro. Outros permaneciam sentados nas cadeiras, de boca muito aberta, imobilizados pela morte. Dei um grito na direção dos homens: dois enfermeiros vieram logo e levantaram delicadamente Valérie, pousando-a numa maca. Quando tentei me levantar, caí para trás; minha cabeça bateu no chão. Ouvi então, muito claramente, alguém dizer em francês:

— Ela está morta.

TERCEIRA PARTE

Pattaya Beach

1

Era a primeira vez em muito tempo que eu acordava sozinho. O hospital de Krabi era uma construção pequena e clara; um médico veio me ver no meio da manhã. Era francês e membro dos Médicos sem Fronteiras; a organização havia chegado ao local no dia seguinte ao atentado. Era um homem de uns trinta anos, um pouco encurvado e com uma expressão preocupada. Contou que eu tinha passado três dias dormindo.

— Quer dizer, não dormindo de verdade — explicou-me. — Às vezes parecia acordado, tentamos falar com você diversas vezes, mas esta é a primeira vez que conseguimos fazer contato.

Fazer contato, pensei. Ele também me informou que o saldo do atentado era terrível: por enquanto, cento e dezessete mortos. Foi o atentado mais sangrento que já aconteceu na Ásia. Alguns feridos ainda estavam em estado muito crítico e foram considerados intransportáveis; Lionel era um deles. Teve as duas pernas arrancadas e levou um estilhaço de metal no abdômen; suas chances de sobreviver eram ínfimas. Os outros feridos foram transportados para o hospital Bumrungrad, em Bangkok. Jean-Yves havia sido atingido de leve, seu úmero foi fraturado por uma bala; puderam atendê-lo lá mesmo. Quanto a mim, eu não tinha absolutamente nada, nem um arranhão.

— E a sua amiga... — concluiu o médico — o corpo dela já foi repatriado para a França. Falei com os pais pelo telefone: vai ser enterrada na Bretanha.

Ficou em silêncio, provavelmente esperando que eu dissesse alguma coisa. Depois me observou pelo canto do olho, cada vez mais preocupado.

Ao meio-dia uma enfermeira apareceu com uma bandeja, que voltou para buscar uma hora mais tarde. Disse que eu tinha que voltar a comer, isso era indispensável.

Jean-Yves veio me visitar no meio da tarde. Ele também me olhava de maneira estranha, meio de esguelha. Falou bastante de Lionel; estava morrendo, era uma questão de horas. Tinha perguntado muito pela Kim. Milagrosamente, ela estava ilesa, mas parecia se consolar bem rápido: na véspera, dando um passeio por Krabi, Jean-Yves a vira nos braços de um inglês. Não disse nada a Lionel, que, de todo modo, não parecia ter muitas ilusões; já era uma sorte, dizia, tê-la encontrado.

— É curioso — comentou Jean-Yves —, ele parece estar feliz.

Quando ele saiu do quarto, percebi que eu não tinha emitido uma única palavra; não sabia em absoluto o que dizer. Sentia que alguma coisa não estava nos eixos, mas era uma sensação vaga, difícil de formular. Ficar em silêncio parecia ser a melhor coisa a fazer, esperando que as pessoas ao meu redor percebessem o seu erro; aquilo era apenas um mau momento que ia passar.

Antes de sair, Jean-Yves me olhou e depois balançou a cabeça, desanimado. Parece, pelo que me contaram depois, que eu falava muito, na verdade o tempo todo, sempre que me deixavam sozinho no quarto; e, assim que alguém entrava, calava a boca.

Alguns dias depois nos transportaram num avião ambulância para o hospital Bumrungrad. Não entendi muito bem o motivo dessa transferência; acho que era para permitir que a polícia nos interrogasse. Lionel havia morrido na véspera; passando pelo corredor, vi seu cadáver envolto numa mortalha.

Os policiais tailandeses estavam com um adido da embaixada francesa, que cumpria o papel de intérprete; infelizmente eu não tinha muito a contar. O que mais parecia obcecá-los era se os assaltantes tinham aspecto árabe ou asiático. Eu entendia perfeitamente essa preocupação, era importante saber se uma rede terrorista internacional tinha se instalado na Tailândia ou se estavam lidando com separatistas malaio; mas eu só podia repetir que tudo havia acontecido muito rápido, que só tinha vislumbrado as silhuetas; pelo que percebi, os homens podiam ser do tipo malaio.

Depois vieram os americanos, que pertenciam, creio, à CIA. Eles falavam com brutalidade, num tom desagradável; dava a impressão de que eu mesmo era um suspeito. Não consideraram necessário trazer um intérprete, de maneira que o sentido das perguntas muitas vezes me escapava.

No final me mostraram uma série de fotos, que deviam ser de terroristas internacionais; não reconheci nenhum daqueles homens.

De vez em quando Jean-Yves vinha me visitar e se sentava ao pé da minha cama. Eu tinha consciência da sua presença e ficava um pouco mais tenso. Certa manhã, três dias depois da nossa chegada, ele me passou umas folhas de papel: eram fotocópias de artigos de jornais.

— A direção do *Aurore* mandou por fax ontem à noite — explicou. — Não fizeram nenhum comentário.

O primeiro artigo, do *Nouvel Observateur*, se intitulava: “UM RESORT MUITO ESPECIAL”; era um texto de duas páginas, muito detalhado e ilustrado com uma fotografia reproduzida da publicidade alemã. O jornalista acusava diretamente o grupo *Aurore* de promover o turismo sexual nos países do Terceiro Mundo e acrescentava que, em tais condições, podia-se entender a reação dos muçulmanos. Jean-Claude Guillebaud dedicava seu editorial ao mesmo assunto. Entrevistado por telefone, Jean Luc Espitalier declarou: “O grupo *Aurore*, signatário da declaração mundial de turismo ético, não pode em nenhuma hipótese avalizar tais desvios; seus responsáveis serão punidos”. A coisa continuava num artigo de Isabelle Alonso no *Journal du Dimanche*, veemente mas pouco documentado, com o título: “O RETORNO DA ESCRAVIDÃO”. Françoise Giroud usava o mesmo termo na sua coluna semanal: “Diante das centenas de milhares de mulheres conspurcadas, humilhadas, reduzidas à escravidão pelo mundo todo”, escreveu ela, “o que significa — é duro dizer — a morte de alguns ricos?”. O atentado de Krabi, naturalmente, dera uma repercussão considerável ao negócio. O *Libération* publicava na primeira página uma foto dos sobreviventes chegando ao aeroporto de Roissy com a manchete: “VÍTIMAS AMBÍGUAS”. No editorial, Jérôme Dupuy alfinetava o governo tailandês por sua complacência em relação à prostituição e ao tráfico de drogas, assim como por suas repetidas atitudes antidemocráticas. O *Paris-Match*, por seu lado, fez um informe completo da *noite do horror* com o título: “CARNIFICINA EM KRABI”. Tinham conseguido umas fotos, aliás de péssima qualidade — eram fotocópias em preto e branco transmitidas por fax; poderia ser qualquer coisa, mal dava para reconhecer que eram corpos humanos. Paralelamente, publicou também a confissão de um turista sexual — que não tinha nada a ver, na verdade era um viajante independente e só frequentava as Filipinas. Jacques Chirac fez rapidamente uma declaração na qual, manifestando seu horror pelo atentado, censurava o “comportamento

inaceitável de alguns compatriotas no estrangeiro”. Aproveitando a onda, Lionel Jospin lembrou que existe uma legislação para reprimir o turismo sexual, mesmo quando praticado com adultos. Os outros artigos, do *Le Figaro* e do *Le Monde*, perguntavam que meios existiam de lutar contra essa praga e que atitude a comunidade internacional devia adotar.

Nos dias seguintes, Jean-Yves tentou localizar Gottfried Rembke pelo telefone; por fim conseguiu. O diretor da TUI lamentava muito, sinceramente, mas não podia fazer nada. Como destino turístico, a Tailândia estava absolutamente acabada por algumas dezenas de anos. Além do mais, a polêmica francesa tivera certas repercussões na Alemanha; lá, de fato, as opiniões estavam mais divididas, mas mesmo assim a maioria do público condenava o turismo sexual; em tais condições, ele preferia sair do projeto.

2

Assim como não entendi o motivo da minha transferência para Bangkok, também não entendi o da minha volta a Paris. O pessoal do hospital não gostava muito de mim, na certa achava que eu era inerte demais; até num hospital, e quem sabe no leito de morte, você é condenado a bancar o palhaço. O que o pessoal da saúde apreciava mesmo é encontrar no doente uma certa resistência, uma indisciplina a ser quebrada com seu engenho — pelo bem do enfermo, naturalmente. Comigo não acontecia nada de parecido. Eles me viravam de lado para dar uma injeção e três horas depois eu estava exatamente na mesma posição. Na noite da viagem, dei de cara violentamente numa porta, procurando o caminho do banheiro no corredor do hospital. De manhã meu rosto estava coberto de sangue, com um corte no supercílio; tiveram que me limpar e fazer um curativo. Na hora, não pensei em chamar uma enfermeira; para dizer a verdade, não senti absolutamente nada.

O voo foi um período de tempo neutro; eu tinha perdido até o hábito de fumar. Em frente à esteira de bagagens, apertei a mão de Jean-Yves e me despedi; depois peguei um táxi para a Avenue de Choisy.

Imediatamente me dei conta de que as coisas não iam bem, não podiam ir bem. Nem sequer abri a mala. Rodei pelo apartamento com um saco plástico na mão, pegando todas as fotos de Valérie que podia encontrar. A maioria era na casa dos pais dela na Bretanha, na praia ou no jardim. Também havia algumas fotos eróticas, que tirei no nosso apartamento: gostava de vê-la se masturbar, achava que tinha um gestual bonito.

Sentei no sofá e disquei o número que me deram para emergências, vinte e quatro horas por dia. Era uma espécie de unidade de crise, que criaram especialmente para cuidar dos sobreviventes do atentado. Funcionava num pavilhão do hospital Sainte-

Anne.

A maioria das pessoas que pediram para ficar lá estava de fato num estado lamentável: apesar das doses maciças de tranquilizantes, tinham pesadelos todas as noites; sempre se ouviam berros, gritos de angústia, prantos. Quando as via pelos corredores, eu me espantava com seus rostos crispados, apavorados; pareciam literalmente corroídas pelo medo. E esse medo, pensei, só cessaria junto com suas vidas.

Quanto a mim, estava sempre muito cansado. Só me levantava para tomar uma xícara de Nescafé ou morder um biscoito; as refeições não eram obrigatórias, as atividades terapêuticas também não. Mas me submeteram a uma série de testes e tive uma entrevista com um psiquiatra três dias depois de chegar; os testes indicaram uma “reatividade extremamente diminuída”. Eu não sofria, mas me sentia, realmente, diminuído; estava mais diminuído do que era possível. O psiquiatra me perguntou o que eu pretendia fazer. Respondi: “Esperar”. Mostrei-me razoavelmente otimista; disse que toda aquela tristeza ia acabar, que eu iria encontrar a minha felicidade, mas que ainda precisava esperar. Ele não parecia muito convencido. Era um homem de uns cinquenta anos, com o rosto cheio e jovial, totalmente imberbe.

Uma semana depois me transferiram a outro hospital psiquiátrico, dessa vez para uma permanência mais longa. Teria que ficar pouco mais de três meses. Para minha surpresa, lá encontrei o mesmo psiquiatra. Não era nada surpreendente, disse ele; era ali que costumava trabalhar. O apoio às vítimas do atentado era apenas uma missão temporária, na qual, aliás, tornara-se especialista — já tinha participado do grupo formado após o atentado do RER Saint-Michel.

Na verdade ele não tinha um discurso de psiquiatra típico, por isso a coisa era suportável. Lembro que falava de “me liberar do apego”, parecia mais uma conversa budista. Liberar o quê? Eu era puro apego. De natureza provisória, claro; eu estava me apegando a uma coisa transitória, de acordo com a minha natureza — isso não lhe provocava nenhum comentário particular. Será que se eu fosse de natureza eterna, perguntava para animar a conversa, teria me apegado a coisas eternas? Parece que o método dele funcionava bem com sobreviventes perseguidos por angústias de mutilação e de morte. “Esses sofrimentos não pertencem a você, não são na verdade

seus; são fantasmas que atravessam o seu espírito”, dizia ele às pessoas; e as pessoas acabavam acreditando.

Não sei quando comecei a tomar consciência da situação, mas isto aconteceu, de qualquer jeito, de forma intermitente. Ainda passava por longos períodos — que, de fato, continuam existindo até hoje — em que Valérie não estava morta em absoluto. No começo eu podia prolongá-los à vontade, sem o menor esforço. Lembro da primeira vez em que passei mal, senti de verdade o peso da realidade; foi logo depois da visita de Jean-Yves. Um momento duro, com lembranças que eu dificilmente poderia negar; não pedi a ele que voltasse.

A visita de Marie-Jeanne, pelo contrário, me fez bem. Ela não disse muita coisa, só falou um pouco sobre o clima no escritório; eu lhe avisei que não pretendia voltar, porque ia me mudar para Krabi. Ela assentiu sem fazer comentários.

— Não se preocupe — disse eu —, tudo vai dar certo.

Ela me olhou com uma compaixão muda; acho até, estranhamente, que acreditou.

A visita dos pais de Valérie foi sem dúvidas a mais penosa; o psiquiatra deve ter explicado a eles que eu tinha fases de *negação da realidade*, porque a mãe chorava quase o tempo todo; o pai tampouco parecia à vontade. Eles vieram também para acertar detalhes práticos e trouxeram uma mala com as minhas coisas. Quanto ao apartamento do XIII^e *arrondissement*, eles imaginavam que eu não iria querer ficar com ele. Claro, claro, respondi, resolvemos isso mais tarde; e nesse momento a mãe de Valérie caiu de novo no pranto.

A vida transcorre facilmente dentro de uma instituição, com as necessidades humanas essencialmente satisfeitas. Eu voltei a ver *Perguntas para um Campeão*; era o único programa a que assistia, as notícias não me interessavam em absoluto. Muitos outros internos passavam o dia inteiro na frente da televisão. Para dizer a verdade, eu não gostava tanto assim: aquilo tudo se mexia rápido demais. Achava que, se eu ficasse calmo, evitando ao máximo o ato de pensar, tudo acabaria se arranjando.

Numa manhã de abril, fui informado de que as coisas, efetivamente, tinham se arranjado e eu poderia sair logo. Isso me pareceu uma complicação; teria que encontrar um quarto de hotel e reconstruir um ambiente neutro. Pelo menos tinha dinheiro; era sempre a mesma coisa. “A gente tem que olhar o lado bom das coisas”, disse para uma enfermeira. Ela pareceu surpresa, talvez porque era a primeira vez

que eu lhe dirigia a palavra.

O psiquiatra me explicou na nossa última sessão que contra a *negação da realidade* não há tratamento possível; na verdade não é uma perturbação do humor, e sim da representação. Ele só tinha me mantido no hospital durante aquele tempo todo porque temia uma tentativa de suicídio — elas são bastante frequentes nos casos de volta abrupta à consciência; mas agora eu estava fora de perigo. Bem, disse eu; muito bem.

3

Uma semana depois de sair do hospital, peguei um avião para Bangkok. Não tinha nenhum projeto preciso. Se nós possuíssemos uma natureza ideal, poderíamos nos contentar com os movimentos do Sol. As estações são muito diferenciadas em Paris, o que é uma fonte de agitação e problemas. Em Bangkok, o Sol nasce às seis e morre às seis; neste intervalo percorre um trajeto imutável. Parece que há um período de monção, mas nunca o presenciei. A agitação da cidade existia, mas eu não entendia muito bem por quê; era como uma espécie de *condição natural*. Aquelas pessoas certamente tinham um destino, uma vida, dentro do que era permitido por seu nível de ingressos; mas, para mim, elas podiam perfeitamente ser um bando de roedores.

Fui me instalar no Amari Boulevard; o hotel estava cheio de homens de negócios japoneses. Era lá que eu tinha me hospedado da última vez, com Valérie e Jean-Yves; realmente não foi uma boa ideia. Dois dias depois me mudei para o Grace Hotel, que ficava a poucas dezenas de metros, mas tinha uma atmosfera sensivelmente diferente. Certamente era o último lugar de Bangkok onde se podiam encontrar turistas sexuais árabes. Eles agora se esgueiravam pelos muros ou ficavam enclausurados dentro do hotel — que tinha uma boate e uma casa de massagem próprias. Ainda se podiam encontrar alguns nas ruelas próximas, onde havia vendedores de quibe e postos telefônicos para o exterior; fora dali, mais nada. Percebi que tinha me aproximado sem querer do hospital Bumrungrad.

Pode-se continuar vivo insuflado apenas por um sentimento de vingança; muita gente vive assim. O islã tinha destruído a minha vida, então o islã era sem dúvidas algo que eu podia odiar; nos dias seguintes me esforcei para sentir ódio aos muçulmanos. Consegui sem muito esforço, e voltei a me interessar pelas notícias internacionais. Sempre que ouvia que um terrorista palestino, ou uma criança palestina, ou uma mulher grávida palestina tinha sido abatida por uma bala na faixa

de Gaza, sentia um arrepio de entusiasmo com a ideia de que era um muçulmano a menos. Sim, podia-se viver dessa maneira.

Uma noite, no bar do hotel, um banqueiro jordaniano começou a conversar comigo. De natureza afável, ele insistiu em me pagar uma cerveja; talvez sua reclusão forçada no hotel começasse a pesar.

— Eu entendo as pessoas, sabe, não se pode censurá-las... — disse ele. — Tenho que admitir que nós procuramos. Aqui não é uma terra do islã, não há motivo algum para se gastar milhões financiando a construção de mesquitas. Sem falar do atentado, é claro... — sentindo que eu o ouvia com atenção, pediu outra cerveja e foi mais longe. — O problema dos muçulmanos — prosseguiu — é que o paraíso prometido pelo profeta já existe aqui embaixo: há lugares nesta terra onde mocinhas disponíveis e lascivas dançam para o prazer dos homens, e você pode se inebriar com néctares ouvindo música de tons celestiais; num raio de quinhentos metros em torno do hotel existem pelo menos vinte. Esses lugares são de acesso fácil, para entrar neles não é preciso cumprir os sete deveres do muçulmano nem se engajar na guerra santa; basta pagar uns dólares. Não é preciso sequer viajar para tomar conhecimento de tudo isso; basta ter uma antena parabólica.

Para ele, sem dúvida alguma, o sistema muçulmano estava condenado: o capitalismo iria vencer. Agora os jovens árabes sonham com consumo e sexo. Às vezes gostam de aparentar o contrário, mas seu sonho secreto é se integrar ao modelo americano: a agressividade de alguns é apenas manifestação de um ciúme impotente; felizmente, eram cada vez mais os que viravam as costas para o islã. Ele mesmo não teve sorte, agora já estava velho e fora obrigado a aceitar, durante toda a vida, uma religião que desprezava. Eu me sentia mais ou menos no mesmo caso: com certeza ia chegar uma hora em que o mundo se veria livre do islã; mas, para mim, já seria tarde. Eu não tinha realmente mais vida; tivera uma, durante alguns meses, o que já não era tão ruim, nem todo mundo pode dizer o mesmo. A falta de vontade de viver, infelizmente, não é suficiente para dar vontade de morrer.

No dia seguinte voltei a vê-lo, logo antes de sua partida para Aman; ele teria que aguardar um ano para voltar. Eu estava contente de que fosse embora porque sabia que, caso contrário, viria conversar de novo comigo, e essa perspectiva me dava um pouco de dor de cabeça. Eu andava com dificuldade para suportar intercâmbios intelectuais; não tinha a menor vontade de entender o mundo, nem sequer de conhecê-lo. Nossa breve conversa, porém, me deixou uma impressão profunda. Ele tinha me convencido de cara: o islã estava condenado, era só refletir um pouco para perceber essa evidência. Esse simples pensamento bastou, em mim, para dissipar o

ódio. Deixei de me interessar pelas notícias outra vez.

Bangkok era parecida demais com uma cidade normal, tinha homens de negócios demais, turistas demais em viagens organizadas. Duas semanas depois, tomei um ônibus para Pattaya. Isto tinha que terminar assim, pensei enquanto subia no veículo; depois entendi que não era verdade, que não havia determinismo nenhum naquele acontecimento. Eu poderia muito bem ter passado o resto dos meus dias com Valérie na Tailândia, na Bretanha ou em qualquer outro lugar. Envelhecer já não é muito divertido; mas envelhecer sozinho é o pior que pode acontecer.

Quando soltei a mala no chão poeirento da rodoviária, soube que tinha chegado ao fim do meu caminho. Um velho drogado esquelético, com longos cabelos grisalhos e um grande lagarto nas costas, pedia dinheiro na frente dos molinetes. Dei-lhe cem bahts antes de ir tomar uma cerveja no Heidelberg Hof, bem em frente. Pederastas alemães bigodudos e com imensas barrigas se bamboleavam com suas camisas floridas. Perto deles, três adolescentes russas no grau máximo de putaria reboavam ouvindo seus *ghetto blaster*; aquelas chupadoras mirins literalmente se torciam e se balançavam no lugar. Em poucos minutos de caminhada pelas ruas da cidade, cruzei com uma impressionante variedade de espécimes humanos: rappers de capacete, marginais holandeses, *cyberpunks* de cabelo vermelho, lésbicas cheias de piercings. Não há mais nada depois de Pattaya, isto é uma espécie de cloaca, de esgoto terminal aonde chegam os variados resíduos da neurose ocidental. Seja você heterossexual, homossexual ou ambas as coisas, Pattaya é o destino da sua última chance, aquela depois da qual só resta renunciar ao desejo. Os hotéis se diferenciam, naturalmente, por seu nível de conforto e de preço, mas também pela nacionalidade da clientela. Há duas grandes comunidades, a dos alemães e a dos americanos (entre os quais, provavelmente, se disfarçam australianos e até neozelandeses). Também há muitos russos, reconhecíveis por seu jeito de roceiros e seu comportamento de gângsteres. Há até um hotelzinho para os franceses, chamado Ma Maison; o lugar só

tem uns dez quartos, mas o restaurante é bem aceitável. Fiquei lá durante uma semana, até me dar conta de que não sou muito chegado a chouriço nem a coxinha de rã e posso viver perfeitamente sem ver os jogos do campeonato francês via satélite nem ler todos os dias o caderno cultural do *Le Monde*. De toda forma, precisava encontrar um pouso mais permanente. O prazo normal de um visto de turista na Tailândia era de apenas um mês, mas para prolongá-lo bastava passar de novo por alguma fronteira. Várias agências em Pattaya oferecem um programa de ida e volta no mesmo dia até a fronteira cambojana. Após um trajeto de três horas de van, uma fila de uma ou duas horas no posto da alfândega; depois se almoça num self-service em solo cambojano (o preço da refeição está incluído, assim como a gorjeta dos funcionários da fronteira) e se toma o caminho de volta. A maioria dos residentes faz isto todos os meses, há anos; é bem mais simples do que obter um visto permanente.

Não se vem a Pattaya para reconstruir a vida, e sim para terminá-la em condições aceitáveis. Ou, ao menos, se preferirmos uma expressão menos brutal, para fazer uma pausa, uma longa pausa — que pode acabar sendo definitiva. Estas foram as palavras de um homossexual de uns cinquenta anos que encontrei num pub irlandês da Soi 14; o homem tinha passado a maior parte da sua vida profissional como diagramador dessas revistas de ricos e famosos e conseguira guardar algum dinheiro. Dez anos antes, havia constatado que as coisas começavam a desandar para o seu lado: continuava a frequentar boates, as mesmas boates de sempre, mas voltava para casa sem conseguir nada cada vez mais. É claro que podia pagar; mas se precisasse chegar a esse ponto preferiria pagar asiáticos. Pediu desculpas por essa observação, desejando que eu não visse nela nenhuma conotação racista. Não, não, eu entendia perfeitamente: é menos humilhante pagar por um ser que não se pareça com nenhum daqueles que poderiam ter sido seduzidos no passado, um ser que não traga nenhuma lembrança. Se a sexualidade precisa ser paga, é melhor que seja, em certa medida, indiferenciada. Como se sabe, uma das primeiras coisas que você sente diante de outra raça é que há pouca diferença, de que mais ou menos todo mundo se parece fisicamente. Esse efeito se dissipa depois de alguns meses de convivência, o que é uma pena, porque corresponde à realidade: os seres humanos, no fundo, se parecem demais. Claro que podemos diferenciar os machos das fêmeas; também podemos, se for o caso, distinguir idades diferentes; mas qualquer diferenciação mais avançada deriva de alguma forma de pedantismo, provavelmente ligada ao tédio. O ser entediado desenvolve distinções e hierarquias, é este o seu traço característico. Segundo Hutchinson e Rawlins, o desenvolvimento de sistemas hierárquicos em

sociedades animais não corresponde a qualquer necessidade prática ou vantagem seletiva; é apenas um meio de lutar contra o tédio da vida em plena natureza.

Assim, o ex-diagramador terminava tranquilamente sua vida de pederasta pagando por belos rapazes magros e musculosos de pele morena. Voltava à França uma vez por ano, para visitar a família e alguns amigos. Sua vida sexual era menos frenética do que eu poderia imaginar, contou; saía uma ou duas vezes por semana, não mais que isso. Estava em Pattaya havia seis anos; o excesso de propostas sexuais variadas, excitantes e baratas provocava, paradoxalmente, um apaziguamento do seu desejo. Toda vez que saía, tinha certeza de que iria enrabar e chupar garotos magníficos, que por sua vez o punhetariam com sensibilidade e talento. Totalmente seguro quanto a isso, preparava melhor seus programas e desfrutava deles com moderação. Entendi então que ele me imaginava mergulhado no frenesi erótico das primeiras semanas, vendo em mim um complemento heterossexual do seu próprio caso. Não desfiz o equívoco. Ele se mostrou amistoso, insistiu em pagar as cervejas e me deu diversos endereços para conseguir um aluguel de maior duração. Tinha gostado de conversar com um francês, disse; a maioria dos residentes homossexuais eram ingleses e ele se dava bem com eles; mas às vezes sentia vontade de falar a própria língua. Mantinha pouco contato com a pequena comunidade francesa que se reunia em torno do restaurante Ma Maison; eram quase todos heterossexuais bem grosseiros, tipo ex-colonialistas ou ex-militares. Se eu ia me instalar em Pattaya, disse, poderíamos sair alguma noite, sem segundas intenções, naturalmente; e me deu o seu celular. Eu anotei o número, sabendo que nunca ligaria. Ele era simpático, afável e até mesmo interessante; mas eu simplesmente não queria mais saber de relações humanas.

Aluguei um quarto na Naklua Road, um pouco distante da agitação da cidade. Tinha ar-condicionado, geladeira, chuveiro, uma cama e uns móveis; o aluguel era de três mil bahts por mês — um pouco mais de quinhentos francos. Informei ao meu banco esse novo endereço e escrevi uma carta de demissão dirigida ao Ministério da Cultura.

Não me restava muita coisa a fazer na existência, de modo geral. Comprei várias resmas de papel vinte e um por 29,7 centímetros para tentar organizar os elementos da minha vida. Uma coisa que as pessoas deviam praticar mais antes de morrer. É curioso pensar em todos os seres humanos que passam a vida inteira sem fazer nenhum comentário, nenhuma objeção, nenhuma observação. Não é que tais

comentários e observações tenham algum destinatário ou algum sentido específico; mas ainda assim, afinal de contas, acho que é preferível que sejam feitos.

5

Seis meses mais tarde, continuo instalado no meu quarto na Naklua Road e acho que quase concluí minha tarefa. Valérie me faz falta. Se eu tinha a intenção, ao escrever estas páginas, de atenuar minha sensação de perda ou mesmo de torná-la suportável, agora estava convencido do meu fracasso: a ausência de Valérie nunca me fez sofrer tanto.

No começo do terceiro mês, decidi voltar a frequentar as casas de massagem e os bares de putas. A priori a ideia não me entusiasmava muito, tinha medo de um fiasco total. No entanto, consegui ficar de pau duro e até ejacular; mas nunca mais senti prazer. Não era por causa das garotas, elas continuavam tão habilidosas e doces como antes; mas eu estava insensibilizado. Um pouco por princípio, continuei indo à casa de massagem uma vez por semana; depois resolvi parar. Aquilo era um contato humano, o problema era esse. Por mais que não acreditasse na volta espontânea do prazer, podia acontecer que a garota gozasse, pois a insensibilidade do meu sexo me permitia ficar horas transando se não fizesse um pequeno esforço para interromper o exercício. Eu podia chegar a desejar aquele gozo, o que era um risco; e não queria mais correr qualquer tipo de risco. Minha vida era uma forma vazia, e eu achava preferível que continuasse assim. Se deixasse a paixão penetrar no meu corpo, a dor viria rapidamente.

Meu livro chega ao final. Atualmente fico deitado, cada vez com mais frequência, durante a maior parte do dia. Às vezes ligo o ar-condicionado de manhã e desligo à noite, e entre os dois movimentos não aconteceu rigorosamente nada. Já me acostumei com o barulho do aparelho, que no começo me resultava desagradável; mas também já me acostumei com o calor — não tenho realmente preferência.

Parei de comprar jornais franceses há muito tempo, imagino que a eleição

presidencial já deve ter acontecido. O Ministério da Cultura, sabe-se lá por quê, deve continuar sua tarefa. Talvez Marie-Jeanne ainda pense em mim, de vez em quando, na hora de fazer o orçamento de uma exposição; não tentei entrar em contato com ela. Tampouco sei o que aconteceu com Jean-Yves; depois da sua demissão no Aurore, deve ter recommçado sua carreira de muito mais abaixo, provavelmente em outro setor que não o turismo.

Quando a vida amorosa acaba, a vida em seu conjunto adquire algo de convencional, de forçado. Você mantém uma forma humana, os comportamentos habituais, uma espécie de estrutura; mas o coração, como se diz, não está mais lá.

Umas motonetas descem a Naklua Road levantando nuvens de poeira. Já é meio-dia. Vindo dos bairros periféricos, as prostitutas chegam ao trabalho nos bares do centro da cidade. Não creio que vá sair hoje. Ou talvez sim, ao final da tarde, para tomar uma sopa numa das biroskas do cruzamento.

Quando você renuncia à vida, os últimos contatos humanos que permanecem são os que mantém com os comerciantes. No meu caso, eles se limitam a algumas palavras pronunciadas em inglês. Não falo tailandês, o que cria em torno de mim uma barreira sufocante e triste. É provável que nunca chegue a entender a Ásia, e isto não tem muita importância. Pode-se habitar o mundo sem entendê-lo, basta arranjar alimento, carícias e amor. Em Pattaya, o alimento e as carícias são baratos, segundo os critérios ocidentais, e até mesmo asiáticos. Já no que diz respeito ao amor, é difícil falar. Agora estou totalmente convencido: para mim, Valérie foi uma exceção resplandecente. Ela era um desses seres capazes de dedicar a vida à felicidade de alguém, fazer disso seu objetivo direto. Esse fenômeno é um mistério. Nele residem a felicidade, a simplicidade e a alegria; mas não sei como nem por que ele acontece. E se não entendi o amor, de que me serve entender o resto?

Continuarei sendo até o fim uma criatura da Europa, da inquietação e da vergonha; não tenho nenhuma mensagem de esperança a transmitir. Não sinto ódio pelo Ocidente: no máximo, um enorme desprezo. Tudo o que sei é que, na medida em que existimos, fedemos a egoísmo, masoquismo e morte. Criamos um sistema em que é simplesmente impossível viver; e, como se não bastasse, continuamos a exportá-lo.

A noite cai, luzes multicoloridas são acesas nas vitrines das cervejarias. Os velhos

alemães se sentam e põem suas mãos grossas nas coxas de suas jovens companheiras. Mais do que qualquer outro povo, eles conhecem a inquietação e a vergonha, sentem a necessidade de carnes macias, de uma pele suave e indefinidamente refrescante. Mais do que qualquer outro povo, conhecem o desejo de seu próprio aniquilamento. É raro ver neles aquela vulgaridade pragmática e satisfeita dos turistas sexuais anglo-saxões, sua mania de ficar permanentemente comparando os serviços e os preços. Também é raro que façam ginástica, que cuidem do próprio corpo. Geralmente comem demais, bebem cerveja demais, acabam obesos; a maioria vai morrer em pouco tempo. Quase sempre são afetuosos, gostam de brincar, de pagar rodadas, de contar histórias; mesmo assim, sua companhia é calma e triste.

Agora que compreendi a morte, acho que não me fará mal nenhum. Conheci o ódio, o desprezo, a decrepitude e muitas outras coisas; até mesmo breves momentos de amor. Nada irá sobreviver de mim, e não mereço que nada me sobreviva; terei sido um indivíduo medíocre, em todos os aspectos.

Imagino, não sei por quê, que vou morrer no meio da noite, e sinto uma ligeira inquietação quando penso no sofrimento ligado à perda das amarras do corpo. Não consigo visualizar a cessação da vida como algo perfeitamente indolor e inconsciente; sei, naturalmente, que estou enganado, o que não me impede de ter dificuldade para admiti-lo.

Os tailandeses me encontrarão alguns dias mais tarde — na verdade, bastante rápido, porque neste clima os cadáveres começam a feder logo. Não vão saber o que fazer comigo, provavelmente procurem a embaixada da França. Estou longe de ser um indigente, minha papelada vai ser fácil de resolver. Haverá muito dinheiro na minha conta; não sei quem vai herdá-lo, na certa o Estado ou parentes bem afastados.

Ao contrário de outros povos asiáticos, os tailandeses não acreditam em fantasmas e sentem pouco interesse pelo destino dos cadáveres; a maioria das pessoas é enterrada diretamente numa fossa comum. Como não terei deixado instruções precisas, é o que vai acontecer comigo. Uma certidão de óbito será emitida, e um número de baixa será dado num cadastro de registro civil bem longe daqui, na França. Alguns vendedores ambulantes, acostumados a me ver no bairro, balançarão a cabeça. Meu apartamento será alugado por um novo inquilino. Vão me esquecer. Vão me esquecer bem rápido.



BARBARA D'ALESSANDRI © FLAMMARION

MICHEL HOUELLEBECQ é romancista, poeta e ensaísta. É um dos autores mais importantes da literatura francesa contemporânea. Publicou, entre outros livros, os romances *Partículas elementares*, *A possibilidade de uma ilha*, *O mapa e o território*, vencedor do prêmio Goncourt em 2010, e *Submissão*.

Copyright © 2001 by Michel Houellebecq e Flammarion

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Plateforme

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Imagem de Alceu Chiesorin Nunes sobre fotografias de Shutterstock

Preparação

Julia Passos

Revisão

Carmen T. S. Costa

Marise Leal

ISBN 978-85-545-1272-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br



Submissão

Houellebecq, Michel

9788579623837

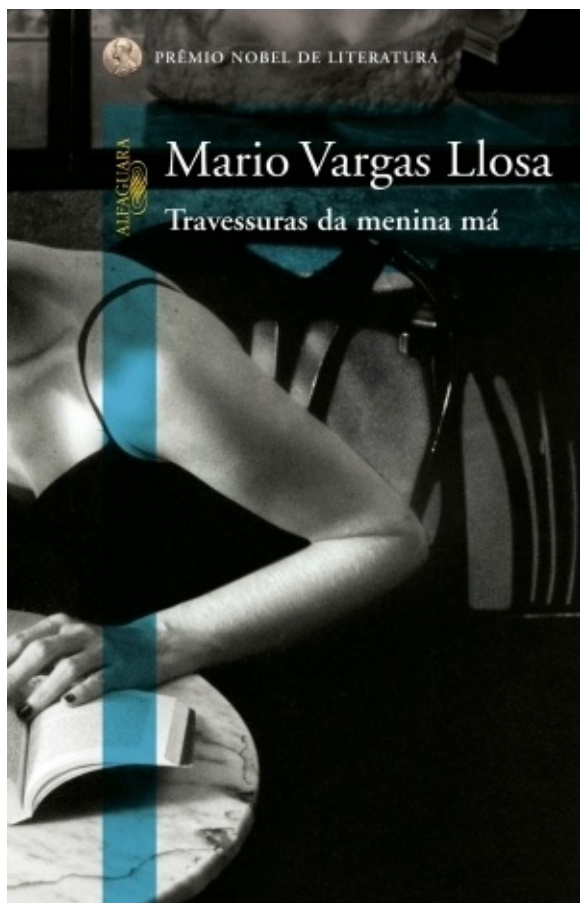
256 páginas

[Compre agora e leia](#)

O novo romance do vencedor do Prêmio Goncourt Michel Houellebecq. Uma sátira incisiva na tradição de Orwell e Huxley. França, 2022. Depois de um segundo turno acirrado, as eleições presidenciais são vencidas por Mohammed Ben Abbes, o candidato da chamada Fraternidade Muçulmana. Carismático e conciliador, Ben Abbes agrupa uma frente

democrática ampla. Mas as mudanças sociais, no início imperceptíveis, aos poucos se tornam dramáticas. François é um acadêmico solitário e desencantado, que espera da vida apenas um pouco de uniformidade. Tomado de surpresa pelo regime islâmico, ele se vê obrigado a lidar com essa nova realidade, cujas consequências — ao contrário do que ele poderia esperar — não serão necessariamente desastrosas. Comparado a 1984, de George Orwell, e a Admirável mundo novo, de Aldous Huxley, Submissão é uma sátira precisa, devastadora, sobre os valores da nossa própria sociedade. É um dos livros mais impactantes da literatura atual.

[Compre agora e leia](#)



Travessuras da menina má

Llosa, Mario Vargas

9788579621666

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nos anos 50, no bairro aristocrático de Miraflores, em Lima, o jovem Ricardo Somocurcio se apaixona pela estonteante e misteriosa "chilena" Lily. Depois de descobrir que, na verdade, ela é peruana e de origem humilde, ele a perde de vista, mas não consegue esquecê-la. Ricardo, um intérprete da ONU sem grandes ambições, e Lily, mulher fria e

manipuladora que vive mudando de nome e de marido conforme as conveniências, se reencontram ao longo da vida, em diferentes momentos e em várias cidades do mundo. Travessuras da menina má conta esta história de encontros e desencontros através de quatro décadas. Ao mesmo tempo em que conta a história de uma paixão arrebatadora, Travessuras da menina má traça um panorama de transformações sociais e políticas ocorridas na Europa e na América Latina. Prêmio Cervantes, Prêmio Príncipe de Astúrias, Prêmio PEN/Nabokov, Prêmio Grinzane Cavour e Prêmio Nobel de Literatura.

[Compre agora e leia](#)



Sebastopol

Fraia, Emilio

9788554512774

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro reúne três histórias distintas entre si, mas repletas de relações sutis que as unem. Juntas, formam uma narrativa múltipla que subverte a estrutura clássica de um conto ou uma novela, para criar um livro surpreendente. Uma escaladora sofre um acidente no Everest que muda o rumo de sua vida e, anos depois, assiste a um vídeo de uma artista

desconhecida que parece narrar a sua história. Um homem, de passagem por uma pousada desativada no centro-oeste brasileiro, desaparece misteriosamente, e aos poucos ficamos sabendo de sua vida pregressa. Uma jovem e um velho diretor de teatro escrevem juntos a história de um pintor russo que nunca chegou a terminar uma de suas principais obras. "Dezembro", "Maio" e "Agosto". Com seus cantos de sombra, os três contos de Sebastopol tratam de vidas que mudam bruscamente, de anseios cambiantes, de um momento histórico turvo, em que as promessas de futuro parecem mutiladas, interrompidas. São histórias dentro de histórias, acidentadas biografias que, colocadas lado a lado, sugerem uma visão singular do nosso tempo."Escritas com a precisão da simplicidade, as muitas histórias que se insinuam contaminando a narrativa central de cada conto do tríptico, todas elas contêm um traço em comum: flagram o momento em que uma experiência crucial modifica a maneira como os personagens (e os leitores) veem o mundo." — Marçal Aquino "Tal os escritores que mais admiro, Fraia se coloca a tarefa mais difícil e respeitável que um escritor pode enfrentar: desvendar o mistério sem revelar o segredo." — Javier Montes

[Compre agora e leia](#)



Lolita

Nabokov, Vladimir

9788579621857

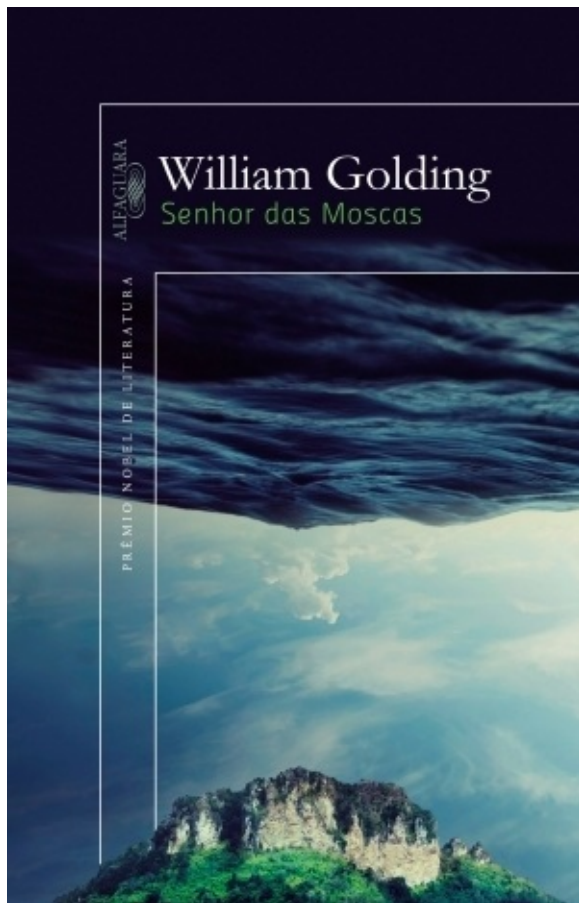
392 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos mais importantes romances do século XX. Polêmico, irônico e tocante, este romance narra o amor obsessivo de Humbert Humbert, um cínico intelectual de meia-idade, por Dolores Haze, Lolita, 12 anos, uma ninfeta que inflama suas loucuras e seus desejos mais agudos. Através da voz de Humbert Humbert, o leitor nunca sabe ao certo quem é a

caça, quem é o caçador. A obra-prima de Nabokov, agora em nova tradução, não é apenas uma assombrosa história de paixão e ruína. É também uma viagem de redescoberta pela América; é a exploração da linguagem e de seus matizes; é uma mostra da arte narrativa em seu auge. Na literatura contemporânea, não existe romance como Lolita.

[Compre agora e leia](#)



Senhor das Moscas

Golding, William

9788579623202

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado originalmente em 1954, Senhor das Moscas é um dos romances essenciais da literatura mundial. Adaptado duas vezes para o cinema e traduzido para 35 idiomas, o clássico de William Golding já foi visto como uma alegoria, uma parábola, um tratado político e mesmo uma visão do apocalipse. Durante a Segunda Guerra Mundial, um avião

cai numa ilha deserta, e seus únicos sobreviventes são um grupo de meninos. Liderados por Ralph, eles procuram se organizar enquanto esperam um possível resgate. Mas aos poucos esses garotos aparentemente inocentes transformam a ilha numa visceral disputa pelo poder, e sua selvageria rasga a fina superfície da civilidade. Ao narrar a história de meninos perdidos numa ilha, aos poucos se deixando levar pela barbárie, Golding constrói uma reflexão sobre a natureza do mal e a tênue linha entre o poder e a violência desmedida. A nova tradução para o português mostra como Senhor das Moscas mantém o mesmo impacto desde seu lançamento: um clássico moderno; um livro que retrata de maneira inigualável as áreas de sombra e escuridão da essência do ser humano.

[Compre agora e leia](#)